

D. TORCUATO TARRAGO Y MATEOS

O MONGE NEGRO
OU
A FOME EM MADRID

ROMANCE HISTORIO

ORIGINAL HESPAÑOL

VOLUME II

EDITOR



LISBOA
TYPOGRAPHIA DO «DIARIO DO COMMERCIO»
8 — Largo da Rua dos Canos — 1.º

1877

HESPERIA
LIBROS HISPANICOS
ZARAGOZA
ESPAÑA

ANT
XIX
1901

R-135552

O MONGE NEGRO

OU

A FOME EM MADRID

THE ONE EMERALD

THE ONE EMERALD

THE ONE EMERALD

O MONGE NEGRO
OU
A FOME EM MADRID

ROMANCE HISTORICO

ORIGINAL HESPANHOL

DE

D. TORCUATO TARRAGO Y MATEOS

VOLUME II

LISBOA

TYPOGRAPHIA CENTRAL

3--Largo da Rua dos Canos--1.º

1875

SEGUNDA PARTE

A FOME EM MADRID

CAPITULO I

O LEÃO E A AGUIA

O general Foy tinha feito uma triste pintura do nosso exercito em 1807.

Como bom estrangeiro, contentara-se em demonstrar uma proposição que os factos depois apontaram como falsa. Isto é, que os soldados francezes eram superiores aos hespanhoes: que a nossa administração militar era pessima: em summa, empregando a arida phraseologia de um mathematico, *que nós, pouco praticos na guerra, apenas possuíamos algumas mediocres theorias, tiradas dos livros transpyrenaicos.*

Sentimos que o general Foy tivesse de soffrer um cruel desengano. Porque 1808 e os seguintes annos vieram successivamente fazer-lhe subir o rubor á face.

Os melhores exercitos do mundo chegaram a ser derrotados n'essa nação, julgada por elle sem organização militar.

A peninsula estava coberta de ossos de francezes. Um guerrilheiro, que havia talvez abandonado a enchada ou a pa-

cifica herdade, para empunhar a espingarda, dava todos os dias lições estrategicas aos famosos generaes do imperador.

Eram ordinariamente derrotas, onde por um hespanhol se contavam dez francezes mortos.

Dil-o a historia, que é a logica do tempo: apregoam-nos os factos que são a chronica da verdade.

A questão está julgada: querer demonstral-a é mostrar duvidas.

Lancemos agora os olhos para o quadro gigantesco dos successos de então, onde se acham escriptos com sangue hespanhol os esforços que praticámos em prol da nossa independencia.

Em 1809 deviamos ter succumbido.

Zaragoza e Gerona rendem-se; observa-se porém depois da victoria o terror dos que tiveram de sacrificar a flor dos seus exercitos, para ir sentar-se, como Annibal e Scipião, nas ruinas das modernas Sagunto e Numancia.

Perdemos em 28 de março as batalhas de Ciudad-Real e Medellin, e quatro mezes depois triumphamos em Talavera.

Parece que as pedras se animam, como as de Deucalião. De toda a parte apparecem soldados.

A Europa está maravilhada, e sente ferver-lhe o sangue. O exemplo de Hespanha envergonha-a.

Em 1810 continua a Iliada. Os poetas cantam e os guerreiros batem-se. A lyra nacional resôa por entre o estrondo das batalhas.—Os francezes occupam a Andaluzia, guarnecem todas as cidades, á excepção de Cadiz, que é a virgem do oceano.

Napoleão olha de vez em quando para o occidente e perturba-se.—O vencedor de um dia não pode comprehender a resistencia de annos.

Em 1811 a guerra continuava com ardor.

Os principaes generaes do guerreiro do seculo percorrem

todas as provincias, e cada passo lhes custa sensiveis perdas.

José Napoleão só manda dentro do seu palacio.

Tremulo, como Theodorico quando cuidou ver a cabeça de Senomaco, escuta o estridor da devastação, e conserva o cavallo apparelhado para fugir.

Soult toma Badajoz.

Massena retrocede ante as eriçadas linhas de Torres Vedras.

Os campos de Albuera servem de sepultura a metade do exercito francez, e de auriflama aos hespanhoes e inglezes.

O entusiasmo progride: soldados e paizanos apparecem por toda a parte: o tiroteio dos guerrilheiros confunde-se com as descargas e o troar do canhão nas grandes batalhas.

Em 1812 Valencia symbolisa o baluarte da lealdade: Cadiz o centro das opiniões.—Elabora-se aquella constituição, d'onde haviam brotar raios abrazadores.

Do pensamento santo da liberdade, nasce a hydra da revolução, hydra que por desgraça nos devora ainda.

A guerra, não obstante, continua.

Os francezes bombardeiam Cadiz, mas inutilmente.

Cadiz, como a aguia grega, é invulneravel.

Em 19 de março publica-se a constituição, codigo de esperança, que, similhanté á arvore do Jordão, produz amargos fructos.

Em abril, os alliados recuperam Badajoz, e em julho é dada a brilhante batalha dos Arápiles.

A consequencia d'esta batalha é a evacuação de Madrid pelos francezes. Desde então até ao primeiro de novembro de 1813, em que o exercito anglo-hespanhol entra em França, ha uma longa cadeia de victorias, que termina com a de Tolouse e queda de Napoleão.

No periodo de seis annos luctámos contra os soldados mais bravos do mundo. Démos perto de quinhentas batalhas,

combates e assaltos, uns com prospera, outros com adversa fortuna, sem contar os innumeraveis recontros dos guerreiros.

Succumbiram seiscentos mil francezes, sem ter podido nunca consolidar o seu dominio entre nós.

Apoderámo-nos de todas as praças, que elles nos tomaram por meio de perfidas traições.

E houveramos chegado a Paris, ás ordens de Castanos, se o desastre de Waterloo não desterrasse o moderno Prometheo na rocha de Santa Helena.

Tal é o quadro onde vae desenvolver-se o segundo periodo da nossa obra.

Dissemos n'outra occasião, que não eramos historiadores; por isso, abtemo-nos de novas particularidades historicas.

Vamos principiar no anno de 1812, época em que começa a decair o poder francez, e em que sobresae a heroicidade hespanhola de um modo assombroso.

Entendemos nós que um povo é heroe, quando, alem de lutar com um inimigo poderoso, tem de vencer-se a si proprio.

Eis a prova.

O açoute da guerra, a devastação dos campos, a falta de homens, o consummo espantoso de todos os generos, que o grande numero de inimigos produzira, deitaram a perder a agricultura.

Com a morte da agricultura sobreveiu a fome.

Mostrou-se em toda a sua horrorosa nudez nos principios do anno 1812.

Quizeramos escrever a historia d'esta calamidade, o mais terrivel de todos os males; limitar-nos-hemos, porém, a apresentar apenas aquelles episodios, que tenham ligação com a acção da nossa obra.

Se algum nosso leitor desejar mais alguma cousa, para

satisfazer a sua justa curiosidade, digne-se prestar attenção ao que vamos referir.

Ha no Museu Nacional de Pinturas um grande painel, em que está desenhada a historia da fome, com tal expressão que horrorisa. Um homem inchado, pallido, contrahido, devora o troço de uma couve: a seus pés rola o cadaver de um menino: tres militares offerecem pão a um adolescente extenuado de fome, que o recusa, e occulta o rosto: uma joven exhala o ultimo suspiro, em quanto um homem do povo, indignado, trata de cevar nos tres soldados francezes o odio que não lhe cabe já no peito.

Este quadro, obra de Aparicio, é uma dolorosa epopeia. Esta epopeia é uma verdade.

CAPITULO II

A GRANJA

Tornemos áquelle valle solitario, onde ficou refugiada a familia do barão de San Yuste.

Dois annos havia que este partira para França e desde então só crueis e dolorosas noticias tinham podido alcançar.

Em tão longo periodo não é facil contar as lagrimas que derramaram as tres pobres mulheres, que ali viviam isoladas e ao desamparo.

A principio tudo se revestia de lisongeiras esperanças. No fim de cada mez apresentava-se um homem, entregava a esta familia dinheiro sufficiente para satisfazer com abundancia e commodidade as exigencias da vida, e dava algumas noticias do barão, ainda que sempre vagas e indeterminadas.

Esta existencia uniforme e monotona não tinha alteração.

Gabriela passava o tempo ao lado de sua mãe, entregue a melancolicos pensamentos; mas Tula, que via sempre tudo

côr de rosa, occupava-se em destruir as negras nuvens, que entenebreciam aquelles dois corações sem esperança.

Chegou finalmente o tempo de Tula tambem principiar a perdel-a.

O barão não voltava. Ignorava-se onde estava dom Carlos de Montalban. Anselmo deixou de escrever á sua amada.

As tres mulheres tremeram.

Uma noite bateram a deshoras á porta da granja.

Tula era animosa e foi abrir.

Encontrou-se com um homem coberto por um grande chapeo, envolto n'um albornoz de marinheiro, e encostando-se a um pau de carvalho.

Tula teve medo de similhante visita; mas o desconhecido entrou sem proferir palavra, fechou a porta, e voltando-se para a joven:

—Conheces-me? exclamou.

Esta pergunta dissipou as duvidas, desvaneceu o temor.

—Anselmo! gritou a joven arrojando-se-lhe nos braços.

A este grito acudiram a baroneza e sua filha.

A presença d'aquelle digno servidor causou uma alegria difficil de explicar. Anselmo foi conduzido em triumpho aos quartos interiores.

O nobre mancebo chorava.

—E meu esposo?

—E meu pae?

Perguntaram ao mesmo tempo a mãe e a filha.

Uma nuvem negra se estendeu pela frente de Anselmo. Pela anciedade com que lhe fizeram estas perguntas conheceu a intensa inquietação d'estes dois corações.

—O sr. barão está preso, disse por fim o mancebo.

—Preso! Aonde? perguntou a baroneza, cruzando as mãos, no auge da dor.

—Em França.

—Talvez a vida!...

—Descansae: está segura.

Anselmo relatou os successos que tinham occorrido: declarou que o conde de Malvar e o barão de San Yuste tinham sido encerrados n'um castello: que dom Carlos de Montalban fôra preso em companhia de outro joven cavalheiro; e que depois de ter feito as maiores diligencias para entender-se com seu amo, o conseguira finalmente, recebendo d'elle ordem de voltar a Hespanha e cuidar da sua familia.

O joven montanhez expoz os motivos que o obrigaram a cumprir a vontade do barão, e regressava cheio de esperanza de que cedo brilhariá o dia que puzesse termo a tantas desgraças.

Mas desde a chegada de Anselmo até 1812 tinham passado dois annos, e n'este intervallo nada mais se soube do barão, nem d'aquelles que tinham exposto a vida para salvar Fernando VII.

Esta infeliz familia estava triste e desconsolada.

E' n'esta occasião, pois, que nós fixamos a vista no silencioso valle que lhe dava abrigo.

A baroneza levantára-se cedo, como tinha por costume, e abrira as verdes persianas que deitavam para o modesto jardim, que nas horas de descanso ella e sua filha tinham plantado, com a prolongada demora n'aquelle sitio.

Principiavam os dias de março, e a primavera começava a patentear risonhas galas no seu throno de flores. Uma aragem temperada e pura acariciava a amortecida natureza.

A baroneza chamou Anselmo, que correu logo a receber as suas ordens.

Não fallámos ainda d'esta senhora. Bastará apresental-a aos nossos leitores como o verdadeiro typo das mães e das esposas. Helena de Noilan. Doce, affavel, bondosa, encerrava no peito thesouros de abnegação e de amor.

Anselmo respeitava-a em extremo: quiz, portanto, quando chegou á sua presença, decifrar-lhe no rosto a dor que a opprimia.

—Necessito fallar-te, disse ella, olhando em roda com medo de ser ouvida. Vou fazer-te importantes confidencias, e desejo que guardes segredo. Quando se nos mostra tão ameaçador o porvir, não quero que ninguem presinta o perigo.

—Fallae, senhora, respondeu Anselmo. Eu vos escuto com toda a attenção e respeito que a minha alma vos consagra.

—Primeiro vou fazer-te uma pergunta.

—Dizei.

—Crês que meu esposo voltará?

—Sim, minha senhora.

—E se por desgraça tivesse... morrido?

A baroneza empallideceu ao pronunciar estas palavras, como se ellas fossem a expressão da verdade.

Anselmo sorriu-se.

—Oh! não! disse elle. Deixae-vos de tristes pensamentos.

—Então tens esperança?

—Sim, minha senhora, tenho esperança.

—Confiemos, pois, em Deus, respondeu a dama com a resignação d'aquellas mulheres gregas, que antepunham o amor da patria ao sentimento da maternidade. Agora, ouve-me.

A baroneza foi sentar-se a um canto do jardim, perto do ribeiro, que murmurava n'um leito de musgo, e continuou:

—Quando meu esposo partiu para França, todos os mezes se apresentava aqui um homem desconhecido, e entregava-me em seu nome certa quantia, com que cobriamos as nossas despesas.

—E esse homem não voltou mais, não é assim?

—Não.

—Desde quando?

—Ha já muito tempo.

O fiel Anselmo empallideceu.

—E' bem séria essa noticia, murmurou em voz baixa.

—A' força de economia, a muito custo consegui fazer chegar o resto d'esse auxilio pecuniario até ao presente. Confiscados os nossos bens, sem outra esperança mais que esse socorro mysterioso, que nos tem servido para supportar a espantosa crise porque passamos, hoje vejo-me reduzida á ultima extremidade.

Anselmo tremia. Todo o zelo e afeição que aquella familia lhe merecia, accordavam com intensa força no intimo da sua alma bem formada; e não sabendo como desafogar a magoa que o pungia, mordida as unhas de impaciencia e pesar.

—Quereis dizer, senhora, disse elle por fim, que estaes como nós quando nos achamos em campanha.

—Não te entendo, Anselmo.

—Quero dizer... estaes disposta a queimar o ultimo cartucho...

O generoso montanhez não sabia como expressar a ideia de que sua ama não tinha dinheiro.

—Ainda não te percebo.

—Senhora: ha cousas que me custa dizer com as palavras apropriadas.

—Mas é forçoso que nos entendamos.

—Isso sim, pela vida de el-rei. Desejava perguntar-vos uma cousa que me enche de rubor e colera.

—Pois bem: dize.

—Direi: não ha remedio... Não tendes dinheiro?

—E' verdade, Anselmo, respondeu a baroneza, não podendo suster duas grossas lagrimas, que lhe correram pelas faces.

—Com os diabos! Então e agora?

—Agora... não sei. Hontem aconteceu-me uma cousa terrivel...

—Que vos succedeu?

—O dono do predio pediu-me tres mezes de renda, que se lhe devem.

—Oh!

E Anselmo estava quasi a chorar como sua ama.

—Pedi-lhe espera.

—Vós!... vós, senhora, pedir espera?

—Que queres! Assim foi preciso.

—E conseguistel-a?

—Negaram-m'a.

O mancebo ranguu os dentes, e faiscaram-lhe os olhos de raiva.

—Senhora, exclamou elle fóra de si, quem é o dono d'esta quinta?

—Porque desejas saber isso?

—Porque vou já ensinar-lhe como deve tratar a nobre senhora baroneza de San Yuste. Eu farei entender a esse anthropophago, que não se humilha assim uma dama da vossa linhagem.

—Socega, Anselmo, respondeu a baroneza. O proprietario tem juz a reclamar o que se lhe deve. Que havemos de fazer-lhe?

—Bem sei que lhe assiste esse direito, e com elle me conformo; mas não posso admittir essa negativa. Em fim, que quer elle?

—Quer o vencimento dos tres mezes no prazo de dois dias, e ordena-me que, em caso contrario, desocupe esta casa.

—Anselmo fez-se vermelho até ás meninas dos olhos.

—E' essa a proposição d'esse miseravel?

—Sim.

—N'esse caso, exclamou o digno mancebo, cada vez mais indignado, será forçoso pagar-lhe.

—Pagar-lhe ?

—Senhora, a guerra é productiva: n'ella fiz algumas economias...

Coube agora á baroneza ruborizar-se.

—Tranquillisae-vos, proseguiu elle: conheço quanto soffreis, mas é preciso... absolutamente preciso que aceiteis a minha bolsa. Tem umas vinte onças... Uma miseria! mas o pouco vale muito n'este tempo assustador. Bem sabeis... o povo morre de fome: dois arrateis de pão custam vinte reales: é preciso comer e viver, e para viver e comer é indispensavel o dinheiro. Comprehendi-me, senhora: entretanto pode voltar esse homem, que mensalmente vos trazia os meios necessarios para vossa sustentação... ou antes eu o procurarei... dar-me-heis os signaes, e ainda que seja no centro da terra, lá mesmo darei com elle. E depois, quem sabe! os francezes talvez se retirem... e um dia, quando menos o pensardes, tran, tran á porta:—Quem é?— O sr. barão... dom Carlos e todos os valentes que trabalharam para salvar o rei. Então renasce a alegria, e não ha mais por que chorar. Com mil diabos! chorar a minha senhora! Não o consentirá o filho de meu pae.

O discursar de Anselmo não podia ser mais terno nem mais eloquente.

A baroneza derramava lagrimas de gratidão.

—Oh! quanto és bom! exclamou; mas eu não posso aceitar os teus offercimentos.

—Porque, senhora ?

—Privar-te-ia do teu bem estar.

—Pela alma de meu avô! exclamou o montanhez puxando os bigodes: isso é querer usurpar-me um direito que durante a minha vida adquiri, porque em toda ella tenho co-

mido o pão da vossa casa. Tomae, proseguiu, tirando uma bolsa: o meu primeiro dever é olhar pelos meus bons e excellentes amos. Basta de explicações, muito mais em tempos como os presentes.

E o nobre sargento atirou ao regaço da sua ama o dinheiro que possuía.

—Acceito, generoso Anselmo, disse ella enxugando o pranto: um dia poderei talvez recompensar a tua nobre acção.

—Não penseis n'isso, e vamos ao principal. Quanto deveis ao dono d'esta herdade?

—Mil e quinhentos reales.

—E' preciso levar-lh'os sem demora.

—Isso mesmo ia dizer-te.

A baroneza tirou da bolsa de Anselmo cinco onças, que lhe entregou.

—Onde vive o proprietario?

—Em Madrid.

—Em que rua?

—*Carrera* de San Geronimo, numero 9.

—Como se chama?

—Dom Pedro Semovilla.

Dito e feito: despediu-se da baroneza, dirigiu-se a uma cavalliça, onde havia um cavallo, e partiu a galope para a capital.

Sigamos este nobre e valoroso rapaz, e entremos com elle na antiga cidade, principal theatro das scenas da nossa obra.

Anselmo conhecia muito pouco Madrid. Tinha ali ido algumas vezes desempenhar commissões mais ou menos importantes, e nunca se deixára possuir da curiosidade, como muitos outros, limitando-se unicamente a permanecer insensivel aos encantos de tão formosa povoação.

Conservava a vetusta cidade o mesmo aspecto physico na apparencia. Sentinellas ás portas; patrulhas pelas ruas; silencio entre os habitantes; pouca animação no commercio: era o que um observador teria notado á primeira vista.

A pezar de ir ali unicamente tratar dos seus negocios, Anselmo não era d'esses observadores vulgares que nada colligem da tranquillidade dos povos, mas dos que alguma cousa vêem n'essa simples apathia.

Quando atravessava um mercado, notou a sua pouca animação. O povo, collocado a distancia, olhava com sombrio torpor os poucos que penetravam no recinto, onde se vendiam os viveres.

Depois notou que as atafonas estavam fechadas.

O povo caminhava com lentidão, e alguns rostos lividos e desfigurados.

Tudo isto queria dizer o extraordinario.

Anselmo foi andando. Ninguém conhecia, e não podia informar-se de cousa alguma.

Chegava á *Puerta del Sol*: um grupo de homens e mulheres ali se agitava; Anselmo approximou-se, e como ia a cavallo pode observar o que havia no centro d'esta multidão. Um sacerdote deitado no chão, com a cabeça encostada ao seu chapeo em fórma de canudo, immovel e horrivelmente desfigurado pela morte.

O povo rodeava-o, mas não se atrevia a tocar-lhe.

—Ponham-lhe a *rosquilla de junco*, disse uma mulher, que por seus gestos revelava ser uma filha de Lavapies.

—A *rosquilla de junco*! murmurou Anselmo. Que significará isto?

—Venha a *caridade*, exclamou outra voz.

O nosso joven desejava comprehender o que queriam

dizer estas palavras, porque o povo tem ás vezes certa linguagem que aterra.

Depois appareceu um aguazil da cidade, com o seu vestido negro e varinha branca.

N'aquelle tempo um aguazil era o symbolo da auctoridade. O povo affastava-se para o deixar passar e olhava-o como a viva imagem de Themis.

Entrou no circulo o digno funcionario, e olhou para o sacerdote. Anselmo observava tudo do alto do seu cavallo.

—Quem é este homem? perguntou finalmente o aguazil olhando em redor.

Todos encolheram os hombros, e ninguem ousou responder. O aguazil levantou a fronte com orgulho.

—Todos estão mudos, pelo que vejo, exclamou. Vamos ás provas.

Chegou-se então ao cadaver, e levantou-lhe um braço, que caiu inerte e sem vida na calçada. Levantou depois uma perna, e succedeu o mesmo: levantou a outra, e caiu tambem.

—Este homem está morto, proseguiu então o homem negro. Quem o viu cair?

—Eu, eu, eu, respondeu meia duzia de vozes esganiçadas e agudas.

Anselmo fez a si proprio uma pergunta que não deixava de ter alguma philosophia:

—Pois tão facilmente caem mortos os homens nas ruas de Madrid?

Absteve-se, porém, de responder, e continuou observando. O aguazil reuniu as testemunhas e principiou a tomar-lhes declarações em fórma. Os depoimentos eram identicos.

—O sacerdote ia caminhando com algum custo; levava

a cabeça inclinada, e parecia queixar-se. De repente parou, para fazer sem duvida um extremo esforço, deu dois ou tres passos, e caiu redondamente no chão. Os declarantes tinham-se aproximado, collocaram-lhe o chapeo debaixo da cabeça, e como vissem que não se movia, deram parte.

—Está claro, murmurou o aguazil, que era considerado como um oraculo. Não ha remedio: ponhamos-lhe a *rosquilla de junco*.

Ao dizer isto, collocou-lhe sobre o peito uma pequena argola de junco.

A multidão desviou-se com respeito d'aquelle logar.

—O que quer dizer esse signal collocado sobre o cadaver? perguntou Anselmo a um homem que presenceára este acontecimento.

—Quer dizer, respondeu o interrogado, que este homem morreu de fome.

Anselmo ficou gelado como o cadaver que tinha ao pé de si. Sabia que havia fome; mas nunca pensára que os hespanhoes chegassem a cair mortos nas ruas sem soltar um grito nem proferir uma palavra. O povo que tinha sido espectador d'este drama, não disse nada; contentou-se em lançar sobre a victima um olhar sombrio, e murmurou uma oração que parecia confundir-se com uma ameaça.

A oração era pela alma do infeliz sacerdote: a ameaça dirigia-se aos soldados francezes.

O cadaver ficou ali só, com o arco de junco sobre o peito, signal que a municipalidade de Madrid tinha adoptado para evitar qualquer profanação.

A peste tem seus horrores; mas a fome é mais horrivel do que a peste. Um povo que succumbe, desde as pessoas da mais elevada cathegoria até ás da mais infima condição, é um povo de espectros e de desesperados.

Não ha expressões para descrever aquella época des-

graçada. Muitos se lembram d'ella ainda, e sabem com quanta crueldade o negro flagello martyrisou o infeliz povo de Madrid.

Nós iremos apresentando os quadros mais dolorosos, antes como fieis historiadores, do que como simples romancistas. Ha sucessos de tal transcendencia, que não necessitam da ficção para commover.

Anselmo affastou-se d'ali. Acabava de comprehender quanto ha de mais sublime na resignação dos povos. O ar que respirava soffocava-o. Desejava voltar á tranquilla granja que abandonára.

Facilmente encontrou o proprietario. Era um homem, que as circumstancias tornaram egoista. Fechára a alma a todo o sentimento de compaixão.

—Que quer ? perguntou elle a Anselmo.

—Venho pagar os tres mezes de renda da quinta de Alcobendas.

O proprietario cuidou ter ouvido mal, e fez repetir estas palavras.

Anselmo lançou sobre a mesa as cinco onças.

—Ah ! já me tinha queixado á justiça, disse. Julguei que não se me pagaria, e bem sabe que os tempos não estão para petas.

—Pois tinha-se já queixado á justiça ? observou Anselmo, lançando torvo olhar ao proprietario.

—Que queria que eu fizesse ! Tenho esperado mais tempo do que devia. Demais, cavalheiro, hoje não ha dinheiro que baste.

—Pois bem, aqui está.

—Agradeço. É uma felicidade. Vou passar o recibo.

Anselmo não respondeu, e deixou escrever.

Bom, disse depois de ler o documento: dê-me o troco.

O proprietario examinou as onças com escrupulo; e finalmente abriu uma gaveta, d'onde tirou sete duros.

— Aqui tem. Agora devo fazer-lhe uma advertencia.

— Qual ?

— Sabe que a época é fatal...

— Sim, sei.

— Por tanto, deve suppor que me é impossivel continuar o arrendamento pelo preço que até aqui se achava ajustado.

Anselmo fez-se pallido. Antevia o funesto retultado d'esta resolução.

— Oh ! exclamou elle: que differença quer então fazer na renda ?

— Outros quinhentos reales.

— Isso é ser cruel, senhor.

— Não ha outro remedio. A fome augmenta; o dinheiro escaceia: não ha viveres senão a peso de ouro. Bem vê que não mereço sençura.

A logica d'este homem não admittia contestação. Anselmo ficou aterrado.

— Está bom: pensarei n'essa proposta. Se fôr acceita...

— Terá a bondade de enviar-me adiantadamente o dinheiro. É uma precaução.

— E no caso contrario ?

— Despejará a quinta no espaço de tres dias.

Duas vezes esteve resolvido Anselmo a levantar o punho e esmagar este homem, que parecia regosijar-se com a sua desgraça; conteve-se, porém: sabia o que era um conselho de guerra entre os francezes. Dobrou o recibo, e sem dizer mais palavra, saiu d'aquella casa.

CAPITULO III

RESPEITO AOS EDITOS DE EL-REI

Anselmo deixára o seu cavallo entregue a um gallego, em quanto subira a casa do dono da quinta.

Quando desceu, encontrou um grupo de soldados francezes em torno da sua fiel cavalgadura.

O galego oppunha-se a toda a classe de observações; todavia, a despeito d'isto, os soldados examinaram o cavallo.

Anselmo ficou admirado, mas de repente comprehendeu de que se tratava. Metteu-se no grupo, e sem olhar para os francezes, tomou as redeas, e dispoz-se a montar.

Nesta occasião um francez, que tinha insignias de sargento, disse-lhe em mau hespanhol:

—Este cavallo não é seu.

Anselmo em vez de responder, encarou o francez com gelado sorriso, que não deixou de o offender.

—Que diz ? Não é meu !

—Não, repetiu o sargento.

—Pois de quem ?

—Do rei.

—Isso é bebedeira, senhor militar. Este cavallo é muito meu.

O sargento soltou uma gargalhada.

—Esqueceu-lhe uma cousa, lhe disse.

—O que ?

—A ordem que ha de incorporar todos os cavallos uteis ao exercito.

Anselmo principiou a perceber.

—Ah ! então o meu cavallo é util...

—E' excellente. Seis annos, quatro dedos além da marca, e sem lesão alguma.

—Com effeito.

—Por tanto, não ha mais nada que dizer, replicou o sargento. Eu levo o cavallo.

E dizendo isto, foi lançar mão ás redeas. O montanhez não consentiu.

—A respeito de levar o cavallo, disse este com socego sinistro, ha muitas leguas de mau caminho, como dizemos nós outros os hespanhoes. O cavallo pertence-me, e por isso não o entrego.

—Não ?

—Parece-me que fallei bem claro.

—Então, irá á força.

E dizendo isto, puxou pela espada, disposto a aggreddir Anselmo. Os outros francezes fizeram outro tanto, e ao mesmo tempo os hespanhoes deixaram ouvir um murmurio de ameaça.

Anselmo não se atemorizava por ver meia duzia de soldados francezes que o ameaçavam. Pelo contrario, sorriu des-

denhosamente, e tratou de escolher o ponto por onde lhe convinha fugir.

—Sempre se disse, exclamou o montanhez cedendo a seus instinctos guerrilheiros, que a defesa é permittida.

—Eu não entendo d'isso, respondeu o sargento. Venha o cavallo.

—Continua a insistir?

—Insisto.

—Visto isso, não terei eu a culpa do que vae succeder.

Ao mesmo tempo, e antes que ninguem podesse estorval-o, Anselmo deu um salto, e ficou sentado sobre a sella. O sargento, que entendeu a manobra, levantou a espada e atirou a Anselmo uma cutilada, que o deitaria por terra se elle não baixasse a cabeça com rapidez e mestria notaveis.

N'este instante reparou que o gallego, que pouco antes o servira, lhe offerecia um grosso pau de carvalho, semelhante aos que usam os pastores das Asturias.

Apoderar-se d'elle, brandil-o com extraordinaria ligeireza, e fazel-o descer sobre a cabeça do sargento, foi obra de um momento.

Este caiu immediatamente.

Anselmo, então, esporeou o cavallo; mas os outros francezes levantaram o grito.

Travou-se por tanto uma lucta desesperada entre elles e Anselmo. Este viu destacar da *Puerta del Sol* um piquete de cavallaria; mas a colera cegava-o, e seria mais facil morrer que render-se.

Levantou o pau, e deitou por terra outro soldado. O povo applaudia, e procurava pedras para defender o seu compatriota.

Com effeito, o piquete avançou, mas foi recebido com uma nuvem de pedras. Anselmo, montado a cavallo, parecia

o chefe d'aquella sedição, que sem saber como, principiava a ter um character grave.

Começaram os insultos ao compasso das pedras.

O piquete avançou a galope sobre o povo, que achando-se desarmado, intrincheirou-se atrás das esquinas, e d'alli disparava com mão certa os seus projectis.

Anselmo foi accommettido, e accommetteu tambem por sua vez. Defendia-se tão perfeitamente com o seu cajado, que os mesmos francezes conheciam, que se batiam com um homem que sabia o manejo da espada.

Os mais timoratos começaram a fugir.

E' bem verdade que desordens d'esta natureza se repetiam diariamente nas ruas de Madrid.

Anselmo notou que um novo piquete de cavallaria avançava da *Puerta del Sol*, e isto lhe fez comprehender que não lhe seria facil haver-se com tão avultado numero de inimigos. Tratou então de retirar-se: tinha ferido quatro francezes, e bem sabia que fariam pesar sobre elle todo o rigor da ordenança, se lhes caisse nas mãos.

Deu meia volta ao seu cavallo, e depois de descarregar uma formidavel pancada em um francez mais teimoso em perseguil-o, metteu-lhe as esporas com toda a força. O animal, esporeado d'aquelle modo, deu um salto terrivel, e partiu a toda a brida em direcção ao Prado, com o instincto de sair a porta de Recoletos.

Assim succedeu. Anselmo atravessou com a velocidade da setta, por entre os conventos de Santa Catharina e Espirito Santo: deixou á sua direita o palacio do duque de Medinaceli, e transpoz o Prado e a porta de Recoletos sem voltar a cabeça.

Todavia, n'este ultimo ponto, e em frente dos seculares muros das Salesas Reales, olhou para traz, e viu-se perseguido por oito ou dez couraceiros, commandados por um official.

Accelerou a carreira, e quando chegou ao campo furtou-lhes as voltas.

Os francezes, porém, em vez de continuar a galope, re-frearam os cavallos, para informar-se dos transeuntes sobre o caminho que seguia o fugitivo.

Quando o nesso montanhez se viu livre da perseguição, cuidou que já não corria perigo. Tomou o caminho de Fuen-carral, e ao meio dia chegava á quinta, onde a baroneza, sua filha e Tula, o esperavam bastante afflictas.

A vinda do mancebo foi um motivo de alegria, e ao mesmo tempo perturbou a doce paz d'aquelles corações. Anselmo trazia muito más noticias.

—Viste o proprietario?

—Sim, minha senhora, respondeu o leal servidor com accento triste.

—Que disse elle?

—Julgo que nos veremos obrigados a abandonar este placido retiro.

A nova fez empallidecer a baroneza.

—Ah! que pretende elle?

—Duplicar o valor mensal do arrendamento.

—Quer mil reales?

—Sim, minha senhora.

Esta noticia era terrivel n'aquellas circumstancias. Todo o capital d'esta familia reduzia-se a quinze onças, resto das vinte, que o generoso Anselmo lhe tinha offerecido. Pouco mais de quatro mezes de renda consumiam o capital; e para isto, era preciso empregal-o exclusivamente no arrendamento da granja: e como era indispensavel tirar d'elle o necessario para sustentação da vida, claro estava que só dois mezes, quando muito, poderiam assim viver:

—E depois d'estes dois mezes?

Esta pergunta aterrou a baroneza. Os horrores da fome

figuraram-se-lhe na mente com toda a sua tremenda catadura. Todavia, era preciso adoptar um partido.

—Oh! exclamou ella, quantas desgraças nos ameaçam!

—Nenhuma, em quanto eu estiver a vosso lado, respondeu o generoso mancebo suspirando.

—Mas é urgente tomar uma resolução.

—E'.

—Dil-o-hei com franqueza. Somos pobres para pagar mil reales mensaes de renda.

—Tens razão.

—Será, pois, necessario irmos para Madrid. Ali haverá casas mais baratas... poderemos esperar que termine tão desgraçado tempo, e que passe a fome, esse cruel açoute que tanto martyrisa os hespanhoes. Oh! se soubesseis...

Anselmo conteve-se. Acabava de recordar a terrivel scena do sacerdote.

—Que queres que saiba? perguntou a baroneza.

—Nada... não é nada. Pensemos, senhora, na viagem a Madrid.

—E quando partiremos?

—Temos tres dias de espera. Entretanto buscarei uma casa modesta e retirada, onde vós, vossa filha e Tula, possaes atravessar esta época de dores e de angustias.

Como os nobres sentimentos do montanhez predominavam no seu coração, começou a apresentar risombas esperanças, com o animo de não affligir mais a sua boa senhora. Havia certa amenidade nas suas palavras, que dominava pouco a pouco, e encantava pela naturalidade e expressão.

Para desvanecer, quanto possivel, o mau effeito que tinham causado as noticias que trouxera da côrte, deu á sua linguagem toda a animação de que era susceptivel, e d'ali a uma hora os habitantes da quinta tinham approvedo o pensamento de viver em Madrid, em quanto o barão quebrava as

algemas que o prendiam, e dom Carlos de Montalban, que havia sido capturado em companhia de Genaro, filho adoptivo do conde de Malvar, fazia outro tanto.

Tão fagueira esperança fez esquecer os desgostos presentes.

De repente Tula, que se tinha aproximado de uma janella, veio ter com sua ama, e disse:

—Senhora, pelo caminho que conduz á quinta avança uma força de cavallaria.

Isto acontecia frequentes vezes, e por isso ninguem lhe deu importancia. Unicamente Anselmo se dirigiu á janella e respondeu:

—Tens razão, Tula. São soldados.

—Será o piquete que todos os dias passa por aqui, a fim de receber rações em Fuencarral e Alcobendas.

O montanhez abanou a cabeça em signal de duvida.

—Não crês? perguntou a joven.

—Talvez não seja o piquete de que fallas.

—Oh! Estás pallido, Anselmo! que tens?

—Nada, respondeu este com voz triste.

—Dão-te bastante cuidado esses soldados.

—E' verdade.

—Então porque?

—Porque me parece que vem procurar-me.

Tula deu um grito, ao qual acudiram a baroneza e sua filha. Anselmo dominou a sua agitação, e proseguiu:

—Cheguei a persuadir-me que essa partida de tropa viria seguindo-me os passos. Mas não... tranquillisae-vos. Outro motivo qualquer deve guial-a para aqui.

—Mas por acaso, perguntou a baroneza, temes que te persigam?

—Talvez.

Esta palavra era bem significativa para encher de afflic-

ção estes corações. Anselmo receava, mas não ousava declarar os seus temores. Teria sido duplicada crueldade para com aquella familia, que começava a entrever a desgraça.

Entretanto os francezes approximaram-se. Em vez de passar adiante, postaram sentinellas nos angulos da quinta, e o chefe a quem obedeciam dirigiu-se á porta com o restante da força.

Não acostumada a baroneza a similhante occorrença, olhou para Anselmo como se o interrogasse.

—Oh! meu Deus! exclamou, o que quererão estes homens!

—Esses homens, disse Anselmo, vem prender-me.

As tres mulheres soltaram um grito de partir o coração.

—Que fizeste para que te prendam? perguntou a baroneza.

Anselmo referiu em poucas palavras o que lhe succedera com o cavallo, e concluiu dizendo:

—Ser-me-ia facil fugir de novo, logo que vi esses homens no valle; porém teria de me separar de vós... ficariéis abandonadas, e eu pareceria criminoso sem o ser. Se ha justiça entre os homens, espero sair bem d'este lance. Porém vamos, senhora, abrir a porta. Esses homens serão capazes de a arrombar.

Esta observação obrigou a pobre familia a encaminhar-se para a porta. Anselmo ficou atrás das tres mulheres, que pretendiam servir-lhe de escudo.

Aberta a porta, apresentou-se um official com insignias de commandante, acompanhado pelos soldados. A presença d'este homem era uma recordação para as desgraçadas, que fitaram n'elle olhares de espanto. Ha physionomias, que nunca se olvidam: era elle o mesmo que fôra ao castello de San Yuste, a fim de prender o barão; o mesmo que, por fatalidade talvez, parecia ser o mensageiro das desditas d'aquella familia: era aquelle homem, que, no momento supremo de querer re-

primir a arrogancia do barão e de Carlos de Montalban, lançou atrevido olhar sobre a formosa Gabriela, cuja imagem ficára indelevel em seu coração, a pesar dos horrores da guerra, e do tempo que decorrera: era esse que tinha dado a morte ao paé de dom Carlos: o ajudante do general Maurice Mathieu: o antigo capitão Edgardo Laforet.

À vista de Gabriela soltou um grito de surpresa. Era o grito do gavião quando descobre a victima.

As tres mulheres agruparam-se, tolhidas de terror. Anselmo conservava-se detraz observando. O capitão finalmente avançou.

—Senhora, disse elle dirigindo-se á baroneza, reclamo em nome da lei um homem que existe n'esta quinta. Acaba de attentar contra o poder militar estabelecido, e o poder militar necessita julgal-o.

Laforet, fallando, devorava com ardente olhar a encantadora Gabriela.

—Cuido que ha equivoco, senhor, respondeu a baroneza tremendo.

—As instrucções de que venho munido, são certas e seguras. Se não me engano, é aquelle o reo.

E olhou para o sitio que occupava Anselmo, tremulo de colera.

—Se me procuraes, exclamou este adiantando-se, aqui me tendes.

—E' este mesmo, disse um soldado ao ouvido do capitão.

—A vós mesmo é que eu busco. Dae-vos á prisão, respondeu Laforet.

A baroneza e sua filha occultaram entre as mãos o rosto banhado em lagrimas. Tula, sem chorar, collocou-se ao lado de seu amante, em attitude de o defender. Porém Anselmo conteve-a com um olhar.

—Aqui estou, disse o joven adiantando-se.

—Agora, exclamou o official, dominado por pensamento repentino, em quanto os meus soldados procuram o cavallo, que deu causa a este successo, tenho obrigação de reter estas tres senhoras. Pesam sobre ellas justas recriminações, desde certa noite, em que foi necessario occupar um castello em Asturias. Soldados, apoderae-vos d'essas prisioneiras.

Os francezes avançaram em silencio. A baroneza soltou um grito, e abraçou a filha, como querendo defendel-a dos soldados; mas estes com toda a attenção as separaram, em quanto Anselmo era manietado por outros.

Laforet lançou a Gabriela um novo olhar que revelava a impura paixão que lhe dominava a alma.

Isto explicava tudo, e aquella desgraçada familia foi conduzida a Madrid.

CAPITULO IV

MUITAS VEZES É UM ABYSMO O CORAÇÃO HUMANO

O bando que Murat mandára publicar em 2 de maio, estava em vigor. Era necessario ficar de pé a vingança, já que não fora possível lavar a affronta.

A mais leve resistencia era condemnada como uma sedição. A sedição era punida com a morte.

Anselmo foi separado da familia do barão de San Yuste, e conduzido a um dos quartéis de Madrid, considerado, como estava, reo militar.

A baroneza, sua filha e Tula, entraram no carcere da Corte.

Laforet redigiu as partes que haviam de servir de base para a culpa.

Os processos militares são rapidos e concluem-se depressa.

A comissão militar permanente recebeu os dois sum-

marios; mas, como tivesse muito que fazer não pode activar as novas causas, porque estavam outras adiante.

Entraram em numero de ordem e isto deu causa a que decorressem alguns dias, sem que ninguem se lembrasse do pobre reo, e das tristes presas.

Hoje não existe o carcere da Corte, e os que lerem estas paginas com algum interesse, não podem formar perfeita ideia d'este edificio sombrio e doentio, que maculava, por assim dizer, um dos bairros mais centraes e populosos de Madrid.

A familia do barão tinha sido conduzida a uma casa baixa, negra, suja, com duas fortes grades por onde penetrava a luz. Deitavam estas grades para um pateo solitario, onde echoavam as monotonas canções de outros presos, que passeavam ao compasso dos ferros que lhe algemavam os pés. Mais distante viam-se os telhados de ardosia e as duas torres quadrangulares do edificio da Audiencia, como se o palacio da justiça servisse de atrio áquelle abysmo de expiação.

O terror é o sentimento que se apodera de todos os corações, quando se respira a atmospherá pesada e nauseabunda dos calabouços. As tres desgraçadas, que haviam sido arrancadas do solitario valle, seu unico refugio contra as atribulações da existencia, sentiram-no ali immenso e invencivel.

Eram para ellas os dias uma dor sem treguas. As noites, uma desesperação sem limites.

Careciam da esperanza, esse raio do ceo que desce sobre as almas tristes, para lhes alentar a vida; porque não tinham apoio, nem protecção humana.

Todavia, a mesma innocencia dá forças aos entes que não sentem remorsos do crime. Quando falta o arrimo na terra, brota a consolação do ceo.

Assim deslizaram aquelles primeiros dias de agonia e torpor. A baroneza só vira entrar os seus carcereiros, e ape-

nas lhe ouvira algumas palavras vulgares que nada significavam. Para viverem com alguma commodidade, tinham de pagar um tanto diario pela occupação do calabouço. Exacção horrivel, que recrudescce a dor das victimas encerradas n'essas mansões infames! Era preciso adquirir tudo á força de sacrificios, e estes iam esgotando o escaço deposito da baroneza.

Era mais um martyrio.

Um dia appareceu um carcereiro, e sem passar da porta, disse:

—Senhora Gabriela de San Yuste, tende o bondade de acompanhar-me.

A baroneza deu um grito desesperado, porque temeu que a fossem separar de sua filha. O carcereiro enternecido apressou-se a accrescentar:

—Não temaes nenhum sinistro que possa mortificar-vos: dentro em meia hora esta joven voltará.

—Ah! para que a quereis levar? exclamou a baroneza com os olhos banhados em pranto.

—Trata-se de uma declaração, respondeu o homem.

Gabriela não teve remedio senão seguir-lhe os passos.

A formosura d'esta donzella adquirira duplo realce no seu infortunio. Penteada com esmero, com o cabello deitado para traz como as mulheres gregas, o olhar sereno, trajando vestido de velludo preto, podia tomar-se por uma das virgens que antigamente habitaram aquelle edificio, antes de se converter em prisão de estado o mosteiro que ali existira.

Chegaram a uma sala adornada com alguns moveis.

Encostado ao espaldar de uma cadeirá estava um homem em pé, que não foi visto logo por Gabriela, porque havia pouca luz n'aquelle logar; mas pouco a pouco se foi destacando a sua figura á maneira de uma apparição estranha.

A joven observou-o com attenção, e, a pesar de estar á paizana, reconheceu-o immediatamente.

Era Edgardo Laforet.

Um presentimento, como um dardo que se lhe cravasse no coração lhe fez adivinhar que a presença d'este homem era de funesto agouro. Preparou-se contra os perigos desconhecidos que a sua alma lhe vaticinava, e esperou.

Laforet foi approximando-se com lentidão.

Fitou n'ella o seu negro e profundo olhar, como se estivesse dominado por um sentimento novo e quasi desconhecido, até que, despregando os labios, pronunciou surdamente estas palavras:

—Sou eu, Gabriela. Desejava ver-vos, e foi-me impossível resistir a este desejo. Permitti-me, pois, que vos falle.

A joven olhou para aquelle homem e respondeu com fingido sangue-frio:

—Podeis fallar. Escuto-vos com attenção.

Laforet desprendeou triste sorriso.

—Forçosamente me haveis de aborrecer, proseguiu avançando um passo. A minha presença tem-se mesclado com todos os vossos infortunios, e não é para admirar que eu vos pareça um flagello, um verdugo, talvez um monstro.

A tremula voz de Laforet revelava que uma sensação mais potente lhe dominava as faculdades. Gabriela, immobil e gelada como uma estatua, não se atrevia a responder.

—Ah! proseguiu o official, conheço que não encontraes phrases com que me responder; mas eu serei mais explicito: deyo-vos, Gabriela, uma explicação sem rodeios, uma confissão de minhas faltas, para merecer a vossa indulgencia. Não tenho eu sido vosso flagello, nem vosso verdugo; tenho sido unicamente um desgraçado.

E quando proferiu esta palavra approximou-se da joven.

—Cavalheiro, respondeu Gabriela, eu não quero arrogar-me faculdades, que me não pertencem. Qualquer que te-

nha sido a vossa conducta para com minha familia, não me é dado julgal-a. A Deus sómente assiste esse direito.

—Assim será, porque o dizeis: contudo, é forçoso que me ouçaes, já que o destino nos juntou aqui.

—Bem; escutar-vos-hei.—Se exigis de mim este sacrificio, podeis fallar.

Laforet empallideceu; fez um esforço sobre si mesmo e perguntou:

—Lembraes-vos, Gabriela, d'aquella noite, em que, obedecendo a uma ordem superior, me apresentei no vosso castello?

—Sim.

—Não conservaes nenhuma recordação particular d'aquella noite?

—Não.

—Todavia, talvez vos lembreis de que, na occasião de apoderar-me de vosso pae e d'aquelle mancebo, que teve o atrevimento de ameaçar-me com uma pistola, fitei os meus nos vossos olhos.

—Não tenho presente essa particularidade.

Laforet passou a mão pela frente, para enxugar o suor que á banhava: Gabriela conservava-se indifferente, sem revelar no gesto nenhuma sensação extraordinaria.

—Bem; estou convencido que não vos recordaes d'esta circumstancia. Eu pela minha parte não olvidei pormenor algum. Desde aquella noite, a imagem de Gabriela de San Yuste nem um momento deixou de occupar-me a imaginação. Cria ter-vos perdido para sempre; porém, felizmente, ao fim de dois annos, torno a encontrar-vos.

—Para sepultar-me n'um calabouço!

—Se tivesse sido generoso, talvez não tornasse a ver-vos, e isso seria uma grande desgraça. Agora é preciso justificar-me,

é necessário levantar o véo que vos occulta o meu coração. Ouvi-me, Gabriela.

—Aqui estou para vos ouvir.

—As nossas situações estão claramente determinadas, e é inútil toda e qualquer ficção. Desde a noite em que pela vez primeira vos vi no castello de vosso pae, amei-vos.

Estas palavras diziam tudo. Gabriela sentiu que o seu espirito ia perder a suprema energia que até ali a animára; com-tudo, esforçou-se por permanecer tranquilla.

—Cavalheiro, disse ella, não me é possível entender si-milhante linguagem.

—Seja como for, amo-vos com toda a minha alma.

—Agradeço-vos. Mas bem comprehendereis que o vosso amor é impossível.

E Gabriela para ter valor de pronunciar estas palavras, deixou-se possuir do sentimento interno do seu pudor.

Laforet contentou-se com desprender amargo sorriso.

—Eu também não comprehendendo essa palavra, senhora. Disse-vos que vos amo; e já que o destino, a fatalidade, ou a Providencia, dispoz que vos faça esta confissão, é forçoso que legitime as razões que me levaram a este extremo.

—Terei de ouvir-vos como quem carece de liberdade.

—Seja assim. Desgraça por desgraça; abysmo por abysmo: sempre será um duplo infortunio o que nos persegue. Desde aquella noite, amei-vos... já o sabeis. Não foi uma impressão passageira a que o meu coração sentiu: era uma felicidade immensa, irrealisavel. Havia alguma cousa de inexplicavel e terrivel na ardente recordação que me perseguia: eu via essa imagem, tal qual agora vos contemplo, com o sorriso do des-dem nos labios, revelando-me no gesto o orgulho de hespanhola, a altivez da nobreza, e já de antemão eu sentia uma surda desesperação, bem semelhante aos zelos, que me marty-risava e enlouquecia. Assim passaram os dias, os mezes e os

annos. Vós, Gabriela, ereis para mim um phantasma que se regosijava com o martyrio do meu coração, e a quem eu, rude soldado, sorria carinhosamente, ou enviava as minhas lagrimas em paga de tanto soffrer: vós, Gabriela, ereis o eterno sonho da minha esperança, a derradeira estrella das minhas illusões, porque eu cuidava não ver-vos mais. Se tivesse morrido, teria proferido o vosso nome ao expirar. Eis a historia do meu amor.

Laforet deteve-se. As suas palavras tinham um tanto de inflexivel, que fez estremecer a joven.

—Oh! exclamou esta, desejaria merecer-vos menos explicações. A desgraça é digna de respeito.

—Devo concluir, Gabriela, respondeu o official, sempre rigido e immobil, não revelando no exterior a tormenta que no peito lhe estalava.

Unicamente, de quando em quando, brilhava-lhe no olhar um como relampago que illuminava as trevas em que tinha a alma submersa.

—Devo concluir, proseguiu em tom glacial. Quando me nos pensava encontrar-vos, eis que tenho a felicidade de ver-vos em uma solitaria casa de campo. Já vos disse alguma cousa a este respeito. Eu dirigia-me ali, a fim de prender um delinquente: em minha mão estava deixar-vos ou não em liberdade. Deixando-vos livre, tornaria a perder-vos, como a perola no fundo dos mares da India: prendendo-vos, podia ver-vos, fallar-vos, conseguir uma esperança, ainda que a minha acção fosse selvagem e atroz. O amor é egoista e cego. Optei pela pratica que convinha aos meus desejos. Privei-vos da liberdade, trouxe-vos para esta maldita casa, porque na ampla esphera de luz nunca poderia conseguir approximar-me de vós. Eis o motivo porque nos achamos em frente um do outro: ajuizae, pezae no intimo do peito a minha conducta, e dizei-me se ella merece castigo. Uma palavra de esperança

será sufficiente para se abrirem as portas d'esta prisão, e saireis d'aqui como um anjo de felicidade, como o nuncio do porvir. Meditae bem, Gabriela. Reflecti que, se tenho sido criminoso, foi porque vos amo com delirio, porque vos adoro com toda a força da minha alma apaixonada.

—Logo, é um pacto que me propondes? perguntou a joven fitando n'elle os seus olhos negros.

—Sim.

—O carcere, se não vos amar: a liberdade se vos corresponder?

—Exactamente.

—Pois bem, acceito a prisão. Tenho respondido, disse Gabriela com extraordinaria altivez.

Laforet soltou um suffocado grito.

—O' Gabriela! Isso é horrivel.

—Pouco me importa.

—Cavaes um abysmo a vossos pés.

—A virtude não pode temel-o.

—Mas dizei-me, pensastes bem n'essas palavras?

—Sim.

—E não vos retractaes?

—Nunca.

De uma agitação, cujos resultados nãe era facil medir, Laforet passou a uma tranquillidade apparente.

Parecia ir-se petrificando gradualmente. Esta placidez aterrou Gabriela, mais do que a exaltação d'este homem temivel.

—Está bem, murmurou Laforet com voz reconcentrada. A ultima palavra que pronunciastes cerra as portas á esperanza, e destroe a vossa felicidade. Não me amaes? Pois bem. Agora, que já vos contei a historia do passado, relatar-vos-bei tambem a historia do futuro. E' necessario apurar até á ultima gota o calix da amargura. Escutae.

—Ouvirei, já que não posso deixar de ouvir, respondeu a joven reunindo todas as suas forças.

—Cuido, senhora, que não esqueceste uma cousa.

—O que?

—Que sois minha prisioneira, ou melhor, uma prisioneira de guerra.

—Não é possível esquecer o que se sente, cavalheiro.

—Pesa sobre vosso pae uma accusação enorme: resistencia consummada ás tropas do exercito imperial. Igual accusação existe contra vossa mãe, contra vós e contra toda a vossa familia.

Grabiela foi perdendo toda a firmeza ao ouvir as lugubres expressões de Laforet.

—Está bem, murmurou.

—Não sabeis, senhora, como as leis militares punem toda a resistencia á mão armada?

—Ignoro.

—Com a pena de morte.

A joven começou a crer que estava em poder de um verdugo.

—Meu Deus!

—E' preciso que me ouças. Já vedes que negro quadro se offerece á vossa vista. Vosso pae está preso em França, em resultado de um atrevido projecto que não ponde levar a cabo. Bastará, Gabriela, que eu, que tanto vos adoro, escreva um relatorio, manifestando que o barão de San Yuste foi aquelle que defendeu o seu castello contra as forças de meu commando, para que se lhe forme um conselho de guerra, e seja passado pelas armas.

—Oh! exclamou a joven, caindo de joelhos, pois já não tinha forças para conservar-se em pé; vós, cavalheiro, não fareis tal. Não concebo que tenhaes entranhaes de trige.

Laforet desprendeou um sinistro e habitual sorriso.

—Proseguirei, Gabriela. E' preciso que saibaes tudo. Amaes vossa mãe ?

—Se a amo ! Senhor, appello para o vosso coração; respondei vós mesmo.

—Tendes razão, murmurou Laforet. Porém o que está determinado tem de succeder. Vossa mãe, Gabriela, pode ser victima como vosso pae... pode ser sentenciada. Já vedes: isto é horrivel.

—Sim, horrivel !

—Ficareis só em meu poder; porque então só Deus vos pode acudir. Não haverá força humana que vos ampare, familia que vos escude, nem protecção que vos defenda. Então— porque necessario é que vos diga que tendes de ser minha— por vontade ou por força hei de arrancar-vos esse amor que me negaês; sereis minha amante já que não quereis ser minha esposa; e vivereis ao lado do homem, que teve de manchar-se no sangue de vossos paes, para buscar essa felicidade sonhada, essa illusão appetecida, esse goso supremo. Calculae quanta é a intensidade d'este amor, que me faz perder a dignidade de homem, para descer ao aviltamento de verdugo da vossa familia. Ah ! não me obrigueis a chegar ao fundo d'esse abysmo.

E Laforet, caiu de joelhos, com o olhar desvairado pela angustia, cruzando as mãos em attitude supplicante.

Gabriela chorava. As palavras que ouvia causavam-lhe o tormento de um pesadelo; sentia faltar-lhe o alento, e desejava morrer.

—Por piedade ! exclamou por fim; não sacrifiqueis os meus pobres paes: sede humano, absteende-vos d'essa terrivel exposição.

—Não ha remedio. Vós, tendes de ser juiz, decidi. Nas vossas mãos está tudo, vida, porvir, felicidade, morte, infamia e desesperação. A minha resolução depende da vossa vontade; seguirei o caminho que me apontardes.

—Então não ha outro meio de evitar a desgraça que me aguarda? Exigis-me o que eu não posso conceder-vos! Oh! aqui me tendes de joelhos. Que quereis de mim? O meu coração? Não me pertence. A vida de meus paes? Elles nunca consentiriam na minha abjecção, ainda quando estivessem ao pé do cadafalso. Cavalheiro, o pacto que me propondes, é um pacto infernal, só proprio de uma alma de fera. Regeito, sejam quaes forem as consequencias que sobrevenham.

E dizendo isto, levantou-se com tal orgulho, que o proprio Laforet ficou assombrado.

Depois, este soltou do peito rancoroso rugido.

—Quereis dizer, que acceitae a minha condemnação?

—Acceito o que nós as hespanholas veneramos com idolatria: a honra.

—Muito bem, Gabriela: agrada-me a franqueza com que fallastes n'esta situação extrema. Se não succedera assim, ter-nos-iamos illudido. Principia a lucta: veremos quem vence. Eu prefiro a morte a perder a doce illusão do vosso amor. Poderia, valendo-me da minha posição, abusar das vossas forças, e fazer-vos minha escrava; porém, amo-vos mais, activa e forte, que humilhada e rendida. Acabemos, senhora, esta entrevista.

—Sim, acabemos. Horrorisam-me essas expressões, respondeu a joven.

—Quero, antes de separar-nos, dizer-vos que mediteis nas consequencias. A despeito da vossa tenacidade, estaes em meu poder; e juro-vos que tarde ou cedo haveis de ser minha.

—Essa certeza pode falhar.

—Tendes fé em que succederá o contrario?

—Tenho.

—Quem vol-a dá?

—Deus, que é o pae dos afflictos.

E a formoza donzella apontou para o ceo a través dos ferros de uma grade.

Laforet retrocedeu. Se ali permanecesse por mais tempo, houvera perdido a sua feroz energia.

Contemplou-a com magoa e ausentou-se.

Quando Gabriela se viu só, faltaram-lhe as forças.

Deu um grito e caiu desmaiada.

CAPITULO V

DESAFOGO DE UM PRISIONEIRO

Afastemos a vista de tão repugnante quadro.

No amago da sociedade ha asquerosas ulceras, que aterram o coração humano, e custa a conceber a existencia de tanta malvadez.

Ainda sim, somos obrigados a confessar que existe essa gangrena, que assassina a virtude, e eleva o vicio ao throno fundado em crimes e maldades.

Nós, ao menos para que se aborreçam essas horrendas maculas, temos de apresental-as com toda a sua nudez, como fieis narradores.

Conhecemos a maxima de La Rochefoucauld, que diz:

«Os homens são como as estatuas; é preciso vel-as no seu lugar.»

E' por este motivo que descrevemos factos que espantam, mas que nem por isso perdem cousa alguma da sua verdade.

Continuamos pois o nosso trabalho, sem pretensões a moralisar de uma maneira dogmatica.

Transportemo-nos do carcere da Corte ao antigo quartel de S. Matheo, onde está o valente Anselmo.

Este edificio está situado n'uma das extremidades da capital. E' um espaçoso parallelogrammo rectangulo, com dilatadas naves, extensos pateos, grandes armazens e prisões seguras.

Offerece uma apparencia sombria e lugubre.

Por um lado confina com estreitas ruas pouco concorridas, que formam uma pequena rede com a *calle del Barquillo* e com a *de Hortaleza*: pelo outro communica com a *calle del Arco de Santa Maria*; e pela frente tem a rua d'onde tira o nome.

O ar parece comprimir-se n'aquelles logares.

Abafado de um lado pelas alturas de Santa Barbara e pelos templos que ali se erguem, não se pode estender a vista em busca de horisontes espaçosos, onde nada a luz em jorros de ouro que despede o sol.

O tosco muro, que se estende ao longo da *calle del Barquillo*, corta com uma parallela tão limitado espaço, e unicamente as frescas copas de algumas acacias e castanheiros da India, que á maneira de gigantes destacam no fundo, recortam o azul do ceo em caprichosas e fantasticas ondulações.

E' este o unico ponto de vista que pode dar algum recreio aos habitantes d'aquelles bairros. Pelos outros lados só se vêem telhados erguidos uns sobre os outros, e terraços onde apparece de vez em quando alguma mulher a enxugar roupa branca.

Anselmo fora conduzido a uma prisão, d'onde se avistava o sombrio panorama que descrevemos.

Por uma grade de ferro contemplava os primeiros rebentões das arvores sob o doce bafejo da primavera.

Tinha uns vinte pés de longitude por doze de largura, para girar n'esta casa, como uma fera encerrada em jaula: podia ouvir os passos de uma sentinella que passeava do lado de fóra da porta; e collocado á grade, baixando a vista, era-lhe facil descobrir um pateo, onde os soldados francezes se empregavam nos seus exercicios habituaes.

O prisioneiro observára tudo isto. Deixando-se dominar pelos tristes acontecimentos da sua vida, olhava com indifferença, e até com tedio para quanto o rodeava, porque o seu pensamento estava n'outra parte.

Anselmo era um d'esses typos leaes, que mais sentem as desgraças da sua familia do que as proprias. Elle era homem, estava acostumado ás vicissitudes mais acerbas da existencia, e tinha valor para resistir a toda a casta de desgraças. Porém quando se recordava da baroneza, de sua filha e de Tula, envolvidas por sua causa—assim o cria o desgraçado—nos horrores de um processo militar, soffria de um modo cruel e doloroso.

Assim decorreram muitos dias. Sepultado no mais duro isolamento, ignorava o que lhe succederia, e o que pensavam fazer d'elle.

Por mais repugnante que nos seja a obscuridade de um calabouço, chega um momento, em que a alma com ella se identifica. O preso busca na sua soledade alguma cousa que lhe faça parecer menos longas as horas de desesperação e agonia; d'aqui resulta converter-se o mais insignificante objecto em uma distracção, tanto mais agradável, quanto é horrorosa a realidade que nos opprime.

N'aquelles dias sem fim, em que Anselmo passava as horas em mortal abatimento, principiou a mitigar a sua dor com o que mais se amoldava ao seu character.

As arvores que alçavam os ramos sobre os muros da *calle del Barquillo*, a aprazivel verdura de que se iam vestindo,

eram para o prisioneiro um goso, que lhe trazia á memoria os dias, em que lhe sorriam, livre em seu paiz natal, as esplendidas galas da natureza. Ás vezes, inebriado por estas recordações, contemplava o azulado firmamento por entre as floridas copas das acacias, e parecia-lhe ver o limpido e puro ceo, que lhe havia embalado o somno infantil, e lhe acalentára a juventude.

Não admira, pois, que a vista d'aquellas arvores fosse para elle um pequeno paraizo.

Seguia com afan o brilhante desenvolvimento da sua vegetação. Todas as manhãs levantava-se ao romper da aurora, para ouvir o buliçoso e alegre canto das aves, que fabricavam os ninhos entre os ramos. Depois, á hora do crepusculo vespertino, via-as volver enviando o cantico de despedida ao sol poente.

A desgraça torna os homens poetas.

Anselmo, collocado á miuda grade do seu carcere, espreitava o nascer da lua, porque ao clarão d'esta doce companhia da soledade, ha consolações desconhecidas que vem animar-nos.

A lua era para Anselmo uma terna irmã, a quem contava as suas desditas.

Acontecia muitas vezes, que, na occasião de elevar-se o pallido disco a través da perfumada ramagem das acacias, um rouxinol começava o seu harmonioso cantar.

Não pode haver melodia mais sublime, mais terna, mais expressiva, que os trinados amorosos d'esta ave. São o echo das brisas, o pranto da natureza, a harpa da criação.

Anselmo adormecia enlevado por tão fagueiras impressões. Esquecia a existencia e o porvir.

Mal cuidava o pobre preso que em uma d'aquellas noites o seu extasis duplicaria.

Acabava de cantar o rouxinol, quando se lhe afigurou ouvir os sons de uma guitarra, esse instrumento hespanhol

tão suave e apaixonado. Saía-lhe das cordas uma d'essas melodias meio arabes meio andaluzas, que só podem comparar-se com os suspiros de uma odalisca, ou com as lagrimas de uma dama enamorada.

As notas fugitivas iam cravar-se no coração de Anselmo.

De subito, ergueu-se uma voz vibrante e melodiosa. Cantava uma especie de romance semelhante a um Maquiato da Australia, uma aria parecida com as harmonias de Auber, uma canção africana, uma *endecha* da Andaluzia.

A letra era semelhante á musica: ligeira e fugaz como um perfume.

Dizia assim:

—
Quando surge a meiga lua,
Branca pomba, em ceo fulgente,
Taciturnas almas cinge
D'alva aureola resplendente.

Ao desditoso

Dá baça luz

Suave goso.

—
Matutina aura fragrante,
E' p'ra nós prazer, ventura,
Rescendente puro aroma,
D'embriagante doçura.

Bem como a brisa,

Nossa esp'rança,

Velóz desliza.

—
Onde estás; sagrado Iris
Do incerto meu porvir?
Sepultado em negro abysmo,
Já não podes mais surgir.

Fugaz no ceo
A minha estrella
Desappar'ceu.

—
Illusão tão passageira,
Qual a nuvem que esvaece,
De minha esp'rança fagueira
E's imagem que fenece.

Minha dita, adeus p'ra sempre.
Que ás brisas meus lamentos,
Meus suspiros, prantos, dizem
De minha alma os soffrimentos.

Era tão terna a voz, tão cadente a harmonia, tão melancolico o acompanhamento, que Anselmo, que tambem soffria como essoutra alma desolada, sentiu uma attracção irresistível para aquelle poema aereo, que se dissipava lentamente.

Esperou, mas a voz não se fez mais ouvir.

No dia seguinte não desviou os olhos do mysterioso muro, onde soára a canção que o havia extasiado; mas foram de balde todas as suas observações.

Na noite immediata o pobre Anselmo teve a ventura de ouvir repetir a balada que tanto desejava, ao som da harmoniosa guitarra.

Pensou elle que quem assim cantava buscava conforto na sua propria desgraça. Parecia-lhe que do outro lado d'aquelle muro havia um coração martyrisado pelo infortunio; uma alma envenenada; um ser abandonado, sem esperança, talvez abysmado na negra noite da desesperação.

Já dissemos que a desgraça torna os homens poetas.

Anselmo sentiu-se attrahido para a pobre mulher, que todas as noites entoava aquella balada dolorosa, como um al-

lívio a seus males. Filho das montanhas, creado entre as pedreiras do mar, tinha certa inspiração no peito, que podia converter-se em torrentes de harmonia.

Esperou uma noite ouvir a habitual canção, e quando ella terminou, entoou a seguinte trova, empregando o pathetico estylo que se usa nas rochas do seu paiz:

—
Ao teu canto magoado
Te responde um coração,
Que aqui soffre o que tu soffres,
Em acerba solidão.

—
Encerrado, as longas horas,
Conta o triste na prisão.
Não lhe resta esp'rança alguma,
Só de Deus a compaixão.

—
Se recorda a sua vida,
Luz que a noite escureceu,
Do presente a magoa chora,
O passado que perdeu.

—
Hoje ao som de teus lamentos
Despertei de meu torpor;
Se tu és desventurada,
Mais que a ti me fere a dor.

Anselmo esperava estabelecer uma correspondencia entre elle e a dama infortunada, por meio d'aquelles cantos que a dor lhes arrancava dos corações.

No dia seguinte notou que o não enganava a esperanza. A través da ramagem que tinha diante, e a uma janella de

uma casa, que parecia unida aos muros do jardim, viu uma dama que o observava com curiosidade.

Era uma encantadora joven. Anselmo não a conhecia; mas os nossos leitores, se fixarem n'ella a sua attenção, reconhecerão a interessante donzella, filha adoptiva da condessa de Segalvo, a protegida do conde de Malvar, a amante de Genaro, Mathilde, finalmente.

Ouvira o canto de Anselmo, e sentira-se attrahida para aquella desventura, que parecia uma reproducção da sua.

Mas como estava Mathilde ali?

A resposta é facil. Aquella janella pertencia a um magnifico edificio, que o conde de Malvar possuia. Mathilde esperava o regresso do seu protector e do seu amante.

Servida por duas velhas donas de rigidos costumes, entregues, na soledade que a cercava, aos mais angustiosos pensamentos; ignorando qual seria a sua sorte; sem noticias do joven a quem dedicava todo o seu carinho; sem saber onde existia o conde; duvidando do porvir, e descrendo da fê nas promessas recebidas, via deslizar os dias, sem que nem um bafejo tenue de felicidade vivificasse a desbotada flor da sua esperanza.

As lagrimas foram dadas por Deus aos desgraçados, para linitivo de corações magoados.

Mathilde teve compaixão d'aquelle homem, que adivinhara os seus pezares; e quando o avistou a través dos ferros de um calabouço, não deixou de partilhar em silencio as suas penas.

Todavia, não tornou a cantar, já porque fora surpreendida nos seus mais intimos pensamentos, já porque não queria augmentar o martyrio, a que parecia condemnado o desditoso preso.

Unicamente dominada pelo sentimento divino da caridade, que é innato na mulher, tratou de informar-se, por suas donas,

de quem era aquelle infeliz. Estas dirigiram-se ao quartel, e indagaram, conseguindo por fim saber, que era um hespanhol, que luctára contra alguns francezes occasionando um motim.

Sabia-se geralmente a sorte dos presos por este crime.

Isto duplicára o interesse de Mathilde; e como lhe era impossivel mandar-lhe soccorro algum humano, contentava-se com assomar á janella, donde se via perfeitamente o carcere de Anselmo.

Ali passava horas inteiras, em quanto as aves, saltitando de ramo em ramo, entoavam por cima da sua cabeça alegres hymnos.

Isto passára a ser habitual.

Um dia Anselmo, que da sua grade contemplava a linda joven, a enviar-lhe, qual anjo celestes, olhares de compaixão por entre as arvores do jardim, sentiu o ruido de numerosos passos ao pé da porta da prisão.

Este rumor era desuzado, e por isso lhe chamou a attenção. Ouviu correr os ferrolhos. Não era a hora, em que um carcereiro lhe trazia em suja marmita a mal preparada comida, e ficou com o olhar fito na porta.

Ao cabo de um segundo abriu-se esta, e appareceu no obscuro corredor um general, alguns officiaes e um piquete.

Os soldados ficaram formados no corredor, e os officiaes foram entrando atraz do general.

Anselmo poz-se de pé.

O sol entrava pela janella, derramando o seu jucundo resplendor por aquelles semblantes satisfeitos.

O general encaminhou-se para a grade.

Era Maurice Mathieu.

Estava pallido, e parecia que o magoava um pezar secreto.

—E' este o preso, cuja causa se ha de ver no conselho?

perguntou dirigindo-se a um capitão, que trazia alguns papéis debaixo do braço.

—Sim, senhor; respondeu o official inclinando-se.

Quem respondeu era o fiscal do conselho de guerra.

O general olhou para o mancebo com attenção.

—Que delicto commetteu?

—O de sedição.

—Ah! Bem sei: é o que feriu uns soldados francezes na *carrera de San Geronimo*.

—Sim, senhor.

—N'esse caso, serve de base ao summario a parte dada por mr. Laforet. Prosigamos na visita: ha ainda muitos presos?

—Uns vinte.

—Vamos lá.

Mas n'este instante os seus olhos vagando ao acaso, como quem tem o espirito occupado por pensamentos diversos, fixaram-se no limitado espaço que se avistava da grade da prisão.

Primeiramente viu o pateo, onde os soldados se entretinham nos seus jogos: logo a negra barreira que formavam os telhados e terraços: o muro da *calle del Barquillo*, o espesso arvoredado que destacava aprasivelmente sob um ceo azul, limpo e brilhante; e finalmente, descobriu a janella, onde Mathilde passava as horas do dia.

Viu uma mulher junto d'aquella janella.

Maurice Mathieu não prestaria attenção a esta circumstancia, se a dama não levantasse n'este momento a fronte, que um raio de sol lhe coroou de luminoso resplendor.

Então o general soltou um suffocado grito. Acabava de reconhecer a galante joven, que julgava perdida para sempre.

—Oh! Mathilde! exclamou em voz baixa, esquecendo-se de que estava desempenhando um dever proprio do cargo que exercia.

E ficou immovel por alguns instantes devorando-a com abrazador olhar.

Os officiaes cuidaram que o general inspeccionava a posição do quartel, e observava se o calabouço prestava segurança sufficiente.

Só Anselmo comprehendeu, que se passava no coração d'aquelle homem alguma cousa extraordinaria.

Entretanto Maurice Mathieu parecia fascinado. Todo o seu amor d'outr'ora despertou com dobrada violencia. O volcão, que se julgava extincto, rebentou de repente, e o general só pensou na mulher que tanto adorava.

—E' ella! é ella! disse elle de novo. Necessito vel-a.

Depois retirou-se da grade com o semblante pallido e contrahido, e dirigiu-se aos seus officiaes.

—Quantos presos dizeis que nos faltava visitar? perguntou em voz alta ao fiscal.

—Uns vinte, meu general.

—De consideração?

—Sim, senhor.

—Não importa, amanhã continuará a visita. Por hoje fica interrompida.

Os officiaes olharam uns para os outros, não sabendo a que attribuir tão repentina mudança.

Maurice Mathieu, sem mais explicações, saudou e saiu.

A porta do calabouço foi novamente fechada, e Anselmo ficou submerso na sua desgraça.

CAPITULO VI

FOGO SOBRE FOGO

Sigamos o general.

Interessa-nos ir apresentando, como em uma exposição funebre, todos os nossos personagens.

Deixemos Anselmo no seu carcere, Mathilde á sua janella, e a afflicta familia do barão de San Yuste no sombrio carcere da Côrte.

Maurice Mathieu montou a cavallo e partiu a galope para a rua de Alcalá.

O pensamento fixava-se-lhe em um unico ponto: visitar immediatamente a condessa de Segalvo.

N'aquelle tempo, o palacio de Alcanices não era o centro das intrigas da côrte; não era o ponto de reunião dos homens mais addictos ao partido dominante; nem a assemblea, onde, sob uma brilhante apparencia, se conjurava e luctava contra o poder hespanhol.

A condessa tinha caído em desgraça.

Desde a aventura de Valencey, onde tão triste ideia dera de seu talento, e desde a desappareição da sua filha, a condessa vira-se isolada, sem amigos e sem conselleiros.

Duas ou tres vezes tinha tratado de rehabilitar-se; porém nada poudo conseguir. Condemnada ao esquecimento, unicamente poudo obter que se lhe pagasse a pensão, que lhe fora destinada como agente secreta do governo.

Assim tinham corrido dois annos desde a ultima vez que a vimos no castello de Valencey.

A mesma desgraça não lhe permittia occupar-se dos fingidos Juan Thibaud e mr. Bignon. Devorou o novo ultraje que o conde de Malvar lhe lançara em rosto, sem que ella podesse devolver o rude golpe, que aquelle homem singular lhe dirigira.

Dominada por esta ideia, que nunca se lhe ia da mente; só nos extensos salões do seu palacio; temerosa de ver surgir repentinamente, no momento menos esperado, a sombria imagem do seu perseguidor, esta continua agitação tornara-a mais lugubre, os seus pensamentos mais agrestes, o seu coração mais grosseiro e soberbo.

Tal era, n'este tempo, a condessa de Segalvo.

Tendo perdido o costume de ser visitada, não foi insensível ao ver abrir-se a porta do salão em que entrava o general Maurice Mathieu.

A appareição d'este homem era um acontecimento singular.

Deu repentinamente uma outra expressão ao rosto, bem semelhante ao camaleão mudando a côr, e não deixou de sentir intimamente uma extrema alegria; porque, fosse qual fosse o fim da visita d'este homem, sempre havia n'ella um principio de rehabilitação.

A condessa tinha bastante perspicacia, para não perder a

menor particularidade que podesse dar-lhe luz, e encaminhal-a ao fim que lhe convinha.

Estudou a physionomia do general, e agradou-lhe a pallidez que lhe notára.

—Senhora, disse este, cumprimentando com maneiras muito graves, permitti-me que altere a tranquillidade do vosso retiro, ao menos em lembrança da nossa antiga amisade.

Estas palavras nada significavam; mas a condessa viu muito n'ellas.

—Vós, general, tendes o direito de perturbar a todas as horas a doce quietação da minha vida retirada. Que feliz acaso vos conduz ao lado da vossa constante amiga?

E a condessa, dizendo isto, procurava conhecer o fim d'aquella visita.

—Ha dois annos, condessa, quando partistes para Paris ou Valencey, dissestes-me uma palavra que nunca esqueci.

—Que palavra é? perguntou a condessa.

—*Esperae*.

A condessa sorriu-se e mordeu os labios.

—Tendes excellente memoria.

—Talvez, senhora, disse o general cada vez mais grave.

—Que quereis dizer com isso!

—Creio que não esquecestes que aquella palavra era uma promessa.

—Com effeito, era.

—E quando a cumprireis?

—Quando se proporcionar occasião.

O general sorriu-se e cravou scintillante olhar no rosto da dama.

—Bem sabeis, disse com voz pausada e um pouco solemne, que eu amava vossa filha Mathilde.

—E' verdade.

—Que me promettestes mais do que deve prometter uma mãe.

—Tambem é verdade.

—Mas chegou um dia em que Mathilde desapareceu. Não é assim?

—E', cavalheiro.

—Perguntei-vos por ella, porque a amava; e vós respondestes-me que não era conveniente que eu a visse durante algum tempo. Passados dias, e como Mathilde não apparecia, insisti-vos com dobrada perseverança: dissestes-me então, que em quanto eu estivesse de cama, curando-me d'aquella ferida que recebi em um desafio, Mathilde tivera de fazer uma viagem.

—Tendes razão.

—Então, offerecestes-me o seu amor, a sua pessoa, que sei eu! Então dissestes-me: *esperae*; e já vedes se tenho esperado. Hoje o meu amor é tão violento como d'antes; tenho no coração a mesma ardencia: decorreram dois annos, e agora venho procurar-vos, para cumprirdes as vossas promessas.

O francez, cada vez mais pallido, olhava para a condessa com persistencia.

—E' esse o motivo da vossa visita? perguntou esta com visivel mau humor.

—Sim, condessa.

—Sendo assim, já tive a honra de dizer-vos o que o meu dever me ordena.

—Isto é, não chegou ainda a occasião?

—Justamente.

Maurice Mathieu sorriu-se com certo desprezo que atrevou a condessa.

Então quereis dizer que a vossa filha ainda não voltou da sua viagem? perguntou com voz tremula.

—Não voltou.

A paixão, a colera e os zelos d'este homem fogoso estalaram de repente.

—Senhora, exclamou na maior exaltação, estaes mentindo de um modo indigno.

A condessa ficou assombrada.

—Dizeis que minto!

—Sim. Posso provar que mentis. Vossa filha está em Madrid. Cuidaes que o ignoro? Ah! provavelmente vendestes-lhe a honra, como noutro tempo tratastes de commerciar com ella para saciar a vossa ambição.

A condessa deu um grito. A noticia que acabava de ouvir, era muito importante e transcendente. Descoberto o escondrijo de Mathilde, era-lhe facil apoderar-se d'ella, e tornar d'este modo a atrahir ás suas salas os ambiciosos e libertinos, que n'outro tempo as frequentavam.

Olhou para o rosto do general, e viu n'elle impressa a expressão da verdade.

Não podia continuar a mentir para sustentar o seu antigo prestigio.

—Cavalheiro, disse, dando á sua linguagem uma expressão de sincero pezar, até agora tive força para guardar no fundo do meu coração os segredos da minha familia. Sabido isto, devo-vos uma explicação franca e sem rebuço; mas com uma condição.

—Qual é? perguntou o general.

—Correspondereis com igual franqueza.

—Acceito.

A condessa indicou uma cadeira ao general.

Este sentou-se sem dizer palavra.

—Fui constrangida a faltar á verdade, cavalheiro, disse a condessa, para attender a conveniencias sociaes. Agora, escutae-me. Certo dia apresentou-se em minha casa um cavalheiro.

—Como se chamava?

—O conde de Malvar.

O general passou a mão pela frente.

—Acaso o atrevido hespanhol, que tanto ruido tem feito com a sua arriscada aventura de Valencey?

—O mesmo

—Continuae.

—Esse homem soube dominar o coração de minha filha, e...

—E que? perguntou Maurice Mathieu extremamente agitado.

—E levou-a comsigo.

—Senhora, estaes inventando uma nova comedia?

—Digo-vos a verdade. Motivos alheios ao assumpto de que tratamos, me impediram de reclamar minha filha. Ella procurava emancipar-se, e acceitou a protecção do conde. Depois parti para França, e quando voltei julguei Mathilde perdida para sempre.

—Oh!

—Deixae-me concluir, proseguiu a condessa. Todas as pessoas que a amavam perguntaram-me por ella, e então tive de mentir. Um dos enganados fostes vós, general, e agora, mais afortunado do que eu, conseguistes o que por tanto tempo não tenho podido lograr.

—Terminastes? perguntou Maurice Mathieu.

—Sim.

—Quero crer-vos, senhora. Porém haveis de convir, que é bem estranhavel separar-se uma filha de sua mãe, a não haver para tal rompimento imperiosas causas.

—Essas causas existem.

—Acaso...

O pensamento do general foi quebrar-se de encontro ao rigido olhar da condessa.

—Não julgo, disse esta, que tenhaes direito de sondar os meus intimos mysterios.

—Dizeis bem. Commetti uma imprudencia, causada certamente pela perturbação em que se acha o meu espirito. Estaes, pois, no caso de exigir de mim franqueza igual á que me haveis promettido.

—Eu unicamente desejo saber onde está Mathilde.

—Já vol-o disse: em Madrid.

—Em que logar?

—Nem eu sei.

—Que dizeis?

—Explicar-me-hei. Vi-a n'uma janella, a través de umas arvores.

—De que sitio a vistes?

—De um calabouço do quartel de San Matheo.

—E essa janella?..

—Pertence a um edificio cercado com um muro.

—E não sabereis designar-me o ponto onde se encontra esse edificio?

—Não.

—E o muro?

—Proximo á rua del Barquillo.

A condessa pareceu reflectir.

—Se isso assim é, depressa daremos com o seu escondrijo, exclamou com voz surda.

—E se o descobirdes, senhora? perguntou Maurice Mathieu, fitando n'ella os seus olhos negros.

—Obrigarei minha filha a voltar para meu lado.

—E se ella recusar?

A condessa soltou uma gargalhada sardonica.

—Creio que não se opporá aos meus desejos, ainda que me é indifferente a sua determinação.

—Nesse caso, esperarei o resultado das vossas operações.

—Que quereis dizer com isso?

—Serei claro, respondeu o general. N'outro tempo offerecestes-me o seu amor: fizemos um pacto de mutua conveniencia.

—E que mais?

—Será preciso renovar-o agora.

—Cavalheiro, já passaram dois annos, e durante este periodo tem variado as circumstancias.

—Isso é uma negativa?

E olhou para a condessa com gesto ameaçador.

—Não é uma negativa; mas tambem não é uma esperanza.

—Quereis, pois, dizer que a nossa alliança está annullada.

—Talvez.

—Condessa!

—General!

E ambos se observaram, como se pretendessem devorar-se mutuamente.

Em assumptos de tal natureza nada se consegue deixando-se arrebatar da colera. O general assim o entendeu, e por isso, occultando o despeito sob um prazenteiro sorriso, disse:

—Perdoae, condessa: amo muito vossa filha, e só tenho pensado na minha paixão, sem dedicar-me a outras cousas de importancia. Fallemos como é preciso. A minha alliança torna-vos a habilitar, senhora: posso conseguir que tomeis parte, como antigamente, nos negocios politicos, que tanto vos agradam: posso elevar-vos novamente á sublimidade que n'outro tempo gosastes: se necessitaes ouro, tambem posso satisfazer a vossa ambição: se gostaes das intrigas do paço, podereis tambem tomar grande parte n'ellas. Finalmente podeis ser

aqui o que foram em França madame Roland, madame Stael, e madame Tallieu. Tenho na minha mão a chave do vosso porvir. Creio que não desprezareis.

A condessa olhou para o general sorrindo-se.

—Talvez não accite, disse ella.

—Não accitaes a minha proposta?

—Não disse ainda, definitivamente, não.

—Mas tambem não dissestes sim.

—E' verdade.

—Ah! comprehendo-vos, exclamou o general dominado novamente pela colera. Quereis ver quem vos offerece melhor partido?...

O golpe era certo. A condessa perturbou-se.

—Cuido que nos conhecemos, disse ella. Todavia devo dizer-vos uma cousa.

—Dizei.

—Vós buscaes o amor?

—Sim.

—Pois, cavalheiro, superior a essa ambição que descobris em mim, nutro sentimento mais poderoso.

—Qual é?

—A vingança.

—A vingança!

—Nella se firma o mysterio da minha conducta.

A dama estendeu a mão com sombria magestade, e ao mesmo tempo nos seus olhos irradiavam sensações desconhecidas.

Maurice Mathieu conheceu que no fundo d'aquella alma havia um abysmo, e retirou-se horrorisado.

CAPITULO VII

COMO A ARANHA PRINCIPIA A FABRICAR SUA TEIA

Logo que a condessa Francisca Hipolita Neira de Yusa se viu só, soltou do peito todo o ar que n'elle comprimira.

A descoberta do escondrijo de Mathilde era para ella talvez o mais fausto acontecimento da sua vida. Poderia vingar-se do conde de Malvar, e poderia ainda reconquistar o seu antigo prestigio, não se valendo do cego amor de Maurice Mathieu, a quem ia entretendo com enganadoras palavras, mas tirando partido da paixão, que em tempo vira brilhar nos olhos de José Napoleão Bonaparte.

A difficuldade consistia em tornar a conquistar, não o affecto de Mathilde, porque isso era impossivel, senão a sua credulidade e singeleza. Depois, era-lhe facil attrahir o rei, e o mais conseguir-se-ia com o tempo.

Mas como havia d'ella principiar as suas operações?

A condessa encontrava n'isso difficuldades.

Ainda assim, nas almas atrevidas não dura muito a per-

plexidade. Para conseguir o seu intento, era necessario arriscar tudo.—Meditou sobre o assumpto, e tomando uma resolução, mandou preparar a carruagem.

N'um instante se vestio de preto. Deu ao semblante uma expressão sentida, como se o desengano e a decepção nas cousas mundanas a ferissem no coração, e saiu do palacio.

O cocheiro recebeu ordem de encaminhar-se á rua del Barquillo, e poucos minutos depois tinha chegado.

No sitio onde se acha o quartel de San Matheo, começou a convencer-se de que o general não a tinha enganado. Viu os muros, por cima dos quaes fluctuavam os ramos das acacias e dos castanheiros da India, e adivinhou o edificio em que habitava Mathilde.

A condessa deparou com um escuro portal onde um pobre sapateiro trabalhava com todas as suas forças, e descendo do coche, encaminhou-se para a miseravel loja.

O sapateiro estava cheio de fome como todo o povo n'aquelle tempo. A vinda d'esta senhora pareceu-lhe de excellente agouro.

Deixou cair as ferramentas, e olhou para a condessa.

A fidalga sorria satisfeita.

—Perdoae, amigo, lbe disse ella approximando-se: vejo-me obrigada a importunar-vos com algumas perguntas, a que desejava me respondesseis.

—Senhora, disse o digno discipulo de S. Chripim, fazendo ao mesmo tempo tres cortesias; desde já estou ás vossas ordens. Em que pode agradar-vos o vosso mais humilde creado?

—Dizei: sois d'este bairro?

—Sim, minha senhora.

—Ha muito tempo que viveis aqui?

—Meu pae deixou-me por unica herança esta banca e estas ferramentas no mesmo sitio em que as vedes.

—Ah! agrada-me a resposta. Quereis dizer que toda a vida a tendes passado aqui?

—Certamente.

—N'esse caso, haveis de saber quem é o proprietario d'estes muros que temos diante.

—Não tem proprietario.

—Não?

—E' como digo.

—Então a quem pertencem?

—Ainda não se sabe.

—Causaes-me admiração.

—Assim será, porém digo-vos a verdade.

—Mas como é isso?

—O antigo proprietario fez renuncia de todos os seus bens.

—Ah!

—E por isso ficaram com a qualificação de deposito, até que chegue a certa idade o presuppuesto herdeiro.

—Porém, em resumo, a quem pertenceram?

—Ao excellentissimo senhor duque de Panafiel.

—Panafiel! exclamou a condessa reflexionando. Ah! é elle sem duvida. Tinha outros titulos esse personagem?

—Sim, minha senhora.

—Lembraes-vos d'elles?

—Não.

—E morreu?

—Vive.

—Onde está?

—Annos ha que se retirou a um convento de benedictinos.

—E' o mesmo, murmurou a condessa.

O sapateiro não comprehendia o motivo d'aquelle interrogatorio: comtudo, não deixava de responder, talvez por ser

este o periodo de loquacidade, por que passam os que teem fome.

—Bem, disse a dama: interessa-me saber, meu amigo, se esse muro corresponde a algum edificio.

—Sim, minha senhora, a um magnifico palacio.

—E por onde se entra para esse palacio?

—Pela rua de Santa Theresa.

—Sabeis o numero?

—Como um papagaio: numero doze.

A condessa conseguira o que desejava. Tirou da algibeira uma moeda de ouro, e disse:

—Muito obrigada, e aqui tendes para um refresco.

Collocou sobre a mesa uma moeda de ouro de quatro duros, e affastou-se da loja, deixando no maior assombro o sapateiro, que se arrojou sobre o dinheiro como um estudante faminto sobre um ceia inesperada.

A condessa mettu-se na sege, e em vez de dirigir-se á rua de Santa Theresa, marcou ao cocheiro caminho diverso.

Este obedeceu com o socego passivo que os distingue, e entretanto a dama entregou-se aos seus pensamentos, aperfeiçoando no fundo da imaginação o plano que se propozera seguir.

Pouco depois parou a carruagem.

O lacaio abriu a portinhola, e a condessa achou-se á porta oriental do Palacio Real.

Ali é que ella queria ir.

Desceu do coche, e dirigiu-se á secretaria de estado, que occupava parte do andar inferior do edificio.

Os porteiros apresentaram-se como para embargar-lhe o passo, se bem que lhe rogaram com modo cortez e attencioso que dissesse o que desejava.

—Necessito fallar a sua excellencia.

Ao senhor ministro?

—Ao conde de Cabarrús.

Os porteiros declararam em côro, que o senhor ministro tinha dado ordens terminantes de que não recebia pessoa alguma.

—Não importa, respondeu a condessa; tende a bondade de dar-lhe aviso de que estou aqui.

—Mas quem sois?

—A condessa de Segalvo.

Este titulo, pronunciado com emphatico tom de voz, caiu sobre as cabeças dos porteiros como um meteóro.

N'aquelle tempo ainda um porteiro não era um personagem.

Correram-se os reposteiros, inclinaram-se as frentes, ensaiaram-se numerosas mesuras, até que a condessa se achou finalmente n'um magnifico gabinete.

Segundo o que acabava de dizer um porteiro, o senhor ministro não tardaria.

—Todavia, passou-se meia hora em expectativa.

Finalmente, abriu-se uma porta particular, e appareceu o conde de Cabarrús, com o semblante um pouco alterado.

—Perdoae, minha amiga, exclamou o ministro, que vos tenha feito esperar. O despacho dos negocios não me deixa um momento livre. Oh! Ha bastante tempo que nos não vemos. Não estivestes em Paris? Não vistes madame Tallieu.

—Não tive a satisfação de chegar a Paris, respondeu a condessa.

—Creio que vos demorastes no caminho. Ah! sim... Deu-se-vos ordem de ir a Valencey... E como saistes d'aquella empreza? Sempre saberieis dar cumprimento á missão, de que vos encarregaram, com o maior tino e prudencia, não é assim? Tendes um talento fino e observador. Mereceis os meus sinceros parabens.

A condessa não sabia que responder.

—Sempre me haveis distinguido com a vossa amizade, disse ella.

—Severa justiça vos faço. Porém que me quereis? Acreditae, o andamento dos negocios é cada dia mais trabalhoso. A fome, a guerra, a administração, e outras mil cousas quebram e aniquilam-me as forças. Nem os trabalhos de Hercules são comparaveis aos meus. O que desejo é pedir a minha demissão, esconder-me em um modesto retiro, e passar os meus dias em completa tranquillidade.

A loquacidade do conde não permittia á condessa declarar o que desejava. Entretanto, quando um ministro falla em demissão, ou é porque pretende enganar por meio de uma fingida modestia, ou porque se condensa alguma tormenta no horizonte da politica.

—Então pensaes em demissão? exclamou a condessa elevando as mãos ao ceo.

—Sim: a tempestade augmenta. Estes hespanhoes são de bronze. Depois, a bondade de Sua Magestade é immensa. Lá para o norte parece que os negocios não correm muito bem. Mas, querida amiga, estou-vos molestando com prolixas narrações de politica, sem lembrar-me que são sempre fastidiosas ao bello sexo. Sem duvida quereis fazer-me alguma confidencia. Paga-se-vos a pensão? Ha alguma cousa que temer?

—Absolutamente nada, respondeu a condessa. O fim da minha visita não tem ligação alguma com os assumptos do estado. E' inteiramente alheio á politica.

—Muito melhor.

—Trata-se unicamente de uma frivolidade.

—Ah!

—Sabeis, Cabarrús, que tenho uma filha?

—Um sol, segundo é fama. A proposito lembro-me de ter ouvido dizer, que a tinheis levado para fora de Madrid. Permitti, querida amiga, que vos diga, que procedestes com

excessiva ligeireza. Perdestes uma occasião brilhante, um rego porvir.

—Sim!

—Quereis que vos faça uma confidencia?

—Se é da vossa vontade...

—Pois sabei que o rei estava cegamente apaixonado por vossa filha.

A condessa tremeu de jubilo. Ainda podia aproveitar esta circumstancia.

—El-rei, apressou-se ella a dizer, honra em demasia minha filha.

—Mas commettestes uma falta imperdoavel. São cousas a que se não pode dar remedio. Saibamos o que desejaes.

—Já vos disse que tenho um filha.

—Com effeito.

—Minha filha voltou de uma longa viagem.

—Voltou!

—Sim.

—Bem; que pensaes fazer d'esse thesouro de graças? Cabarrús parecia menos distrahido desde que se fallára de Mathilde.

—Nada. Comtudo, quizera vel-a brilhar na côrte.

—Ah! E que meio tencionaes pôr em pratica?

—A esse respeito é que venho consultar-vos.

—Pois vindes consultar-me!

—Terieis a bondade de dizer-me quando ha baile em palacio?

—Baile! Assistirieis a elle?

—Vinha exclusivamente pedir-vos bilhetes de convite para quando o houver.

A prespicacia de Cabarrús comprehendeu o desejo d'aquella mulher.

—Agora me recordo de que amanhã á noite ha recepção. Contae desde já com os bilhetes. Quantos quereis?

—Dois.

—Para vós e vossa filha?

—Justamente.

—Condessa, ides occupar uma posição magnifica. Predigo-vol-o eu.

—Sempre benevolo para mim.

A entrevista tinha chegado ao fim. Despediram-se o ministro e a condessa, como se n'aquelle dialogo, na apparencia tão espirituoso, não se tivesse jogado a honra de Mathilde.

Logo que saiu do palacio, onde acabavam de renascer a sua ambição e esperança, a condessa calculou ter chegado o momento de apresentar-se a sua filha adoptiva. Ordenou, pois, ao cocheiro que se dirigisse á rua de Santa Thereza, e que parasse no numero 12. Entretanto foi ella preparando-se para esta entrevista, que era o fecho dos seus estratagemas, a base principal dos seus projectos.

Por muita arrogancia e ousadia que haja no coração humano, sempre se experimenta uma inquietação suprema, quando se vae tentar um d'esses recursos, de que depende o porvir, o exito de um emprehendimento de tal ordem.

A condessa teria luctado, n'aquelle instante, de melhor vontade com a malvadez e com o vicio, do que com a virtude; mas não tendo outro expediente a adoptar, tratou de dar ao rosto expressão conveniente, escolheu a melhor maneira de dominar o espirito da joven, e sem dar mostras de fraqueza, chegou finalmente ás portas do palacio de Penafiel.

Desceu ousadamente da carruagem, e penetrou no edificio com aquella altivez aristocratica, de que em certas occasiões sabia fazer uso.

Quando subia a escada, um homem edoso, vestido de preto, saiu-lhe ao encontro.

—Creio, disse a condessa, assomando-lhe aos lábios o mais agradável sorriso, estar em casa do senhor duque de Penafiel.

—E conde de Malvar, senhora, respondeu o ancião saudando.

—Muito bem. N'esse caso dê-me licença que entre.

—Devo advertir-vos que meu amo está ausente.

—Sei. Consta-me que está em França.

Esta noticia fez que o creado observasse com attenção a dama.

—Ah! exclamou; n'esse caso...

—Compreendo a admiração, disse a condessa; mas saiba que sou uma intima amiga do conde.

—Vós!

—E venho ver uma donzella, protegida por elle, que vive n'este palacio.

—Logo, sabeis que ella está aqui?

—De certo.

—Agora conheço que deveis ser uma intima amiga do senhor conde, visto saberdes esse segredo.

—E em verdade sou.

—Oh, minha senhora! sabeis quando voltará o meu senhor?

—Não. Sei que está preso.

—E' verdade. Perdoae ter-vos demorado. Entrae.

E o ancião foi adiante da condessa.

Esta que tinha conseguido enganar-o, cuidou haver alcançado a victoria.

Atravessaram grande numero de salões, até pararem em uma linda sala ornada de quadros, que representavam paizagens de Claudio Lorenci, e casas de campo de Frank. De umas magnificas sacadas avistava-se um extenso jardim, ao

fundo do qual grupos de acacias e outros arbustos offereciam deliciosa perspectiva.

A condessa lembrou-se dos pormenores dados pelo general Maurice Mathieu.

—No gabinete immediato está a menina, disse o creado. Se tiverdes a bondade de dizer-me o vosso nome, terei o gosto de vos annunciar.

—Quero sorprendel-a: apresentar-me-hei de repente. Está só?

—Sempre só.

—Então permitta-me que entre.

—Podeis entrar, respondeu o ancião retirando-se.

CAPITULO VIII

SILVOS DA SERPENTE

A porta do gabinete cedeu ao impulso da condessa, que appareceu repentinamente á donzella, bem como esses phantasmas que levam consigo o anathema e a ameaça.

Entre tanto, o seu rosto estava tranquillo, brilhava-lhe nos labios agradavel sorriso; parecia, por assim dizer, enviar no seu olhar osculos de paz e de carinho.

Mas, a pezar da placidez de exterior, ouviu-se um grito no gabinete.

Este grito soltara-o Mathilde.

A formosa e pallida joven achava-se sentada proximo á janella, onde duas horas antes tinha sido vista pelo general Maurice Mathieu, quando repentinamente avistou a condessa de Segalvo.

Todo o terror, que lhe inspirava esta mulher, concentrou-se-lhe no peito, e por instantes não teve força para mover-se do logar que occupava. Sem comprehender como aquella

mulher podera chegar até ali, sem acção para proferir uma palavra, ficou como a ave fascinada pela serpente.

A condessa conheceu o effeito que produzia, e regosi-jou-se interiormente. Mathilde começou a tremer.

Ha certo terror instinctivo, que se destaca da nossa alma rapido, como o relampago da nuvem. Adivinhou a condessa aquelle terror, que podera fazer abortar os seus intentos malfeticos, e approximando-se de Mathilde, estendeu-lhe os braços exclamando ao mesmo tempo:

—Minha filha!

—Senhora! respondeu a joven retrocedendo.

Esta recepção pareceu perturbar a condessa.

—Que é isto! disse ella: já não me amas! Poderam dois annos de ausencia fazer-te esquecer a historia do teu passado?

—Oh! que quereis de mim?

—Vinha ver-te. Consegui saber o logar onde te achavas, e venci todos os obstaculos, para manifestar-te o meu carinho.

—Agradeço-vos.

—Agora ha uma dôr que me atormenta, por ver que a filha não reconhece sua mãe.

—Vós, senhora... não sois minha mãe.

—Então, a amiga não reconhece a amiga?

—Vós não sois minha amiga.

—Porque? Sou digna do teu odio talvez?

—Eu não aborreço ninguém.

—Então...

E a condessa titubou effectivamente, pois nunca pensara encontrar tão forte resistencia n'aquelle debil espirito.

—Senhora, disse Mathilde, depois de um momento de pausa, e quando julgou ter dominado as sensações do seu coração, a vossa presença n'este logar significa alguma cousa. Confesso que me fistes tremer. Ou o arrependimento ou algum projecto tenebroso, dos muitos que tendes forjado con-

tra mim, vos traz aqui. De qualquer modo, ouvir-vos-hei por que é esse o meu dever. Conservo para convosco a amizade de quem não se lembra dos agravos, e sim dos benefícios recebidos. Tende a bondade de dizer-me o motivo da vossa visita.

Mathilde recuperára novamente a serenidade filha da innocencia. Convencera-se de que fôra demasiado cruel com a sua segunda mãe; observou que ella se achava perturbada na sua presença, e assim quiz dar á voz a suavidade que as suas palavras não tinham.

A condessa estava inalteravel e lia-lhe no coração. Observava que a formosura prodigiosa de Mathilde augmentára na soledade d'aquelle palacio; que todas as suas maneiras tinham adquirido distincção, e a singeleza que revelava, lhe duplicava o prestigio e os encantos.

Um lançar de olhos bastou para perceber tudo isto.

—Queres dizer, exclamou ella com accento triste, que me exiges uma explicação? Vou dar-t'a, minha filha. Vim aqui, porque te amo, e...

Duas fingidas lagrimas rolaram pelas faces da condessa.

Estas lagrimas commoveram Mathilde.

—Meu Deus? Dar-me-íeis felicidade, se essas palavras fossem verdadeiras.

—Duvidas d'ellas?

—Sim, senhora.

—Oh! quem te ensinou a odiar-me? O conde de Malvar, não é assim?

—Eu não vos odeio.

—Mas o conde aborrece-me.

—Não, não. Perdoae; temos estado a pisar um terreno ingrato. Novamente vos peço que me digaes o fim da vossa visita. Se tão sómente vos moveu o puro affecto, como dizeis,

espero-vos para vos estreitar ao meu coração; se é por outra causa...

—Escuta-me, filha, replicou a astuta condessa, dando á sua voz uma expressão apaixonada. Dois sentimentos poderosos me obrigaram a perturbar a tua tranquillidade. Um é o carinho que te consagro, carinho nunca desmentido, ainda que as circumstancias lhe tenham sido adversas; o outro é o meu desejo de ser-te util.

—Sendo assim, estou prompta a escutar-vos, respondeu Mathilde.

—Vou talvez torturar o teu coração, e abrir dolorosas feridas.

A pallidez da joven augmentou.

—Que dizeis!

—A verdade. Os perigos presentes fazem esquecer os desgostos passados. Dize-me: amas ainda Genaro?

Deu a condessa a esta pergunta uma expressão tão viva de inquietação e anciedade, que Mathilde sentiu despertar no peito toda a vehemencia do amor, experimentando ao mesmo tempo uma duvida cruel e um tormento indizível.

A condessa sabia bem que esta pergunta era um punhal que ia rasgar o coração da pobre victima. Podia comparar-se á sagaz aranha, envolvendo a infeliz mosca em fios subtis.

—Se amo Genaro! exclamou, juntando as mãos sobre o peito. Senhora, cuidaes que o meu coração esquece tão facilmente?

—Era isso que eu desejava saber. Por tanto tens muito interesse no seu destino?

—Muito.

—Sabes qual é?

—Sei que está preso.

—E onde está?

—Em França. Dizem-me, senhora, que muito contribuis-tes para essa prisão.

—E' uma imputação que devo repellir, minha filha. Genaro era cúmplice n'uma empreza atrevida, que abortou ficando elle prisioneiro. Eu representava um papel contrario ao seu; deixei obrar por si os successos, não lhe estorvando as consequencias. Já vês que não me desculpo nem me accuso.

—Bem: exclamou Mathilde com afflicção. Fallaes-me de Genaro: tendes por ventura noticias certas d'elle?

—Tenho. Bem sabes a influencia que tenho na côrte.

—Sim, replicou a donzella tremendo. Saibamos o que lhe acontece.

—A sua causa está proxima a ser julgada.

Mathilde soltou um suffocado grito.

—E a do conde de Malvar? perguntou ella.

—Tambem.

—Oh! e essa sentença?...

—Pode ser fatal.

A condessa dirigia destramente o golpe. Conhecendo a bondade inexgotavel e o thesouro de amor que aquelle peito encerrava, não podia ter adoptado mais proficuo meio para chegar aos seus fins.

Nos seus olhos brilhou uma lagrima enganadora, que acabou de convencer Mathilde.

—Senhora, exclamou esta, daes-me uma noticia martyriadora. Sabeis que a minha felicidade está unida á de Genaro, e a minha gratidão á estima do conde. A este devo a esperanza e o conforto, dois balsamos puros que devolvem á nossa alma a tranquillidade perdida; áquelle os meus sonhos, a minha constancia, o meu porvir. Tenho vivido sem sobresaltos, porque nunca acreditei n'um perigo imminente: esperava o triumpho dos hespanhoes, e deixava correr os meus dias, ainda que duvidando sempre de ser feliz, porque a desgraça tem

sido sempre a minha companheira, minha irmã. Hoje dissipou-se essa illusão encantadora, que me alentava a esperança. Saibamos, senhora, tudo quanto devo esperar da minha sorte adversa.

—Não desespere, disse a condessa: a sentença ainda não foi lavrada, e ainda se pode conseguir suspendel-a.

—Como?

—Ha um meio

—Dizei-o.

E a voz angustiosa da joven adquiriu um accento, que denotava esperança.

—Eu creio que já não debes duvidar da sinceridade das minhas palavras:

—Não, senhora, não duvido.

—Tambem penso que avaliarás o risco imminente, a que estão expostos Genaro, teu amante, e o conde, teu protector.

—Sei avaliar o perigo que correm.

—Que o mais ligeiro descuido pode causar-lhes a morte.

—Oh! isso é horrivel.

—Em circumstancias taes, é necessario apresentar a verdade nua, secca e arida.

—Sim, sim.

—Por tanto, vou indigitar-te um caminho. Talvez te repugne; mas é o unico.

As duas mulheres olharam-se, como se mutuamente se sentissem attrahidas uma para a outra. Mathilde apenas respirava: a dor tinha-lhe despertado os sentimentos mais sublimes do coração.

—Fallae, disse Mathilde, unindo as mãos sobre o peito.

—Ouve: uma joven dotada de tão apreciaveis qualidades como tu, sepultada n'este palacio, esquivando-se ao trato da boa sociedade, sem amigos, sem apoio, sem elementos, é uma verdadeira desgraça. Para evitar o ospantoso drama, que vi-

ria abysmar a tua existencia em uma eterna desesperação, necessitas sair do círculo que tu propria limitaste.

—Então, aonde hei de eu ir?

—Agora o direi. Recordas, Mathilde, a ultima visita que tiveste no dia em que te separaste de mim?

—Sim, respondeu a joven empallidecendo.

—Não conheceste aquelle homem?

—Era o rei.

—Com effeito: era José I. Sabes o que ali o conduziu?

—Não.

—Eras tu.

—Eu!

—Sim; José I tinha ouvido fallar da tua belleza.

—Senhora...

—Não gosto da dissimulação. Digo a verdade.

—Bem: prosegui.

—José I viu-te e amou-te.

Mathilde ruborizou-se. O sentimento do pudor interpunha-se á maneira de um veo entre ella e sua mãe adoptiva. Mas tão grande era a sua agitação, que não poude deixar de dizer:

—E que tem esse amor transitorio com a desgraça que nos ameaça?

—Muito.

—Não vos comprehendo.

—Irás comprehendendo a pouco e pouco.

E dos fulgurantes olhos da condessa saíram raios de luz maligna, que parecia envolver e deslumbrar a joven.

—Continuae, pois.

—José Napoleão, proseguiu pausadamente a velha, tinha contemplado em ti o puro typo da honra hespanhola, da fidalguia castelhana, da formosura em toda a sua perfeição; e não só te amou, mas chegou a adorar-te, não com o torpe

pensamento das almas baixas, senão com a elevação suprema do amor que tu mereces.

—Oh

—A tua desappareição foi um grande mal, e dois annos passaram, em que a tua imagem occupou sempre o espirito do monarcha.

—Mas, minha mãe!...

—Escuta. Podes formar o juizo que quizeres. O rei ama-te hoje como no principio. Uma mulher de talento, como tu; uma mulher que tem o seu amante e o seu protector quasi sentenciados á morte; e para quem um leve deslize seria uma existencia de eternos remorsos, pode conseguir o que deseja.

—Senhora, que me propondes?

—José I adora-te. Uma palavra tua será uma ordem. Recorrerá a seu irmão o imperador, e Genaro e Malvar serão salvos.

Mathilde cobriu o rosto com as mãos.

—Senhora, isso é abrir-me a senda da prostituição.

—A virtude, exclamou a condessa em tom energico, nunca deve temer a lucta, se tem confiança nas suas forças. Demais, é preciso sacrificar alguma cousa, minha filha.

—Oh! é verdade.

—Apresentei-te o caminho que te convem seguir. Adóptalo?

Mathilde levantou a sua pallida frente, como a Medea de Alfieri; olhou para sua mãe adoptiva com attenção profunda, como se quizesse ver-lhe no mais intimo d'alma o pensamento que a dominava, e depois de solemne pausa, em que seria facil ouvir o violento palpitar dos dois corações, respondeu:

—Adopto.

Um sorriso de triumpho brilhou nos labios da condessa de Segalvo.

—Agora, proseguiu Mathilde, visto que estou resolvida

a terminar a clausura que me impuz, saibamos o meio que deverei pôr em pratica para fallar em favor do conde e de Genaro. Oh! senhora! Vós não sabeis quanto eu o amo. Tenho aqui dentro no peito uma força de attracção, que para elle me impelle, como a nuvem impellida pelo vendaval. Eu não tinha ainda pensado em amar, quando m'o apresentastes como um brinquedo que deviamos despedaçar nas mãos. Oh! e desde então os meus pensamentos teem sido d'elle, a minha alma tem-lhe pertencido sempre: tenho vivido com a luz dos seus olhos, com o ar que elle respira. Quiz destruir esse amor nascente, que hoje constitue a minha existencia, e reconheci-me vencida. Calculae agora, senhora, quanto serei capaz de praticar por esse homem, a quem consagro todas as horas do dia, os meus sonhos durante a noite e as minhas esperanças no porvir.

—Pois amal-o tanto? disse a condessa.

—Já vêdes.

—Desventurada!

—Dizei-me o que devo fazer para o salvar.

—Estás decidida?

—Estou.

—Então attende. Amanhã á noite ha um baile no palacio.

—Um baile!

—Sim: a elle concorrerá o mais escolhido e brilhante de Madrid. Deves assistir.

—Eu!

—E' o meio mais efficaç para que te veja o rei.

—Oh! mas como será isso possível?

—Eu tenho bilhetes de convite. Indo comigo, irás na companhia de tua mãe.

—E' verdade.

—Salvas as apparencias; as circumstancias farão o resto.

—Como?

—Logo que o rei te avistar, distinguir-te-ha entre todas as pessoas.

—Estaes certa disso?

—Certissima. Naturalmente causarás inveja a todas as damas.

—Mas attendei.

—A que?

—Se o rei me honrar com distincção, pode a maledicencia denegrir a minha honra.

—Confesso que é esse um escolho inevitavel.

—Ah!

—Mas que não debes temer.

—Porque?

—Porque a tua consciencia estará tranquilla.

Mathilde exhalou um profundo suspiro.

—Oh! sim, exclamou ella.

—Alem d'isso, debes sempre lembrar-te da intenção, que te conduz ao paço.

—Tendes razão.

—Intenção que tem de ir disfarçada com uma falsa alegria, sob um exterior enganador. E' esta a verdadeira tactica da còrte.

—N'esse caso, terei de fazer um grande esforço.

—Será necessario que te mostres amavel. Em parte alguma é tão facil representar a comedia da vida, como n'esses logares.

—Oh, meu Deus!

—Procura tambem parecer mais formosa do que és. A primeira impressão e o primeiro effeito farão o resto.

—Seguirei os vossos conselhos.

—Quando te collocares em tão brilhante posição, tendo a teus pés o rei de Hespanha, poderás exigir a liberdade d'essas duas pessoas que tanto amas. Exercerás a nobre e santa

missão de um espirito consolador e caritativo, que salva os que gemem em terras estranhas bem perto do patibulo.

—Oh! sim, sim, exclamou Mathilde, aterrada por esta ideia. Irei ao baile comvosco; quero, é forçoso ir.

—Então espera-me aqui amanhã á noite.

—A que hora?

—A's dez.

—Contarei os momentos, minha mãe.

—Apontei-te o caminho do bem. Sê tu o anjo da esperança. Mathilde apertou a condessa nos seus braços.

Esta retirou-se pouco depois; e, como o Luzbel de Milton, pululou de contentamento, por ver proxima a victoria.

A pobre donzella ficou banhada em lagrimas, unico lenitivo na sua desventura.

CAPITULO IX

UM REI ENAMORADO

As scenas que vamos descrevendo arrastam-nos insensivelmente até esse sumptuoso palacio que se eleva na *plazuela* do Oriente.

Fallamos do alcaçar dos nossos reis.

Não gostamos de ser prolixos em descripções; por isso contentar-nos-hemos em fazer um rapido esboço d'este palacio, porque a sua historia é moderna e conhecida de todos, e porque nos desviaríamos pelo contrario do nosso proposito.

Em a noite de Natal de 1734 foi presa das chammas a antiga e historica mansão dos reis da dynastia austriaca.

Filippe V, de si melancolico e taciturno, ficou ainda mais triste com similhante desastre.

Afeiçãoado a tudo quanto era formoso e esplendido apesar do seu character hypocondriaco, não devia gostar de ver aquellas espantosas ruinas tismadas pelo fumo e queimadas pela chamma. Foi então que concebeu a ideia de edificar um

palacio sobre o velho alcaçar, digno de uma côrte como a de Hespanha.

Chamou immediatamente um dos melhores architectos do mundo, que se achava n'esse tempo em Turin. O abbade Jubarra.

Jubarra concebeu um plano tão gigantesco, tão magnificamente combinado, tão habilmente disposto que, se chegasse a concluir-se, não haveria no mundo edificio tão formoso e colossal.

Mas Jubarra morreu, e de seu ousado pensamento só ficou o modelo em madeira no Museu de Artilheria.

Dom João Baptista Saqueti, discipulo e patricio do abbade, foi o que lhe succedeu, e se viu na necessidade de modificar o plano.

Morto o genio, ninguem pode seguir-lhe o trilho.

Principiou a obra em 7 de abril de 1737, e concluiu-se no começo do reinado de Fernando VI.

E' n'este palacio que vamos introduzir os nossos leitores.

A condessa de Segalvo tinha recebido com os bilhetes de convite uma attenciosa carta do conde de Cabarrús, onde lhe participava que, sabendo o rei que sua amavel filha concorreria ao baile, havia determinado que elle fosse o mais esplendido possivel.

Com effeito, na noite do dia posterior á conversação que no palacio do conde de Malvar tivera logar entre as duas damas, a creadagem real estava adornada com a sua librê de gala; a magnifica escadaria coberta de flores, e os salões coalhados de luzes.

Desde muito cedo principiaram a chegar as carruagens dos convidados, em quanto o povo faminto e observador bramava de raiva nos angulos da praça da Armeria.

Naquella côrte improvisada viam-se sómente uniformes de todas as classes e formas.

As damas iam geralmente vestidas de branco, em tudo eguaes ás damas francezas.

Os trens eram sumptuosos e elegantes.

Como então era muito pobre e mesquinha a illuminação publica, robustos granadeiros com os seus trajes marciaes sustentavam archotes, com que acompanhavam os convidados desde a carruagem até á porta central do palacio.

Daqui os porteiros de serviço precediam-nos até ao salão de Guardas.

Um luzido estado maior, os ajudantes do rei, os empregados dos ministerios e os embaixadores de algumas potencias amigas, faziam logar ás formosas damas, que se apresentavam cobertas de rendas e pederarias.

N'aquelle circulo de luz, de ouro e de brilhantes, fallava-se de tudo, murmurava-se, ria-se e esperava-se.

Todos os aulicos, uns por ambição, outros por amor, e grande parte por calculo, tinham os olhos fitos nas habitações do rei, que ainda não tinha chegado.

No centro da longa serie de salões, abertos á nobre e elegante concorrência, havia um estrado, com uma numerosa orchestra.

Por toda a parte, brilhavam as formosas luas de Veneza, reproduzindo como por magia o fogo das luzes, os bordados dos uniformes e os semblantes das damas. As magnificas folhagens de velludo, os ornatos de Giacinto, os medalhões de Michel e as esculpturas de Castro ressaltavam por toda a parte, com toda a belleza da arte, em toda a magnitude dos assumptos que representavam. Havia n'aquelle atmospherá temperada certos perfumes, que extasiavam, e elevavam o pensamento ás puras regiões do idealismo.

De subito, sentiu-se um leve murmurinho entre os cortezãos e damas, como se um acontecimento extraordinario lhes chamasse a attenção.

Acabavam de chegar a condessa de Segalvo e Mathilde.

A aparição d'estas duas senhoras era um successo verdadeiramente singular para os que não estavam ao facto do occorrido: para os que o estavam, era um motivo de escarneo, de inveja e de ironia.

A condessa de Segalvo sabia usar, quando lhe convinha, de maneiras muito distinctas, e não receava perturbar-se ante os quatrocentos olhos que a espiavam.

Bem sabia ella que a sua aparição na côrte, no fim de dois annos de ausencia, havia de ser saudada com a curiosidade levada ao summo grau do estímulo, e talvez com a mais cruel mofa; porém, firme como estava no seu proposito, pouco lhe importava o sorriso da multidão, porque estava segura de lhe ser superior com a serenidade de que estava revestida.

Com respeito a Mathilde a murmuração tomava diverso giro.

Era pouco conhecida a sua maravilhosa formosura, e por isso foi objecto de minucioso exame por parte das damas, e de uma viva sympathia por parte dos cavalheiros. Muitos, que sabiam o segredo d'aquelle baile, concluíram que a joven seria em breve a amante do rei, e por tanto correram a saudal-a e offerecer-lhe os seus respeitos.

Mas Mathilde estava perturbada. Não habituada áquelle brilho, nem a tão luzida e desenvolta companhia, apenas tinha valor para levantar os olhos.

Tremia, como se presentisse um perigo desconhecido.

Vendo as damas que nada tinham que criticar das suas graças naturaes, desceram a examinar o seu vestuario.

Mas tudo quanto trajava a formosa donzella era do mais moderno, do mais rico e elegante, que havia saído das mãos das melhores modistas de Paris.

A condessa levava a sua filha pela mão, e correspondia por ella aos galantes cumprimentos que lhe dirigiam.

D'este modo foi collocar-se, nem ao principio dos salões por onde havia de passar o rei, nem ao fim. Procurou o sitio mais modesto e a sala menos concorrida.

Ainda bem não se tinha sentado onde julgou mais conveniente, notou que se assentava á sua direita o general Maurice Mathieu.

Este homem era um fatal inconveniente n'aquellas circumstancias.

Estava pallido, e, quando saudou Mathilde e sua mãe, sorria de certa maneira que gelava o coração.

—Com effeito, condessa? exclamou approximando-se-lhe ao ouvido; depressa fizestes a vossa preciosa conquista!

—Bem vedes, meu general, respondeu a condessa, mordendo os labios imperceptivelmente.

—Ainda assim, não esperava ver-vos aqui.

—Fomos convidadas para o baile, redarguiu a dama com apparente indifferença.

—E' uma feliz coincidencia. Depois de tanto tempo... é singular.

—Haveis de conceder que a vida tem as suas alternativas.

—E' verdade; alternativas importantes. Mathilde está satisfeita?

—Cuido que sim.

—Depois, como o baile pode ser-lhe consagrado, como pode brilhar aqui como uma rainha, é muito facil soffocar de alegria.

A condessa percebeu a occulta tormenta, que bramia n'aquelle coração tão tranquillo na apparencia.

—Exageraes demasiadamente as cousas, disse sorrindo-se para dissimular a agitação que a dominava.

—Talvez, condessa.

—Deveis ser mais escrupuloso nos vossos juizos.

—São defeitos de caracter, que não posso corrigir. Vossa filha tenciona dançar?

—Sim.

—Visto isso...

—Quereis ser seu par?

—Justamente.

—Ella não poderá recusar-se, salvo se merecer a honra de ser distinguida por el-rei.

Novo sorriso, mais terrivel que o primeiro, assomou aos labios do general.

—Ah! é verdade, disse elle; tinha-me esquecido. El-rei está primeiro.

—Assim o exige a etiqueta.

—Perdoae, condessa: acabaes de esclarecer as duvidas. Não me lembrava que o rei está entre mim e Mathilde.

E deu ás suas palavras uma expressão de colera concentrada, afastando-se em acto continuo d'aquelle lugar.

—Esse homem está louco, disse a condessa para Mathilde. Pelos modos esqueceu a ferida que recebeu de Genaro.

No momento em que a condessa pronunciava estas palavras soaram onze horas no relógio do palacio.

Pouco depois observou-se um movimento geral nos convidados, o que indicava que as portas do palacio do rei se abriam.

Com effeito, José Napoleão apresentava-se n'aquelle momento, rodeado de seis ou oito generaes e de outros tantos ministros e diplomaticos.

Estava pallido, e fallava familiarmente com o conde de Cabarrús.

O seu traje era simples e elegante. Uma casaca aberta, bordada a ouro, gravata branca comprida caída sobre o peito, como as que se usavam então. No lado esquerdo trazia a cruz

da Legião de Honra, no meio da qual, sobre esmalte azul, brilhava uma aguia imperial de ouro.

Um calção de setim branco, até meia perna, com raminhos do mesmo metal nas costuras, lhe realçava as formas elegantes.

A espada tinha punho de brilhantes.

Logo que appareceu no primeiro salão, saudou a multidão, notando-se ao mesmo tempo que parecia procurar alguém.

Todos se inclinaram.

José I dirigiu a palavra indistinctamente a diversos convidados, e passou adiante.

D'este modo atravessou alguns salões, parando de tempo em tempo, para saudar e fazer varias perguntas aos que tinha mais proximos.

De repente chegou-se a Cabarrús, e disse-lhe ao ouvido:

—Ainda a não vistes?

—Não, senhor, respondeu o conde inclinando-se.

—Talvez não viessem.

—Não o duvide Vossa Magestade.

—Então julgaes que estão no palacio?

—Parece-me que sim.

Este curto dialogo expressava eloquentemente o estado em que se achava o espirito de José Napoleão.

De repente Cabarrús aproximou-se do rei.

—Ali estão, senhor, lhe disse elle, assignalando com o olhar o lugar, onde estavam a condessa e a filha.

José Napoleão empallideceu ainda mais.

A formosura de Mathilde acabava de o deslumbrar.

Mas, encaminhou-se com estudado indifferentismo para aquelle lugar, por conhecer que, manifestando de qualquer modo a extraordinaria sensação que experimentava, dava margem a mil garrulices cortezãs.

Quando chegou ao pé da condessa, fingiu que era a primeira vez que a via, e disse-lhe:

—Muito me lisongeia, condessa, ver-vos de novo nos meus salões.

Esta inclinou-se como uma dama perfeitamente conhecedora da etiqueta palaciana.

—Vossa Magestade honra-me muito com essa demonstração de amizade, respondeu ella.

—Ah! e esta senhora?...

José não pôde proseguir.

Mathilde, pallida como uma estatua de marmore, imitou a venia de sua mãe adoptiva.

—E' minha filha, respondeu a condessa.

Devorou-a o rei com o olhar, e affastou-se.

A condessa seguiu-lhe os passos, imitando os mais cortezãos, para penetrar nos salões do baile.

Pouco depois, a orchestra começou a tocar uma contradança hespanhola; porque a eterna mania do rei *intruso*, como se lhe chamava então, era dar um colorido nacional a todos os actos do seu reinado.

A contradança hespanhola, executada por uma orchestra intelligente e escolhida, causou agitação na maior parte dos convidados.

José Napoleão, que tinha já acabado o seu passeio official, estava livre para dançar ou não dançar.

Voltou-se subitamente, e lançou um olhar sobre as formosas damas, que esperavam a honra da sua predilecção. Avançou pelo meio d'ellas, que se affastaram como se passasse uma divindade, e chegou ao pé de Mathilde, que por conselho da condessa ficára no ultimo lugar.

A condessa, com esta estrategia, sabia que humilharia aquellas que momentos antes tinham-se rido d'ella e de Mathilde, tornando assim mais ostentoso o seu triumpho.

Com effeito, o rei approximou-se da galante joven, dizendo:

—Esta menina não terá inconveniente em dançar commigo a primeira contradança.

A phrase foi ouvida com inveja por cinquenta damas, que se consideravam tão bellas como Mathilde.

A joven só respondeu por palavras quasi inintelligiveis; e entregou a sua mão ao rei, que a conduziu para o logar onde ia começar o baile.

Nós, que nunca fomos dançarinos, por mais heroicos esforços que tinhamos feito para o conseguir, somos, talvez por este motivo, partidario das danças puramente hespanholas, sem resaios estrangeiros.

Sem descer aos nossos bailes populares, encontramos um não sei que de grave e magestoso nas nossas antigas contradanças, e ainda nos recreamos com os sons fugitivos, que d'ellas conservamos de memoria.

Principiou o baile. Tudo se moveu, homens, ouro e brilhantes.

Mathilde girava em torno do rei, com aquella graça que uma hespanhola sabe dar aos seus mais ligeiros ademanes. A's vezes escapava-lhe dos labios um rapido sorriso, que atravessava como um punhal o coração do enamorado monarcha: o calor tinha-lhe dado ás faces o lindo carmim da rosa, como se aquella estatua se houvesse animado; e dos olhos lhe irradiavam chammás, que iam accender cada vez mais os desejos de José Napoleão

Concluida a contradança, este offereceu-lhe o braço.

—Estaes fatigada? lhe perguntou com voz tremula.

—Não, senhor, respondeu Mathilde, deixando-se conduzir pelo rei através de alguns salões.

José guardou silencio e deixou que os convidados se en-

tregassem aos prazeres da conversação n'aquella noite de galanteria.

— Nunca fui tão feliz, como sou presentemente, exclamou José, suspirando.

— Um rei sempre é feliz, respondeu Mathilde sorrindo.

— Julgaes ?

— Não posso deixar de crer.

— Comtudo, disse José, ás vezes ha angustias que nos opprimem o coração, por mais distincta que seja a esphera em que nos considerem.

Assim chegaram ao pé de uma das sacadas, que deitam para a praça do Oriente.

A lua elevava-se n'aquelle momento no espaço, enviando á terra os seus castos e melancolicos sorrisos.

Mathilde tremia. Como por um accordo tacito entre a maior parte dos concorrentes, todos se affastavam d'aquelle sitio, deixando o rei quasi só ao lado da formosa Mathilde.

Pela sacada aberta penetrava uma aragem temperada e agradável.

O ceo parecia um manto de velludo, recamado de brilhantes.

José estava diante de Mathilde, devorando-a com olhares apaixonados.

Finalmente rompeu o silencio.

— Senhora, disse elle, sem duvida a casualidade favorece-me. Dois annos ha, que vos vi pela vez primeira na vossa casa, e desde então amei-vos com todo o ardor da minha alma. Talvez vós, que sois hespanhola, possaes comprehender o que é uma paixão que, longe de extinguir-se, cresce incessantemente: collocado na alternativa de occultar para sempre os meus sentimentos, ou de vol-os declarar com a franqueza propria de um cavalheiro que vos adora e respeita, preferi o ultimo partido. Antes de terminar o baile, antes de desappa-

recerdes da minha vista, para vos dissipardes qual divindade antiga, é preciso que me digaes quanto sentis no vosso coração.

E dizendo isto, já ali não estava o rei. Tinha desaparecido, e em seu lugar, ficára o homem quasi prostrado aos pés da formosura.

Mathilde estava preparada para esta declaração; mas nem podia ser inconsequente com os seus principios, nem com o seu character. Repugnava-lhe o papel que se via obrigada a representar, e torturada pela dôr, não previra as consequencias, a que agora não podia eximir-se.

—Senhor, respondeu depois de um momento de pausa; Vossa Magestade honra-me em demasia, para que eu possa n'este instante dar uma resposta digna de vós e de mim. A immensa distancia que nos separa assusta-me.

—E' uma esperanza ou uma recusa? perguntou José Bonaparte empallidecendo.

—Nem uma nem outra. Quando uma hespanhola promette, é porque está disposta a cumprir.

—Oh!

—Sabei que o vosso amor, se engrandece considerado de certo modo, não deixa tambem de fazer desmerecer.

—Sois encantadora, Mathilde.

—Sou ingenua, simplesmente. Eu espero, senhor, proseguiu com o seu mais feiticeiro sorriso, que me perdoareis o merito da franqueza.

O rei estremeceu, electrizado pelo sorriso da fada.

—Nesse caso, que devo esperar? perguntou.

—O tempo é que pode dizel-o.

—E entretanto?

—Contae com a minha gratidão.

O dialogo não poude proseguir.

A musica com as suas magicas harmonias interrompeu os dois interlocutores.

O rei quiz retirar-se d'ali, por que nas palavras de Mathilde encontrava uma vaga esperanza.

Esta estremeceu repentinamente: acabava de ver na sacada um rosto pallido, contrahido, ameaçador, e uns olhos que a devoravam.

Aquelle rosto era o de Maurice Mathieu.

José Napoleão olhou tambem, e viu este homem, que parecia ter surprehendido o seu segredo.

—Sois vós, general! perguntou o rei, dando ao rosto sombria e altiva expressão.

—Servidor de Vossa Magestade, respondeu Maurice Mathieu com extraordinaria imperturbabilidade.

—E que fazieis aqui?

—Vinha consultar Vossa Magestade.

Nas palavras do subdito notava-se um tom de voz altivo como o do proprio soberano.

A condessa de Segalvo, que observára de longe as peripicias d'aquella aventura, disposta e quasi dirigida por ella, logo que viu apparecer repentinamente a figura do general, considerou que podia succeder uma desgraça, e veiu collocar-se ao lado da sua filha adoptiva.

A este tempo o rei dirigia ao general certo olhar impregnado de exprobração.

A condessa dispoz-se a escutar.

Mathilde tremia.

—Pois de certo vinheis consultar-me? perguntou o rei.

—Sim, senhor.

—Sobre que, cavalheiro?

—Vossa Magestade não ignora que se estão instruindo alguns processos militares contra pessoas, que inspiram muito interesse.

—E' certo.

—N'este caso, tendo de tratar-se da causa da baroneza de San Yuste, espero que Vossa Magestade me dê licença para amanhã reunir o conselho de guerra.

O nome da *baroneza de San Yuste* fez estremecer a condessa. Este nome, envolto nos arcanos da sua existencia, parecia surgir ante ella para completar talvez a sua atroz vingança.

Escutou com mais avidéz.

O rei estava visivelmente agastado.

—Tendes o direito de o reunir, disse José Napoleão. Sois o presidente do conselho, e creio não será necessario apontar-vos vossa obrigação. Adeus, general.

Este ficou quedo e immovel, fazendo-se vermelho até á raiz dos cabellos. Aproveitando, porém, o momento em que podia fallar a Mathilde, dirigiu-lhe a palavra com voz concentrada:

—Mathilde, se amaes o rei, serei regicida e assassino. Aqui está o punhal que vos ameaça.

E mostrou um pequeno punhal de aço, que reflectiu como a centelha ao clarão das luzes do baile.

A joven, aterrada por semelhante ameaça caiu em um assento, tapando o rosto com as mãos.

Foi tão rapido este incidente, que só a condessa pôde aperceber-se d'elle.

—Sois um louco, general, lhe disse esta ao ouvido. Dir-se-ia que sois um estudante ao sair do collegio.

—Senhora!...

—Vamos, socegae. Poderíamos chamar a attenção.

—Que me importa!

—Muito. A proposito, meu amigo, ouvi-vos dizer que amanhã se trata no conselho de guerra da causa da baroneza de San Yuste

—E' verdade.

—Eu desejava pedir-vos um favor.

—Qual é?

—De me permittirdes de assistir ao conselho.

—Mandarei que vos conduzam a uma tribuna.

N'este momento, o general viu que o rei se afastava do lado de Mathilde.

Saltou um rugido, e apertou o punhal entre as mãos.

—Ah! proseguiu elle, está provado que pesa sobre mim a maldição.

E retirou-se d'ali, perseguido, como Laococpte, pelas fúrias do ciúme.

CAPITULO X

O JULGAMENTO

Apezar das ameaças de Maurice Mathieu, o baile teve um termo feliz ás quatro horas da manhã.

O rei esteve toda a noite muito eloquente e expressivo com a encantadora Mathilde. Esta teve occasião de fallar em favor de Genaro e do conde de Malvar, e recebeu excellentes promessas.

Já se vê que a inveja cravou o seu dente envenenado nos actores das scenas que temos descripto.

Suppoz-se o que não succedera, e finalmente designou-se Mathilde como a amante *de el-rei*.

A condessa era quem estava satisfeita e triumphante pelo exito que tivera o seu projecto.

No dia immediato, enchia-se-lhe a casa de um crecido numero de cortezãos, que lhe tinham voltado as costas nos amargurados dias do desvalimento.

A astuciosa condessa soube vingar-se, e atrahil-os ao mesmo tempo.

O que se passára no baile foi assumpto de todas as conversações.

Ignoramos porque prodigio de intuição se propagam os boatos, como os circulos que na superficie da agua forma uma pedra arrojada a um tanque; mas o certo é que assim succede, e vão descendo de classe em classe da sociedade, até perder-se no infinito.

Madrid sabia no outro dia, que o rei tinha uma amante, que essa amante era formosa e hespanhola, e que a hespanhola o apaixonára vivamente.

Não se sabia quem era a formosura; mas é certo que se não pronunciava o nome, designava-se a pessoa.

Entretanto a pobre Mathilde cuidava ter cumprido o mais sagrado dos deveres, pedindo ao rei a sua intercessão pela liberdade do conde de Malvar e de Genaro.

A condessa de Segalvo, que, em meio de favor readquirido, não esquecera que n'aquelle dia ia ser julgada por um conselho de guerra a familia do barão de San Yuste, preparava-se para assistir ao espectáculo.

Podia comparar-se a uma dama romana do tempo do imperio, dispondo-se a assistir ao amphitheatro, onde se lançavam os martyres ás feras.

A hyena compraz-se com o exterminio. Aquella mulher sentia eguães instinctos.

Viu-se finalmente livre dos numerosos aduladores que se tinham apressado em felicital-a, e mandou apromptar a carruagem.

Ao sair do palacio topou com o horrivel espectáculo que apresentavam as ruas de Madrid.

A fome creseia cada vez mais.

Arrastavam-se homens, mulheres e meninos, pallidos e

fatigosos como as figuras de Alberto Durero, formando grupos como os descriptos por Dante.

Inspiravam horror aquellas reuniões de espectros, caindo para não levantar-se mais, ou para morrer depois na mais cruel desesperação.

Um coração menos endurecido que o da condessa, teria sentido um desejo invencível de socorrer aquelles desgraçados, se não com esmolos, ao menos com lagrimas e palavras de consolação a tanto infeliz que morria de fome.

Mas a condessa era de pedra.

Occupando-lhe o espirito um unico pensamento, insultava com o seu sumptuoso trem e com a sua indiferença o heroismo de um povo, que succumbia maldizendo os estrangeiros que o dominavam.

Chegou ao local, onde se celebravam os conselhos de guerra.

Um piquete de granadeiros fazia a guarda do tribunal. A condessa, chamando o official que o commandava, perguntou se o presidente tinha chegado.

O official respondeu negativamente.

Teve de esperar perto de meia hora.

Por fim viu apparecer o general Maurice Mathieu, a quem fez um aceno.

O gesto do militar era taciturno: lia-se-lhe na frente um sinistro pensamento.

A condessa vio-lhe a historia do ciume no olhar, circumdado de fulgor sanguinolento.

—Senhora! exclamou o general surprehido.

—Vinha procurar-vos, respondeu ella com o seu mais benevolo sorriso.

—Vindes fallar-me talvez de Mathilde!

—Não. Vinha recordar-vos a promessa, que me fizestes hontem á noite.

O general passou a mão pela frente, como para lembrar-se do que havia promettido.

—Ah! querieis assistir ao conselho?

—E' verdade.

—N'esse caso entrae comigo.

Desceu a condessa da carruagem, e tomou o braço de Maurice Mathieu.

Este adiantou-se sem proferir palavra, o que, por certo, é o peor symptoma dos enamorados.

Atravessaram um pateo, e subiram a uma galeria superior.

O general chamou o seu ajudante, a quem disse que conduzisse a condessa a uma tribuna.

Depois separou-se d'aquella mulher com uma leve inclinação.

A condessa, segundo as ordens do presidente, foi instalada em uma pequena casa, onde havia um balcãozinho com gelosias.

Dava este balcão para a sala do conselho, e d'ali podia-se ver sem ser visto: havia além d'estes outros balcões ou tribunas, onde se achavam tambem curiosos e interessados.

Era a sala do conselho uma extensa casa abobadada. Nas paredes notavam-se alguns restos architectonicos; tinham porém, coberto tudo com uma grossa camada de cal. Duas portas collateraes davam communicação com o resto do edificio. Uma outra ao fundo servia de entrada aos membros do conselho.

Havia no centro da sala um estrado, um pouco elevado do pavimento. Estava coberto de velhos tapetes, cujos labores já se não distinguiam. Sobre o estrado levantava-se uma grande mesa, forrada de velludo encarnado, e pelo lado de traz uma docel, onde se via o retrato de José I.

Entre o docel e a mesa estavam as cadeiras dos conselheiros.

Sobre a mesa, volumosos maços de papéis.

Junto aos degraus do estrado, e á direita e esquerda da mesa grande, havia outras duas muito mais pequenas, com escrivaninhas de prata e papel em branco.

Ao fundo uma varanda de madeira cerrava o quadrado, formado por aquelle salão triste e sombrio.

Cheio de humidade, esclarecido por escassa luz, que difficulosamente penetrava por algumas claraboias abertas sobre as cornijas, aquella casa parecia o lugubre simulacro de outras, que Napoleão tentára destruir quando entrou em Hespanha.

Immoveis sentinellas estavam postadas ás portas. Alguns officiaes entravam na sala do conselho.

A condessa observou tudo isto em um lançar d'olhos, e esperou com anciedade.

Não teve de fatigar-se muito a sua impaciencia.

Ao fim de meia hora entrou o general Maurice Mathieu, seguido de todos os membros do conselho, que occuparam os seus respectivos assentos.

O fiscal ou promotor de justiça sentou-se junto de uma das mesas lateraes, e os defensores ao pé da outra.

Reinou então profundo silencio, até que o presidente agitou uma campainha de prata.

Abriu-se n'este momento uma das portas, e appareceram alguns granadeiros conduzindo entre bayonnetas tres mulheres.

Ao lado caminhava, pallido e frio como o marmore, Edgardo Laforet.

As tres mulheres eram a baroneza de San Yuste, sua filha e Tula.

Que horriveis padecimentos se lhes viam desenhados nos semblantes!

A tristeza do calabouço, o terror dos seus corações, a vaga incerteza, a duvidosa esperança, tudo se via resumido n'aquellas tres creaturas, emblema da desgraça, compendio de um martyrio cruel.

Ainda assim a baroneza caminhava com a altivez, que infunde o orgulho nacional; Gabriela, com o terror, que n'ella produziam os successos de que era victima; Tula, com a ousadia natural do seu character.

Um murmurio de interesse resou no salão.

A dignidade da baroneza, a formosura de Gabriela, que semelhante a uma flor branca parecia dar luz ás negras sombras do salão, a graciosa singeleza de Tula, inspiravam compaixão e benevolencia.

Só a condessa devorou com o seu olhar de panthéra aquellas infelizes, como se pretendesse aniquital-as.

Depois de collocadas no banco dos accusados, Edgardo Laforet, que era quem formára a causa, dirigiu-se á mesa e tomou um maço dos que ali havia.

—Podeis dar principio á leitura, disse Maurice Mathieu.

Laforet olhou para Gabriela; mas a joven não respondeu.

Começou então a ler o processo.

Fundava-se elle n'uma parte dada pelo proprio narrador. A accusação estribava-se na resistencia que havida no castello de San Yuste, na noite em que devia entregar-se ás armas francezas: muitas declarações eram contestes, e o acto de resistencia apparecia provado com as côres mais exactas.

Concluida a leitura, a condessa não duvidou ser esta a esposa e a familia do barão de San Yuste.

O riso feroz da vingança assomou-lhe aos labios.

O general Maurice Mathieu dirigiu-se á baroneza.

—Accusada, como vos chamaes?

—Helena de Noilan, condessa de Osorno e baroneza de San Yuste, respondeu a dama com firmeza.

—Sois esposa do barão de San Yuste, hoje preso no castello de Onessant na costa da Bretanha?

—Sim, senhor presidente.

—Ouvistes a leitura do processo em que estaes indiciada?

—Sim.

—Tendes que responder ás accusações que vos são dirigidas e a vossa familia.

—Nada.

—E' certa a resistencia do vosso castello?

—Sim.

—Senhora, disse o presidente, interessado pela nobre presença de espirito da dama, reflecti que o peso das leis militares sempre é duro e forte. Sem duvida houve uma causa que obrigou os moradores do castello a resistir ás minhas ordens, pois era eu o general que determinára a occupação.

—A causa foi repentina; e nós ignoravamos aquelle acontecimento.

—Logo, a resistencia não estava premeditada?

—Não, senhor.

—Então, como teve logar tão lamentavel successo?

—Meu esposo era um dos chefes, que havia de collocar-se á frente da sublevação das Asturias.

—Confessaes isso?

—Sim, porque nem elle nem eu tememos a morte.

—Bem; prosegui, disse o general suspirando.

—N'aquella tarde suppoz-se que os francezes haviam occupado o valle de Penduelles.

—E' certo.

—Pouco depois soubemos a occupação de Rivadesella, continuou a baroneza sem perder sua serenidade.

—Tambem é certo.

—Sem elementos para resistir, porque meu esposo não tivera tempo de reunir seus partidarios, tratámos de fugir para a montanha visinha, e ali escolher o partido mais conveniente. Com este intento reuniram-se junto ao nosso castello uns quatrocentos montanhezes dispostos a acompanhar-nos.

—O que dizeis é exacto, senhora, observou o presidente.

—Saberei morrer, mas nunca mentir, respondeu a baroneza. Quando tudo se aprestava para a nossa fuga, ouviu-se um clarim, e então soubemos que os francezes estavam proximos ao castello. As portas achavam-se fechadas: atemorizado meu esposo por tal surpresa, conheceu que não tinhamos outro caminho a seguir senão o de entregar-nos ao vencedor: este, entretanto, despedaçou as portas e chegou até nós.

—Tendes dito a verdade; prosegui.

—O chefe que entrou em nossa habitação, e na propria casa que occupavamos, é esse cavalheiro que acaba de ler o nosso processo; elle pode responder-vos.

—Necessito escutar-vos.

—Se assim o desejaes, replicou a baroneza, continuarei.

—Prosegui relatando-me o succedido.

—O senhor entrou na sala onde nos achavamos, e tratou de prender meu esposo e todas as pessoas ali presentes.

—Houve resistencia por vossa parte?

—Nenhuma.

—Da parte consta que um cavalheiro, que vos acompanhava, puxou uma pistola e tratou de resistir.

—E' verdade.

—Quem é esse cavalheiro?

—D. Carlos de Montalban.

—E' certo. Esse mancebo é hoje coronel do exercito hespanhol, e acha-se preso com vosso esposo.

—E' o proprio.

—Essa resistencia foi desde logo um acto de decidida rebellião.

—Vós assim o julgaes? perguntou a nobre Helena de Noilan.

—Sim.

—E se eu vos disser o contrario?

—Esclarecereis a duvida.

A baroneza olhou Edgardo Laforet. Este fez-se extremamente pallido.

—A resistencia de D. Carlos de Montalban era legitima, disse.

—Porque?

—O senhor official que leu a causa, sabe que D. Carlos vivia em Rivadesella.

Laforet ficou petrificado: nunca pensára que aquelle interrogatorio podesse converter-se em accusação sua.

—E que mais?

—D. Carlos tinha visto n'aquella tarde morrer seu pae, e sua casa entregue ao saque e ao incendio.

—E quem foi o incendiario e o assassino?

—Ahi o tendes, respondeu a baroneza indigitando mr. Laforet.

Todos os conselheiros volveram os olhos para o accusado, e leram em sua contrahida fronte a negra historia d'aquelle attentado.

—São successos da guerra, murmurou Laforet surdamente, na intenção de desculpar-se.

—Não direi o contrario, respondeu a senhora de San Yuste; mas, se para vós ha uma razão que vos desculpa, muito melhor a deve haver para aquelle que vos apontou uma pistola: vós tinheis dado a morte a seu pae e reduzido a chamas sua casa.

Estas palavras foram acolhidas com demonstrações de approvação, produzindo profunda sensação na assembléa.

Depois de longo silencio, continuou o presidente:

—Accusada, como foi o desastroso successo que depois teve logar?

—Não o saberei agora explicar, senhor presidante. Só vos direi, que repentinamente soaram muitas vozes, ouvimos estrondosas detonações, nossa habitação foi occupada por alguns valentes montanhezes, e então soubemos que os quatrocentos homens, que se tinham reunido para acompanhar-nos em nossa evasão, se estavam batendo pela nobre e santa causa da independencia.

—Visto isso, aquelle ataque foi espontaneo, filho unicamente do enthusiasmo?

—Sim, senhor.

—E depois d'elle?

—Fugimos.

—Foi vosso esposo chefe de algum movimento?

—Não.

—Então, em que tendes empregado o tempo, decorrido que desde esse desgraçado acontecimento até ao momento de serdes presas?

—Depois do que vos hei referido, retirámo-nos para Santander.

—Permanecestes muito tempo n'esse ponto?

—Sim.

—E depois?

—Transportámo-nos para a casa de campo, d'onde nos trouxeram para o carcere da Côte.

O general Maurice Mathieu nada mais tinha que perguntar: todavia, dirigiu egual interrogatorio a Gabriela e a Tula, resultando ficar robustecido tudo quanto havia dito a baroneza.

A causa estava sentenciada no juizo do publico.

As accusadas sairam do tribunal, e o conselho tratou de reunir-se secretamente para deliberar.

Antes de passar á casa destinada para este fim, Maurice Mathieu dirigiu-se a mr. Edgardo Laforet, que ficára, cheio de confusão, a um dos lados do estrado.

—Um momento, ajudante, lhe disse em voz baixa. E' esta a causa que me haviéis recommendado?

—Sim, meu general, respondeu Laforet, saindo de seu espasmo.

—Bem; essa joven?...

—E' quem me traz louco,

O general suspirou. Uma recordação veio dilacerar-lhe o coração.

—Não duvido. Mas saibamos o que quereis. Bem vêdes a face que o processo tomou.

—Qual é a vossa opinião?

—Eu penso que não ha motivo para infligir mais castigo a essas desgraçadas.

—Pois é esse o vosso parecer?

—O meu voto é que se lhe dê immediatamente a liberdade.

Laforet empallideceu horrivelmente.

—Oh! então... perdeis-me.

—Seria proceder injustamente dar sentença em contrario.

—Mas adverti que me privaes da ultima esperanza.

—A esperanza! respondeu o general em tom sardonico. Se amaes, e perdeis a esperanza, não sabeis que remedio tendes?

—Não.

—Esmigalhar o craneo com um tiro de pistola.

E sorriso feroz appareceu nos pallidos labios do general.

Laforet murmurou uma maldição, e affastou-se d'aquelle sitio.

Meia hora esteve reunido o conselho em sessão secreta.

Volveu a seus logares em seguida, e um official leu em voz alta a sentença.

O conselho absolvio de toda a culpabilidade a baroneza de San Yuste, sua filha, e Tula, fazendo recair todo o crime no barão de San Yuste, como chefe do movimento da provincia de Asturias, e em D. Carlos de Montalban, por haver resistido ás tropas imperiaes. Em consequencia d'esta decisão, as tres mulheres seriam postas em liberdade immediatamente.

Depois d'isto, passaram-se as ordens, e o presidente disse:

—Proceda-se ao julgamento da causa de Anselmo Fontela.

CAPITULO XI

SENTENCIADO A' MORTE

Surdo rumor percorreu a assembléa.

A causa de Anselmo Fontenla havia excitado a curiosidade publica a que a maior parte dos espectadores, que occupavam as tribunas, estavam ali unicamente para conhecer este homem valente e temerario.

Ainda que a condessa de Segalvo nada tinha já que fazer n'aquelle sitio, comtudo, ou para suffocar o despeito que lhe causára a sentença que acabava de ouvir, ou para encontrar uma distracção n'aquelles soffrimentos humanos que ali presenciava, deixou-se ficar com os olhos fitos na porta por onde entravam os criminosos.

Pouco tempo depois appareceram os soldados e Anselmo em meio d'elles.

Achava-se elle na mais risonha quadra da vida. Caminhava de frente erguida e porte altivo.

Longe de perder a expressão animada do seu rosto,

achava-se tranquillo, como se estivera n'aquelle instante sobre a mais alcantilada rocha do seu paiz. Seu corpo elevado e de elegantes formas, seu vestuario simples e seu andar firme, augmentaram as occultas sympathias que o publico por elle sentia.

Anselmo sentou-se no mesmo banco, onde pouco antes havia estado a sua adorada Tula, e olhou com curiosidade para todas as partes, a fim de conhecer o logar onde se achava.

Podia-se dizer que aquella observação não era ostentação de arrogancia, nem excesso de timidez.

Depois de examinar tudo, ficou immovel.

O presidente tocou de novo a campainha fatal, e começou então um official a leitura do processo, contra Anselmo.

Tinha por origem a resistencia do delinquente a entregar o cavallo, que os encarregados da requisição lhe haviam exigido. Depois, exagerando-se de um modo inexacto os acontecimentos posteriores, resultava que Anselmo havia incitado o povo a sublevar-se, o que se realisára immediatamente, provando com isto que tal desordem era o principio de uma sedição.

Anselmo havia ferido cinco ou seis francezes, fazendo frente a uma carga de cavallaria, circumstancia que reforçava as supposições prudentemente formadas pelo fiscal. Sendo capturado em uma casa de campo, proxima a Fuencarral, haviam-se encontrado na mesma casa cartas e papeis, que revelavam talvez segredos importantes. Anselmo Fontenla havia sido sargento do exercito inimigo do general Cuesta; fizera parte da expedição atrevida do conde de Malvar, com o fim de libertar o ex-rei de Hespanha; e por ultimo habitando, occultamente uma granja, devia ter sido ali a alma de alguma conspiração contra a dynastia reinante, visto que só de tempos a

tempos vinha a Madrid, para projectar, sem duvida, novas machinações.

Tão terrivel accusação teria feito estremecer outro homem que não fosse Anselmo.

Elle contentou-se de sorrir ligeiramente, como se fôra o unico a pôr em duvida as criminações de que era objecto.

O publico soltou novo e prolongado murmurio, não concebendo como aquelle mancebo, tão pacifico e tão altivo, tivesse sido o chefe ou cúmplice dos crimes que lhe imputavam.

Isto mesmo excitou duplamente o interesse e a curiosidade.

O emprehendimento do conde de Malvar tornára-se publico, e os bons hespanhoes olharam Anselmo como um heroe, em quanto e partido francez lhe dirigia sinistras censuras.

Tal era a situação do joven.

O conselho observou-o com curiosidade, pois via n'elle, não um homem vulgar, e sim um homem importante.

Os juizes eram militares, e por isso não se notou n'elles o mais leve signal de interesse.

Concluido o relatorio, o presidente dirigiu-se a Anselmo :

—Accusado, como se chama?

—Anselmo Fontenla, respondeu o joven com voz clara e firme.

—D'onde é natural?

—De Asturias.

—Que profissão tem exercido?

—Tenho sido montanhez, e vivido com o ar das rochas, e com a brisa do mar.

O presidente contemplou-o por alguns instantes, como se tentasse sondar-lhe o mais recondito d'alma.

—Deve considerar, por certo, que quando pesa sobre si uma accusação como a que acaba de ouvir, é porque se deve considerar culpado.

—Quando a minha consciencia está tranquilla, replicou Anselmo com ligeiro sorriso, não temo inculpações injustas. E' mais uma gloria, visto que soffro por minha patria.

—Sabemos vossas opiniões: sabemos o odio que professaes á dominação actual: emfim, sabemos que sois um revolucionario.

—Essa accusação é em demasia offensiva para um hespanhol.

—Porque?

—O hespanhol defende-se de uma aggressão, que é o escarneo da vossa historia.

—Seja menos aspero nas apreciações.

—Refiro-me aos factos, senhor presidente.

Emmudeceu de novo Maurice Mathieu. O animo e a nobre attitude do accusado produziam-lhe sensação.

—E' accusado, disse por fim, de haver provocado uma sedição nas ruas de Madrid.

—E' uma calumnia.

—Então não recusou entregar o seu cavallo?

—Sim.

—E que não só resistiu mas incitou o povo a resistir tambem?

—Oppuz-me prudentemente, porque não julgava justo dar o meu cavallo; e quando o sargento, que queria leva-lo, me atirou uma cutilada, considere-me então com o direito a defender-me. O povo, que sempre se inclina para o lado da justiça, vendo-me só em meio de seis francezes, tirou a desforra por mim. Isto é tudo.

—Pois nega que aquelle disturbio era um principio de uma sedição?

—Nego. E vós tendes provas que demonstrem o contrario?

—Accusado, respondeu o presidente, não tem direito para dirigir perguntas ao conselho.

—Penso que devo collocar as cousas na sua verdadeira luz.

Houve uma pausa. O presidente continuou:

—Passemos ao segundo ponto da accusação. Nega que, no motim de que foi cabeça, feriu pela propria mão cinco francezes?

—Não nego.

—Por tanto, confessa?

—Confesso que os ferí em defesa propria.

—Além d'isso, está provado que excitava o povo á sublevação,

—Ao contrario, senhor presidente, procurava apazigual-o: não porque deixasse de suspirar pelo dia da lucta e da liberdade de minha patria, mas porque, possuido o povo de um enthusiasmo temerario, daria logar a que vós o dizimasseis impunemente, e então teria a Hespanha esses braços de menos para quando soar a hora da vingança.

—Basta, exclamou Maurice Mathieu. Não sabe que podemos fazel-o arrepender d'essas palavras?

—Sei; porém não aprendi a faltar á verdade. Se é delicto dizer o que o coração sente, condemnae-me, porque já-mais deixarei de manifestar, que desejo o exterminio dos inimigos de Hespanha.

—Por isso conspira?

—Não conspiro. Todavia, se o não faço, é porque me é impossivel.

—Essas phrases são uma confissão da sua conducta.

—De meus sentimentos, senhor general.

—Tem um modo particular de disfarçar os actos. Com-

tudo, as suas palavras estão em opposição com os crimes de que é accusado.

—E quaes são elles?

—Além dos que tem ouvido e d'aquelles sobre que o conselho ha de interrogat-o, acaba de tornar patente a desafecção á dynastia reinante.

—Hespanha tem seus reis legitimos, respondeu Anselmo, alçando a cabeça com orgulho.

—O unico é Jose I, que felizmente nos rege. Os anteriores renunciaram.

—Mediando a violencia e o engano mais vil.

—Accusado! exclamou o general batendo fortemente sobre a mesa.

—Senhor presidente, replicou o joven com firmeza.

Estas duas exclamações expressavam até que ponto havia chegado a exaltação do general Maurice, e a afouteza de Anselmo.

Durante a breve pausa que se seguiu, ouviram-se no salão diversos rumores, que bem denotavam o effeito, que no publico produzira o interrogatorio.

O presidente tocou a campainha para restabelecer o silencio, e conhecendo que tratava com um espirito forte e cheio de coragem, exclamou:

—Não viemos aqui para questionar e sim para julgar. Limitae-vos d'ora avante a responder ás perguntas que se vos fizerem.

Anselmo não respondeu.

—Terceiro delicto. E' certo haverdes servido no exercito rebelde do general Cuesta?

—Sim.

—Tambem é verdade terdes n'esse exercito a graduacão de sargento?

—E' verdade.

—Entrastes ao serviço, chamado por conscrição publica, ou alistaste-vos voluntariamente?

—Voluntariamente.

—Com que fim?

—Com o de derramar meu sangue pelo rei e pela Hespanha.

—Fostes, por tanto, guerrilheiro?

—Sim, senhor.

E não sabeis que este unico delicto é castigado com a pena de ser passado pelas armas?

—Sei.

—Porque motivo, exclamou o presidente, assombrado pela tranquillidade do joven, abandonou o serviço?

—Não o abandonei.

—Abandonou-o, visto que desamparou suas bandeiras.

—Deixei-as temporariamente, porque fui encarregado de outro serviço de maior importancia.

—Ah! comprehendo. Marchou para a expedição do conde de Malvar e do barão de San Yuste?

—Assim é.

—E para onde se dirigiu?

—Creio não dever declarar o que prometti guardar no intimo de meu coração.

—Recusa?

—Recuse.

—Que fazia na casa de campo, onde foi preso?

—Vivia ali ao lado de uma familia respeitavel.

—Falla da familia do barão de San Yuste?

—Sim, senhor.

—Que relações tinha com essa familia?

—O respeito e a amizade.

—Considere, que a permanencia n'essa casa era muito suspeita.

—Assim o credes?

—O conselho não o pode duvidar.

—Em tal caso é inutil minha justificação.

Anselmo encolheu os hombros indicando despreso.

O interrogatorio não podia continuar, e Maurice Mathieu tocou a ultima vez a campainha, despeitado por não poder dominar o réo.

Este, com a mesma presença de espirito que desde o principio mostrára, tornou a sentar-se no banco dos accusados, depois de conhecer que haviam terminado as perguntas.

O publico, vivamente interessado por Anselmo, contemplava-o com admiração, e tremia pela decisão dos juizes.

Estes levantaram-se, e trataram de ir deliberar secretamente, e redigir a sentença.

O nobre mancebo presentia a sorte que o aguardava.

Decorreu meia hora de afflictiva anciedade: ao fim d'este tempo, abriu-se a porta por onde haviam desaparecido os vogaes do conselho, e voltaram elles silenciosos e lugubres.

Logo que novamente occuparam os seus logares, fallou o presidente:

—Accusado, vae ler-se a sua sentença.

Anselmo levantou-se immediatamente.

O publico emmudeceu, e em toda a sala reinou quietação payorosa.

O fiscal militar, que havia instruido o processo, desdobrou um papel que trazia na mão, e leu o seguinte:

«Em nome d'el-rei, o conselho de guerra permanente, estabelecido na cidade e côrte de Madrid, havendo visto a causa formada contra Anselmo Fontenla, natural do valle de Penedues, do principado de Asturias, na qual se prova que o dito Anselmo é réo convicto dos crimes de sedição: de haver-se batido com o exercito francez em diferentes acções: de ter sido cúmplice no projecto de libertar o ex-rei de Hespanha do

castello de Valencey; e ultimamente de haver ferido cinco militares da guarnição franceza n'esta côrte, resistindo de mão armada ás ordens que se lhe davam: considerando devidamente cada um d'estes delictos, sentençaia o supradito réo Anselmo Fontenla, a ser passado pelas armas. Devendo, porém, dar-se cumprimento a alguns requisitos, taes como participar ao governo imperial, haver sido apprehendido um dos réos do attentado de Valencey, o conselho ordena, que não se execute a sentença proferida, em quanto se effectuam novas diligencias e declarações, que sobre este incidente podem ampliar-se, ficando entretanto o réo na mesma prisão, e sob a mais restricta vigilância.»

O fiscal concluiu lendo a data, e o publico soltando um murmurio de descontentamento.

Anselmo, em vez de desanimar, desprendeu sorriso melancolico, sorriso de despedida a tudo quanto amára com tanto ardor. Depois ficou tranquillo e resignado.

—Tem alguma cousa a dizer? perguntou com voz tremula Maurice Mathieu.

—Nada, senhor presidente, respondeu Anselmo.

—A lei concede-lhe o direito de appellar.

—E' inutil: seria condemnado de novo. D'este modo poupo-vos o trabalho.

Esta resposta tão alliva, e que resumia, por dizel-o assim, todo o orgulho do réo, causou no publico uma emoção difficil de explicar.

A insensivel condessa de Segalvo, fascinada, se é possivel, por tanto heroismo, sentiu alguma cousa parecida com a compaixão; mas, dominada por outras ideias, saiu da tribuna, dando ao olvido o terrivel episodio que acabava de presenciar.

Pouco depois o presidente levantou-se, dando por terminado o conselho.

Anselmo viu-se rodeado de soldados. Um sargento atou-

lhe os braços com a bandoleira da espingarda, e foi assim conduzido por escuros corredores a uma casa, d'onde seria novamente levado ao quartel de San Matheo.

Ao entrar ali, notou, entre outros presos, que esperavam a sua vez de ser julgados, um grupo de tres mulheres que, apinhadas, por assim dizer, no canto mais escuro, tremiam de horror e de afflicção.

O nobre mancebo soltou suffocado grito. Acabava de as reconhecer, e á sua vista falleceu-lhe o animo que conservára durante o julgamento.

Todas as lembranças do passado, todo o seu amor presente, sua sonhada e passageira felicidade, representaram-se-lhe na mente com ás mais tristes côres. A palavra *morte* feria lhe os ouvidos com seu echo dilacerante; e ao ver-se ao pé d'aquelle grupo tão expressivo, sentiu pela vez primeira a perda da existencia, porque com ella perdia a mais doce de suas illusões.

As tres mulheres responderam com outro grito, e correram para o joven.

—Anselmo! exclamou a baroneza, reparando nos soldados francezes que o cercavam.

—Senhora!... Tula!

Estas duas palavras diziam tudo.

—Oh meu Deus! Que succedeu? perguntou a baroneza tremendo.

—Acabo de sair do conselho... Mas senhora, como está aqui com sua filha e Tula?

—Porque nos trouxeram para este logar.

—Para que?

—Para sentenciar-nos.

—Oh! e qual foi a sentença? perguntou Anselmo em mortal inquietação.

—Deram-nos a liberdade.

—Ah!

E o nobre mancebo elevou os olhos ao ceo com alegria extrema.

—E tu? perguntou a baroneza.

—Eu!... eu, senhora!...

—Porque não dizes?

—Ignoro o que farão de mim.

Anselmo quiz occultar d'este modo a sorte que o aguardava, para não despedaçar aquelles corações. Porém o sargento, que o havia ligado, exclamou brutalmente:

—De mais o sabe elle. Este homem acaba de ser condemnado á morte.

—Miseravel! bradou Anselmo, fulminando-o com olhar terrivel. Nem ao menos abrigaes o sentimento da piedade.

Tres gritos simultaneos retumbaram na habitação.

A baroneza e sua filha caíram de joelhos, cobrindo o rosto com as mãos.

Tala, no cumulo de sua dôr, arrojou-se ao pescoço de Anselmo; porém os soldados repelliram-na barbaramente.

Depois caiu no chão. Tinha perdido os sentidos.

CAPITULO XII

FOME!

Escusamos ampliar mais a descripção da scena de dôr com que remata o capitulo precedente.

Quando a baroneza e sua filha levantaram a cabeça, e quando Tula tornou a si, já ali não estava Anselmo.

Encontravam-se sós n'aquella triste e humida casa, como se, ao despertar de horrivel pesadelo, vissem o sonho convertido em realidade; como se todo o seu passado fosse um lugubre encadeamento de successos inacreditaveis.

Ha n'estes momentos de desesperação certa attracção entre os desgraçados, que os une, para talvez assim resistirem ao vortice implacavel da fatalidade.

Para aquellas desventuradas, cujos corações tão amargurados os tinham, era insupportavel o abandono em que se viam.

Porque não teriam voltado para o carcere?

A baroneza não comprehendia este mysterio, apesar de ter soado a seus ouvidos a palavra *liberdade*. Havendo sido conduzidas para aquella casa á saída do conselho, um official viera ter com ella, e entregára-lhe um papel.

Era a ordem de soltura.

Estavam, por tanto, sós em uma povoação desconhecida, sem amigos, sem protectores, entregues á Providencia; sem saber aonde dirigir-se; não conhecendo as ruas; cercadas de inimigos; sem habitação, sem esposo, sem parentes, nem familia, que as podesse salvar d'aquelle horroroso transe.

Depois, a noticia da sentença de Anselmo, a cruel ideia de sua morte, sem que ellas podessem levantar a voz em seu favor, era um segundo martyrio, ainda mais angustioso que o primeiro.

Tudo isto, como era natural, produziu uma atonia d'aquelles tres entes inermes, que deixaram correr as horas, sem animo para tomar uma decisão. Por fim ouviram uma voz rouca que as chamava.

Levantaram os olhos, entumecidos pelo pranto, e viram um homem vulgar e desconhecido, o qual, com um molho de chaves em uma das mãos e um pau na outra, parecia observal-as com bastante assombro.

—Que diabo fazem aqui? perguntou elle com grosseiro modo, sacudindo ao mesmo tempo as chaves.

O novo terror que sentiram as tres mulheres com a aparição do desconhecido, obrigou-as a levantar.

—Que fazemos, dizeis? respondeu a baroneza com voz intercortada pela dôr.

—Sim: para que estão aqui?

—Não o sabemos. Esta manhã trouxeram-nos para aqui, e..

O homem, que era o guarda-chaves do edificio, esteve quasi a soltar uma gargalhada.

—Excelente resposta ! disse elle. E quem as trouxe ?

—Os soldados.

—Apre ! Então estão presas ?

—Ignoramol-o.

—Já foram julgadas ?

—Sim.

E que sentença tiveram ?

—Entregaram-nos este papel.

O guarda, um pouco mais brando, pegou no papel que lhe entregava a condessa, e começou a lê-lo.

—Ah ! exclamou por ultimo, devolvendo-o. Que singular phenomeno ! Ter na mão a ordem de soltura, e não querer fazer uso d'ella ! Irra ! Nada menos que uma baroneza !... Haeis de ser boa peça. Vamos... vamos.

—Então estamos livres ?

—Como as aves.

—E que havemos fazer ?

—Porem-se na rua, e ir para casa. Por minha parte vou fechar as portas, e tenho ordem de não deixar ficar pessoa alguma dentro dos paços do conselho. Por tanto... a porta está aberta, e a noite aproxima-se.

A baroneza olhou para o homem. Aquelle coração estava endurecido: serio ocioso supplicar-lhe que as deixasse ali.

Voltou-se para sua filha e Tula.

—Este homem tem razão, disse ella; vamo-nos d'aqui.

Pouco depois achavam-se em uma rua inteiramente desconhecida para ellas.

Onde estavam ? Para onde iam ? Que seria d'ellas ?

Pararam por algum tempo, e tiveram saudades do negro calabouço que lhes tinha dado agasalho.

Era já bem tarde: o sol dardejára seus ultimos raios, e os reflexos do moribundo dia eram para ellas uma debil es-

perança, que ia fenecendo á maneira que se avisinhava a noite. Tudo quanto ha de triste e lugubre, que possa torturar o coração humano, pesava sobre aquellas desgraçadas.

A rua era larga e comprida: os edificios altos e magestosos. Desconheciam completamente a posição topographica de Madrid, a nomenclatura das ruas, o character de seus habitantes. Podiam considerar-se em um espantoso deserto, affastadas milhares de leguas da humanidade.

As casas pareciam-lhes muralhas de ferro: a pouca gente que transitava, era fria e indifferente á desgraça que as pungia. Não podia dar-se mais cruel situação.

E ainda não era tudo.

O mais duro, o mais terrivel, eram as precarias circumstancias d'estas infelizes. Das quinze onças, resto do dinheiro de Anselmo, apenas lhes ficára o sufficiente para sustentar a vida. O carcere devorára-lhes quasi tudo.

Em tão afflictiva crise a baroneza sentia-se desfallecer.

—Que fazer, meu Deus! exclamava ella, em quanto Gabriela e Tula choravam a seu lado.

—Busquemos um albergue por esta noite, responde a filha.

—Aonde?

—Deus será nosso guia.

Estas palavras, as unicas consoladoras que haviam ouvido durante o dia, inspiraram algum valor. Começaram, pois, a percorrer as ruas de Madrid, ao acaso.

Em principio tudo lhes parecia um labyrintho.

De cada rua partiam á direita e á esquerda novas ruas, já envoltas na escuridão da noite, que se lhes affiguravam outras tantas serpes, umas vezes enroscando-se em amplos aneis, outras estendendo-se, alongando em torcicollos a sussurrante cauda.

Porém aquellas ruas, como as das cidades encantadas, que nos descrevem os contos orientaes, não tinham echos nem rumores, á similhaça das de certas povoações abertas e resplendentes, que se encontram pousadas nas costas do mar á maneira de aves aquaticas. A gente parecia fugir d'ellas, por que em seu andar incerto revelavam outra mais terrivel desgraça.

O gelo do egoismo reinava por toda a parte: raras lojas estavam abertas áquella hora.

Tinham observado com profundo horror alguns homens vestidos de negro, conduzindo macas, onde se viam moribundos, ou cadaveres hirtos, lividos e medonhos.

Este espectaculo horrivel, repetido em diversas ruas, era para as tres desventuradas uma linguagem muda, porém eloquente, do que se passava em Madrid.

Penetraram em uma nova rua.

Ao fundo appareciam os edificios illuminados pelo clarão de uma fogueira.

Guiadas por aquella luz chegaram a uma praça.

Era ali a *plazuela* de Anton Martin.

Ellas eram, talvez, as unicas pessoas que ignoravam onde estavam. O que ali se passava gelou-as de terror.

Alguna caridosa mão tinha accendido a fogueira.

Que horrendo quadro alumiaava o fogo!

Em toda a extensão da praça, um povo numerozo, dividido em varios grupos, colhia com avidéz os miseraveis sohejos do mercado.

Por toda a parte se viam pessoas, umas de pé, outras arrastando-se a custo pelo chão, á maneira de reptis gigantescos: aqui, entre um circulo de entes estolidos e frios de inanição, vêem-se alguns luctando com as agonias da fome, sem

poderem sequer levantar-se: acolá, grupos mais distantes gesticulam sem falla, tomando attitudes de commiserção e lastima: uns manifestam a ancia com que devoram algum alimento; em outros observa-se o aspecto da miseria, a supplica do necessitado, a dôr do que padece, a desesperação do agonizante, a sofreguidão do esfaimado: em fim, o horror em toda extensão a d'aquelle quadro desolador.

Somos verdadeiros historiadores; e ao desdobrar em toda a sua repugnante grandeza o painel funebre, que em si encerra os factos que narramos, factos, que muitos dos nossos leitores presenciaram talvez, procurámos sómente apresentar a verdade, tal qual a ouvimos de pessoas auctorizadas e dignas do maior credito.

Em Madrid não havia que comer senão para a ambiciosa guarnição franceza.

O flagello da fome fazia-se sentir com egual força entre as familias de alguns haveres, e nas que não possuíam cousa alguma. A escassez era superior a tudo. Onde havia dinheiro, não havia que comprar, e as familias, desesperadas, incitadas pela fome, saíam para a rua, onde por fim morriam como cães abandonados.

Alguns paes de familia enlouqueciam, e em meio de sua loucura affigurava-se-lhes estar saboreando os manjares de esplendido e abundante festim: muitos começavam a inchar pelas extremidades do corpo, encostavam-se a uma esquina, e ali permaneciam de dia e de noite, como sentinellas da morte, até que algum curioso observava que tinha expirado: outros conseguíam comprar pão; porém aquelle pão era um vénebo que lhes abrasava as entranhas.

Varios fabricantes, que haviam suffocado a voz da caridade, para só ouvir a do interesse, idearam um meio diabo-

lico de se enriquecer, assassinando grande numero de desgraçados.

Misturavam a farinha com cal ou gesso, o que produzia horriveis dôres e a morte de numerosas familias.

Comtudo, o povo morria e calava, sem dobrar a cerviz ao jugo estrangeiro. A' similhaça dos gladiadores romanos, saudava o Cesar com o sorriso do sarcasmo e do desprezo nos labios, ao exhalar o ultimo suspiro.

Foi este o quadro, que, revestido de suas sinistras côres, feriu a vista das tres mulheres, que erravam por Madrid sem saber onde dirigir-se.

Não tinham tomado alimento algum em todo dia, e principiavam a sentir os primeiros soffrimentos da fome: por grandes que sejam as dôres moraes, a natureza alfim predomina sempre.

Aquella praça era um inferno, onde só havia horreudas figuras. A noite cobria com densas trevas os grupos que appareciam na zona avermelhada da fogueira. A's vezes tinham de passar por cima de alguns cadaveres ainda quentes e palpitantes.

Para onde ir ?

Estariam condemnadas a arrastar-se pelas ruas, em busca de um alimento asqueroso ? Esta ideia fazia estremecer a baroneza.

Quando pararam em um angulo da praça, repararam em dois vultos, que as seguiam com tenaz empenho.

Eram dois homens.

Um d'elles era mr. Laforet. Devorado pelo amor que dedicava a Gabriela, queria saber o sitio onde pernoitaria. O outro era uma especie de assassino assafariado, que só uma vez temos visto no decurso de nossa obra. Era o agente da

condessa de Segalvo, com quem fizemos em outro tempo conhecimento na *Atalaia maldita*.

A condessa ordenára a este homem que seguisse os passos da família do barão de San Yuste.

Ignorando a mysteriosa perseguição de que eram objecto, as pobres mulheres vacillavam sobre o que lhes convinha praticar. Esta incerteza bem depressa conheceu o enviado da condessa.

Foi approximando-se lentamente, traçando uma linha obliqua, até se achar ao lado da baroneza.

Esta avistou aquelle homem, e decidiu-se a perguntar-lhe :

—Que sitio é este?

—Estamos na *plazuela* de Anton Martin, respondeu o maligno mensageiro, usando um tom de voz suave e doce.

—Desconheço completamente este logar, repetiu a senhora de San Yuste.

—N'esse caso são de fóra da terra?

—Sim.

—Então porque não vão para a pousada? E' perigoso andar pelas ruas, que offerecem o sinistro espectáculo que ali se observa.

—Oh! sim! é muito horrivel.

—Talvez se perdessem.

A baroneza fitou os olhos n'aquelle desconhecido, como se receiasse ser muito explicita com elle. Mas, que fazer na angustiosa situação em que se achavam? Não havia mais remedio que ser franca, e revelar parte da afflictiva posição em que se viam.

—Diz bem, respondeu ella: extraviámo-nos. Se tivesse a bondade de ensinar-nos uma pousada onde passar a noite...

—Com muito gosto.

A baroneza teve de entregar-se á discrição d'este homem, que accitava o encargo com mostras de satisfação.

Começaram pois a caminhar.

Quando chegaram ao centro da praça, pararam. Dois ou tres cadaveres embargavam-lhes o passo.

O mensageiro da condessa tinha pouco interesse em guiar as tres desgraçadas a um ponto determinado, já que haviam confiado n'elle. Sua missão era não as perder de vista.

Chegou ao bairro de Lavapies: era já de noite.

—Senhora, disse elle, dirigindo-se á baroneza, antes de entrar em alguma casa para se hospedarem devo fazer-lhe uma observação.

—Diga; respondeu Helena de Noilan, tremendo.

—Em Madrid tudo está muito caro, e por isso é preciso saber quanto poderão pagar.

—Ah! pouco, muito pouco.

Estão pobres! pensou o enviado da condessa. Algum tempo depois bateu á porta de uma casa de modesta apparencia: uma mulher abriu a porta, e depois de prolongado dialogo, o desconhecido alugou uma pequena sala com sua alcova, da qual tomaram posse a baroneza, Gabriela e Tula.

A primeira apressou-se a remunerar o serviço do seu guia; porém elle escusou-se com generosidade, e desapareceu em seguida.

Ficaram outra vez sós.

Laforet, logo que adquiriu conhecimento exacto da rua, e da situação da casa, retirou-se silenciosamente, meditando talvez no meio de apoderar-se da formosa joven que tanto amava.

O mensageiro da condessa dirigiu-se precipitadamente ao palacio de Alcanices.

Quando chegou, a senhora de Selgavo deixou no salão a

multidão de recentes adúladores, que a visitavam, e, entrando em um pequeno gabinete, fitou os olhos no enviado.

—Que temos Ginés? Cumpriste a missão de que te havia encarregado?

—Sim, senhora condessa.

—Onde estão essas mulheres?

—Em uma casa por mim proporcionada.

—Por ti?

—Era o melhor meio de as não perder de vista.

—Tens razão, disse a velha com sorriso hediondo. Necessito vingar-me. Essas mulheres podem servir-me de refens.

—Por que motivo?

—Lembras-te, Ginés, d'aquelle homem, que em outro tempo?...

O mensageiro fez-se pallido. Mortificava-o um pensamento horrível.

—Sim, senhora, lembro-me, mas não pensemos n'isso.

—E' que essas mulheres pertencem á familia do morto.

—Ah!

—Já vês quanto nos convém vigial-as.

—Visto isso, tem razão, senhora.

—Antes de tudo vingemo-nos. Depois...

A condessa ficou pensativa.

Houve então um momento de silencio.

—Depois, que succederá!?... perguntou Ginés, fitando os olhos na condessa.

—Depois, quando desaparecer essa familia, que deve ser depositaria de nosso mais recondito segredo; quando deixar de existir outro homem, que julguei entre os mortos, mas que se ergueu da tumba, sem saber como; então viveremos tranquillos, sem temer recordações e fantasmas de outros tempos.

Ginés de pallido converteu-se em livido.

—E para tanto, o que é preciso?

—Talvez matar.

—Oh! não.

—Tens remorsos?

—Não sei.

—Comtudo, será necessario começar por essas mulheres.

—Essas mulheres já estão condemnadas.

—Condemnadas?

—A morrer de fome.

A implacavel megéra soltou uma gargalhada, e saiu do gabinete.

Ginés ficou aterrado ante os brados de sua consciencia.

CAPITULO XIII

ULTIMA VONTADE DO QUE VAE MORRER

Em quanto se passam estes acontecimentos, volvamos os olhos para o pobre réo que n'aquella manhã fora sentenciado á morte.

Anselmo foi conduzido ao mesmo calabouço. Pareceu-lhe, ao entrar n'elle, pisar o limiar da sepultura.

Tudo para elle havia mudado de côr, de forma e até de attractivos. O ar, a luz, o sol, o ceo, que anteriormente lhe alliviavam a magoa nas longas horas de sua prisão, eram agora simples accessorios naturaes, que apenas lhe mereciam um olhar.

Condemnado á morte!

Esta phrase horrisona absorvia todas as suas faculdades. Sentia o peito atravessado pelas balas dos soldados, em quanto elle, inerte, manietado, expirava sem esperanza de ser viado, sem ver fóra de seu paiz aquelles implacaveis inimigos,

sem dar a Tula o ultimo adeus, nem ao menos receber d'ella uma lagrima que tornasse mais doce sua agonia...

Ah! era o tormento de Tantaló; e comtudo, o nobre mancebo não perdera a energia: unicamente o désamparára a esperança, que é a luz da vida.

Quando sentiu atraz de si correr os ferrolhos do calabouço; quando não viu mais soldados, fiscal, bayonnetas, nem sentiu aquelles murmurios, uns de compaixão, outros de sarcasmo; quando deixou de se ver convertido em alvo da curiosidade geral, ficou um pouco mais tranquillo.

Todavia, Anselmo estava gelado.

Antes d'este dia, suppunha viver n'essa orbita luminosa, onde fluctua a humanidade, oceano bordado de ilhas de descanso e de porto de refugio; desde o momento, porém, em que a palavra morte soára a seus ouvidos, perdeu de vista os bellos horisontes, as brandas ondas da vida, a brilhante estrella do futuro.

Tudo adquiriu uma côr tão negra, como a da tumba.

E aquella grade, d'onde vira passar as nuvens, como flores douradas matizando o velludo brilhante do espaço; aquelle ar impregnado de exhalações embriagantes, que muitas vezes aspirára, descobrindo n'ellas as doces emanações do paiz natal; aquelle sol brilhante, que todas as manhãs vira erguer-se atravez das acacias vicejantes, parecendo engrinaldar a fronte radiosa de verdes ramos, ou antes, recordando um sorriso de Apollo por entre os louros de Daphne; aquella bonita janelle, que confrontava com a sua; a formosa joven, que todos os dias lhe enviava um olhar de piedade; tudo isto, ao cair n'aquelle ataúde, porque ataúde lhe parecia o calabouço, perdeu sua primitiva côr, sua singela belleza, seu magico poder.

Anselmo ficou sem movimento entre aquellas quatro paredes, vendo escurecer o dia atravez dos ferros da prisão, vendo confundir-se os telhados, os terraços, os muros, as ar-

vores e a janella de Mathilde, como se todos estes objectos lhe dissessem adeus para sempre.

Porque ha n'estas horas moribundas alguma cousa, que se identifica com a nossa alma, e nos faz agonisar com a agonia do dia.

Então, todo o passado se apresenta á nossa imaginação de um modo particular: o amor, com seu derradeiro sorriso; a esperança, dando-nos o adeus da despedida; o porvir, occultando-nos o rosto; o mundo, cerrando-nos suas portas, a morte, abrindo-nos seus braços.

E então possue-se de nós uma agitação horrivel, que nos despedaça os membros, as visceras, o organismo, a existencia; porque a consideramos já em poder d'esse formidavel vampiro, que se chama *verdugo*, nosso corpo entregue a esse ente que se chama *coveiro*.

Quando chegará a hora fatal!

Essa tregua que a morte ha concedido á vida; esse repouso que o somno eterno permittiu ao somno vulgar da existencia; essa luz que permanece ardendo, para extinguir-se talvez no momento em que desparze seu mais formoso resplendor; essa expressão da natureza que, á maneira de bronzeo som, vae perdendo-se nos infinitos circulos do espaço, não é uma nova tortura, um martyrio immenso, uma inquietação continua, uma dôr desesperada?

Todavia, depois d'esta lucta do espirito e do corpo, Anselmo tornou a ficar tranquillo.

A noite derramára sobre elle o balsamo da resignação.

Não dormia, e seu corpo carecia de vontade e de energia. Até então ouvira, á maneira de um ruido sem explicação, a alegre vozeria dos soldados, que se divertiam no immediato pateo; vira-os tambem comer o rancho, com o estolido indifferentismo de um corpo sem vida; e finalmente sentira ficar tudo em silencio ao som do rufo de um tambor.

A noite com sua magestosa placidez devolveu-lhe a razão, que um pouco se lhe offuscára.

Viu então as estrellas e a branca neblina circumdando a lua, quasi a elevar-se d'entre as arvores fronteiras.

Aquella peregrina nocturna; a doce confidente de seus pezares, de seus pensamentos, de suas ideias e illusões; a casta virgem, que parecia mandar-lhe seus carinhos, como sendal para enxugar as lagrimas, acabou de serenar-lhe o espirito.

Variou então o curso de suas reflexões.

Pouco a pouco foi desfazendo-se a negra e tormentosa lethargia em que jazera; lembrou-se dos entes que lhe eram caros, talvez mais desgraçados do que elle, expostos a todos os perigos da miseria e da fome; e enviou-lhes seus mais gratos pensamentos, já que mais não podia fazer-lhes.

Assim decorreu grande parte da noite.

Era uma noite aprazivel como aquella em que gosara de outra esperanza; e reproduzia-lhe esta a limitada felicidade que desfructára, ouvindo cantar no proximo jardim a joven, que depois avistára na janella.

Não era aquella voz um echo celestial, vertendo em seu coração o balsamo do conforto? Não era aquella donzella o unico ser, que parecera interessar-se por seu infortunio?

Anselmo ficou mais tranquillo com estas reflexões.

Quando mais engolphado estava seu espirito n'estas ideias, cuidou sentir as cordas do alaúde, que ainda echoava em seus ouvidos.

Com effeito, não se enganava.

O anjo cantava de novo.

A harmonia era diversa.

Já não se ouviam aquellas notas repassadas de dôr, que pareciam expandir-se sob as frondosas acacias, á maneira de

suspiros fugitivos. A musica, sem perder sua melancolia, era mais ligeira e mais apaixonada.

De repente ouviu-se uma voz.

O canto era impregnado de esperança, talvez de felicidade.

Aquelle coração parecia elevar-se sobre nuvens nacaradas, em quanto o d'elle se achava envolto em densas trevas.

O nosso preso sentia um bem estar ouvindo aquellas notas que atravessavam o ar, como se ouve o primeiro canto da philomela ao romper da aurora. Por immenso que fosse o contraste, Anselmo experimentava um goso, como se aquelle canto fosse um beijo harmonioso, que lhe viesse suavisar a agonia.

Depois de algum tempo, cessou o canto. Anselmo adormecera.

No outro dia, a joven appareceu á janella, e olhou o prisioneiro com o interesse que inspira a desgraça.

Este concebera um pensamento.

Anselmo queria legar áquelle coração sensível a missão, que lhe era impossivel desempenhar.

Que velasse pela familia do barão de San Yuste.

A' hora em que lhe trouxeram um asqueroso rancho e um pedaço de pão negro, pediu tinteiro e papel.

A um preso nas circumstancias de Anselmo, nada se recusa. Sem embargo, os carcereiros declararam que fariam presente o desejo do preso ao official da guarda.

Pouco depois, subiu este ao calabouço. Transparecia-lhe no rosto certo indicio de coração compassivo.

—Pedi tinteiro e papel?

—Sim, meu capitão, respondeu Anselmo.

—Ha ordens assás severas para não permittir aos presos esses utensilios.

—Haverá para os que possam conservar ainda uma esperança, replicou o joven.

—E' verdade; porém o regulamento...

—Quer dizer, que me nega o que peço?

—Não; mas diga-me, para que quer papel e tinteiro?

—Quero escrever o meu testamento. A um moribundo permite-se cumprir este dever.

—Ah! é verdade.

—Os que se acham já separados da humanidade, como eu, esperando de um para outro instante que os arrastem ao patíbulo, têm necessidade de deixar consignados seus pensamentos, seus desejos, sua vontade.

—Sim; disse o official enternecido. Immediatamente terá o que dezeja.

—Oh! mil vezes obrigado.

—Necessita de mais alguma cousa?

—Nada mais, senhor.

—Interesso-me summamente por si, e por isso estou decidido a obsequial-o em tudo.

A franqueza e lealdade viam-se desenhadas na rude physionomia do official.

Anselmo reconheceu estes signaes evidentes.

—Ousaria, pois, respondeu elle, pedir-lhe mais um favor.

—Bem; que é?

—Dentro em pouco, ficarão escriptos n'este papel meus ultimos desejos.

—Sim.

—Muito queria que elle fosse religiosamente entregue á pessoa que eu indicar.

—Se não é mais que isso, eu me incumbo de desempenhar esse encargo.

—Então, olhe d'aqui:

O official chegou-se á grade, á qual n'este momento se encostava Anselmo.

—Aqui estou, disse elle.

—Vê aquella joven?

E Anselmo apontou para a janella onde se achava Mathilde.

—Observe bem.

—Vejo-a perfeitamente.

—Esquecer-se-ha da sua physionomia?

—Não.

—Pois entregue-lhe a carta que vou escrever.

—Dou-lhe solemnemente minha palavra, de que serão executados esses desejos.

—Não tarda que eu vá morrer; deve, por tanto, presumir que n'este papel só irão os rogos de um moribundo.

O official saiu do carcere, e pouco depois entrou uma ordenança com tudo quanto desejava o preso.

Não hesitou em escrever. Considerava cada hora, que decorria, a ultima de sua existencia, e por isso, reunindo em sua mente as ideias que queria expressar, com essa eloquencia que brota instantanea quando nos fere uma desgraça horrivel, escreveu o seguinte:

«Senhora: não a conheço; mas n'este momento tenho valor para importunal-a; tambem não me conhece e eu espero da sua generosidade perdão para tanta ousadia.

«Sou o preso que todos os dias vê da sua janella; o que uma noite, ouvindo-a cantar, cantou tambem pintando-lhe os tormentos que soffria.

«Não sou d'aqui: nasci nas montanhas de Asturias; não conheço ninguem: fui preso, não por um delicto que deshonra, e sim porque amo o rei e a patria, como todo o hespanhol deve amar tão caros objectos.

«Este é o meu crime.

«Accusam-me de sedicioso: hontem fui julgado em conselho de guerra, e sentenciado a ser fusilado, a morrer sendo innocente.

«Eis a razão, porque a importuno, senhora.

«Não sendo conhecido por pessoa alguma; sem amigos, sem parentes, sem relações; isolado entre o mundo que se affasta e a tumba que se approssima; ouvindo a cada instante os passos dos carcereiros, que agora ou logo podem vir buscar-me; sem outra esperança que a morte, ousou dirigir-me a quem parece interessar-se por meu destino, pois n'este momento terrível careço de quem me estenda mão amiga por compaixão, para pedir-lhe que, perdoando-me o incommodo que lhe causo, seja em nome da caridade, fiel interprete de minha ultima vontade.

«Disse-lhe senhora, que sou de Asturias.

«Agora accrescento, que toda a minha vida tenho sido domestico do barão de San Yuste; d'esse digno hespanhol, cujo nome lhe terá constado, por ser um dos valentes que tentaram salvar Fernando VII da fortaleza de Valencey, em união com o conde de Malvar.

«Sendo preso o barão em França, sua nobre familia ficou sob minha protecção, sob a protecção de um obscuro montanhez.

«Minha desgraça envolveu esta digna familia; e sem consideração á sua classe, a seu sexo, e sua innocencia, foi ella encarcerada e perseguida.

«Tambem hontem foi julgada em conselho de guerra, e posta em liberdade.

«Mas que terá sido d'ella depois d'esse acontecimento?

«Madrid é devorada pela fome: essa familia carecia de recursos, de amigos, de protectores. Sem duvida, as tres mulheres que a compõem vêem-se n'este momento ameaçadas de uma desgraça cem vezes mais cruel do que aquella que eu experimento.

«Senhora, eis a causa porque lhe escrevo, porque invoco sua generosidade, e appello para os seus nobres sentimentos;

ousando esperar a misericórdia e compaixão, que o seu rosto angelico me revela.

«Nada peço para mim; imploro tudo para ellas. Eu sou já um cadaver, a quem se permite manifestar os tragicos successos do passado, para que se evitem os males futuros.

«Em nome, senhora, do que mais preza, peço-lhe que procure essa familia errante, exposta a perecer na mais horrorosa desesperação, e seja para ella o anjo da consolação, como para mim tem sido o genio da bondade.

«D'aqui leio-lhe no semblante, e conheço que esta supplica será acolhida como um madato do ceo.

«Eu morrerei bem depressa, e só a senhora poderá proteger as desventuradas que lhe recommendo.

«Manifeste-me todos os dias, por um signal qualquer, o resultado de suas investigações. Eu não cessarei de olhar para a sua janella.

«Se em algum dia não apparecer á grade d'este calabouço, é porque já não existo.

«Então, peço-lhe só para mim uma curta oração, pelo descanso de minha alma.

«Queira fazer saber á familia do barão minha respeitosa e profunda amisade, minha leal dedicação, e a uma joven que a acompanha, chamada Tula, que por ella foi meu ultimo suspiro. E' a extrema demonstração do meu amor.

«Não quero ser importuno por mais tempo. Perdoe-me, senhora. Se lhe envio esta carta funebre, é porque n'esta occasião solemne é a senhora o meu unico refugio, minha unica esperança. E' ella o grito do naufrago, o testamento do condemnado, a vontade de um moribundo, o ultimo adeus de um infeliz.

«Senhora, sêde o anjo salvador dos desgraçados.

«Assim o espera quem sempre a bemdirá.

«*Anselmo Fontenla.*»

Dobrou a carta, fechou-a cuidadosamente, e chamou o official, que veio de novo ao calabouço.

—Entrego-lhe, disse Anselmo, minha ultima esperanza. De si depende agora a felicidade ou a desgraça de uma familia, que só tem o amparo de Deus.

O official, enternecido, jurou cumprir o que promettera, e saiu da prisão.

Com effeito, meia hora depois, Anselmo viu-o ao lado de Mathilde.

Estava desempenhada a missão de que tão benevolmente se encarregára.

O preso cruzou as mãos sobre o peito, e elevou fervorosa supplica ao Pae dos desditosos.

CAPITULO XIV

EL-REI EXASPERA-SE

Mathilde estava só quando se apresentou o official francez.

—Desculpe-me, senhora, disse elle dirigindo-se á donzella, se venho interrompel-a n'este momento; porém, um dever sagrado, um juramento feito a um desgraçado, ao qual nenhum homem honrado deve faltar, me obriga a vir aqui.

—Qualquer que seja o motivo de vossa visita, respondeu Mathilde, sêja bem vindo, cavalheiro: que me quer?

—Encarregam-me de collocar em suas mãos esta carta.

—De quem?

—Já tive a honra de vol-o dizer.

—Mas esse desgraçado...

—E' o preso que todos os dias vê d'essa janella.

Mathilde apressou-se a tomar o papel, impellida pela compaixão que sentia.

O official, depois de cumprida a sua missão, retirou-se,

e a joven ficou só, tremendo, como se presentisse alguma cousa terrivel e dolorosa.

Além do interesse que lhe inspirára aquelle preso tão joven, soffrendo com resignação seu longo captiveiro, experimentava uma sympathia para com elle, sympathia tanto mais sincera, quanto maiores eram seus soffrimentos.

Por tanto, a mensagem que acabava de receber era para ella um novo motivo de affecto.

Começou a ler a carta. Esta leitura, como a musica de Weber, commovia desde a primeira nota.

Mathilde sentiu que o coração se lhe partia: as lagrimas rebentaram-lhe dos olhos com violencia: depois deu um grito: n'aquelle homem, sentenciado á morte, havia talvez um amigo do conde de Malvar e de Genaro: leu finalmente a prece do desgraçado, para que estendesse mão protectora a infortunada familia de San Yuste, e então sentiu-se attrahida para aquelle infortunio tremendo, para aquelle supremo episodio da fatalidade.

Ficou de pé, derramando um caudal de lagrimas.

Era preciso procurar as infelizes, que talvez n'aquelle instante expiravam de fome e desesperação.

Mathilde dirigia-se a uma campainha, para chamar uma de suas donas quando ao mesmo tempo se abriu a porta, e appareceu um homem.

O recém-chegado, vestido em traje hespanhol, e embuçado em um capote, era o rei.

A joven estremeceu e deixou cair a carta no chão.

José Napoleão desembuçou-se, e adiantou-se em silencio até estar proximo de Mathilde.

—Haveis chorado? lhe disse elle, tomando-lhe uma das mãos.

Mathilde retirou-a com suavidade; mas estava tão sobresaltada, fôra tão inesperada a apparição do rei, revelava aquella

visita tanto porque tremer, que apenas teve energia para responder:

—Sim, hei chorado, senhor.

José Napoleão comprehendeu a confusão da formosa joven, e apressou-se a tranquillisal-a.

—Perdoe-me o atrevimento de vir vel-a, lhe disse, conduzindo-a insensivelmente a um assento.

—Eu, senhor, julgo-me assás honrada com a visita de Vossa Magestade.

—Deve saber, proseguiu o rei, fitando n'ella olhar apaixonado, que, depois de a conhecer uma vez, não é facil olvidal-a.

Mathilde tremia.

—Ah! mereço bem pouco taes favores.

—Não me falle assim, Mathilde.

—Porque não?

—Porque só ao seu lado está a felicidade. Já lh'o dissè em a noite do baile.

A donzella não sabia que responder; mas desde aquelle momento conheceu que havia praticado mal, deixando-se illudir pelos conselhos da condessa de Segalvo. Aquella visita inesperada não a situava a dois passos da deshonra? Que podia ir buscar o rei áquella casa, a não ser o seu amor, seu coração, seu nome e seu decoro?

Mathilde viu um abysmo a seus pés.

Depois de um momento de silencio, durante o qual não ousou ella descerrar os labios, José Napoleão proseguiu:

—Que tem? Fallo-lhe? e parece que lhe custa responder-me?

—E' que presinto uma cousa, senhor.

—Diga.

Mathilde fez-se successivamente pallida e corada.

—Julga-se sempre mal da pessoa, que recebe visitas como as de Vossa Magestade.

—Que diz?

—Não me expliquei bem talvez, replicou a joven mais animada. Quando um rei, escudado pelo elevado grau que occupa, por seu nome, por seu prestigio, entra n'uma casa, onde ha uma joven, o publico bem depressa crê que existe em taes relações alguma cousa mais que amisade.

Chamma ardente e rapida fulgurou nos olhos de José I, tingindo-se-lhe immediatamente as faces de subito e vivo rubor.

—Mathilde, que quer dizer com isso?

—Cuido que Vossa Magestade bem me comprehende.

—Sim; hei adivinhado em sua alma um temor, que nada significa, porque se firma em um excesso de pudor: parece-me que desce em demasia para attender á murmuração do vulgo, sempre exagerada e malevola; creio que quasi pretende elevar uma barreira entre nós, entre minha alma que a busca, e a sua que me repelle.

—Senhor...

—Oija Mathilde. Von ser franco consigo: devo-lhe uma explicação, e é justo que lh'a dê. Ha dois annos que a amo, ou melhor, que a idolatro. Como um perfume que se dissipa, ou um sonho brilhante que se esvae, assim a vi desaparecer por algum tempo. Desde então o rei de Hespanha, o irmão de Napoleão, só tem vivido para adoral-a em mente. Deve saber que aqui, em minhas veias, circula sangue corso, isto é, esse fogo italiano que se aspira com a atmosphera do Vesuvio, essa lava implacavel que não podem apagar as ondas da velha Parthénope. Comprebenda com que amor eu a adoro. E' talvez um amor inexplicavel: não é um capricho nem uma vulgaridade; é o trovão que succede ao raio, o raio que abraza tudo quanto toca. Mathilde emprazo-a para longa lucta. Este

amor foi-se condensando durante dois annos, como as materias inflamaveis, que se escondem nas entranhas da terra. Em a noite do baile estalou o volcão: não foi minha a culpa...

E o rei emmudeceu. De seus olhos desvairados saia um brilho vago e indeterminado como o do delirio: sorria-se mais por esforço convulsivo, do que por impulso natural: a vermelhidão de ha pouco havia sido substituida pela alvura do marmore.

Mathilde tremia; contudo, tinha em mais sua dignidade e seu decoro, do que esse triumpho ephemero que houvera enlouquecido outra mulher.

—Senhor, disse ella, desde o instante em que Vossa Magestade se apresentou n'esta casa, eu comprehendi qual o motivo da entrevista com que me honraes.

—Então, respondeu José com tremula voz, deve saber-lhe tambem o desenlace.

—Calculo-o.

—Ah! A frieza com que me falla gela-me o coração!... Mas fallemos da noite do baile...

—Para que recordar cousas passadas?

—E' porque o passado é a cadeia que prende a quietação, o socego antigo, á turbulencia, á agitação de agora. Mathilde, quero que me escute. Antes do baile, as suas recordações eram em minha menté o que para o nauta é a fertil ribeira, que abandonou pelos climas polares: era como uma estrella brilhante envolta em cerração impenetravel: era como uma esperanza, mas uma esperanza sepultada em abysmo insondavel. A sua apparição transmudou meu destino. Contemplei-a pura, formosa, radiante, qual encantadora fada: n'esta terra das odaliscas, cuidei, extasiado ao vel-a, presenciar a apparição de alguma sultana, fugida dos alcaçares mouriscos de Sevilha e Granada: nossos olhares encontraram-se e prostrei-me a seus pés, não como um rei, mas como um escravo.

Agora, o escravo vem de novo ajoelhar ante si, vem ouvir de seus labios o destino que o aguarda.

O rei calou-se de novo, e Mathilde, estendendo a mão, pretendeu evitar que elle ajoelhasse.

—Repelle-me? continuou elle.

—Não.

—Ousarei esperar?...

—Senhor, não posso responder-vos.

—Porque?

—A distancia que nos separa cerra meus labios.

—Não, não vejo distancia alguma entre nós: o amor não conhece hierarchias.

—O amor! exclamou Mathilde em tom de assombro.

—Assusta-a esta palavra?

—Aterra-me.

—Mathilde, essas respostas dilaceram-me o coração.

—Então, pretendeis uma explicação formal?

—Sim, exijo-a, peço-a por tudo quanto ama.

—Como não ha meio de a evitar, escutae-me.

—Escuto.

—Vou fazer-vos uma pergunta.

—Diga.

—Conheceis a litteratura hespanhola?

El-rei ficou admirado. Não sabia onde Mathilde queria chegar.

—Conheço, disse elle.

—Vossa Magestade tem lido nosso theatro antigo?

—Sim.

—Pois bem: n'esse theatro, archetypo de acções veridicas e admiraveis, ha um drama, em que se lê a resposta que devo dar-vos.

—E que resposta é essa?

—Eil-a: Para vossa esposa, sou pouco; para amante vossa, sou muito.

O rei exhalou um ai despedaçador e apaixonado.

—Despreza-me?

—Eu não vos desprezo, senhor; digo simplesmente o que sinto: nós as hespanholas, somos assim. Amamos com loucura, e perdoamos com facilidade, porém não sabemos illudir com palavras estudadas.

—Logo, ama a alguém?

—Sim, amo.

—Já nem pertence a si mesma?

—Hei pertencido e pertencerei até que um sacerdote abençoe nosso amor.

—E esse amor é immutavel?

—Como o destino.

—Crei-o sempre ardente e firme?

—Até á morte.

—Tem fé em quem a ama?

—Como em Deus.

—Mathilde! Mathilde! está-me assassinando.

—Tal não quero, senhor. Não vos sou adversa.

—Pois quem?

—A sorte.

—Oh!

E o rei caiu de joelhos, occultando o rosto entre as mãos, como se vira o raio, que ao mesmo tempo o feriu de morte.

Mathilde conservava-se tranquilla. Não havia em seu formoso rosto o mais ligeiro signal de desdem ou enfado. Fallava como lhe dictava o coração.

Quando José Napoleão levantou a cabeça, havia-se-lhe transformado a physionomia.

Já nada n'elle havia de magoado. Notava-se-lhe inexoravel gravidade que aterrava: de pallido, o rei tornára-se livido,

e dos olhos despedia sinistro brilho. Ensuberbecera-o a humilhação; o desprezo irritara-o. Pode dizer-se que o leão se dispunha a mostrar garras.

—Senhora, disse elle, fitando em Mathilde olhar intenso como o relampago. Era impossivel prever o doloroso desfecho d'esta aventura. Considerava-me digno de seu affecto, e... agora conheço quanto me illudi.

—Cuido, senhor, que minha lealdade e franqueza não devem offender Vossa Magestade.

—Não: cada vez mais a admiro. Porém entre nós ha um pelago ameaçador, ou mais propriamente, inevitavel voragem.

—Que dizeis?

—Mathilde, proseguiu o rei esforçando-se por não ultrapassar os limites da prudencia; já viu algum penhasco ao desprender-se da crista da montanha?

—Não.

—Pois saiba, que, quando da altura se precipita tão consideravel massa, não ha forças humanas que a detenham. Rola furiosa, e em seu passo destroça quanto encontra até chegar ao abysmo.

—Que quereis dizer com isso, senhor?

—Que sou como esse penhasco desprendido do cume da serra. Uma vez no declive, não poude mais suspender-se.

—Vossas palavras parece encerrarem uma ameaça.

—Sim: uma ameaça de amor, que não tardará em realisar-se.

José I contemplou Mathilde com dobrada energia, como se quizesse revelar-lhe n'aquelle olhar o futuro que a aguardava.

A joven ia retroceder; porém n'este momento abriu-se a porta da sala, e appareceu a condessa de Segalvo.

A presença d'esta senhora obrigou cada um a conservar

sua attitude primitiva, sem atrever-se a proseguir a conversação interrompida.

Ao mesmo tempo, a condessa, com o inesperado encontro do rei, emmudeceu, não ousando penetrar na estancia, e não podendo tambem retroceder.

Bastou-lhe um olhar para advinhar o que succedia.

Mathilde bendisse a Deus pelo auxilio que lhe prestava. A mesma pessoa que mais lhe urdia a perdição, a salvava agora d'aquelle terrivel lance.

José Napoleão voltou a cabeça com sorriso desdenhoso.

—Entrae, condessa, disse elle: sua filha honrava-me n'este momento com a sinceridade que caracteriza seu coração: e em verdade, senhora, eu duvido ainda de mim mesmo, desde que a ouvi sobre certos assumptos.

—Minha filha, senhor, respondeu a condessa inclinando-se respeitosa, tem mui limitada experiencia das cousas do mundo; e penso que Vossa Magestade o terá assim entendido.

A altiva joven olhou com soberano desdem para os dois personagens que assim fallavam, e fez um movimento para retirar-se.

—Retiras-te, Mathilde? exclamou a condessa admirada.

—Chamam-me n'este momento sagrados deveres. Um desgraçado que hontem foi sentenciado á morte...

A condessa empallideceu.

—Pois occupas-te em obras de caridade?

—Sim, senhora.

—E quem vaes procurar?

—A baroneza de San Yuste.

Sorriso sinistro escapou dos labios d'aquella mulher.

José Napoleão conheceu que uma era o genio do bem e a outra o genio do mal d'aquella infeliz familia. Talvez desejasse tomar interesse nos projectos de Mathilde; porém allu-

cinado pelo amor, offendido em seu orgulho, só pensava em vencer tão virtuosa pertinacia.

A joven ausentou-se, e eis finalmente a sós o rei e a condessa de Segalvo.

—Sejamos francos, senhora, disse repentinamente José Napoleão, fitando a dama com olhos de aguia. Sua filha é um anjo e um demonio... Por certo me enlouquecerá. Creio conveniente affastar de nós essa falsa cortezania, que a sociedade exige em certos casos. Por tanto, diga-me...

A condessa percebeu que, no estado de exaltação em que se achava o rei, tinha em seu favor numerosas vantagens, de que saberia lançar mão com diabolico talento.

—Estou prompta a satisfazer os desejos de Vossa Magestade, disse a dama inclinando-se.

—Deve saber que amo, que idolatro Mathilde.

—Oh! Vossa Magestade prodigalisa-lhe honra em demasia com tal predilecção.

—Fallaram-me d'ella como um portento de formosura, e não como um portento de virtude.

—Senhor, a maledicencia ceva-se sempre nos entes débéis e desvalidos.

—Ah! exclamou o rei; bem tarde chego a comprehendel-o. Mas escute-me. E' tempo de arrojara máscara que nos disfarça.

—Que dizeis?

—Eu sei, senhora, que Mathilde não é sua filha.

A condessa tornou-se pallida e tremula.

—Senhor!...

—Já o disse: sejamos francos.

—Quem se atreve a pôr em duvida semelhante verdade?

—Eu.

—Vós?...

—Senhora: pelas informações que me não são presen-

tes, sei que a condessa de Segalvo é uma aventureira; uma mulher cujo passado está envolto em profundo mysterio; uma adventicia que se aggregou ao meu partido, porque em outro não seria admittida.

—Deus meu!

—Não se assuste. Sei um pouco da sua biographia, e por isso, não deve atemorizar-se. Situados no verdadeiro terreno que mutuamente nos corresponde, vou dizer-lhe uma cousa. Posso sepultal-a na abjecção, no abandono e na miseria, e posso eleva-la mais ainda do que está. Que posição lhe agrada?

A extraordinaria perturbação da condessa foi diminuindo pouco a pouco. Por fim respondeu:

—Senhor, Vossa Magestade julga-me com excessiva acrimonia.

—Já lhe disse que aqui não ha fingimentos! Escolha.

—Acceitarei as bondades que dimanem do coração de Vossa Magestade.

—E não sabe o que lhe toca praticar para merecel-as?

—Não.

—Dê-me o amor de sua filha... quero dizer, de Mathilde.

—Mas, essa condição...

—E' a unica.

—E' que, força é confessal-o, senhor, Mathilde não é minha filha.

Depreciativo sorriso appareceu de novo nos labios do rei.

—Ha pouco vol-o disse.

—Careço de influencia para com ella.

—Mas a sua astucia, o seu talento, tudo pode, senhora.

—Oh!

—Não recuse. Eu sei que por varias vezes haveis tentado vender sua honra. Agora não só exijo, senão mando. Entende-me?

—Obedecerei, senhor.

A condessa despediu de suas pupillas baças uma luz azulada.

—Porém quando? perguntou o rei.

—Senhor, ha um lugar conveniente e uma occasião propicia.

—Onde?

—Na loja dos franc-maçons, de que Vossa Magestade e eu somos irmãos.

—Acceito a promessa.

El-rei embrulhou-se em seu capote, e sem olhar para a condessa, saiu da sala.

Ella quando se viu só, soltou risada estridente, murmurando ao mesmo tempo:

—Acceleremos a vingança: o raio já pende sobre a cabeça.

CAPITULO XV

PRELUDIOS DE UMA TORMENTA

José I saiu do palacio de Malvar em um estado de agitação que elle mesmo não previra: tão rapidas são no coração do homem as alternativas do bem e do mal.

Conservando o incognito, e acompanhado de alguns domesticos, dirigiu-se ao palacio, dando ordem ao cocheiro de partir a galope.

Queria, por meio d'esta celeridade, acalmar o desassosiego de seu espirito.

Notava-se n'elle essa inquietação que se observa no oceano, quando quebra suas vagas contra a solitaria rocha de um ilhote.

No rei o amor era a vontade, e sua vontade fóra contrariada. Eis porque, contra seu character, indole e inclinações, celebrou um pacto indigno com uma mulher, mais indigna ainda.

Chegou ao palacio, e seu primeiro cuidado foi encerrar-se no seu quarto, dando ordem, que ninguem o incomodasse.

Porém os reis não podem isolar-se completamente. Quando apenas tinha tempo de se deixar cair em uma cadeira, apresentou-se um gentil-homem annunciando o conde de Cabarrús.

Esta visita, se não acabou de o impacientar, fez-lhe desejar ainda mais a soledade e o isolamento.

Mas não é fácil nagar-se a um ministro de estado.

Quando D. José fluctuava n'esse mar de insondaveis pensamentos, sem dar uma resposta definitiva ao gentil-homem, appareceu á porta o ministro que tinha sido annunciado.

Estava pallido: parecia que uma impaciencia immensa lhe fizera ultrapassar os limites da etiqueta, e que era mensageiro de noticias recentemente recebidas. Debaixo do braço trazia uma pasta cheia de papeis.

—Conde, vós aqui! exclamou José Napoleão, não sabendo explicar a si proprio aquella visita.

—Um assumpto de alta monta me obriga a vir á vossa presença.

—De que caracter?

—Official.

—Comtudo, hoje não é dia de despacho.

—De despacho ordinario, quererá Vossa Magestade dizer.

—Ah! Logo é extraordinario?

—Sim, senhor.

—Oh! approximae-vos! disse o rei, perturbando-se um pouco. Tal acontecimento revela graves successos.

O ministro inclinou-se, como assentindo com a opinião da monarcha, e approximou-se tanto quanto o respeito lhe permittia.

Em seguida, foi collocando sobre uma mesa os officios contidos na pasta.

—Recebemos, disse Cabarrús com voz treste, tres correios importantissimos, senhor; e não quiz perder um momento

sem dar conhecimento a Vossa Magestade das noticias de que são portadores.

— Bem: procedamos com ordem. D'onde é o primeiro?

— Do exercito da Estremadura.

— E que novas nos dá o duque de Ragusa?

— Fataes.

— Oh! saibamol-as.

— Senhor, Badajoz rendeu-se aos alliados.

Mortal pallidez cobriu a expressiva e sympathica physionomia de José Napoleão.

— Pois Badajoz caiu em poder de Wellington! exclamou elle, como se perdesse desde aquelle momento a esperanza de reinar. Oh! essa noticia é terrivel, pelos resultados que ha de produzir. Mas Soult? Soult que avançava sobre a Estremadura?

— Teve de retroceder.

— Como!?

— Sendo Sevilha ameaçada por Villemar, Soult teve de guarnecer de novo esta cidade.

O irmão de Napoleão, apesar de seu espirito tranquillo e resolute, sentiu esses estremecimentos nervosos, precursores de uma proxima desgraça.

— Escute, conde: creio que Marmont terá avançado mais sob as muralhas de Badajoz.

— Senhor, esse general, em vez de dirigir-se a esse ponto, teve de marchar contra Ciudad-Rodrigo e Almeida.

— E alcançou alguma vantagem?

— Foi rechaçado de ambas as partes.

— Oh!

— Pôde, por tanto, considerar-se evacuado Portugal, e Estremadura.

— Conde!

—Doloroso é dizel-o; mas n'este instante Marmont retira para Salamanca.

—E Wellington?

—Levanta o seu acampamento, e avança sobre a mesma cidade.

—Conjecturo que deve dar-se uma batalha em suas immediações.

—Com effeito, assim acontecerá. Agora, se Vossa Magestade me permite, continuarei instruindo-o dos demais assumptos.

—Falle.

—O marechal Soult enviou-nos outro correio.

—Que nos diz?

—E' acozado por Ballesteros.

—Não póde operar contra elle?

—Torna-se-lhe quasi impossivel.

—E o terceiro correio?

—E' do imperador.

D. José manifestou no semblante certo desprazer, que, apezar de todo o seu sangue-frio, não poude dissimular.

—Que novas instrucções nos envia?

—Uma multidão de planos estrategicos.

—Eis aqui, senhor conde, exclamou o rei, saindo de seu torpor; eis aqui o mau fado que vae presidindo ao meu destino. Não tenho acção para mandar: enviam-se-me instrucções até para os mais insignificantes actos do meu governo, e não sou rei senão no nome.

—E' certo.

—Esses novos projectos são irrealisaveis?

—Cuido que sim.

—E, todavia, havemos de pôl-os em pratica, ainda que tenhamos de ir de encontro a obstaculos insuperaveis.

O ministro emmudeceu.

—Desgraçadamente, proseguiu o rei, vêmo-nos sob o dominio de vontade alheia, que nos ha de fazer perder nossa brilhante conquista. Sem embargo, tempo é já de conhecer o imperador, nossa razão e nosso direito.

—De tão justa resistencia, respondeu o ministro, depende, senhor, o exito da guerra. Em quanto se considerar a Hespanha como uma provincia do imperio; em quanto vierem de Paris essas instrucções inefficazes, esses projectos nullos, essas ordens, vazadas, por assim dizer, em um molde militar, sabei que nunca sereis o verdadeiro rei d'esta nação valente e generosa.

D. José, mais exaltado ainda, respondeu:

—O imperador só quer submissão, e não que seus irmãos se considerem, para com elle, como reis independentes.

—E' necessario, pois, que Vossa Magestade quebre essa especie de escravidão, que se lhe impõe.

—Tendes razão, Cabarrús. Eu não serei jámais senão o que a minha consciencia me dictar que devo ser... Estou convencido que os verdadeiros interesses da Hespanha e da França reclamam uma intima alliança, a união mais estreita entre ambas as nações em egualdade de beneficios, não a dependencia uma da outra. A Hespanha, dominada pela França, será sua inimiga na primeira occasião; unida por laços de amisade, será tão fiel como eu serei ao imperador. Eu pretendo enlançar esta communidade de interesses, e para isto é preciso que promptamente se faça conhecer á parte mais debil, que a mais forte não a quer tornar sua escrava... Eu só quero o que exige meu dever; e o que este dever exige, é que governe os hespanhoes como *nação livre e independente*... Taes são meus projectos, e a estes principios estou prompto a sacrificar a corôa de Hespanha.

Havia chegado a exaltação do rei a tão alto grau, que não temia manifestar sinceramente seus sentimentos.

Cabarrús estava commovido. Conhecia que aquelle homem, livre da pressão de seu irmão, teria sido um grande rei.

—Cada dia mais me convengo, respondeu o ministro, que Vossa Magestade deve lutar sem descanço até conseguir a independencia official que tanto demandam os assumptos politicos d'este novo reino.

—Do contrario, é impossivel sustentar-nos aqui. Não conhecem esta nação: é ella um leão que a razão conduzirá sem trabalho; mas que a força não reduzirá, ainda que para isso ponham em acção um milhão de soldados. Aqui todos são soldados, quando querem governal-os militarmente: todos serão amigos, se unicamente se tratar da independencia nacional.

—E' certo.

—Por tanto, proseguiu D. José, é preciso que me aconselhe. Sua opinião é de muito peso n'estes casos.

—Ousarei propor a Vossa Magestade o unico pensamento de salvação que nos resta.

—Qual é?

—Vossa Magestade sabe, que os nossos exercitos vão retirando ante os alliados: que cresce a tenacidade dos hespanhoes em defenderem-se; e finalmente que uma batalha perdida nos pôde arrojear de Madrid, para não tornar mais a occupar esta capital. Vosso irmão atravessou em 23 de junho a Criméa, e avança para o coração da Russia. Essa campanha gigantesca preoccupa todos os espiritos pensadores, e se a victoria lhe pôde ser fiel, tambem pôde d'esta vez abandonar-o. Um desastre n'aquellas regiões vos derribaria instantaneamente do throno. Combatido exteriormente, exposto aos azares da guerra do norte, sem amigos, possuindo apenas

tropas sem reserva, encontra-se Vossa Magestade isolado, se não appela para as sympathias do paiz.

—De que modo?

—Entrando em negociações com a côrte de Cadiz.

D. José ficou pensativo ante a ideia do seu ministro. Depois de longo tempo de meditação, respondeu:

—Acceito esse pensamento, e desde já fica auctorizado a pô-lo em pratica. Todavia, temo o resultado.

—Porque?

—Porque a superioridade e a vantagem estão por parte dos hespanhoes. Mas, emfim, tentemos este derradeiro recurso. Dae ordem para que todas as tropas estejam promptas a marchar. Em ultimo extremo, collocar-me-hei á sua frente, e bater-nos-hemos, se com effeito souu a hora da desgraça.

Cabarrús não respondeu: inclinou a fronte com tristeza, e dispoz-se a sair afim de dar execução ás ordens do rei.

—Esperae, proseguiu este com voz lugubre. Reuni, o mais depressa possivel, a loja a que pertencemos. Será necessario activar seus trabalhos, e unir ainda mais os diversos elos do nosso systema. Quando a tempestade ameaça, devemos preparar-nos para resistir-lhe.

O ministro inclinou-se novamente, e saiu da camara real, presentindo o desmembramento d'aquella nova monarchia.

O rei ficou apertando a fronte entre as mãos; mas no meio de seu abatimento moral julgava contemplar a imagem de Mathilde, como a sombra da felicidade e da condemnação.

CAPITULO XVI

O POVO TEM FOME

Passaram os dias; e em seu incessante correr não mudaram tantos corações, dominados uns pelo amor, outros pelo desejo da vingança, e alguns transidos pela angustia e pela dôr.

José I esperava ancioso a occasião opportuna, offerecida pela condessa de Segalvo.

Mathilde havia percorrido metade de Madrid sem encontrar a desgraçada familia de San Yuste. Todas as manhãs manifestava a Anselmo o mau exito de seus trabalhos.

Além da cruel afflicção, que lhe causava sua pouca fortuna, vivia em mortal incerteza a respeito do conde de Malvar e de Genaro.

Desde que a pureza de seus sentimentos se rebellára contra o rei, tremia a cada instante pelos dois prisioneiros.

Maurice Mathieu não tinha voltado aos salões da condessa

mas espiava todos os seus movimentos, e seguia os passos de Mathilde por toda a parte.

A condessa, longe de retroceder na abominavel senda que pisava, meditava em seus projectos de vingança; mas tremia ás vezes ao lembrar-se do passado. Invensível e maligna como uma serpente preparava todos os seus recursos, para saciar as malevolas inclinações.

Anselmo continuava em seu calabouço, esperando que voltassem de França os despachos, que haviam sido enviados aos tribunaes d'aquelle paiz, a fim de dar luz ao andamento do processo do conde de Malvar.

Edgardo Laforet luctava com o seu amor e com a violencia de seu destino.

A familia do barão de San Yuste era a que mais soffria. E', por tanto, um dever nosso não a perdermos de vista.

Deixámol-a em uma miseravel casa do bairro de Lavapies, cercada dos perigos da fome, ameaçada da mais cruel das desgraças.

A baroneza Helena soube por algum tempo manter-se n'aquella penosa situação; porém um dia chegou, em que se consumiram os recursos, em que o dinheiro entregue por Anselmo se esgotou até ao ultimo real.

Este golpe tremendo aniquilou suas forças.

Só Deus podia valer-lhe n'aquellas horas de agonia.

A fome girava em torno d'aquella familia, á maneira de espantoso monstro que de perto as ameaçava.

Foi então que o coração d'aquella pobre mãe começou a soffrer, como pôde soffrer uma mãe sem ter que dar de comer a seus filhos.

Chegou a hora do almoço, e aquella hora passou sem poderem sentar-se ao redor da mesa; e ao meio dia succedeu o mesmo; e veio a noite, e na lugubre morada não appareceu

ente algum caritativo que levasse á desventurada familia um mesquinho pedaço de pão.

E' bem verdade que as pessoas caíam mortas nas ruas.

A noite do desgraçado é povoada de fantasmas.

Helena, sua filha e Tula estavam ali reunidas em um só grupo, resolvidas talvez a morrer em silencio, com o mesmo horror e ainda com a mesma firmeza do conde Ugolino e seus filhos.

Era o quadro da desesperação.

Tinham fome pela vez primeira em sua vida: estavam pallidas, desfiguradas, contrahidas. Cada qual soffria, não por si, mas pelas suas companheiras de infortunio.

Em todo o dia ninguém se atreveu a pronunciar uma palavra. Era tão nova, tão horrivel aquella situação, que mudas de pasmo e de dôr, deixaram correr as horas em continua immobildade.

Mas não era possível permanecer assim.

—Minha mãe! exclamou Gabriela arrojando-se ao pescoço da baroneza.

Esta, devorada por ardente febre, olhou para a filha com assombro estolido.

Depois, soltando um frio sorriso.

—E's tu! disse ella!

—Sim... acha-se doente?

—Não.

—Aterra-me o seu silencio.

A baroneza estreitou Gabriela contra seu peito, e como dominada por um pensamento estremeceu.

—Tens fome? perguntou.

Na existencia brilhante, opulenta, que aquella donzella gozara, não era facil comprehender o horrivel sentido da pergunta de sua mãe.

—Pergunta-me se tenho fome! E minha mãe?

—Eu!...

Helena não se atreveu a responder. Apertou sua filha em um abraço convulsivo, e assim permaneceu mais de uma hora.

Tula chorava a um canto.

Aquella noite foi cruel, espantosa!

Tinham decorrido vinte e quatro horas, sem aquellas pobres mulheres terem provado alimento algum; estavam isoladas do resto do mundo: não havia mais remedio, senão morrer.

Comtudo, a baroneza, em meio do delirio que a dominava, concebeu um projecto. Era impossivel deixar-se morrer assim.

Esperou que amanhecesse, e aproveitando um momento em que a filha descansava, poz um véo e saiu á rua.

Aonde ia ella, sem conhecimentos, sem relações, exaurida de todos os recursos?

Conservava como preciosa lembrança, dentro de uma medalha de ouro, o retrato de seu esposo. Até então havia guardado aquella joia; porém em semelhantes circumstancias era impossivel conserval-a. Pensou que, vendendo o ouro, conseguiria prolongar por mais alguns dias sua angustiada existencia.

Embalada por esta ideia, que até aquella noite não lhe occorrera, saiu de casa; mas era ainda muito cedo, e as lojas estavam fechadas.

Examinou com cuidado o exterior da habitação, e os signaes por onde reconheceria a rua ao voltar, e seguiu seu caminho.

Em breve tempo se achou na praça de Anton Martin.

O mesmo espectáculo que a horrorisára em a noite que por ali passára, talvez com mais dolorosos accessorios, se offereceu á sua vista.

Ficou petrificada, sem movimento, quasi sem sentidos.

Ao pé d'ella uma pobre mulher unia ao seio um menino

de quatro a cinco annos, no qual já se observava a languidez da morte.

—Meu filho! exclamava a desgraçada; morrer... e morrer de fome!... Oh! por piedade olha para mim. Se eu tivesse para dar-te um pouco de pão!... Se eu tivesse sangue em minhas veias, não morrerias!

Era tão pungente e expressivo o tom de voz d'aquella mulher, que a baroneza, não podendo resistir a tão verdadeira dôr, affastou-se d'aquelle sitio.

Um pouco mais distante encontrou um grupo de homens e mulheres, que mais pareciam d'essas figuras fantasticas, que alguns pintores allemães têm desenhado ao lado das sepulturas ou ás portas do Averno.

Um d'aquelles homens, um espectro, melhor diremos, exclamava:

—Que longa e cruel agonia! Ter fome e carecer de meios para mitigal-a!... Vêr o pão e não o poder comprar, porque é muito caro! E depois, ter filhos... ter mulher, e vel-os desesperados, sem alentos, porque ha muito não se alimentam... Ah!

O homem apertou a cabeça entre as mãos, e ficou entregue á sua afflicção.

—Todavia, disse uma mulher do povo com feroz arrogancia, é necessario morrer como hespanhoes, e regeitar o alimento que nossos inimigos nos offerecem.

—Regeitar! respondeu outro homem; ha occasiões de tão desesperada fome, que se esquece tudo... até a patria.

—E' verdade, replicou uma segunda mulher.

A baroneza fugiu d'ali. Tudo quanto ouvia era dilacerante e horrivel.

Não estava ameaçada ella, sua filha e Tula, de tão cruel miseria?

Alguns passos mais topou com um mancebo, que sustinha em seus braços o corpo de um ancião.

O primeiro parecia possuído da loucura e desesperação: o segundo estava inerte.

Era um cadaver!

—Pae!... meu pae! gritava o joven, estreitando convulsivamente o inanimado corpo do velho. Já não tem movimento... seu coração não palpita: suas mãos estão geladas!... Oh! vou pedir soccorro...

Porém, ao querer fazer um esforço para mover-se, caiu sobre o cadaver de seu pae.

—Não posso! não tenho forças! morrerei tambem.

—Venturosos os que morrem, repetiu um homem inchado, que se arrastava pelo chão, devorando os residuos do mercado.

A baroneza já não tinha animo para contemplar tão grande desgraça. Fugiu d'aquelle lugar de terror, temendo, como Lot, voltar a cabeça, para não se converter em estatuá.

Mas em seu andar precipitado parecia fugir de si mesma, porque tambem principiava a soffrer os tormentos da fome; e aquelles gritos, aquelles lamentos eram outros tantos punhaes que se lhe cravavam no coração.

Entrou na rua do Principe, e d'ali passou á *Carrera* de San Geronimo.

N'esta espaçosa rua viu as lojas abertas, e tratou de procurar uma ourivesaria, onde vendesse a moldura de ouro.

Não encontrou nenhuma, viu-se obrigada a perguntar, e então lhe indigitaram a *calle* Mayor.

Encaminhou-se para lá, e finalmente achou o que desejava.

A baroneza jámais descera a entrar em uma loja para vender uma alfaya: julgava que iam conhecer-lhe no semblante a necessidade que a torturava; foi preciso lembrar-se de sua

filha, para decidir-se, cheia de confusão, a entrar na primeira loja.

O ourives era um d'esses typos, que parecem estar formando com os olhos calculos mathematicos, a fim de avaliar o lucro que lhe produz o officio.

Olhou com frieza para a baroneza, e perguntou-lhe o que queria.

—Compra prata e ouro? perguntou ella.

O homem fez com a cabeça um signal affirmativo.

A baroneza mostrou então timidamente a moldura do retrato.

Era uma preciosa obra sinzelada, de extraordinario trabalho.

O ourives examinou-a com desdem, e lançou-a em uma balança.

—Duas onças e meia, disse elle depois de longo espaço, observando a baroneza.

—Bem; quanto vale a moldura? perguntou esta.

—Já o sabe: quarenta duros.

A moldura tinha custado tres mil reales.

—Oh!... é bem pouco.

—Se não lhe convem, pode dirigir-se a outra parte.

A baroneza não tinha valor para sustentar uma questão d'este genero, nem mesmo para ir a outra loja. Olhou pela ultima vez para o ourives, e disse-lhe com precipitação:

—Está o ajuste feito. Dê me o que lhe parecer.

A esta resposta, o comprador tirou o dinheiro; e depois de o contar, entregou-o á baroneza.

Oitocentos reales eram n'este momento uma verdadeira fortuna, uma felicidade, todo um futuro.

Ebria de contentamento, dirigiu-se para o bairro de Lavapies, pelo mesmo caminho que trouxera; porém ao chegar á Puerta del Sol, viu-se obrigada a parar ante um numeroso

grupo, que em silencioso pasmo contemplava um objecto que attrahia a curiosidade publica.

Não podendo proseguir seu caminho, dirigiu a vista para onde olhava a multidão.

Para quem ignorava as praticas da cõrte, o spectaculo que ali se patenteava era estranho e inexplicavel.

Meia duzia de homens, vestidos de negro, caminhavam a dois e dois, precedidos por um crucifixo, que um d'elles conduzia. Outro levava uma bandeja de prata, onde o povo deitava esmola, em quanto outros dois tocavam de tempos em tempos uma campainha, cujo lugubre som era duplamente triste na calamitosa época que se atravessava.

Helena viu uma mulher a chorar ao seu lado. Resolveu-se a interrogal-a.

—Tem a bondade de dizer-me o que significa esta procissão?

—Então não o sabe?

—Não, senhora.

—Esta procissão é a *Caridade*.

—A Caridade!

—Sim: vae pedindo esmola para os infelizes sentenciados á morte.

A baroneza, em meio de sua prostração, sentiu um tormento indizivel ao ouvir estas palavras. Lembrou-se de Anselmo preso e sentenciado.

—Acaso vae morrer alguém? perguntou em mortal inquietação.

—Raro é o dia em que não seja alguém suppliciado.

—Mas...

—Hoje metteram um mancebo no oratorio.

—Um mancebo!

—Um bravo hespanhol que feriu cinco francezes.

—E não lhe sabe o nome?

—Não, senhora; porém é facil sabel-o.

—Como!

—Bem depressa o apregoarão os cegos.

—E pedem por elle?

—Já o ides ver.

Um presentimento doloroso fez comprehender a Helena de Noilan que se tratava de Anselmo.

Continuou, pois, perguntando com crescente agitação:

—Disse, senhora, que seu nome será apregoadado pelos cegos?

—Sim, respondeu a mulher; se tem algum interesse, pode informar-se n'este instante.

—De que maneira?

—Comprando áquelle homem, que atravessa a entrada da rua do Arenal, um dos papeis que leva na mão.

A baroneza, impellida pela viva sensação que experimentava, seguiu o conselho que acabava de receber, e comprou um impresso dos que é uso ir espalhando para satisfazer a curiosidade publica.

Helena leu o seguinte :

«Sentença do conselho de guerra premanente, contra Anselmo Fontenla, natural de Asturias, preso no quartel de San Matheo, por haver ferido cinco francezes; com todos os demais pormenores, até dar entrada no oratorio.»

A baroneza não pôde proseguir, e o papel caiu-lhe das mãos.

Um raio lhe atravessára o coração.

Ficou alguns momentos privada da faculdade de pensar; mas depois, operando-se n'ella uma reacção poderosa, adquiriu a energia que lhe faltava, e reflectiu que não devia deixar morrer aquelle leal servidor, sem ir prestar-lhe os ultimos deveres da amizade.

Esqueceu sua filha, a fome que tanto mortificava uma e

outra, e perguntando a quantos encontrava, conseguiu chegar ao quartel em pouco tempo.

As portas estavam guardadas por sentinellas dobradas; porém a baroneza, que ignorava as ordens, foi para entrar. Um dos soldados repelliu-a brutalmente.

N'aquelle instante um sacerdote, que ia prestar ao réo os derradeiros confortos da religião, disse para a sentinella:

—Não insultes a desgraça e a fraqueza.

O soldado continuou passeando; mas a baroneza agradeceu com um olhar immerso em pranto ao digno defensor que encontrára.

—Causou-lhe damno ? perguntou este com interesse.

—Não... não, senhor. Queria entrar, e o soldado prohibiu-m'o a seu modo. Pouco importa.

—E para que quer entrar ? senhora.

—Para ver o réo. Não é aqui, onde está um réo no oratorio ?

—Sim.

—Então é preciso que eu o veja.

Por este modo de expressar, conheceu o sacerdote que no desejo da baroneza havia um sentimento mais delicado e sublime que a simples curiosidade.

—Conheceil-o por ventura ? perguntou elle.

—Muito; é um desgraçado a quem estimo, e quero dar-lhe o ultimo adeus.

—Siga-me: conduzil-a-hei a seu lado.

O sacerdote fallou com o official da guarda, e este deu ordem para não se impedir a entrada áquella mulher.

Na rude alternativa de sensações que a baroneza tinha experimentado, nenhuma havia tão forte como a que na actualidade soffria. Seu coração estava despedaçado; faltava-lhe o alento; só não a desamparára ainda essa energia, que a dór

às vezes presta ao infeliz, para libar a ultima gota da amargura.

Subiu uma escada: passou por um corredor, atravessou uma sala, e finalmente, viu uma porta junto á qual passeavam duas sentinellas.

Era a porta do oratorio.

O sacerdote animou a baroneza, pois a via empallidecer, e entrou com ella.

Resignado e tranquillo, Anselmo achava-se sentado junto de uma mesa. Uma donzella estava a seu lado. Era Mathilde, que correra a enxugar as lagrimas do infeliz, e a participarlhe o nenhum resultado da missão que este lhe confiára.

O nobre mancebo rogava-lhe n'aquelle momento de não cessar de procurar a familia de San Yuste.

Havia tão cuidadoso interesse em suas expresões, que Mathilde estava summamente enternecida.

O ruido, causado pelos passos do sacerdote e da baroneza, fez voltar a cabeça ao réo.

Toda a sua placidez desapareceu com extraordinaria rapidez: deu um grito de alegria, e quiz correr para a porta.

Mas o desgraçado tinha algemados os pés com fortes grilhões. Caiu de novo em seu assento.

—Senhora! exclamou, estendendo os braços para a baroneza.

—Anselmo! gritou esta correndo para elle.

—Oh! A Divina Providencia a envia, disse o nobre mancebo. Pensava em si, em vossa filha e em Tula. Ao menos morrerei agora satisteito.

Ao dizer isto sorria melancolicamente.

—Tu morreres!

—Estou sentenciado á morte.

—E quando?

—Dentro em vinte e quatro horas. Eu não sabia de vós,

e pedia a esta digna senhora, que tem sido para mim o anjo da esperança, que as buscasse e velasse pela sua existencia. Já estou tranquillo. Aqui tem, pois, proseguiu Anselmo, dirigindo-se a Mathilde, a baroneza de San Yuste. Sêde seu amparo, seu escudo, seu genio protector.

Mathilde lançou-se nos braços de Helena de Noilan.

—Senhora, lhe disse ella, o ceo nos junta na occasião da desgraça. Confiemos no poder de Deus, que é muito mais elevado que o poder dos homens. Corramos em busca de sua filha. Depois, voltaremos para o lado de Anselmo, a fim de recebermos seus ultimos suspiros. Eis aqui um sacerdote, que será sua consolação n'esta hora de agonia.

A baroneza estreitou aquelle anjo contra seu seio.

—Sim, corramos, exclamou. Agora recordo que minha filha tem... fome.

E sem mais dizer, saiu do oratorio como uma louca, seguida de Mathilde.

Anselmo enxugou uma lagrima que lhe rolava pelas faces, e caiu aos pés do sacerdote.

CAPITULO XVII

EM NOME DE DEUS, SOCCORRO AOS NECESSITADOS

Durante a ausencia da baroneza, o que tinha sido de Gabriela e de Tula?

A primeira, quando achou de menos sua mãe, levantou-se rapidamente, temerosa de uma desgraça horrivel. Olhou para todas as partes: chamou na maior afflicção; e a não ser Tula, que mitigou com reflexões acertadas a dôr de Gabriela, soffria ella em toda a sua intensidade a mais cruel das incertezas.

As duas jovens achavam-se quasi sem alentos pela falta de alimento.

O somno, se é que fôra somno o d'aquella noite, suavisa as dôres physicas e moraes; porém uma vez restituídas á vida material, entregues ao mais cruel abandono, sentiram os tormentos da fome, de mais em mais agudos e exigentes.

Assim como a gula embrutece, a fome degrada.

A formosa Gabriela, cujo elevado espirito jámais descera

a meditar em as necessidades da vida, pensava agora na maneira de satisfazer seu appetite. A embriaguez da miseria, pois a miseria tem sua embriaguez particular, subia-lhe á cabeça em negros vapores: parecia-lhe que se erguia alguma cousa extraordinaria entre ella e o resto do mundo: sentia um egoismo estranho, que lhe endurecia o coração e suffocava a voz da natureza: eram os primeiros symptomas da existencia tormentosa dos esfomeados.

D'este modo a dôr que sentira com a ausencia de sua mãe, fôra-se desvanecendo lentamente, para dar lugar ás novas e pungentes sensações, que lhe attenuavam o vigor phisico.

Depois de uma hora de baldado esperar, olhou para Tula, e quasi em delirio, pois a fome produz a febre, exclamou:

— Que noite, meu Deus! todas as horas tem repercurtido em meu coração como echos de agonia. Esta miseria que nos cerca é espantosa. Ha n'esta casa uma cousa que suffoca, e mata como a fome. A fome!... Morrer de fome. Sentir essas surdas dôres que pouco a pouco vão acabando com a vida! Ah! Minha pobre mãe!

E, cobrindo o rosto com as mãos, começou a chorar.

Depois, levantando-se rapidamente, como impellida por occulto pensamento, dirigiu-se para a porta da rua.

Ia em busca de sua mãe. O delirio a guiava.

Porém deteve-se repentinamente. Um spectaculo atterrador e estranho se lhe offerecia á vista.

Era uma procissão.

Ao fundo da rua apparecia a *hermandade de los Desamparados*, destinada n'aquelle tempo a levar soccorros domiciliarios aos bairros mais indigentes.

Os irmãos, cobertos com vestes negras, iam precedidos por um estandarte branco, no centro do qual brilhava uma cruz negra.

Entoavam o psalmo—*Ad Dominum cum tribularem, clamavi.*

As notas funebres d'este canto commoviam o coração.

Seguia-se outro estandarte e a formosa imagem da Virgem dos Desamparados.

A procissão era cerrada por numerosos serventes com marmitas e cestos de pão, entre os quaes se viam alguns aguazis, conduzindo os funebres arcos de junco, que collocavam sobre o peito dos cadaveres.

De tempos em tempos a procissão parava, e uma voz sonora e pathetica bradava:

—Em nome de Deus, soccorro aos necessitados!

Então as familias indigentes corriam a receber a esmola, que devoravam em poucos instantes.

Gabriela muda e aterrada em principio, comprehendeu por ultimo o fim, porque se fazia aquella procissão; lembrou-se de sua mãe, de quanta necessidade ella soffria, que n'aquelle dia lhe faltaria o sustento como no antecedente dia; e arrasada por estas considerações, esquecendo-se de si mesma, correu em busca de uma escudella, e saiu ao encontro da procissão.

A joven tremia; todavia, confundida em um grupo de esfomeados, ficou ali até que um irmão se lhe acercou dizendo:

—Recebei, filha minha, o alimento que o ceo vos envia. Ficae-vos em paz.

Gabriela recebeu um pão e algumas viandas, e ficou quasi exanime no umbral de sua casa. Já tinha comer para sua mãe.

Viu affastar-se a procissão, sentiu extinguir pouco a pouco seus canticos ao longe da rua, viu desaparecer aquella multidão de espectros, que haviam roçado por ella, para receber o pão da caridade; mas sua mãe não apparecia.

Ficou sómente ali um homem de capuz, um irmão dos Desamparados, que defronte d'ella a contemplava em silencio.

O negro personagem, com os braços cruzados sobre o peito, lançava-lhe olhares de fogo atravez dos orificios do capuz.

Gabriela estremeceu; porém ao reconhecer aquelle habito ficou tranquilla.

A rua estava deserta.

—Irmã! disse o desconhecido.

Se a donzella não estivera debilitada a ponto de sentir os primeiros accessos do delirio, houvera reconhecido n'aquelle accento lugubre a voz de Edgardo Laforet.

—Que me quer? respondeu Gabriela, como se despertasse de horrendo pesadelo.

Loforet, escudado com seu vestuario, avançou um passo.

—Muito angustiosa deve ser a sua situação, disse elle, pois vejo-a reduzida a receber a esmola, que a misericordia destina aos pobres. Sem duvida o ceo abandona-a.

—Não, o ceo jámais abandona seus filhos. Envia-lhes unicamente provas terriveis.

Guardou silencio o lobo disfarçado com pelle de cordeiro. Seu coração palpitava de amor, de magoa e de desesperação.

Amava em demasia aquella pobre e formosa menina: admirava o heroismo da virtude; mas, allucinado por suas paixões, olyidava tudo, para procurar um meio de apoderar-se d'ella.

Contemplou-a em extasis e continuou:

—Hei comprehendido que sob esse traje humilde ha um coração destinado a outro porvir: esse rosto pallido e macilento revella... Perdoae: a compaixão impulsa-me a estender-lhe minha mão.

São tão doces as palavras de consolação para o que sofre, que a infeliz Gabriela sentiu-se fascinada.

O desgraçado deixa-se facilmente enganar.

Laforet continuou:

—Flor abatida pelo tufão... regada com lagrimas, qual rocio da desgraça, aqui tem um apoio: aceite-o.

E Laforet estendeu á joven tremula mão.

—Obrigada, respondeu esta, retrocedendo ante o incognito: meu dever é estar ao lado de minha mãe.

—Sua mãe!

—Sim: porque o estranha?

—Eu cuidava...

Laforet concebêra uma terrivel ideia. Compreendeu o mal que podia produzir, e proseguiu:

—Ah! Se tem mãe, por certo luctará n'este momento com o flagello que nos opprime.

—Sim,

—E onde está ella? Leve-me a seu lado.

Por este meio pretendia o francez saber as verdadeiras circumstancias d'aquella familia.

—Oh! minha mãe não está em casa, disse Gabriela tremendo.

Uma chamma de impureza fulgurou nos olhos de Laforet.

—Então, eis-me aqui prompto a soccorrel-a em tudo, disse elle adiantando-se.

—Acabo de receber um soccorro que a caridade, essa filha de Deus, me envia.

—Todavia não é bastante. As horas passam, e a fome com seu entumecido semblante volverá qual horrifico fantasma. Olhe, joven, não longe d'aqui, ha uma casa, onde posso conduzil-a com inteira segurança. Antes d'isto, procuraremos sua mãe: se estiver enferma, recobrará a saude: se tiver fome, porque esta é a horrivel palavra hoje proferida em toda a parte, trataremos de mitigar-lh'a. Tanta juventude interessa-me. Oh! Mas ha momentos em que tudo se recupera. Siga-me.

E com uma doçura perfeitamente estudada, se foi apode-

rando da mão de Gabriela, que não teve forças de a retirar.

Aquella linguagem dava-lhe coragem. Era o idioma da esperança.

Laforet puxou para si esta mulher idolatrada.

—Não... não, exclamou a joven, caminhando melancolicamente. Eu não posso abandonar esta casa. Minha mãe deve voltar mui depressa.

—Iremos ao seu encontro: procural-a-hemos por toda a parte.

—Ah!

—Hoje é perigoso andar pelas ruas de Madrid. E' muito commum ver cair para não levantar-se mais, um sem numero de infelizes creaturas.

—Meu Deus!

—E bem vêdes, que em tal extremo, se não se lhe acode prompto, se não ha uma bemfazeja mão que lhe preste auxilio, a morte vem pressurosa cortar o fio da vida ao desgraçado.

—E' horrivel!

—No instante em que cae a victima, proseguiu Laforet, pintando com as mais sombrias côres aquelle quadro de miséria; lançam-se sobre ella os agentes da auctoridade, e então, debalde busca o filho ao pae, a mãe ao filho, o irmão ao irmão.

—Oh!

—Por isso é necessario que me siga. Sua mãe...

Um grito doloroso dilacerou as entranhas de Gabriela.

—Pensa n'alguma desgraça! exclamou ella passando a mão pela fronte.

—Quem sabe?

—Senhor, em tal caso estou prompta a segui-lo.

Laforet estremeceu de prazer.

Grabiela estava proxima a cair no laço que lhe estendia.

—Podemos, disse elle com voz cava e agitada, salvar sua mãe. Aqui ha ouro, proseguiu, fazendo brilhar em suas mãos um punhado de moedas; aqui tendes com que volver à mas antiga opulencia.

—Faz-me duvidar de mim mesma, respondeu Gabriela, observando o desconhecido.

—Porque ?

—Quem é que assim se interessa por nós ?

—Sou... Laforet deteve-se. Sou quem no silencio e na obscuridade vive interessando-se pelos desgraçados como sois.

—Conhece-nos por ventura ?

—Sim.

—Será possível !

—Sei que em outro tempo foram ricas.

—Peço-lhe que se dê a conhecer. Porque me occulta o rosto ?

—Porque a caridade é sempre modesta. Seria insultal-a, exercel-a de outro modo.

—Conhece meu pae ?

—Tambem.

—Sabe o nosso nome ?

—Sei que estou fallando á herdeira da baronia de San Yuste.

—Ab !

—Posso dar-lhe as elucidações que me exiga, para desvanecer-lhe a desconfiança.

—Já não a tenho.

—Logo, confia em minhas palavras ?

—Sim.

—Então, filha minha, não percamos tempo. Acompanhe-me.

Laforet puxou Gabriela com suavidade.

—Oh ! apenas posso...

—Eu sei que apenas poderá suster-se.

—Pensa que encontraremos minha mãe?

—Nútro essa esperança.

—Emfim, seja Deus nosso guia.

—Sel-o-ha. Porém partamos: não nos demoremos. Uma hora, um instante de delonga pode ser causa de uma grande desgraça.

Gabriela, incitada pelo amor filial, cheia de gratidão por tantos offerecimentos, que lhe promettiam satisfazer todos os seus desejos, dominada por uma exaltação febril, que não lhe permittia reflexionar, acreditou aquellas palavras como verdadeiras, e não hesitou mais um instante em seguir os conselhos d'este homem.

Entrou em sua casa: collocou ao lado de Tula, que se achava subjugada por uma atonia completa, o pão e as viandas que havia recebido; e, cobrindo-se com um veo de renda, voltou á porta, onde Laforet a esperava bastante inquieto.

—Está disposta? disse elle com voz commovida.

—Bem o vê, senhor.

—Confie em mim, pobre menina. Vamos.

—Sim, vamos.

Se n'aquelle momento fosse possível vêr o semblante do fingido irmão dos Desamparados, notaríamos n'elle estampada a expressão do triumpho.

—Venci, murmurou elle entre dentes.

E desapareceu com Gabriela ao fundo da rua.

Ainda que em principio dissemos que ella se achava solitaria, não se deve tomar esta nossa phrase em sentido absoluto.

Um homem tinha ouvido o dialogo de Gabriela e Laforet, e tinha reconhecido este.

Era Ginés, o agente secreto da condessa de Segalvo, o qual correu a dar parte a sua senhora d'aquelle novo inci-

dente, que dava um caracter ainda mais terrivel ás desgraças que pesavam sobre a familia de San Yuste.

Pouco tempo depois, chegava Helena de Noilan, acompanhada de Mathilde, á miseravel casa que habitavam.

Entraram.

Silencio profundo reinava ali. Espessas sombras, produzidas pela escassa luz que a custo entrava pelas estreitas rotulas, não deixaram logo contemplar todo o horror d'aquella estancia.

Mathilde sentia comprimir-se-lhe o coração.

Helena experimentou uma sensação de terror ao notar aquelle silencio.

Ao fim de largo tempo, descobriram Tula, abatida pela debelidade. Jazia quasi inerte a um canto da habitação.

Gabriela não estava ali.

—Onde está minha filha! exclamou a baroneza, fitando Tula com olhar de espanto.

Esta olhou tambem com terror, e respondeu:

—Tenho fome, dê-me de comer.

—Onde está minha filha! minha querida filha! repetiu Helena quasi louca.

Tula respondeu com uma gargalhada.

Era o riso do delirio.

Oh! como está soffrendo! proseguiu a baroneza; porém minha Gabriela, onde está?

E correu para o resto da habitação, chamando-a, qual leôa a quem arrebatam os filhinhos.

—Gabriela! tornou ella a bradar.

Mas em vão foram seus gritos, seu assombro e desesperação.

Sua filha tinha desaparecido.

—Maldição sobre mim! exclamava a pobre mãe, depois

de procurar debalde em toda a casa: perdi meu thesouro, minha vida, minha felicidade... Gabriela!... minha filha!

E não podendo resistir a tão grande dôr, caiu inanimada no duro pavimento.

Quando Mathilde correu a amparal-a em seus braços, uma gargalhada estridente ressoou detraz d'ella.

Era a condessa de Segalvo, que, qual demonio Assimaria do mal de seus semelhantes.

Saboreava então sua vingança.

Mathilde tremeu involuntariamente.

CAPITULO XVIII

BATALHA DE ARAPILES

Ante quadro tão luctuoso, a condessa e Mathilde ficaram immoveis, cada qual dominada por sensações contrarias.

—Tu aqui, minha filha! exclamou a primeira, aproximando-se d'ella como uma hyenna...

—E a senhora, o que a trouxe a este logar? disse Mathilde retrocedendo.

— A vingança.

—E a mim, a compaixão.

—Dir-se-ia, pois, que o destino nos junta para nos repellirmos mutuamente.

—Melhor diria: que Deus me colloca diante de si para as desviar do crime.

A condessa respondeu com uma gargalhada.

Mathilde suspirou.

Neste instante abriu-se a porta da sala e entrou Ginés.

A sinistra figura d'este homem aterrou Mathilde.

Trazia um papel na mão, e entregou-o á condessa.

Esta quebrou o lacre, e começou a lêr.

A' medida que ia lendo, uma agitação extraordinaria, uma pallidez excessiva, lhe apparecia no semblante.

Esta scena em silencio ainda era tão horrivel como a anterior. Finalizada a leitura, a condessa levantou a cabeça, e olhou para sua filha adoptiva.

—Parto, não posso permanecer aqui. Queres acompanhar-me?

—Não me affastarei do lado d'esta familia desgraçada, respondeu Mathilde.

—Pois, com effeito, és sua protectora?

—Sou.

—Minha filha, isso é um mal.

—Porque?

—Tenho contas em aberto com essa familia, Assiste-me direito para vingar-me d'ella.

—E pensa em vingar-se.

—Sim.

—Quando?

—Muito depressa.

—Terei então de luctar comsigo.

—Luctaremos.

E, dizendo isto, a condessa sorria diabolicamente.

Mathilde sentiu aquelle sorriso atravessar-lhe o coração, como um punhal gelado.

Cerrou os olhos para não ver o monstro. Quando os abriu, tinha desaparecido a condessa.

Esta mulher subiu para uma carruagem, que a esperava ao voltar da proxima rua. Sua agitação crescêra, e a pallidez era mais ameaçadora. Fez signal á Ginés para subir tambem e mandou-o sentar defronte. Em acto continuo; dirigindo-se, ao cocheiro, bradou:

—A palacio, a galope !

Estas laconicas expressões encerravam terrivel anciedade.

Depois, quando o coche partiu á desfilada, segundo seus desejos, fitou Ginés, que não comprehendia a distincção que merecia n'aquelle instante.

Para o agente do crime, aquelle olhar foi um relampago tremendo.

—Ginés, exclamou a velha com voz lugubre, necessito agora de ti, mais que nunca.

—Bem sabe, senhora, até onde chega minha profunda adhesão á sua pessoa, respondeu o agente.

—Estás prompto ?

A pergunta tinha uma significação horrivel.

—Para que ? senhora.

—Tua resposta é uma duvida: interrogo-te, e não me respondes precisamente.

—E' que desejava comprehender o sentido das suas palavras, replicou Ginés pallido e contrahido.

—N'esse caso, serei mais explicita.

—Queira explicar-se.

—Tens valor ?

—Para que ?

—Para seres o instrumento de minha vingança.

—Sempre o tenho sido.

A condessa olhou de novo aquelle homem, de ha muito vendido a suas maldades.

—Está bem, disse sorrindo: visto isso, é preciso que me ajudes.

—Saibamos em que tenho de ajudal-a.

—A... matar !

Eis a palavra que não queria proferir, Ginés estremeceu.

—Pois ainda necessita mais sangue ?

—Sim.

—Não está satisfeita com o que temos derramado?

—Não.

—E não a aterra a ideia de commetter novos homicídios?

—Ginés, disse a condessa em tom de zombaria, que significa essa linguagem?

—Senhora, tenho medo.

—De que?

—Do crime.

—Tu, ladrão e assassino por officio, tens medo do crime! Isso é querer persuadir-me que a panthera foge da formiga.

—E' que o ladrão e o assassino, como acabou de lhe chamar, tem...

—O que?

—Já lh'o disse, não ha muitas noites.

—Ah! sim; disseste-me que tinhas remorsos.

—E' essa a verdadeira palavra.

—E desde quando se operou em ti essa revolução?

Ginés ficou pensativo.

—Eu mesmo não o sei.

—Queres, pois, dizer, que já não serves, que te pago generosamente, para te negares a meus desejos.

—O assassino soltou um rugido como um touro.

—Lança-me em rosto os seus favores?

—Penso ter esse direito.

—Tem razão, senhora. Mas lembre-se de uma cousa.

—De que?

—Quando o homem chega a certa idade, alonga a vista pelo seu passado, e vê fantasmas que o aterram, espectros que o perseguem.

E Ginés fez-se duplamente pallido.

A condessa cravou n'elle olhar profundo.

—E temes tu o passado?

—Sim, senhora.

—Que vês n'elle ?

—Uma longa cadeia de crimes, cuja punição pode chegar quando menos se pensar.

—Insensato !

—Digo-lhe a verdade, senhora, continuou Ginés, cheio de terror; ha recordações que espantam, Lembre-se do monge negro !

Ligeiro tremor percorreu o corpo da condessa.

—O monge negro !

—Sim; o conde de Sotojove, por outro nome.

—Ah !

—Pois deve saber—e aqui Ginés abaixou a voz, como se temesse ser ouvido—que o conde se apresentou diante de si eu o vi, e não posso duvidal-o.

—O conde de Sotojove morreu.

—Eis ahi o que aterra. Fui eu que lhe cravei o punhal no coração, que o assassinei por sua ordem, depois de haver tambem dado a morte ao outro cavalheiro, que a não amava.

—Ao barão de San Yuste !

—Sim, a esse mesmo. Eu estrangulei aquella pobre senhora...

—Silencio, Ginés, exclamou a condessa horriavelmente desfigurada. Tambem me assusta o passado... não pensemos n'elle; consagremo-nos tão sómente ao presente.

—Devo, proseguiu o assassino, explicar a mudança de minha conducta.

—Para isso não é mister recordar o que passou, replicou a condessa.

—Sim, é necessario, senhora. O monge negro levantou-se da tumba.

—Quando ?

—Ha dois ou tres annos, um cavalheiro appareceu nos seus salões com o titulo de conde de Malvar.

—Viste-o tu? exclamou a dama horrorisada.

—Sim, senhora.

—Mas o conde de Malvar...

—E' o conde de Sotojove: é o fantasma que surgiu do sepulchro, talvez por mandado superior.

—Ah! será verdade! exclamou a hedíonda condessa, lutando com seus proprios pensamentos.

—Não se póde duvidar.

Houve um momento de silencio. A dama ficou pensativa, como se os temores de seu cumplice a contagiassem.

Depois, passando a mão pela frente, murmurou:

—Se o conde de Malvar é o mesmo, que em outro tempo soube prescrutar todos os segredos de minha vida; se este homem é o mesmo conde de Sotojove, como elle mesmo declarou no castello de Valencey, será preciso lutar, até o encerrar de novo em sua sepultura, se acaso é um fantasma; ou esgotar-lhe a ultima gota de sangue, se é um verdadeiro homem. Não é possivel retroceder: a sociedade inteira me condemnaria, logo que se levantasse o veo de minha existencia, e tu serias levado ao cadafalso. E' preciso concluir. Terminada nossa obra, satisfeita nossa ambição, iremos para um paiz longinquo, onde ninguem possa ler uma pagina de nossa vida... Agora, ávante.

—Bem, disse Ginés um pouco mais resolutivo; que exige?

—O teu punhal.

—Para quem?

—Para a mulher que viste cair sem alentos na casa do bairro de Lavapies.

—Para a baroneza de San Yuste?

—Sim.

Porém, não suppõe que a fome completará essa vingança?

—Já não póde matal-a a fome.

—Porque?

—Porque tem a seu lado um genio protector.

—Ah!

—Ainda outra razão mais imperiosa, Ginés.

—Qual?

—Não me entregaste uma carta?

—Entreguei.

—Sabes que noticia n'ella me communicam?

—Ignoro-a.

—O poder francez succumbiu em Hespanha.

—Como!

—Acaba de dar-se uma sanguinolenta batalha junto a Salamanca. A batalha de Arapiles.

—Mas...

—N'ella pereceu a flor do exercito francez. A côrte trata de fugir, e nós temos de deixar-nos arrastar por essa impetuosa torrente. Uma vez fóra de Madrid, não tornaremos aqui a entrar. Eis o motivo, porque exijo de ti a ultima prova.

—Conformo-me.

—Estás resolvido?

—Sim, senhora.

—Matarás essa mulher?

—Sim.

—Quando?

—Quando ordenar.

—Esta noite.

—Será abedecida.

—Assim deixarei assignalada a minha vingança até ao derradeiro momento. Saberão meus inimigos, que uma mulher, por debil que seja, tem meios de levar seu furor ao ultimo extremo. Antes...

—E' mister mais alguma cousa? perguntou Ginés com voz lugubre.

—Sim; quero que minha vingança seja maior. Com a

morte da baroneza, firo o coração de seu esposo. E' preciso ferir tambem o coração d'esse Proteo, que me apparece de baixo de todos os nomes e titulos; que uma vez é conde de Malvar, outras um marinheiro francez; e que ora veste o negro habito de monge, ora se apresenta com os titulos de duque de Penafiel e conde de Sotojove.

—De que modo? perguntou Ginés tremendo.

—Vingando-nos de sua protegida.

—Quem é?

—Mathilde.

—Sua filha!

A condessa fez um gesto de soberania.

—Bem sabes que não é minha filha.

—Ah! é verdade. Olvidava outro crime.

—Dize antes, outra vingança.

—Pois hem; que quer que faça?

—Tenho um plano perfeitamente estudado. Porém já estamos em palacio, e não podemos proseguir. Espera-me na carruagem. Só de ti exijo que sejas cego instrumento de minha vontade.

Ginés não respondeu. Ficou em perfeita immobildade dentro da carruagem, em quanto a condessa se introduzia no paço.

Ao primeiro lançar de olhos conhecia-se, que alguma cousa extraordinaria havia succedido. Generaes, cortezãos, diplomatas, e uma multidão de pessoas, que estavam comprometidas pela causa de José Napoleão, acudiam pressurosas: tão depressa o alarma se diffundira por toda a cidade de Madrid.

Acabava de chegar o correio particular com a noticia do desastre, noticia que já corria entre as massas do povo, causando uma alegria universal.

Toda a guarnição de Madrid fôra concentrada nas immediações do palacio.

O povo observava com silencioso prazer o extraordinario movimento dos *atrasados*.

Esta phrase, foi n'aquella tempo a mais em voga, para nomear os partidarios do rei intruso.

A condessa comprehendeu em um olhar que o desastre devia ter sido tremendo.

Apenas se observava a etiqueta nas antecamaras.

Os criados occupavam-se em arrecadar os ornamentos mais classicos do palacio, como quadros, bronzes, estatuas, relevos e mil preciosidades de um merito incalculavel; o que demonstrava que a monarchia napoleonica havia terminado.

E' bem certo que em troca do prazer que sua queda nos causava, levavam consigo nossas riquezas artisticas, muitas das quaes ainda hoje ornam o Louvre, como uma recordação d'aquella pilbagem.

Não podemos usar mais branda expressão.

Divididos em numerosos grupos, os aulicos do rei José pensavam só em salvar-se.

O terror tinha mais poder que a razão.

Muitos cuidavam que Wellington batia ás portas da capital.

Depois de muito tempo de espera, a condessa encontrou o general Maurice Mathieu. Estava acompanhado de seu brilhante estado maior, do qual fazia parte Edgardo Laforet.

Que teria sido de Gabriela?

A condessa sorriu ao vêr este homem, que completava sua vingança.

—Senhora, exclamou o general vendo esta mulher.

—Ah! é a senhora?

—Sem duvida vem presenciar a agonia de nosso reinado.

—Corro a identificar-me com sua desgraça. Porém é certa a derrota de Marmont?

—Sim, é certa.

—E o rei que pensa fazer?

—Fugir.

—Quando?

—Talvez esta noite.

—Isso é incrível.

—Mas é verdade.

—Então, vou apresentar-me a Sua Magestade.

Contemplou o general attentamente aquella mulher, como se quizera sondar-lhe o pensamento. Aquelle olhar era terrivel.

Separaram-se os dois interlocutores, e a condessa dirigiu-se para o interior das camaras.

—Oh! murmurou ella, não me pergunta por Mathilde. E' um symptoma fatal.

Mas, dominado por suas ideias, bem depressa esqueceu o general, e approximando-se de um porteiro, perguntou-lhe:

—Está despachando com Sua Magestade o conde de Cabarrús?

O porteiro respondeu affirmativamente.

—Tenha a bondade de dizer-lhe que está aqui a condessa de Segalvo, proseguiu a dama.

N'aquelle dia de confusão, como já dissemos, a etiqueta existia sómente no nome. Por tanto, o porteiro não teve inconveniente em entrar na camara real, cuidando talvez fazer d'este modo um importante serviço á monarchia agonisante.

Pouco depois appareceu, trazendo ordem para introduzir immediatamente a condessa.

Esta, que n'aquelle dia conheceu o valor do tempo, tanto como os inglezes, não deixou repetir a ordem: penetrou no interior.

A primeira pessoa que avistou foi Cabarrús ao pé dos demais ministros do rei.

O conde, apesar de sua experiencia, estava pallido como um cadaver.

Separou-se do grupo formado por seus collegas, e chegando ao pé da condessa, lhe disse em tom bastante indifferente para ser natural:

—Perdoae, minha amiga: mandei-a chamar por ordem de Sua Magestade. O tempo urge. Um pequeno revez obriga-nos a adoptar medidas extraordinarias: e por isso é preciso, que todos os que por nós se hão interessado, nos coadjuvem n'esta occasião.

De tudo isto, a condessa só ouviu a ordem do rei.

—Sua Magestade precisa de mim? perguntou ella.

—Sim, já tive occasião de o dizer.

—N'esse caso esteu ás suas ordens.

—Em tudo é exacta e pontual. Tenha a bondade de acompanhar-me.

O conde de Cabarrus conduziu a condessa á porta de uma camara, coberta de um cortinado de velludo; e levantando este, acharam-se ambos em um salão, ao fundo do qual passeava José Bonaparte.

Estava triste, mas não abatido. Seu espirito energico não se dobrava ante o infortunio; mas, por isso, não deixava de sentir o golpe da desgraça.

Ali estava o homem em toda a sua grandeza, não o rei em toda a sua abjecção.

Quando viu a condessa mudou de expressão sua physionomia. Uma luz purpurea tingiu por momentos seu pallido semblante. Depois, fez um signal com a mão para que se approximasse a dama.

Permaneceu o rei algum tempo em lugubre silencio; finalmente disse:

—Senhora, sabe a desgraça que sobre nos pesa?

Esta pergunta, feita por José Napoleão, era, por dizel-o assim, o ultimo suspiro de esperanza.

—Sim, senhor.

—Perdemos a flor do nosso exercito: nossos generaes mais distinctos foram atravessados pelas balas inimigas: nossas bandeiras, nossos canhões, nossos soldados... tudo foi destruido. Perdemos o throno de Hespanha na batalha de Arapiles.

—Senhor, pode ser que o ceo queira dar-nos a victoria em outra parte.

—Talvez; mas não é meu intento cuidar no porvir. Apresentei a fiel descripção do presente, para que saiba, que, se deixo de ser rei n'este paiz, ainda o posso ser em outro. Não pense pois, que a desgraça me faz succumbir.

—Jámais foi esse o meu pensamento.

—Vou portanto, dizer-lhe uma cousa.

—Estou prompta a escutar-vos.

—Senhora, disse D. José, esta noite ou amanhã, quando muito, saio de Madrid.

—Ah!

—Recentemente fallámos de uma occasião propria para vencer a resistencia de Mathilde.

—Com effeito.

—Pois bem, que tem adiantado?

—Esta mesma noite poderá Vossa Magestade comparecer na loja dos franc-maçons.

—Estará lá ella?

—Estará.

—Advirto-lho senhora, que a amo com tal vehemencia, que se me torna impossivel deixal-a em Madrid, ou ainda na Hespanha, se a fortuna me fôr adversa. E' preciso que me siga.

—Isso depende de Vossa Magestade.

—Como assim!

—Minha filha possui um caracter independente. Eu entrego-vol-a, conforme o que prometti: o mais é obra vossa.

—E' certo. Posso confiar n'essa promessa?

—Sim, senhor.

—Até á noite.

E assignalando com a mão a porta da sala, deu a conhecer á mulher infame que a audiencia terminára.

Saiu a condessa, e o rei continuou em seu silencioso passeio.

CAPITULO XIX

A APPARIÇÃO

Da summidade a que tinham ascendido todos estes successos, só podia esperar-se um desfecho rapido e terrivel.

A condessa de Segalvo, alma diabolica de todas as desgraças que iam realisar-se, conheceu que, na critica situação em que se achava, era aquella a espantosa noite de sua vingança.

Mas um dia frustraria todos os seus planos, e tornaria patente o seu descredito; por quanto a retirada dos francezes a arrastaria tambem, e ficaria por tal modo impotente para o mal.

O tempo estava contado: as horas corriam; Ginés esperava-a, era preciso multiplicar-se, levar a morte á baroneza de San Yuste; illudir Mathilde, a fim de a conduzir á loja dos franc-maçons, e presenciar a deshonor de Gabriela, victima de Edgardo Laforet.

Saiu rapidamente do palacio; porém sem advertir que

um homem a seguia, um homem, que talvez tivesse lido em seu rosto os negros projectos, que no coração abrigava.

Era o general Maurice Mathieu.

Subiu a condessa para a carruagem, e ordenou ao cocheiro de correr ao palacio de Alcanices.

Ginés não tinha abandonado o logar que occupára.

O general montou a cavallo, e partiu atraz do coche.

Já era bem tarde.

O dia estava caliginoso e sombrio. Espessas nuvens, que escureciam o sol, davam um aspecto lugubre á capital. Só se ouvia pelas ruas o compassado marchar das tropas, e o assustador estrupido da artilheria, que ia concentrando-se nas immediações do palacio.

O povo observava estes movimentos com satisfação. Entretanto a condessa, longe de dar consideração a estes accidentes, entregue a seus pensamentos, possuida de uma exaltação febril, olhou Ginés com profunda attenção.

—Ouve, disse ella por ultimo.

Este despertou da profunda distracção em que jazia, e estremeceu.

Quando a senhora de Segalvo era laconica em sua linguagem, Ginés aterrava-se.

—Que ordena? disse elle.

—Tens algum amigo de confiança?

—Tenho muitos.

—Mas um, um só, que seja capaz de dar execução a um pensamento?...

—De morte, talvez?

—Não.

—Então, tenho esse amigo que deseja.

A condessa ficou pensativa. Depois murmurou:

—Está bem. E' preciso que o procures immediatamente.

—Assim farei.

—Trata-se de um leve engano, proseguiu a condessa. O teu amigo apresentar-se-ha immediatamente em casa da baroneza de San Yuste.

—Para que?

—De certo não esqueceste que deixamos lá Mathilde, ha pouco mais de uma hora.

—E' verdade.

—E' muito provavel que *minha filha* permaneça ainda ali.

—Assim o creio.

—Pois aqui tens a commissão, que espero se effectue sem demora. Logo que o teu amigo se ache em casa da baroneza de San Yuste, apresentar-se-ha a Mathilde, e lhe dirá que sabe onde se encontra Gabriela. Como esta joven desapareceu esta manhã, e tu viste até que ponto chegou a dôr maternal, Mathilde, compellida por seu bondoso coração, deixar-se-ha enganar. Comprehende tu que meu fim é affastal-a d'ali. Convencida de que Gabriela necessita de seu auxilio, confiará em teu amigo, e...

—E depois?

—O resto é bem simples. Mathilde será conduzida á loja dos franc-maçons.

—Mas, a chave?

—Aqui tens uma.

Ginés pegou n'ella, e guardou-a no seio.

—E depois que devo fazer? perguntou.

—Encerradâ Mathilde na casa que te indico, entregarás a teu amigo estas tres onças como gratificação, e tu...

—E eu?

—Ficarás então só para concluir tua obra.

—Que hei de fazer depois de concluida? perguntou Ginés, pallido como a morte...

—Dirigir-te-has a meu palacio, onde te esperarei anciosa. Nada mais accrescentou Ginés. Mandou parar o coche, e

desceu. Depois, ainda esteve fallando com a condessa pelo postigo, e, passado um instante, confundiu-se entre os grupos que pejavam as ruas.

Maurice Mathieu permaneceu indeciso algum tempo, acerca do caminho que devia tomar, até que dirigiu finalmente o seu cavallo em seguimento de Ginés.

Deixemos a condessa tomar o rumo que lhe marcava sua indole perversa, e caminhemos atraz do terrivel mensageiro, que tinha a seu cargo executar os criminosos desejos de sua ama.

Ginés embrutecia-se com o espectáculo do sangue: tinha remorsos, mais por medo que por consciencia do mal. Por isso, mais um crime era-lhe indifferente. Comtudo, o seu terror tinha uma causa real: cuidava topar a cada momento com o formidavel espectro, que o amedrontava.

Não podendo parar no rapido declive, que o conduzia aturdido a um abysmo sem termo, resolveu desempenhar sua missão no menor espaço de tempo possivel.

Por tanto, procurou o amigo, que devia auxiliá-lo no designio de illudir Mathilde, e instruiu-o perfeitamente em tudo quanto havia de praticar e dizer.

Com effeito, apresentou-se o homem na casa da rua de Lavapies, e pedindo para fallar a Mathilde, facil lhe foi fazer-lhe acreditar, que Gabriela se achava em um lugar seguro, se bem que entregue aos tormentos da fome.

A baroneza luctava n'aquelle momento com uma febre ardente. Tinha sido necessario chamar um medico: este, graças aos desvelos de Mathilde, propinára á senhora de San Yuste e a Tula medicamentos e substancias, que deram vigor e forças áquellas naturezas tão debilitadas.

Porém a baroneza reunia á dôr physica a dôr moral, que era muito mais pernicioso. A inexplicavel desaparição de

sua filha produziu-lhe uma febre e um delirio assustadores, que pela tarde degeneraram em completa atonia.

Achava se n'este doloroso estado a infeliz baroneza, quando Mathilde, crendo no falso mensageiro, seduzida pela fagueira ideia de restituir á mãe sua filha querida, se deixou arrebatar por tão doces pensamentos, e saiu da casa da rua de Lavapies, persuadida que sua ausencia seria mui curta, e que regressaria cheia de jubilo, trazendo comsigo a vida, que faltava áquelle coração de mãe extremosa.

Eis aqui, pois, como o diabolico stratagem da condessa teve um exito perfeito.

Maurice Mathieu, que não tinha um só instante perdido de vista a Ginés, viu Mathilde com um desconhecido: comprehendeu logo que se tramava um plano, cujos resultados não podia prevêr, e por isso, qual sombra da vingança, tratou de seguir seus passos, com a alma envenenada pelo ciume e pela desesperação.

Entretanto approximava-se a noite.

Negras nuvens, carregadas de electricidade, voavam no espaço, amontoando-se para o poente, á maneira de sombria e formidavel cordilheira.

Fazia um calor soffocante.

As ruas iam tornando-se desertas.

Ouviam-se brados de alegria e gritos de dôr em alguns pontos da capital. Os primeiros produzia-os a noticia da victoria de Arapiles: os segundos occasionava-os a fome, que dizimava os hespanhoes.

Ginés ficára immovel junto a uma esquina, e d'ali observava de tempo em tempo a casa da baroneza, qual faminto lobo na embuscada.

Conservava uma das mãos no peito, e ali acariciava o cabo de um punhal.

Aquelle homem sem coração, vendido ao interesse, contava os minutos para commetter um novo crime.

Principiava a vêr tudo côr de sangue.

Seguro já do exito, que tivera a cilada projectada contra Mathilde, esperou que a noite o envolvesse em seus negros véos, a fim de impunemente matar a mais desgraçada das mães.

Tirou o punal, e escondeu-o em uma manga.

Principiou então a caminhar para a casa.

Apezar de seu coração palpitar com extraordinaria violencia; apezar de ter de animar-se a si proprio de tempos a tempos para commetter o acto de ferocidade e barbarie, que lhe haviam recommendado, sentia esses receios, que nascem do crime, esses subitos estremecimentos, que dimanam de uma consciencia culpavel.

Ainda houvera retrocedido n'aquella senda fatal, se a embriaguez do sangue não se tivesse apoderado de suas faculdades.

Quando chegou á porta da casa, notou que ella se achava aberta.

Silencio sepulchral reinava no interior.

O pallido reflexo de uma luz coloria o fundo de um corredor, que tinha diante de si.

Ginés conhecia perfeitamente a casa. Sabia, que, n'aquella noite de alarma e de desassocego, não havia auctoridades que o prendessem: por tanto, seu crime ficaria impune.

Tendo seguridade por este lado, restava-lhe sómente completar a obra.

A casa parecia abandonada. Avançou até ao interior.

Ao fundo do corredor havia outra porta, junto da qual se poz a escutar. Esta segunda porta estava entreaberta.

Pela abertura podia-se ver parte da saleta e da alcova onde habitava a familia de San Yuste.

Uma luz moribunda, em vez de claridade, povoava de

sombras aquella reduzida habitação. O olhar de Ginés poude distinguir, depois de algum tempo, dois leitos no mais recondito da alcova.

Em um d'elles estava a baroneza, e no outro Tula.

A benefica acção dos medicamentos exercera efficaz influencia, n'aquellas naturezas fatigadas, e as duas pobres mulheres dormiam tranquillamente, ou talvez abatidas pela ardençia da febre.

A occasião não podia ser mais favoravel ao assassino. Estavam sós: a semi-obscuridade, que ali reinava, era a salvaguarda de seu crime.

Impelliu a porta, e entrou.

Olhou para todos os lados. Não viu mais ninguem.

Seus passos eram quasi imperceptiveis. Já curvado como a hyenna quando vai lançar-se sobre a victima.

D'esta sorte chegou á alcova.

Ginés parou n'aquelle sitio, para reconhecer a pessoa, que tinha de ferir. Tremia-lhe o braço, e mal podia suster o punhal; comtudo, sabia que a condessa lhe daria montões de ouro, logo que o crime estivesse consummado, e esta ideia acabou de o fascinar.

A occasião é um momento, e o momento estava em sua mão.

Olhou para as duas mulheres que dormiam, e conheceu a baroneza.

Então, com a rapidez do pensamento, puxou o occulto punhal; aproximou-se do leito, e levantando o braço em alto, ia deixal-o cair sobre a victima.

Mas, ao mesmo tempo, mão de ferro que parecia sair do centro d'aquellas trevas, lhe agarrou com tal força a sua, que o punhal caiu no chão.

— Miseravel! bradou uma voz detraz d'elle.

Ginés soltou um grito, e caiu de joelhos.

A esta scena, que teve logar em menos tempo, do que nós podemos gastar em descrevel-a, succedeu um profundo silencio.

Que genio protector apparecera no momento do crime, a tempo de o evitar?

Ginés não poude fugir.

Collado ao sitio onde caira, viu primeiro um vulto negro, similbante a um fantasma, interpôr-se entre elle e a baroneza.

Era um homem aquelle vulto negro. Envolto em vestes escuras, coberta a cabeça com um capuz, pallido o rosto como o marmore, venerando e magestoso como um juiz vingador, olhou para o miseravel assassino, que tremia a seus pés.

Finalmente, passado um instante, deu um passo para elle, e perguntou-lhe com voz funebre:

—Conheces-me, Ginés?

Este sentiu fallecer-lhe o animo ante uma recordação espantosa, e com o cabello eriçado, respondeu:

—Ah! é... o monge negro!

—Bem o vês, replicou o espectro.

—Que poder te erguen da campa?

—Ignoras acaso que os mortos se vingam?

O assassino cobriu o rosto com as mãos: tinha desejos de morrer n'aquelle instante.

—Ah! exclamou elle... E' certo! Meu coração não me havia enganado!...

—Logo, temias?

—Sim. Temia tua sombra. Cria sempre ouvir após de mim os teus passos.

—E apesar d'esses terrores, continuas assassinando!

—Perdão!

—Continuas manejando o punhal, em nome da condessa de Segalvo!

—Oh!

—Vinhas tirar a vida a um ser innocente, só para saciar tua sordida ambição!

E o monge negro levantou o punho sobre aquelle miseravel, em acção de o esmagar.

Depois, volvendo a cabeça para os dois leitos onde descançavam a baroneza e Tula, proseguiu:

—Tua victima dorme, e não é prudente despertal-a. Acompanha-me.

E com um gesto solemne assignalou a casa immediata. Ginés obedeceu como um automato.

Dentro já do circulo luminoso, traçado pela lampada que dava luz á habitação, poude contemplar-se a figura sombria, ameaçadora e magestosa do apparecido.

Era o conde de Malvar, com seu rosto formoso e veneravel, seu olhar vivo e ardente, sua fronte ampla e contrahida, vestido com o negro habito de monge benedictino.

A appareição d'este homem, quando se cria prisioneiro em um castello de França, era um mysterio; mysterio, porém, que vinha paralyzar todos os projectos da infame condessa de Segalvo.

Tendo chegado a seu palacio da rua de Santa Thereza, soubera por seu mordomo, que Mathilde se dirigira ao bairro de Lavapies, onde a familia do barão de San Yuste se achava sepultada na mais affrontosa miseria.

Dissera então ao fiel servo algumas palavras que ninguem ouviu, e em acto continuo correu ao ponto, onde havia de encontrar a familia do seu amigo.

A Providencia collocára-o ao lado de Ginés, no instante de vibrar o golpe.

Achando-se em frente do criminoso, o conde adquiriu sua presença de espirito e sangue-frio.

—Ouve, lhe disse, cravando n'elle olhares de fogo: em tua longa carreira de maldades, tens forçosamente sentido

mêdo e remorsos, porque ambas as cousas vejo desenhadas em teu rosto: com uma palavra posso levar-te ao patibulo, com outra posso obter o teu perdão. Eu sei que és o cego instrumento de uma mulher implacavel; que tu és o braço, e ella a vontade. Tua vida e a sua estão bem gravadas em meu coração. Se aprouve ao ceo collocar-me a teu lado, é porque está proximo o desenlace d'este espantoso drama, em que tu e eu temos sido actores. Compreendo minha superioridade. Conheço que te espanto e aterro, porque sou para ti o fantasma que te recorda os crimes passados; mas não tenho fé em tuas promessas, e quero, se é que solicitas o meu perdão, que o alcances por este meio.

—Como! replicou Ginés, abrigando vaga esperança de salvar-se.

—Revelando-me todos os projectos da condessa; sujeitando-te a obedecer-me em tudo quanto te ordenar; atrevedo-te a ser impassivel executor de meus designios, podes contar com o perdão, e receberás uma recompensa, que ainda poderá proporcionar-te um viver de homem honrado.

—Será verdade que me perdoas?

—Sob a condição indicada.

—Estou prompto a obedecer-lhe.

—Então, proseguiu o conde, relata-me tudo. E' preciso agrilhoar essa serpente. Deus o ordena, e a humanidade o exige.

Ginés referiu tremendo algumas circumstancias de seu projectado assassinio. Ao fallar em Mathilde, interrompeu-o o conde:

—Esse nome recorda-me uma pessoa querida. Onde está?

—Proxima a cair em uma cilada da condessa.

—De que modo?

E Malvar tremia de emoção.

Ginés referiu quanto sabia de Mathilde: que ella se en-

contrava encerrada na loja dos franc-maçons, para onde havia sido levada illudida, fazendo-se-lhe crer que a filha da baroneza estava em perigo de perecer de fome.

—Tudo isso é horrivel! exclamou o conde. Logo a filha da baroneza...

—Está ameaçada de uma desgraça espantosa.

—Qual é?

—Esta manhã foi raptada por um official francez.

—Com que intento?

—Para ser sua amante, ou antes sua escrava.

—E sabes em que casa se acha?

—Sei.

—Oh meu Deus! Ainda será tempo de a salvar; porém Mathilde...

—Ainda podeis correr em seu soccorro.

—De que maneira?

—Eis a chave da loja dos franc-maçons.

Malvar estava horrorisado, por ver as pessoas mais queridas de seu coração em tamanho perigo: porém conservando sua serenidade, contemplou o assassino, como se quizesse registar o intimo de seu peito, para se certificar se o enganava.

Ginés, dominado pelo terror, não mentia.

Já ia o conde saber novas particularidades, quando se sentiram rapidos passos no corredor.

Um relampago de alegria brilhou no semblante do conde; abriu a porta, e entraram tres embuçados, os quaes, logo que se viram em logar seguro, deitaram suas capas sobre uma cadeira.

Eram o barão de San Ynste, dom Carlos de Montalban e Genaro.

Traziam desenhado nos semblantes mal disfarçado desasocego, que traía o estado de seus espiritos.

O barão tomou a palavra:

—Apenas entrámos em Madrid, encaminhámo-nos ao palacio da rua de Santa Thereza, e vosso mordomo conduziu-nos aqui. Temos ainda algum obstaculo a vencer?

—Sim, respondeu o conde com uma gravidade que assustava; até agora luctámos com o mar, com a policia franceza, com soldados, calabouços o muralhas. Tudo vencemos. Neste instante resta-nos lutar com um demonio.—E' esta a hora suprema do combate, proseguiu Malvar, e, se não me illudo, Deus envia-nos para encadear n'esta noite o monstro que nos persegue. Barão de San Yuste, em nome de vosso pae, assassinados por punhal assalariado, não vos affasteis d'essa alcova, onde está vossa esposa moribunda.

—Minha esposa! exclamou o barão, correndo para o logar assignalado pelo conde.

—Espere; não a desperte. Vele por ella, e se algum punhal assassino se erguer sobre seu peito na soledade da noite, não perdoe ao culpavel.

O barão horrorisou-se ao ouvir estas palavras.

Ginés tremeu.

Todos continuaram a escutar em silencio.

—Agora vós, senhor de Montalban. Cada um de nós tem de sustentar uma lucta desesperada. Eu sei que adora a formosa Gabriela de San Yuste.

—Sim, respondeu o nobre mancebo, pallido como a morte.

—Pois bem, Gabriela corre um perigo imminente. Foi roubada por um official francez, e a esta hora, se essa joven não tem um ente que a salve da deshonra, é mui provavel que succumba. Esta noite começam os estrangeiros a abandonar Madrid. Quem sabe se a arrastarão comsigo na sua fuga?

Um grito doloroso saiu do peito do mancebo.

—Oh! corramos. Diga-me onde está, exclamou elle fôra de si.

—Já o vae saber. Ouve tu, meu filho.

E o conde de Malvar fitou os olhos na formosa physionomia de Genaro.

Este estremeceu.

—Tambem te fere a desgraça.

—Acaso Mathilde!... perguntou o joven mordendo os labios até os fazer espirar sangue.

—Sim; Mathilde está tambem em grande perigo, ou é talvez victima n'este momento de uma infame traição. E' preciso que corras a salva-la.

—E salva-la-hei, respondeu Genaro, contendo a custo sua emoção.

—Confio em tua promessa. Este homem, que aqui vêdes, vos conduzirá aonde se acham essas duas jovens. Eu por minha parte irei surprender a fera em seu proprio antro. Talvez na hora em que ella se embriaga com o prazer da vingança, encontre o castigo que a Providencia lhe envia. Partamos. Cada qual tem a desempenhar uma sagrada missão. Deus será nosso guia: sejamos nós os mensageiros de sua justiça e soberana vontade.

E fazendo com a dextra um gesto solemne, saiu d'aquella obscura habitação, seguido de Carlos, Genaro e Ginés.

CAPITULO XX

ABJECCÃO E GRANDEZA

Para abranger o immenso drama, que n'aquella funesta noite havia de representar-se, vamos conduzir nossos leitores á habitação, para onde Edgardo Laforet, por meio de vil astucia, conduzira a formosa Gabriela de San Yuste.

Era uma pequena casa situada nos arredores de Madrid, com janellas para o Manzanares.

O raptor buscára o isolamento e a soledade, para esconder o thesouro de seu amor e de sua esperanza.

Logo que a joven chegou áquella casa, perguntou por sua mãe, como perguntára mil vezes no caminho que Laforet lhe marcára.

Porém Gabriela tinha quasi aniquiladas suas faculdades moraes. Aquelle ultimo esforço acabava de a prostrar, e por isso deixou-se levar como um automato, confiada nas promessas do irmão dos *Desamparados*.

Uma vez encerrada na habitação, que Laforet lhe desti-

nára, este lhe apresentou manjares e substancias para restabelecer as perdidas forças, e Gabriela tornou a adquirir seu vigor e sua razão.

Meditou então no passado, como se despertasse de tormentosa somnolencia; e ao vêr diante de si Laforet immovel, coberto com a negra tunica, sentiu um terror vago.

—Onde está minha mãe? perguntou ella.

—Sua mãe, senhora, disse Laforet, já não existe para sua filha.

Gabriela deu um grito.

—Oh meu Deus! Então, porque viemos aqui?

—Porque o destino assim o quiz.

E despojando-se da tunica, appareceu Laforet dominado por suas paixões.

A joven comprehendeu tudo, e caiu desmaiada.

Laforet collocou-a sobre um leito, e principiou a contemplar-a em silencio. Assaltavam-lhe a imaginação tentações horríveis. Quasi a ceder á violencia de seus desejos, deu um passo para a pallida virgem; mas n'este instante bateram á porta da casa.

Era o soldado que o servia, e que era portador de uma ordem.

Leu-a Laforet, e fez-se mais pallido do que estava.

Entarregou então o soldado de velar por Gabriela, e partiu em direcção a palacio, a fim de incorporar-se ao estado maior do general Maurice Mathieu.

Desde a partida de Edgardo até á noite, Gabriela voltára, a si, reflexionára em sua situação, offerecera a Deus o martyrio que soffria, e, fortalecida com sua virtude, tratou de arrostar os perigos que a ameaçavam.

O soldado apresentou-lhe, sem pronunciar palavra, alguns manjares que Gabriela aceitou, para ter forças no caso de sustentar uma lucta em defesa de sua honestidade.

A joven esperou, elevando ao ceo fervorosas supplicas. Assim sobreveiu a noite.

A sala que occupava tinha duas janellas que davam para o campo. Serpenteava mansamente o Manzanares por entre os arbustos do valle. Ao fundo, para o lado do norte, via-se a magestosa mole da ponte de Toledo.

Negras nuvens, que toldavam a atmosphera, não deixavam alongar a vista para aquella parte, onde echoava o compassado marchar dos batalhões francezes, que abandonavam Madrid.

A capital destacava informe e silenciosa.

Assomára a pobre captiva ás janellas da sua prisão, para vêr se era possível encontrar um meio de evadir-se: porém á altura em que ellas se achavam reuniam-se a escuridão da noite e o terror que a torturava.

Comtudo, não descreia da Providencia, que é a mãe dos desvalidos.

Assim passou a primeira hora da noite.

De subito sentiu ruido atraz de si, e voltou rapidamente a cabeça.

A porta da sala abria-se n'aquelle momento,

Um homem entrou, fechando-a em seguida.

Vinha embuçado em uma capa de seda; mas sua figura altiva e seu silencio revelavam o amante e o raptor.

Gabriela tremeu.

O embuçado avançou um passo, e ficou defronte da donzella. Arrojando então a capa ao chão, appareceu Edgardo Loforet, pallido como um cadaver, trajando o uniforme de commandante de dragões.

Gabriela ficou em perfeita immobildade junto da janella.

Por alguns instantes se contemplaram estes dois entes sem pronunciarem palavra. Loforet disse por fim, apoderando-se de uma das mãos da joven:

—Silencio Gabriela... sou a hora de meu amor e de minha vingança.

A joven retirou a mão visivelmente perturbada.

—Que quer de mim? perguntou ella.

Laforet soltou amargo sorriso.

—Pergunta-m'ò agora! exclamou elle. Esqueceu que o amor que me consome não póde extinguir-se com o desprezo, e que cada dia que decorre augmenta a paixão que me inspiro que ha muito tempo vossa imagem me segue por toda a parte, que me transtorna a razão, a ponto de por vezes me julgar completamente louco?

—E sou eu culpada d'esses soffrimentos.

—Oh! Gabriela: eu sei que não me ama: creio que me aborrece: sei que o seu coração é de outro ente mais feliz que eu; mas nada d'isso me importa, contanto que eu vá ser o arbitro do seu destino.

—E quem lhe dá tal direito?

—Sabel-o-ha, respondeu Edgardo com tranquillidade feroz. E' tal a força de minha paixão, que tive de valer-me da astucia para a satisfazer. Conheço que a enganei como um covarde, um ladrão, um homem infame. Trouxe-a illudida, por que, na singular lucta que sustentamos, outro trilhò não podia seguir. Finalmente eis-me collocado n'essa tão vantajosa posição, por mim de longo tempo ambicionada. Não abusarei, sem primeiro supplicar; depois obrigar-a-hei, se fizer alarde o seu orgulho ou do seu desprezo.

Gabriela comprehendeu o hediondo sentido d'estas palavras.

—A firmeza de sua linguagem, disse ella, revela-me as intenções que abriga. Não concebo, porém, que haja forças humanas, que dominem a vontade. Se não tem piedade de mim, Deus a terá, cavalheiro.

—Como?

—Pedindo soccorro d'esta janella.

—Devo dizer-lhe, Gabriela, que se cançaria de balde. Esta casa está inteiramente isolada.

—Mas alguém habitará n'ella.

—Estamos inteiramente sós.

—Terei então forças para fugir.

—As portas estão fechadas, e as chaves em meu poder.

—Oh, meu Deus! exclamou Gabriela, cobrindo o rosto com as mãos e caindo de joelhos.

Laforet, quando viu a seus pés aquella debil creatura, semelhante a Niove oppressa pela dôr, sentiu em todo o corpo um estremecimento involuntario.

Ha instantes em que até o marmore é menos duro.

Gabriela via-se perdida. Restava-lhe appellar ao unico refugio do desditoso: o ceo.

Edgardo achava-se em uma situação, em que não podia retroceder. Affogou em seu peito os sentimentos generosos, que ante tanto abandono lhe emanavam do coração, e tornando a adquirir sua severa attitude, continuou:

— Levante-se, Gabriela: não pode duvidar que vim aqui para supplicar, não para coagir. Deveis, pois, comprehender a intensidade de meu amor. Tenho de appellar a meios reprovados, já que de vós hei recebido profundas feridas, que distillam sangue. Ainda é tempo de remediar tudo. Se quiser avaliar minha conducta, eu, por certo, serei um monstro que só lhe tenho causado horror; mas, applicando-se a procurar a origem d'essa conducta execravel, merecerei antes compaixão, que outro qualquer sentimento. Amo-a tanto! Sinto tanta felicidade em adora-la, que, se quiser, pode ser n'este instante o genio bom de meu porvir.

—Ah!

—Escute, proseguiu Laforet, cada vez mais pallido; não me interrompa. Veja em mim um homem, cuja existencia o seu amor pôde transformar: esse amor pôde dar-me um

destino mais tranquillo, mais suave; extinguir-me o remorso de passados erros; augmentar-me a doce esperança de uma felicidade suprema. Eis aqui a generosa acção que pode-se praticar. Se, ao contrario, obstinaes em desprezar-me. então, eu serei insensivel a toda a classe de contemplações: consider-a-hei como uma escrava que se compra ou se conquista: meu amor terá então essa ferocidade do selvagem, que é surdo ás supplicas: serei senhor; contarei seus soffrimentos e suas lagrimas, como justa represalia do que me tem feito padecer. E ultimamente. gosarei em vê-la prostrada a meus pés, tal qual agora eu me prostro ante si.

E Laforet caiu de joelhos, na esperança de um sorriso, de um olhar, de um signal de compaixão.

—Oh! exclamou Gabriela. Solicita o impossivel, senhor... Eu não posso amal-o nunca.

Demudou-se o semblante do francez. Depois, levantando-se pausadamente, perguntou com voz surda:

—Disse: nunca?

—E' esta a resposta que minha honra me exige, cavalheiro.

—Logo, rouba-me a ultima esperança?

—Sim! Amal-o eu? Olvidado que em nosso paiz só temos um coração e um amor? Amal-o eu? A si que incendiou minha casa, que perseguiu meus paes, que nos sepultou em um calabouço?...

Isso seria horrivel, monstruoso!

—Cale-se, Gabriela. Não é tempo de recordar passados successos. Pensamos no presente. Não esqueça que está em meu poder, que os instantes são preciosos, e que será em vão oda a resistencia. E' bem certo que não mereço o seu carinho.

—A victima não pode amar o verdugo.

—Seja assim, respondeu Laforet com a frente contrahida. Então, já que não ha meio de convencel-a, disponha-se a seguir-me.

—Eu seguil-o?

—Sim; já que não quer accetar meu coração tal como é, rude, apaixonado, ardente, força é que a submetta á minha vontade.

—Impossivel!

—Resistirá?

—Com toda a minha energia, com todo o poder que dá a desesperação.

—Gabriela, exclamou Laforet lançando de seus olhos relampagos de furor, está-me transtornando a mente: entendia que estamos sós: que debalde gritará: que em vão serão supplicas e lagrimas, porque quando um tigre está furioso, não se entenece com os gemidos das victimas. Gabriela, compadeca-se de si mesma, e tenha piedade de mim. Cada momento que passa, mais me aproxima do crime... Comtudo, ainda domina minha razão e prende minha vontade; mas é impossivel que eu saia d'esta casa sem a levar.

E passou a mão pela fronte, como tentando reter em sua cabeça o ultimo vislumbre de lucidez que lhe restava.

—Se o senhor amasse a honra, exclamou Gabriela tremendo, pedir-lhe-hia, em nome d'ella, que praticasse uma acção louvavel.

—Não; é preciso que me siga.

Laforet tomou a capa, correu para uma das janellas, e depois de escutar por algum tempo, proseguiu:

—N'este mesmo momento ouço o toque de chamada, que convoca nossos batalhões. Acompanhe-me: eu o mando.

Gabriela ficou atterrada. O furor d'aquelle homem, sua altivez severa, seu gesto ameaçador, eram fataes indicios da exaltação que o possuia.

—Detenha-se, em nome do que para si mais sagrado exista, disse Gabriela.

—Quando não ha razões que possam convencer, é forçoso

recorrer a meios extremos. Os seus insultos têm ferido meu orgulho, senhora. Já não ha remedio. Nenhuma consideração pode conter-me. Hade seguir-me, mais como obscura aventureira, do que como nobre hespanhola. Caminhará confundida entre meus soldados; porque, é mister que saiba tudo, saimos de Madrid, talvez para não voltar aqui.

A joven soltou um grito.

—Oh! e pensa arrebatarme de minha patria, do lado de meus paes?

—Sim.

—Quando?

—Esta noite. Não ouve?

—Sim; ouço o rufar dos tambores e o som das trombetas.

—E' o signal de partir. Gabriela, comprehendeu bem a sua situação. Arrastal-a-hei em minha fuga: atravessaremos as nações, a senhora curvada sob o peso da sua dôr, eu triumphante com a gloria de havel-a vencido. Eis a sua sorte. Ninguem a pôde salvar, senão a Providencia, e essa Providencia está bem longe para cuidar em si.

E dizendo isto, Laforet apoderou-se de uma das mãos da joven.

Esta segurou-se com a outra á janella.

—Não me arrancará d'aqui, disse, reunindo todo o seu valor: antes morrerei, que em tal consinta.

Desprendeu o feroz soldado quasi frenetico sorriso.

—Pobre mosca, não desafie a furia do turbilhão. Não quer amor? Pois bem. Será escrava de um soldado, não poderá eximir-se a esgotar a amarga taça da desgraça. Em qualquer parte da terra, ter-me-ha sempre a seu lado. Em vão invocará um auxilio, que a defenda: os seus gritos soarão mui longe de sua patria. Quer saber o destino que a aguarda?

—Cale-se, cale-se.

—Vae acompanhar-me ao norte da Europa, para onde se

dirigem nossas aguias victoriosas. Sim, Gabriela, debalde implorará misericórdia... Quem sabe se iremos buscar a um recanto do polo, a senhora o seu arrependimento, eu o amor que agora me nega!

—Oh! não consummará tão horrenda acção!

—Se me ama voluntariamente, e me não priva dos thesouros que o seu coração encerra...

—E é essa a condição que me impõe?

—A unica.

—Então, mate-me, cavalheiro. Prefiro a morte á infamia. Laforet soltou um rugido.

—Quere-o assim? exclamou com frenetico accento.

—Já o disse.

—E assim desafia meu poder? Oh! é de mais, senhora... Segame-me.

—Nunca, replicou Gabriela com dobrada energia.

—As suas forças são mui limitadas para resistir-me... Em vão luctará.

E puxando brutalmente a donzella, a obrigou a cair de joelhos.

—Soccorro!... meu Deus! gritou a desgraçada.

—Não grite: o silencio da noite é mui profundo, e está bem affastada de Madrid. Levante-se; se não arrastal-a-hei, senhora. Já que quer a violencia, eis como faço uso d'ella.

Laforet enlaçou seus braços em torno da cintura de Gabriela, levantou-a como uma penna, e collocando-a sobre seus hombros, proseguiu:

—Agora, chame por Deus ou pelo inferno. Nem um nem outro acudirá aos seus brados.

E caminhou para a porta da habitação.

CAPITULO XXI

A ANCORA DE ESPERANÇA

N'aquelle momento critico em que ainda retumbava a voz de Laforet, e antes d'elle chegar á porta, abriu-se esta repentinamente, impellida com violencia por braço desconhecido.

O raptor retrocedeu assombrado.

Gabriela soltou um grito de esperança.

Um homem envolto em longa capa, coberta a cabeça com amplo chapeo, immovel como uma estatua, rigido como a vingança, terrivel como a punição, parou no limiar, devorando com o olhar aquelle quadro que se lhe offerecia á vista.

Para Laforet, aquelle homem, cuja inesperada presença destruia seu amor e seus projectos, era como uma visão aterradoradora, enviada por Deus ou por satanaz, em contestação a suas ultimas palavras.

Para Gabriela, era um genio tutelar, mensageiro da misericordia divina.

O pasmo, que se apossára dos actores d'esta scena, produziu durante algum tempo silencio profundo.

Parecia reconcentrarem em seus peitos a surpresa e o assombro.

Finalmente Laforet depoz de novo no chão a infeliz Gabriela, e tomando-a pela mão dirigiu-se ao desconhecido.

—Deixe passar! bradou com accento convulso.

—Ceos! respondeu o desconhecido. O assassino de meu pae!

E arrojando ao chão o involucro que o cobria, appareceu dom Carlos de Montalban, com o sorriso da vingança nos labios, e fogo do odio nos olhos, o sangue-frio da valentia no rosto.

Gabriela soltou um grito de alegria, e correu para aquelle ente adorado, que Deus, sem duvida, lhe mandava no momento mais perigoso da sua vida.

Laforet rugia de raiva; porém enervado pela surpresa e pelo terror, não poude mover-se do seu logar.

—Carlos!... salve-me, exclamou a donzella, caindo de joelhos aos pés de seu amante.

Contemplaram-se em mudo extasis os dois amantes, que por tão longo tempo não haviam podido avistar-se, como se, em lance tão supremo, felicidade eterna os envolvesse.

O cavalheiro levantou-a, e devorou com o olhar aquelle rosto pallido.

Seu coração adivinhou tudo.

—Salval-a-hei, respondeu com tom vibrante. Se tem em apreço sua honra e a minha, não se opponha aos meus desígnios.

—Em nome do ceo, fujamos d'aqui.

—Ainda não é tempo, disse Carlos com voz lugubre, olhando para Laferet.

Por mais que a debil imaginação de Gabriela queria ex-

plicar a si propria a apparição de Carlos, era-lhe impossivel conseguil-o.

Este ente querido estava ali, como um genio saído da terra ou lançado das nuvens: parecia haver acudido a seus gritos: chegava a tempo de enxugar suas lagrimas, de lhe inundar de esperanças o coração.

Immovel Laforet contemplava aquelle tacito reconhecimento, aquelles olhares de amor e de gratidão, e sentia ferver-lhe ó sangue em zelos e raiva.

Mas ha occasiões em que o homem mais valente perde a energia.

A apparição de Carlos era para elle um castigo providencial.

Collocado em frente de seu adversario, em attitude arrogante, observando-o com a persistencia da aguia, parecendo ler-lhe no fundo do coração a negra historia de sua vida, Carlos parecia dar treguas a seu espirito, para que não se lhe podesse imputar aleive ou traição.

Queria toda a tranquillidade e sangue-frio necessario, para vingar-se d'aquelle homem que tanto mal lhe fizera.

Finalmente avançou um passo.

Reinava silencio sepulchral.

Gabriela presentia o drama, que estava proximo de realizar-se n'aquella solitaria habitação.

Laforet, como uma estatua de ebano, observava Carlos por sua vez.

Por ultimo, este rompeu o silencio com voz cava e concentrada:

—Com effeito, é o senhor! o assassino de dom Carlos de Montalban, meu pae; o incendiario de Rivadesella; o impune evensor do castello de San Yuste!

Laforet estremeceu, vendo-se tão energicamente accusado. Não tinha valor para responder.

Carlos voltou-se para a porta e fechou-a. Depois, dirigiu-se ao seu rival com imperturbavel placidez, e como homem que formára uma resolução immutavel, proseguiu:

—Muito tenho de agradecer á Providencia, por achal-o sob meu poder. Por isso, hei querido que Deus e essa joven, a quem tanto tendes offendido, sejam as unicas testemunhas do que vae succeder.

—Espero, disse Edgardo Laforet por unica resposta, que se digne abrir-me essa porta. Nada tenho que conferenciar comvosco.

E tremor nervoso lhe circulava pelo corpo, ao dizer estas palavras.

—Silencio! respondeu Carlos: Não pode sair d'aqui. Suspirava por este solemne momento, que sem duvida o ceo me reservou, para agora lhe fazer ouvir a vóz terrivel da sua consciencia.

—De minha consciencia! exclamou Laforet, que via ante si o braço vingador do destino.

Carlos continuou:

—Vae sentir os passos de uma morte lenta, desesperada, horrorosa. Olhae para mim, e responde. Não vê n'este homem, além de um inimigo seu, de um hespanhol que tenha vingar sua patria, uma recordação que o aterra, um rival que o escravisa? A pallidez que lhe inunda o rosto, esse olhar indeciso, que não tem valor para erguer-se com a ousadia de uma conducta sem mancha, revelam a energia perdida. E' bem verdade cair o punhal das mãos ao assassino, quando é surpreendido no acto de commetter o crime.

—Essa linguagem, disse Laforet, denota-me o desejo que em de perpetrar em minha pessoa, algum crime tambem. Porém saiba cavalheiro, que não me assusto com ameaças. Rogo-lhe por segunda vez que me deixe sair.

—Sair! exclamou Carlos com sorriso amargo. E para que entrou n'esta casa, para praticar uma acção infame!?

—Quem lhe dá o direito de julgar-me? perguntou Laforet, interrompendo-o.

—Tenho o direito da força e da justiça. Que intentava n'este momento? Tratava de aterrar uma nobre dama hespanhola?

—Não estou resolvido a responder-lhe.

—Tratava de abusar de sua honra?

—Ah! não me apure a paciencia.

—Ia como disse ha poucos instantes, conduzil-a a um recanto do polo, como se leva uma mercadoria ou uma escrava?

—Cavalheiro, disse Laforet, basta já. Por terceira vez lhe digo, que me franqueie essa porta.

—Não; é preciso que me ouça. Em quanto a sair d'aqui, saiba que suas horas estão contadas; que sua vida é apenas uma sombra que se esvaece; lembre-se que tenho direito de derramar-lhe até á ultima gota de sangue; e que, por tanto, antes de abrir-lhe esta porta, necessario é que exhale aqui o ultimo suspiro.

—Pretende assassinar-me?

—Quem sabe! Qual insecto enredado na teia de uma aranha, não terá vontade, porque minha força hade tirar-lh'a: não terá valor, porque minha presença duplicará o seu assombro: não terá acção para fallar, porque o passado prenderá vossa lingua. Será debil, quando se julgava forte; será um pigmeu, quando se julgava gigante.

Na contracção, que agitava o rosto de Laforet, conhecia-se o estado de sua alma. Ia abandonando-o a razão, e crescendo o susto, que por vez primeira experimentava em sua vida.

Sentia ferver-lhe o sangue: um vapor negro velava seus olhos.

—Oh! exclamou, não me insulte d'esse modo. Colloca-me

em um estado de exaltação horrivel. Deixe-me passar, ou trema pela sua vida.

—Faça uzo d'essa espada que cinge d'esse punhal que lhe brilha á cinta.

Estas palavras lembraram a Laforet, que ainda era homem e militar.

Observou o seu contrario: viu-o desarmado na apparencia: calculou a immensa vantagem que o acaso lhe proporcionava; e adquirindo um pouco de sua energia, respondeu:

—Tanto se mata com a eapada como com o punhal.

E levando rapidamente a mão ao punho d'esta arma, tirou-a da bainha, e dirigiu-se a Carlos.

Gabriela deu um grito, e correu para o seu amante.

Carlos sorria com a frieza de um espectro. Antes que Laforet tivesse tempo de acercar-se, brilhára-lhe na mão uma pistola, que dirigiu ao peito do francez.

Este retrocedeu com a rapidez com que avançara. Estava tolhido de terror e ira.

O mais leve movimento seria o precursor de sua morte.

Gabriela elevou os olhos ao ceo, de maneira sublime e eloquente.

—Atraz, assassino ! bradou Carlos, apontando-lhe ao coração. Essa colera é impotente. Sua vida está na bocca d'esta pistola.

—Oh ! gritou Laforet. Que pensamento é o seu ?

—Matal-o.

—Matar-me !

—Sim.

—Mas commette um attentado horrivel.

—Quero vel-o morrer de uma morte lenta, obscura, convulsiva. Quero fazer-lhe n'este instante todo o damno, que me tem feito por largo tempo: quero vingar-me. Não cuide que me deixe levar de um arrebatamento. Quero que as angustias

da sua agonia vão crescendo proporcionalmente: que brade por misericórdia ao redor d'esta casa: que ouça a historia de seus crimes, a voz da sua consciencia, os gritos que arranca a desesperação.

—Pois encerra-me como uma fera, para matar-me? exclamou Laforet com o cabello hirto.

—Sim.

—Quer até roubar-me o direito da defesa?

—Sim.

—Então, não estranhe que lhe chame assassino.

—Silencio! exclamou Carlos com soberania: O criminoso não pode apostrophar o innocente. Oiça-me. Antes de morrer, é preciso que libe o amargo fel de todos os seus remorsos. O soldado de fortuna, que não respeita a velhice, a virtude e a innocencia; que matastes meu pae, que incendiou minha casa, e destruiu meus bens, é um assassino, um incendiario e um infame.

—Oh!

—E' mais ainda, proseguiu Carlos com reconcentrada cólera. Não satisfeito de haver-me causado tão grandes danos, tem perseguido infamemente a que está destinada a ser minha esposa.

—Gabriela sua esposa! exclamou Laforet fóra de si.

—Minha esposa: já o disse.

—Com que, é o senhor?...

—Seu amante.

—Ah!

—Deus collocou-me entre o sr. e ella, quando a força ia abusar da fraqueza. Vêja se o ceo é justo. Essa joven, que havia reduzido a uma espantosa miseria, porque de si sem duvida, têm dimanado todas as suas desgraças, é a que meu coração ama com toda a vehemencia. Agora, responda ás *u*

culpações, que lhe tenho dirigido. Esse silencio diz-me que não tem palavras com que rehabilitar-se.

—Porém tenho valor para bater-me. Se ama Gabriela, eu tambem a amo.

—Propõe-me um duello?

—Sim: á morte.

Carlos tornou à sorrir com aquelle sorriso lugubre e implacavel, que amedrontava o seu rival.

—Não: não cuide que vamos bater-nos, respondeu com voz pausada. Isso teria logar, se fosse um cavalleiro, e não um... assassino,

—Está saciando em insultar-me. Tema minha colera, apezar de mal armado.

Carlos continuou:

—Quiz macular a honra de uma dama hespanhola; mas não recordou que esse ultraje o castigamos nós com a morte. Vai por tanto, morrer, como se morre em um patibulo; ainda mais abjectamente do que morre um cão.

—Isso é crueldade, cavalleiro. Propuz-lhe um meio de satisfazer o seu desejo de vingança, e desprezou-o. Aggre-dir-me impunemente, é attentar contra todos os direitos da humanidade. Saiâmos, e que um duello de morte decida nossa sorte.

—Disse-lhe que não. Eu pretendo castigar os seus delictos, que não podem ficar impunes. Aceitar a sua proposição, seria conceder-lhe algum direito ou alguma razão. O sangue que tem derramado exige sangue; a justiça, uma victima; a humanidade, uma reparação. Vai morrer debil, porque tem prostrado os debeis: vai morrer na maior desesperação, por que merece a morte mais affrontosa. A luz do dia, a gloria dos combates, a terra que pisa, vão desaparecer n'este instante de seus olhos... Chegou o seu ultimo momento... De joelhos!

Era tão terminante esta phrase, havia tanta soberania e severidade no gesto de Carlos, que Laforet conheceu ter chegado sua ultima hora.

Perdeu todo o valor, qual criminoso á vista do verdugo, e caiu tremulo, convulso e palpitante.

A pistola apontou-lhe ao coração.

A este tempo Gabriela, muda testemunha d'esta scena, precipitou-se sobre Carlos, como o anjo da esperanza: segurou-lhe o braço, e com a vehemencia de seus sentimentos generosos gritou:

—Perdão!... Misericordial Oh! não manche com sangue o dia mais feliz de nossa vida.

E caiu tambem de joelhos, o rosto banhado em pranto e resplendente de formosura.

Carlos retrocedeu ante a bella supplicante, e abaixou a pistola.

—Gabriela, que pede?... Quer que perdoe ao assassino de meu pae!

—Peço-lhe que seja generoso.

—Que perdoe aquelle que ia raptal-a!

—Assim o exige a religião, a humanidade, o ceo.

—Ah!

—Accede?

—Sim; visto que assim o quer: está satisfeita a minha vingança.

Gabriela inundou de lagrimas as mãos de seu amante. Havia uma santa sublimidade no grupo interessante que os dois formavam, que o proprio Laforet experimentou uma sensação desconhecida até então—remorsos.

Carlos, depois de absorver os ternos olhares da joven, dirigiu-se a Laforet.

—Levante-se, disse com accento commovido; deve a um anjo sua existencia, e não serei eu quem attente contra ella.

Com o seu abatimento me julgo vingado. Mas fuja d'esta casa, proseguiu, abrindo a porta, e affastando-se do logar que occupava. Os seus desorganizados batalhões saem n'este momento de Madrid. Occulte entre elles a sua vergonha. Parta e que eu não veja mais o assassino de meu pae, o perseguidor da que será bem depressa minha esposa. Longe d'aqui, onde o seu nome não possa mais chegar a nossos ouvidos, onde nunca olvide que os filhos de Hespanha são grandes para vencer, e nobres para perdoar.

Laforet levantou-se em silencio, envolveu-se em sua capa, e depois de vacillar um momento, saiu d'ali, não sem lançar um olhar indefinivel aos dois jovens, que o viram passar em silencio á maneira de visão maldita.

Depois, quando o ruido de seus passos se sumiu na profundidade da escada, Carlos tomou uma das mãos de sua amada.

—Agora, minha Gabriela, vem commigo.

—Onde iremos?

—Em busca da felicidade, do amor e do descanso.

E os dois amantes abandonaram aquella funesta casa, perdendo-se nas trevas da noite.

CAPITULO XXII

A LOJA DOS FRANC-MAÇONS

Volvamos os olhos para outro lugar, onde se representam scenas de summo interesse.

O grande drama, em que figuram os principaes personagens de nossa historia, ia adquirindo sua monstruosa proporção, á medida que decorriam as primeirss horas da noite.

Que teria sido de Mathilde?

Eis o que vamos explanar.

Uma espaçosa casa abobadada, resto talvez de algum templo arruinado, era o lugar, onde a formosa joven fôra encerrada.

Duas fileiras de columnas, sustentando arcadas em ogiva, serviam de apoio ao negro tecto, perdido na vaga penumbra, como um ceo povoado de densos vapores.

As paredes e as columnas estavam cobertas de baieta negra, sobre a qual se viam pintadas caveiras brancas e ossos em cruz.

Ao fundo, uma janella redonda, velada ás vezes por movedição cortinado, servia de respiradouro áquella funebre mansão. Era o olho immovel d'aquelle espaçoso edificio, bem semelhante a novo cetáceo petreficado, ou qual esqueleto de animal antediluviano.

O olhar de observador audaz, fixo por algum tempo no tecto, podia descobrir algumas figuras symbolicas.

Quatro columnas sustinham ao fundo uma especie de rotunda.

Ali, sob a sinistra cupula, erguia-se um altar estranho. Era o *Oriente* da loja que descrevemos.

A luz que dava vida a estes objectos, era esparzida por seis velas verdes.

Ao resto do templo davam lugubre claridade tres lampadas de ferro, com tres bicos cada uma, onde ardiam grossos pavios.

Entre o altar e a nave erguia-se uma cancella de ferro. Brillavam lavrados marmores n'aquelle logar selecto.

Em cada uma das quatro columnas via-se uma letra colossal de marmore branco. Isto é, um I, um E, um N, e um R.

Estas mysteriosas iniciaes queriam dizer: *Isorteis* ou *Igualdade*, *Eleutheriu* ou *Liberdade*, *Natureza* e *Religião*.

A mesa do altar era uma peça magnifica de marmore branco. D'elle pendia, semelhante a um manto, um panno negro circulado de ouro. No centro do panno, em bordado de relevo, viam-se objectos symbolicos e um escudo com as seguintes iniciaes: F, e J, isto é, *Força* e *Justiça*.

Sobre o altar, e em elevação conveniente, apparecia o brazão hespanhol, assente sobre as pontas de duas espadas em cruz.

De ambos os lados, e entre outras duas espadas, estava collocada a tiara pontifical e as chaves do ceo.

Coroava o altar um raio despedindo jactos, de luz, que

ao parecer, douravam as estrellas fixas e o systema planetario, collocado symbolicamente e de um modo perceptivel e curioso em torno do luminoso reflexo.

Em outra mesa, collocada entre a grade e o altar, havia uma escrivaninha de prata, alguns maços de papel, e dois grandes livros fechados com chaves.

Sobre elles notava-se uma espada e um martello de madeira.

A' direita e á esquerda da mesa central viam-se outra duas mais pequenas. Na da direita sobresaía um esquadro de ferro: na da esquerda, uma regua de vinte e quatro divisões.

Antes de chegar ás mesas havia duas fileiras de negras poltronas. Era ali onde se assentavam os *irmãos*.

Um tumulo coberto de panno com emblemas funebres, elevava-se entre a grade e o resto da nave. Sustentavam-no cinco degraus.

Uma pequena lampada, em figura de craneo de homem, derramava incerta claridade sobre aquelle estranho sarcophago.

Diante d'elle outra mesinha negra, pois tudo ali era negro, sustinha um punhal, uma espada, um espelho, um compasso, uma esphera, um mappa, uma biblia, e multidão de objectos singulares.

Finalmente, um coxim, coberto com uma especie de sudario e o emblema da justiça, terminava o horrivel ornato d'aquelle logar.

Esta casa era sem duvida um subterraneo. Não se descobria ali porta alguma. Só em um dos lados se lobrigavam umas escadas perdidas na obscuridade.

O ar que ali se respirava era denso e humido.

Mathilde viu-se só n'aquelle logar; e apesar de o conhecer, por haver ali vindo em diversas occasiões, quando a condessa de Segalvo exercia sobre ella um poder absoluto, com-

prehendeu que havia caído em um laço, cujas consequências não lhe era fácil prever.

Era impossível estar ali Gabriela de San Yuste.

A loja estava debaixo da terra. Quando não havia reunião, era um lugar solitário, onde os gritos e as lágrimas se extinguiriam sob aquelles cimbres funebres.

Só um projecto sinistro podia dar causa á sua conducção ao centro d'aquelle abysmo.

Primeiro não viu mais que a sombra de seu corpo, projectada nas paredes pelas luzes das lampadas; não ouviu mais que o rumor produzido pelos seus passos. Teve medo e quiz fugir. Mas para onde?

Muitos dos iniciados ignoravam as mysteriosas entradas e saídas da loja.

Ficou de pé junto do tumulo.

Seu traje, sua figura, sua attitude tímida e energica a par, assimilhavam-na a uma visão pallida, saída das profundezas do moimento.

Assim decorreu meia hora.

De subito, viu Mathilde projectar-se a sombra de um homem no centro da nave. Por onde havia entrado? Impossível era sabel-o.

O desconhecido foi avançando lentamente pelo templo, parecendo buscar um objecto em todos os angulos, onde a sombra era mais espessa. Depois, esta figura, graças ao clarão das luzes que pareciam arder eternamente dentro d'aquelle sepulchro, foi tornando-se mais visível, e finalmente Mathilde poudo observá-la em todas as suas formas.

Era um cavalheiro, coberto com capa hespanhola, sob a qual brilhavam umas botas de charão, adornadas de esporas de ouro; o chapéu, caído sobre o rosto, occultava-lhe as feições; seu andar era firme e seguro.

De repente soltou um suffocado grito. Tinha avistado Mathilde, e não tardou em correr para ella.

A joven conheceu a cilada, em que caíra. Armou-se de valor, e avançou um passo.

O cavalheiro deteve-se, desembuçou se, e n'esta occasião a luz de uma lampada banhou-lhe o semblante.

Era José Napoleão.

—Mathilde! exclamou elle,

—Senhor! respondeu esta.

Palavra tão fria, cerimoniosa, altiva, e talvez insultante, gelou o rei.

—Vejo, disse finalmente, que estava preparada para me receber.

—Ao contrario: jámais pensára que Vossa Magestade descesse a este sitio, nem me armasse um laço, para eu vir aqui.

D. José approximou-se.

E' mister que comprehenda minha situação, Mathilde. Já sabe que a amo: decidido a luctar, hei recorrido ao ultimo extremo. Esta noite será minha.

Estava pallido como um cadaver, ao proferir estas palavras. Mathilde empallideceu por sua vez.

—Essa ameaça não é propria de um rei.

—Esta noite é a noite da vingança, Mathilde.

E o rei deu um passo, como se quizera apoderar-se da joven.

Esta retrocedeu.

—Detende-vos, lhe disse: não deshonreis o vosso nome.

—Quando o orgulho se acha ferido, é como a serpente que, pisada impunemente, volve a cabeça, para morder. Aqui não sou rei: sou um homem. Meus direitos estribam-se em minha força; minha vingança, na minha propria vontade.

Houve um momento de silencio.

A linguagem do rei amedrontava.

—Por tanto, sou uma victima vossa? perguntou Mathilde.

—E' minha prisioneira. Caiu nos laços que lhe preparei. Que culpa tenho eu de que seja formosa? A sua imagem, se não se desvanecera em meu coração, porque isso é impossivel, tinha-se amortecido ao menos. Apareceu ante mim, quando menos o pensava. Contemplei-a então mais deslumbrante, mais celestial, mais seductora. E', pois, a verdadeira culpada do que está succedendo. Que faço eu, senão seguir o curso impetuoso de meu amor? Porque se collocou em meu caminho?

Mathilde estremeceu. Nas palavras de José Napoleão havia um tanto de inexoravel que a aterrava, certo argumento que a confundia.

—Escute-me, senhor, disse com voz tremula podia ser um pouco desculpavel a conducta que Vossa Magestade tem observado comigo, se em mim houvesse encontrado uma esperança, uma promessa, uma palavra que revelasse amor. Tenho sido ingenua até onde o dever me ordena e o respeito me prescreve. Creio que, attendendo a nossas respectivas posições, eu só tenho praticado o que me exige a honra; a qual julgo digna de ser respeitada por um rei, que deve saber quanto vale a honra de uma mulher.

José desprendeou amargo sorriso.

—Repito-lhe, Mathilde, que aqui não sou rei. Ante si ha só um homem que a adora, que vive com o seu alento, que vê com seu olhar. Este homem foi despresado, e não quer soffrer mais humilhações: este homem quer o seu amor, de bom grado ou á força: este homem está decidido a appellar a todos os meios, desde o rogo até á violencia, comtanto que seja sua, inteiramente sua. Se a minha razão me abandona tem a senhora a culpa: se olvido o respeito de que é digna, ainda é a culpada. Aqui n'este logar de horror, não ha mais que um homem que manda e uma mulher que deve obedecer.

Nos olhos de José Napoleão brilhavam dois relampag

e dominado por sua paixão, foi apoderar-se de Mathilde.

Esta comprehendeu o immenso perigo que a ameaçava; mas disposta a defender sua honra até ao ultimo extremo, aproximou-se rapidamente á pequena mesa que estava junto do tumulto, e tomou o punhal que sobre ella havia.

—Atraz! bradou a donzella.

Tão ligeira foi esta operação, que, quando o rei ia acercar-se da joven, ouviu-lhe a exclamação, e ao mesmo tempo viu brilhar sinistramente o punhal diante de seus olhos.

Retrocedeu um passo, e ficou immovel por alguns instantes.

—Que faz, Mathilde? disse por ultimo.

—Defendo-me, senhor. A um attentado responderei com outro attentado.

E' pois verdade que a abelha faz uso do ferrão para ferir?

—Não: é a Providencia que arma o braço da victima contra o verdugo.

O rei continuava pallido, e sem ousar avançar.

—Oh! disse elle, depois de longo espaço. Está assim mais formosa, Mathilde. Será preciso que me atravesse o coração, pois eu não retrocederei n'esteprehendimento.

—Está bem.

—E será regicida?

—Não disse, que aqui não ha rei algum?

José Napoleão sorriu-se.

—Esquecia-me que tendes talento. Mas, por certo não lhe recorda um cousa.

—Que é? senhor.

—Esse punhal que ahi tem não fere nem mata.

—Porque?

—Não o tomou de cima d'essa mesa?

—Sim.

—Eu não sei se lhe revelaram, que tudo quanto aqui ha é mentira. E' uma fantasia para impressionar o espirito; nada ha aqui real, tudo é illusão, fumo, nada. Esse punhal é uma arma inoffensiva. E' o punhal que se entrega aos adeptos para se ferirem, e cuja folha se introduz no cabo por meio de uma mola occulta. Já vê, pois, que o seu ferrão facilmente quebra.

Mathilde, que comprehendia um pouco dos segredos da loja, ficou assombrada.

O punhal caiu-lhe das mãos.

O rei approximou-se.

—Agora, proseguiu elle, cuido não fará nenhuma ostentação de resistencia, Mathilde. Venci-a em principio, e vencel-a-hei até ao fim; mas devo dizer-lhe minhas intenções.

—Não posso escutar-vos, respondeu a altiva joven.

—Assim é preciso.

Depois de um momento de silencio, em que o rei devorou com o olhar a formosissima figura de Mathilde, continuou:

—Não pense que, pretendo arrancar-lhe do coração essa irascibilidade que me enlouquece, eu queira abusar de tanta belleza, de tantos encantos, por um instante. Quero unicamente procurar o recondito logar de seu peito, onde existe o amor, para que esse amor seja inteiramente meu, não por uma só noite, e sim por toda a vida.

—Isso é cruel, senhor, respondeu Mathilde. E' querer fazer-me vossa escrava.

—Engana-se: é querer tributar-lhe adoração eterna.

—Mas...

—Escute, não me interrompa.

—Fallae.

—Decidido a consagrar-lhe meu amor, minha vida, meu porvir, devo dar-lhe a partilhar o meu destino. Esta noite saio de Madrid, talvez para não voltar aqui: ausento-me de Hespanha; mas levo comigo a mais bella flor d'este paiz. Fôra

d'este edificio ha um coche, para a levar aonde a sorte me conduzir. Convença-se de que não ha resistencia possivel com um homem, disposto a arrostar todos os obstaculos.

Duas lagrimas rolaram pelas faces de Mathilde.

—E' o mesmo dizer, senhor, que estou presa, que não ha meio de salvação.

—Não.

—E se eu appellar aos nobres sentimentos de Vossa Magestade?

—Tambem não.

—E se eu invocasse o nome, que mais pode commover o coração de um homem, o nome de vossa esposa, a quem legitimamente deveis esse amor que quereis roubar-lhe, tambem não obteria compaixão?

José Napoleão fez-se pellido, ou antes livido como um cadaver.

—Não.

—Logo, privaes-me de toda a esperanza?

—Não vos resta alguma.

—Então, exclamou Mathilde com a serenidade da leoa que não teme o combate; então vós, senhor, que nem respeitae os mais sagrados vinculos da sociedade, nem vos reprimem as considerações que a vós mesmo deveis, não espereis encontrar em mim medo ou espanto. Luctarei em defeza de minha honestidade, e Deus dar-me-ha a victoria.

Com tal vehemencia foram proferidas estas palavras, que o rei ficou tolhido de assombro.

—Mathilde, disse elle por fim, provoca-me?

—Avançae um passo, se tendes valor.

—Que intenta fazer?

—Avançe, senhor, já vol-o disse.

Esta provocação acabou de incendiar o coração do monarcha.

Mathilde estava ainda mais formosa n'aquelle instante.

Não podia admittir-se a mais ligeira tregua n'aquelle repto singular.

D. José, cego de amor, correu para Mathilde. Esta permaneceu immovel como a estatua do assombro.

Porém subito, impetuoso, irado, surgiu entre o rei e a joven, como se a terra o houvesse arrojado do seio, um homem embuçado até aos olhos.

Avançou para o rei, e dirigindo-lhe um punhal ao peito, disse:

—Este punhal, fere e mata a quem intentar approximar-se d'esta mulher.

Tão rapido e inesperado foi este incidente, tão penetrante foi a voz do mysterioso personagem, que José Napoleão não teve valor para mover-se do sitio que occupava. Mathilde soltou um grito.

Depos de longo espaço, em que cada qual conservou a attitude dramatica e terrivel, que exigia aquella situação exclamou o rei:

—Quem é, e com que direito entrou n'esta casa? perguntou o rei.

—Sou o general Maurice Mathieu, e tenho poder de entrar aqui, porque sou um irmão da loja.

E dizendo isto, arrojou a capa que o envolvia, ficando em seu severo traje militar.

—Traidor! exclamou José Napoleão, retrocedendo.

—Nunca o fui, senhor, respondeu o pallido general com sinistra alegria.

—Então o que é?...

—Sabei tudo. Amo Mathilde.

—O senhor?

—Eu.

Contemplaram-se frente a frente os dois rivaes, não como rei a vassallo, senão como inimigo a inimigo.

Mathilde, de pé sobre os degraus do tumulo, alumiada pela lampeda semelhante a craneo humano, parecia o anjo da esperança entre as lobregas sombras, que circulavam aquelle sitio.

—General, ordeno-lhe que se retire bradou José Napoleão com accento de mando supremo.

Apezar d'esta ordem, Maurice permaneceu immovel.

—Não obedece? perguntou D. José, depois de algum tempo.

—Não: é impossivel. Em vão faz Vossa Magestade ostensão de seu poder, para me obrigar a abandonar este logar. Oíça-me, e julgue-me. Devo explicar minha conducta.

El-rei tremia de colera.

Maurice Mathieu continuou:

—Antes de Vossa Magestade haver fitado seus olhos em Mathilde, já eu a amava como se ama a esperança, o porvir, a felicidade. Existe não sei que condão n'esta creatura, que enlouquece, que abraza, que assassina. Não estranho, pois, que Vossa Magestade perdesse a razão, ao tempo de a conhecer. Fascinado uma vez por seu olhar, por seu sorriso, pelos seus mil encantos, que pouco a pouco em enlevo contemplava, como magnificas flores de formoso jardim, comprehendí que perdia minha força de vontade, que me faltava a vida, que me fugia a razão, sempre que sua imagem vinha arrancar-me minha felicidade de soldado, minha intrepidez de guerreiro, minha intelligencia de general. Segui seus passos, qual satellite ao planeta: devorei o veneno de seus desprezos, como se traga o toxico, que queremos nos prive da existencia: acompanhei-a como a sombra ao corpo; e eis aqui o motivo, porque me opponho agora aos desejos de Vossa Magestade. Creio estar justificado, senhor. Se sou traidor, ella tem a culpa: se agito

este punhal em minha dextra, é porque ella parece ordenar-m'o... e se seu gesto me indicasse n'este momento que o cravasse em vosso coração, não hesitaria um instante em obedecer-lhe.

—E ella ama-o? perguntou o rei.

—Não.

—Então, quem é o venturoso rival, que nos rouba tanta elicidade?

—Eu, disse n'este instante uma voz atraz do rei.

Todos soltaram uma exclamação instantanea, e volveram a frente.

O que do novo apparecia era Genaro.

Pallido, formoso como Antinoo, com fluctuante cabelleira esparzida pelas costas, lançando de seus olhos chispas ardentes, a fronte contrahida, com uma das mãos no peito e a outra em attitude ameaçadora; deu um passo ávante, cortando repentinamente aquella dupla scena de amor e ira.

Mathilde soltou um abafado grito, e não podendo resistir a tantas sensações, caiu desmaiada.

José I contemplou dos pés até á cabeça o desconhecido mancebo, que tinha diante, em quanto Maurice Mathieu com sorriso convulsivo exclamava:

—E' elle.

Os tres rivaes observaram-se em silencio.

—Eis aqui, senhor, proseguiu o general, depois d'aquelle periodo de sensações encontradas; o ceo, sem duvida, quiz terminar nossa contenda. Esse cavalheiro, que abi vêdes, é o dono de seu coração. Seria loucura disputar-lh'o. Se nosso amor é inextinguivel, se nossas esperanças têm de fenecer, se essa brilhante estrella tem de sumir-se no horizonte de nosso porvir, segui-lhe o traço luminoso. Um largo campo se nos offerece. Trôa por toda a Europa o canhão das grandes batalhas: arde a guerra de um a outro confim do mundo. Le-

vemos nossa desesperação para esses acampamentos, onde a voz de vosso irmão retine sob suas gloriosas bandeiras os filhos dos combates. Busquemos uma generosa bala, que ponha termo á nossa desgraçada existencia. Eis o futuro que nos espera. Por minha parte, eu irei ao encontro da morte, doce e unico balsamo, que cicatrizará as feridas de meu coração. Mathilde nem é para vós, nem para mim. O homem deve ter dignidade, quando mais degradado se encontra.

José I estava como aturdido.

—E não ha mais remedio que perdel-a? exclamou por ultimo.

—Nada mais, senhor. Todo o esforço é inutil. Recordae que n'este momento o exercito francez abandona Madrid. Partamos.

E como se taes palavras houvessem destruido a preplexidade do rei, contemplou Mathilde por ultima vez, e affastou-se d'aquelle logar, para ir presenciar a queda do imperio de seu irmão.

O general acompanhou-o.

Genaro então cruzou os braços, e approximando-se de Mathilde, ficou contemplando-a em silencio.

CAPITULO XXIII

o PUNHAL

Ficára Genaro immovel, contemplando Mathilde.

Em sua frente, povoada de tempestuosas nuvens, parecia concentrar-se um pensamento sinistro.

Era a duvida, que lhe cravára no coração sua garra.

Não era ali o lugar, onde devia achar a sua adorada. Cuidára elle vir enconral-a sobre um pedestal de flores e de esperanças, qual divindade antiga; mas não n'aquella mansão problematica, ao lado de dois homens, que se disputavam o seu amor.

Elle, que tanta fé depositára na virtude e nas promessas de Mathilde, ficára gelado de assombro, desde o instante, em que sua amante caíra sem sentidos.

Não sabia se era ciume o que experimentava, ou a dôr do desengano. O certo é, que padecia horrivelmente.

Ha nas naturezas delicadas certa irritação, que gera os mais tristes pensamentos. Genaro pensou por algum tempo

que havia sido enganado; que a fé dos juramentos havia sido quebrantada: que a doce esperança, que em seu peito alimentára, emmurhecêra; finalmente, que aquella mulher celestial, prostrada a seus pés, era um idolo de barro, maculado por torpes espurcicias.

Por alguns instantes vacillou, entre a resolução de abandonar-a ali, e outro sentimento mais potente que o retinha. Mathilde estava encantadora.

Destacava sua linda figura sobre o panno funebre, em que estava reclinada, á semilhança de uma d'essas pallidas flores, que brilham docemente ao clarão da lua. Seu formoso rosto era puro e sereno, sem uma sombra que o empanasse, seus labios graciosamente nacarados; e por entre as negras pestanas deslisava uma lagrima, até perder-se nos negros e encantadores anneis de seu cabelo.

Tanta formosura produziu em Genaro o sentimento do amor, com toda a vehemencia de que era susceptivel; mas um amor que não se contentava com um sorriso, e sim procurava uma vingança; um desejo imperioso de saber em toda as suas particularidades aquella aventura, que o martyrisava,^s de fulminar sobre aquella cabeça destumbrante, todas as maldições, todo o furor que Eumenides implacaveis lhe embebiam no coração.

Possuido d'estas ideias, approximou-se de Mathilde, com a frieza com que poderia approximarse uma estatua de outra estatua.

Dobrou um joelho, e introduzindo um braço por baixo do corpo da donzella, a levantou suavemente.

Genaro tremia: Mathilde acabava de abrir os olhos.

Olhou para todas as partes, e por fim fitou seus humidos e formosos olhos nos de seu amante.

Este parecia invencivel. A joven conheceu que devia affas-

tar-se d'aquelles braços que a sustinham, e fazendo um esforço, conseguiu por-se de pé.

—Genaro! exclamou ella, passando as mãos pelos olhos, como se duvidasse da presença de seu amante. Ah! é possível que estejas a meu lado?

E ainda não crendo na realidade, deu um passo para elle.

Genaro desprendeu amargo sorriso.

—Não se engana, Mathilde, respondeu com accento glacial.

—Veio salvar-me?

—Venho exigir explicações da sua conducta.

E o nobre mancebo dirigiu á donzella um olhar cheio de fogo e de exprobração.

Mathilde comprehendeu o tormento de que era victima o coração de seu amante, e ficou aterrada.

Era tão pura sua alma, tão ardente o seu carinho, que a alegria, que acabava de sentir com a appareção de Genaro, esfriou repentinamente, convertendo-se em profundo pesar.

Duas lagrimas lhe rebentaram dos olhos.

—Creio, disse ella por ultimo, que não tem direito para reprehender-me.

—Mathilde, interrompeu o mancebo, não podendo conter a dôr que o peito lhe torturava, que fazia aqui? responde-me.

Ao recordar o triste acontecimento, Mathilde tremeu. Negar os factos, era tornar-se culpavel: confessar a verdade, era suscitar novas suspeitas áquelle coração, abrazado em ciúme.

—Pergunta-me, que fazia n'este logar? Bem o viu: defendia minha pessoa de um attentado horrendo.

—A senhora! Ah! E quem eram esses homens?

—Dois inimigos de minha honra.

—Seus amantes?

—Jamais o foram.

—José I, e Maurice Mathieu... meu antigo rival!

—Sim.

—Porque estavam aqui... a seu lado... n'esta mansão de horror? Mathilde, ha cousas que, para sondal-as; é preciso armar-nos do valor que tem a fera, quando despedaça suas proprias carnes. Em tudo isto ha uma historia horrivel, que não quizera saber, e que todavia me sinto com forças de analysar em seus mais reconditos mysterios... Duvida de si no momento mais venturoso de minha vida, quando me cria feliz, quando a esperança e o amor me sorriam, illudindo-me com mentida felicidade. Depois de dois annos de ausencia, era possivel que sua fê permanecesse immutavel como a obra das gerações? que o seu coração, fragil vaso despedaçado talvez por mão impura, não olvidasse o triste prisioneiro, que lhe enviava seus suspiros a todas as horas, a todos os instantes? Mathilde, isto é cruel, e eu tenho direito de estranhar sua conducta. Falle, ao menos não augmente as negras suspeitas que minha alma affligem.

—Que quere que lhe diga! disse a joven, cruzando as mãos sobre o peito.

—Logo, não ha palavras que a justifiquem?

—Não; porque quando se duvida de minha fé, de minhas promessas, de meus juramentos, não ha expressões para fazer crer o contrario.

E a formosa joven, resplandecente de innocencia e da virtude, contemplou Genaro com a firmeza de que até então carecêra.

Este sorriu sinistramente, fez-se pallido como um cadaver, e continuou:

—A sua fê! Onde está ella? Acaso veio deposital-a n'este logar estranho, cujos emblemas me revelam novos mysterios, que não quizera decifrar? As suas promessas! Que fez d'ellas?

Devia eu imaginar que a viria encontrar quasi nos braços, de um rei? Os seus juramentos! Eram talvez, senhora; de natureza tal, que me promettiam achal-a junto do general Maurice Mathieu?

—Avalie minha conducta como quizer, respondeu Mathilde com dignidade.

—Serei exaggerado em minhas apreciações? Talvez. Mas que exige de um homem, que o seu desamor tem quasi enlouquecido? Talvez considere dissolvidos todos os laços que havíamos formado, quando eu os cria mais firmes, mais duradouros que a rocha eternamente exposta ao embate das ondas. Fui um insensato com esta crença. Todavia, tenho direito de perguntar-lhe que fez d'esse amor, que era a suprema felicidade de minha vida? Onde está aquella esperança vivificadora, luz brilhante que meu passos guiava? Ah! Mathilde, Mathilde, devolva-me o sorriso, que outr'ora dava a meu coração as mais doces emoções; restitua-me o limpido olhar que ante meu olhar se não turbava; dê-me aquellas palavras, que nasciam immaculadas e puras como o primeiro arrebol da aurora, como a primeira harmonia da primavera. Eis o que lhe peço.

E Genaro, pallido, formoso, palpitante correu para sua amante, circumdou-a com seus braços, inspirou-lhe o seu alento não como se pretendesse assenhorear-se dos mais doces thesouros de amor, mas em acção de a aniquilar, n'aquelle periodo de amor, de loucura e frenesi.

Mathilde não fez o mais leve movimento, para desprender-se d'aquelles laços de ferro que a cingiam,

—Pois tão grande é sua duvida! disse finalmente.

—Sim; é.

—E não acredita minhas palavras?

—Não.

—Julga que trahi nosso amor?

—Sim.

—Que meu coração, alma e vida, já lhe não pertencem ?

—Assim penso.

—Ha um meio de convencer-o exclamou a joven com certa gravidade aterradora, que paralysoou o sangue nas veias ao impetuoso mancebo.

—Qual é?

Mathilde fez um esforço, para desprender-se dos braços de seu amante.

—Genaro, lembra-se da nossa ultima entrevista?

—Lembro, respondeu elle tremendo,

—Tem presente minhas ultimas palavras?

—Tenho.

—E conserva o penhor de alliança, que lhe entreguei n'essa occasião?

Genaro deu um grito.

—Sim... um punhal.

—E' verdade, proseguiu Mathilde, dei-lhe um punhal com as iniciaes que vê n'este salão, gravadas sobre essas columnas. Aquelle punhal era o symbolo de meu amor. O que fosse prejuizo, devia ser morto com essa arma. Eu, Genaro, tenho sido criminoso; tenho faltado a meus votos, julga-me manchada com a infamia e com a deshonra. Mate-me, estou prompta a morrer.

E a encantadora joven, no cumulo de sua exaltação, desviou-se alguns passos.

Genaro levou a mão ao peito, e tirou o precioso instrumento, testemunha de uma scena, mui distincta da que n'este momento se passava.

—Serei capaz de matal-a bradou o joven, livido e tremulo, se verdadeiramente foi culpada... quero dizer, Mathilde, confundir-se-ha nosso sangue, como se hão confundido nossos corações. Collocou a questão sob seu verdadeiro ponto

de vista. Este punhal é o laço que nos une, o juramento que nos prende. Vai responder me, ou morrer.

—Morrerei.

—Era costume entre os antigos dar a morte áquellas vestaes, que haviam quebrantado seus votos. Precedia esta punição um julgamento tremendo, onde a victima soffria o interrogatorio de seus juizes. Eu serei o seu Mathilde. Responda.

—Falle.

—Que fazia n'este logar?

—Já o vio soffria.

—Como veio aqui?

—Illudida.

—Por quem?

—Por José Bonaparte.

—Quaes eram seus intentos?

—Abusar de minha honra.

Genaro soltou surdo rugido, como se as entranhas se lhe despedaçassem.

—Bem... Vou comprehendendo alguma cousa... Mathilde.

Mas, como poudes o rei enamorar-se de si?

—Porque commetti uma imprudencia.

—Qual foi?

—Assistir a um baile em palacio.

—Voluntariamente?

—Não: enganada.

—Por quem?

—Pela condessa de Segalvo.

—Ah! exclamou Genaro, cerrando os dentes, Já duvido de tudo.

—E de mim?

—Tambem.

—F... enaro ,respondeua joven com sublime resigna-

ção, Não satisfazem minhas explicações? Pois bem; meu sangue responde por minha honra; minha vida, por meu amor. Meus labios não murmuraram uma só queixa contra a mão que me arranca a existencia. Sou sua; depositario de minha fé, de minhas promessas, de meu coração, terei a ventura de morrer innocente, e fiel á paixão que tem sabido accender em minha alma.

—Está innocente, Mathilde?!

Assim o juro por tudo quanto mais sagrado para si exista.

Ah! não quero crer, respondeu Genaro, como rejeitando um pensamento lisongeiro. Ha mil motivos que me fazem duvidar,

—Exponha-os.

—Aqui tem um.

E indicou o punhal que brilhava em sua dextra.

Mathilde conservou-se inalteravel.

—Que quer dizer?

—Mathilde, quem lhe deu este punhal? N'esta noite deve correr-se o veo do passado, se effectivamente é digna de minha estima. Preciso é que nos conheçamos menos superficialmente. Responda

—Esse punhal é da sociedade dos franc-maçons.

—Oh! e acaso Mathilde?...

—Pertenci a essa sociedade. Eis a causa porque possuo essa arma.

—Não me tem enganado. Ao vêr as iniciaes que existem n'essas columnas, eguaes ás que se acham gravadas no cabo d'este punhal, comprehendi que havia certa identidade mysteriosa entre si e este edeficio.

—E' verdade.

—Julgo, pois, que deve estar iniciada nos segredos da maçoneria.

—Estava.

—E hoje?

—Não.

—Desde quando não pertence á seita?

—Desde que o amo.

—Então porque se acha na loja?

—Já lhe disse; porque fui illudida.

—Mathilde, exclamou Genaro, jure-me que é verdade quanto me tem dito: Jure-me que nunca faltou a suas promessas, nem ao seu amor; que está pura no corpo e no espirito; que é agora mais digna de meu carinho; mais credora de minha fé; mais merecedora de meu coração.

E o mancebo, na suprema angustia da duvida e da esperança, quasi ajoelhou aos pés de Mathilde, com o olhar desvairado, e a respiração suspensa.

Mathilde não respondeu logo.

Brilhou-lhe nos olhos um pensamento que fez estremecer Genaro. Caminhando depois para elle, disse:

—Que quer que invoque, para firmar meu juramento?

—Invoque o que lhe seja mais reverenciado.

—Não ha juramento mais digno e verdadeiro do que o que é sellado com o proprio sangue.

E arrebatando precipitadamente o punhal, que ainda brilhava nas mãos do amante, dirigiu sobre seu coração a afiada ponta, decidida a manifestar sua innocencia com a exaltação heroica de seu amor.

Genaro comprehendeu n'aquelle instante toda a grandeza d'alma, toda a virtude, toda a abnegação d'esta donzella.

N'este momento solemne, parecia coroar-se de resplendor vivaz a divina frente de Mathilde.

Em seu moribundo sorriso, em seu derradeiro olhar, na resignação sublime de seu sacrificio, estavam compendiados

seus sentimentos de pureza, seu passado cheio de esperanças, seu presente immerso na dor.

Genaro soltou um grito despedaçador; correu para Mathilde, desviou o punhal, proximo a dilacerar aquelle seio de alabastro, e circulando com seus braços a delicada cintura da donzella, caiu de joelhos exclamando:

—Perdão! Perdão! Mathilde conheço que é digna do meu amor.

Ella desprendeu meigo sorriso, ao mesmo tempo que de seus olhos rebentavam copiosas lagrimas.

—Deixe-me morrer! exclamava a bella joven.

—Fui um insensato. Duvidei da mais pura das mulheres. Perdoa Mathilde. Eis-me a teus pés, suspirando pelo teu olhar, pelo teu sorriso, implorando tua compaixão.

—Já não existem essas duvidas? perguntou ella tremulo e palpitante.

—Não.

—Então, aqui tens minha mão: é o symbolo da paz.

—Eis aqui meu coração: é o symbolo de minha ternura.

E os dois amantes, que tão rudes transições haviam experimentado em curto espaço, emmudeceram com a alma trasbordando de amor e felicidade.

Ficaram abraçados, sentindo palpitar os corações sob a ardente pressão de seus peitos.

Resoou fremente beijo na solitaria abobada, e pouco depois os recém-reconciliados afastavam-se d'aquelle sitio, com o horror que inspira um logar maldito.

CAPITULO XXIV

TRISTISSIMA NOITE

Em quanto que, quasi simultaneamente, se realisavam os acontecimentos que deixamos referidos, traslademos nossos leitores ao palacio dos marquezes de Alcanices, para assistirem a um espectaculo, que vae ter lugar em uma de suas salas.

Prodiga aquella noite em interessantes aventuras, devemos ir apresentando, como atravez de uma lanterna magica, os personagens mais celebres de nossa obra, tanto mais, quanto nos acercamos ao fim de tão fatigosa tarefa.

A condessa de Segalvo tinha confiança em Ginés: esperava, pois, que, mudo e fiel ás suas determinações, cumpriria pontualmente todas as exigencias de sua vindicta.

Entretanto, retirada n'aquelle palacio que não lhe pertencia, tinha ella de dedicar-se a salvar sua fortuna e pessoa do novo diluvio que a ameaçava.

Identificada com o partido francez, era-lhe preciso mar-

char na retaguarda dos abatidos conquistadores, bem como uma multidão de hespanhoes desleaes á patria e ao rei. Por consequencia, não havia outro expediente a tomar, senão o de empacotar suas alfaias e guardar suas riquezas.

Tranquilla, com respeito ao fiel agente, não o estava comtudo sobre o restante; mas bem depressa seu genio fecundo encontrou meios de collocar tudo em conveniente estado.

Reuniu os seus criados, e deu-lhes ordem de encaixotar com rapidez seus mais preciosos objectos; mandou que se procurassem carros, e encarregou seu mordomo de cuidar da melhor accommodação de seus moveis.

Assim foi que em poucos momentos o palacio de Alcánices apresentou um aspecto mui distincto e animado.

Satisfeita com aquella primeira disposição, retirou-se a seus mais secretos aposentos.

Livre ahi de todos os olhares, tirou suas joias e brilhantes, producto talvez de delações e infames intrigas, e guardou-os em uma caixinha de ebano, incrustada de ramos de prata.

Esta caixinha ficou sobre uma commoda, ao alcance de sua mão.

Em acto continuo abriu um antigo contador, precioso movel chapeado de nacar e bronze, com uma multidão de segredos, e em seguida principiou a tirar d'elle cartuxos de ouro, accumulados ali por sua avareza.

Examinou o dinheiro com olhos de alegria, e depois guardou tudo em um pequeno cofre, que collocou ao lado da caixinha de ebano.

Uma hora tardou pouco mais ou menos n'esta mysteriosa operação.

Os carros estavam á porta do palacio, e os criados iam conduzindo para elles todos os objectos que haviam emmalado.

A condessa assomou a uma janella, e notou, no silencio da noite, que as tropas francezas iam evacuando a capital.

Como toda a pessoa criminosa, tinha mêdo de ficar só, logo que se ausentassem seus protectores.

Volveu, portanto, a activar o trabalho dos criados, e de novo se recolheu aos seus quartos.

Decorreram duas horas.

N'este tempo devia ter regressado Ginés, depois de dar execução ás commissões de que se achava encarregado. Porém Ginés não apparecia. A condessa começou a temer algum contratempo.

Eram quasi onze horas.

Todavia, conhecendo a fundo o character de seu cumplice, tranquillizou-se de novo, e esperou.

Bem depressa appareceu o mordomo, declarando que os carros se achavam carregados, e o coche preparado.

—Oh! exclamou a condessa, está tudo prompto?

—Tudo, respondeu o primeiro funcionario de seu serviço.

—Sabe se os francezes já acabaram de evacuar Madrid?

—N'este instante sae a retaguarda pela porta de Atocha, e com ella todos os compromettidos por José Bonaparte.

A condessa empallideceu.

—Então, será preciso partir immediatamente?

—E' o mais conveniente, senhora.

—Porém, Ginés? Viu Ginés?

—Não, minha senhora.

—Ordene que o procurem sem demora. Este homem deve acompanhar-nos.

O mordomo não replicou, e saiu da sala.

A impaciencia principiava a torturar-lhe o coração. Cada minuto que decorria, era um tormento duplicado para sua alma. Parecia que uma força invisivel ia elevando obstaculos

que lhe estorvassem a fuga. Seguia com a vista o lento movimento de uma espaçosa esphera, cuja pendula perturbava com um som estridente o silencio d'aquella mansão.

Em poucos momentos voltou o mordomo, participando que Ginés não apparecia.

A condessa fez-se livida.

E' singular, murmurou surdamente.

E como se receasse dar a conhecer o estado de agitação em que se achava, proseguiu:

Visto isso, será necessario partir sem o esperar. Cuide em dar-lhe a saber quando regresso o itinerario que vamos seguir. Agora, recompense os meus criados, e espere-me por alguns momentos.

Tornou a ficar só a condessa.

A grande casa onde se achava, esclarecida por uma unica luz, estava coberta de grandes sombras, que inspiravam talvez um vago terror áquelle coração tão cheio de crimes.

Só a pendula do relógio interrompia o silencio que a cercava.

Pensava então em Ginés, em sua duvidosa vingança, no veneno que ainda não havia distillado sobre suas nobres e generosas victimas, na incerteza que principiava a assaltar-lhe o malevolo espirito, na occasião em que o tempo era para ella tão precioso.

Que teria succedido?

—Se terá sido um cobarde! exclamou, dominada pela febre, que nos periodos de transporte a devorava. Se Ginés terá faltado pela vez primeira em sua vida ás promessas que me fez!... Não, Ginés houvera regressado... Sabe que eu lhe pago a peso de ouro todos os seus actos, e o ouro é para elle uma segunda existencia... Porque tarda? Acaso esse remorso fatal, que de quando em quando lhe opprime o coração!... Impossivel! Quando se decide, executa... Mas devêra

ter já vindo. As horas passam, e não volta... Oh! isto é um tormento, ainda mais cruel que a propria realidade contraria a meus desejos. Se...

Um pensamento, que a fez estremecer, fulgurou-lhe nos olhos.

Depois de uma pausa, proseguiu:

—Se elle tivesse uma visão como a que já me referiu... Será certo!... Um cadaver fóra de sua tumba!... Não... não... Alguma impostura... Mas quem, senão esse espectro, sabe meus segredos! Isto é terrível. A's vezes creio que a terra se abre para vomitar esse sinistro fantasma... esse *monge negro*, que tem sido meu eterno pesadelo. Será verdade que um morto possa despedaçar seu ataúde, e apparecer aos vivos?

—Sim, respondeu uma voz atraz da condessa.

Esta soltou um grito, espantoso e indefinivel grito, que se perdeu na brilhante abobada da sala, como um echo de suprema angustia.

D'onde havia saído aquelle *sim*, que respondia magicamente ao mais terrível dos seus pensamentos?

Ha nas naturezas criminosas um terror desconhecido, que desperta sempre nos momentos mais criticos da existencia. A soledade resuscita as lembranças do passado, e allucina a mente de visões ameaçadora. Naquelle momento reproduzia-se, talvez, um d'estes phenomenos estranhos.

Tremeu a senhora de Segalvo, ouvindo aquella palavra, e como se vacillasse entre a realidade e a illusão, voltou a cabeça para convencer-se.

Olhar para um angulo da sala, e retroceder horrorizada e convulsa, foi obra de um momento.

Ali, ao fundo, um homem coberto com o negro habito de monge, com os braços cruzados, immovel como uma estatueta, a observava com olhos ardentes e animados.

A luz da vela, derramando alguma claridade sobre seu

rosto, apresentava as morbidas feições do conde de Malvar aos espavoridos olhos da condessa.

Deu um segundo grito, e estendendo as mãos para a estranha aparição.

—Vós!... exclamou ella; *monge negro!*

E sem valor para proseguir, caiu tremula contra a commoda que tinha atraz de si.

O fantasma deu um passo para ella, e disse com sorriso sinistro:

—Não me conheces? perguntou approximando-se lentamente.

—Oh!

—Não te lembras do conde de Malvar?

Com effeito a condessa reconheceu a physionomia d'este homem.

—Vós!... O conde de Malvar?

—Então, não me vês!

—Mas, esse traje!...

—E' que sou um pobre religioso beneditino, consagrado ao serviço de Deos.

Tremia a condessa com a presença d'este homem, apesar de procurar uma solução a este enigma, que acalmasse os seus receios.

—O conde de Malvar está preso em França, respondeu a senhora de Segalvo, admirada da identidade do religioso.

—Esse não é o conde de Malvar.

—Quem é pois?

—Um aventureiro, que se chamava Juan Thibaud.

Esta nova recordação gelou de espanto a condessa.

—E Juan Thibaud, quem era?

—Não o sabes?

—Ah!

—Tem talvez memoria fraca?

—Mas é impossivel...

—O que?

—Juan Thibaud deu-me outro nome em a noute que o prenderam.

—Ah! sim: o conde de Sotojove, não é isso?

E ao pronunciar este nome sorriu novamente com seu sorriso sinistro.

A condessa sentia-se perplexa com aquella triplice incarnação, que lhe figurava tres homens, não existindo mais que um. Ficou sem movimento por algum tempo, luctando com seu terror, e seu orgulho, até que, dominando o primeiro, proseguiu:

—Pois bem: quer seja o conde de Malvar, quer se chame Juan Thibaud, ou lhe pertença o titulo de Sotojove; é para estranhar, que se introduza em uma casa alheia, a uma hora adiantada da noite, a coberto de sinistras apparencias, como se pretendesse amedrontar-me com sua extraordinaria visita. Saibamos o que deseja.

Lançou para trás o conde o negro capuz, que lhe envolvia a cabeça, e assentando-se negligentemente em uma poltrona, respondeu:

—Tem o talento, querida condessa, de tocar as questões em seu verdadeiro ponto de vista. Exigi-me uma explicação, e nada mais razoavel que eu dar-vol-a. Tende a bondade de assentar-se,

—Devo advertir-lhe que o tempo que corre é para mim summamente precioso.

—Bem o sei. Espera o seu coche, para fugir atrás do exercito francez, unica salvaguarda que lhe resta: tem interesse em preservar suas riquezas, accomodadas em dois carros cobertos; porém, antes de sua partida, era preciso que nos vissemos. Como patricio e amigo, considero-me com direito á demoral-a.

O socego do conde gelava o coração da dama; sem embargo, resolvida a quebrar aquelle laço, que no momento da fuga a retinha em sua habitação, apressou-se a dizer:

—Penso, cavalheiro, ou o quer que seja, que não ha direitos humanos, que coarctem meu livre alvedrio.

—Dá ás minhas palavras um sentido contrafeito, condessa, replicou Malvar. Mas eu vou tranquillisal-a. Não sei se se lembra da primeira visita, que tive a honra de fazer-lhe.

—Sim; lembro.

—N'esse caso, recorda-se tambem que lhe incumbi dois negocios, muito importantes para mim.

A condessa começou a suar.

—E' verdade, respondeu.

—Como n'aquella época tive de ausentar-me novamente da côrte, confiei, como nos succede a todos os candidos provincianos, em suas reiteradas promessas. Mas, por desgraça, cheguei a saber que nem um passo-deu em meu obsequio, talvez por se occupar de assumptos de maior interesse e mais importancia. Eu, condessa, sou consequente com a amisade offerecida uma vez. Se a houvera deixado partir, sempre sentiria uma surda inquietação, por não haver praticado alguma cousa em favor do seu velho amigo. Justo é, pois, que venha tranquillisal-a, e dizer-lhe o estado de meus negocios.

O conde reclinou se brandamente na poltrona, em quanto a condessa se revolvía na sua com mortal impaciencia.

—Permitti, exclamou ella. Vae ser mui prolixo n'essa explicação?

—Quem é capaz de o saber?

—Mas deve comprehendêr que tenho de partir immediatamente.

—Mais tranquillidade, condessa. Dê tempo ao tempo, como se diz lá por Asturias.

—É uma insidia, com que me pretende damnificar? perguntou a dama.

Olhar terrível cravou o conde na physionomia da condessa, que a fez tremer. Aquelle olhar resumia uma ameaça sombria, uma recordação horrível, que tinha um pouco de sepulchral.

—Davida de mim? perguntou com voz funebre.

—Porque occultal-o? disse a dama, sem forças para fugir n'aquelle momento. Existe em si alguma cousa que me assombra: em vão disfarça com singellas expressões o negro pensamento que no coração abriga.

Malvar mudou completamente de physionomia, e soltando uma leve gargalhada:

—Qualquer diria, que tem medo! exclamou encolhendo os hombros. Que vê em mim, que possa perturba-la?

—Vejo em si um homem de outros tempos...

—Não se engana. Sou já bastante velho, condessa.

—Vejo em si um ser que me persegue: uma sombra que me ameaça; um monge que me aterra; um cavalheiro que me assombra; um genio que se reproduz, que se transforma no que quer. Ora é um joven agradável, ora num honrado marinheiro, ora...

A dama conteve-se, e escondeu o rosto entre as mãos, não se atrevendo a proseguir.

—O que não posso demonstrar, respondeu o conde em tom indifferente, é que existam ainda Proteos n'este seculo material: que ainda hoje possam realisar-se esses contos da idade media, em que succede com frequencia levantar-se um cadaver de sua tumba, para fulminar um anathema sobre alguma fronte criminosa: o que não posso provar-lhe é que seja possivel desenterrar uma d'essas fatidicas historias, com que as amas de nosso paiz nos amedrontam nas longas noites de inverno, quando zumba o norte na abertura da chaminé, e

crepita o fogo, como se brincasse um duende por entre o vermelho chammejar. Porém estamos perdendo o tempo, a condessa com seus extravagantes direitos; eu, com minha costumada garrulice. Permitta que a chame á questão, como se diz modernamente.

—Oh! que quer? perguntou a senhora de Segalvo, cujo terror crescia em vez de diminuir.

—Vou dizer-lhe. Tenho de fallar-lhe ácerca dos encargos que lhe fiz.

—Bem; falle.

—O primeiro, se a memoria não me é infiel, continuou o conde, era de procurar uma noiva para um sobrinho que tenho. Lembra-se.

—Sim.

—Assegurou-me de trabalhar sobre este assumpto; mas como já lhe indiquei nada tem feito.

—Ah!

—Agora cumpro com um dever de amisade, manifestando-lhe o andamento d'este negocio. Sabe, querida amiga, que tenho adiantado muito a tal respeito?

—Não duvido.

—A promettida esposa de meu sobrinho é nada menos que Mathilde.

—Mathilde?

E a lembrança d'esta joven, a negra intriga em que a havia envolvido, a horrenda traição que n'aquella noite puzera em pratica para a perder, vieram novamente ferir-lhe com pungente tortura o coração.

—De que se admira? Sim; Mathilde... sua querida filha.. a formosa donzella, que tomei sob minha protecção, apesar da sua resistencia.

A condessa estremeceu de novo. Na fria linguagem d'aquelle homem havia um duplo sentido, em que se notava

relação com todo o seu passado; com as mais ligeiras particularidades de sua vida, e ainda com os mais reconditos segredos de sua alma.

O traje do conde era uma recordação perenne, que parecia unir as duas épocas, ao mesmo tempo que a naturalidade, usada na conversação por este homem extraordinario, destruía ás vezes seus temores, ou os augmentava, segundo sua vontade.

Subjugada por esta incerteza e pela continua transição que experimentava, do terror á esperanza, sentia que o conde era um ente superior aos demais entes, se não era o espectro, que tinha visto em seus sonhos, e que a perseguia silenciosamente, como a sombra ao corpo, como o verdugo á victima.

Em tal estado, ficára sem saber definir o que experimentava.

—Pois Mathilde será esposa do seu sobrinho? perguntou finalmente.

—Sim; condessa: vou ter o gosto de ver enlaçadas nossas duas familias, e desde já a convido para assistir ás nupcias.

—Sabe que não posso aceitar o seu convite.

—Porque não?

—Porque, partidaria dos francezes, devo seguir sua sorte.

—Nada tema a tal respeito. Tenho sufficiente valimento com o partido hespanhol, para que a respeitem. Alem de que viagem, por viagem, pouco deve importar-lhe.

—Que diz?

—Digo que as bodas de meu sobrinho e de sua filha querida celebrar-se-hão em Asturias, na classica terra de nossos paes. Portanto, sairemos esta noite de Madrid, e nin-

guem julgará senão que a condessa segue as hostes de José Bonaparte.

E dizendo isto contemplou a condessa com tanta firmeza que esta exclamou:

—Não... não, jámais. Eu não posso ir a Asturias.

—E se eu lhe rogasse?

—Tambem não.

—E se eu appellasse a outros meios?

—Cavalheiro, continuou a condessa, acabemos por uma vez; que quer dizer?

—Vai ouvil-o, exclamou o conde, erguendo-se lentamente, qual sudario que por si se levanta.—Se eu lhe dissesse: Catharina Goya, vaes acompanhar-me n'este instante, porque eu o mando; porque Deus me collocou diante de ti, para arrancar-te a mascara com que te disfarças: porque, havendo ainda um ataude, onde quizeste encerrar teu crime e o sangue de teu amante, necessario é que vás pedir perdão á victima junto da propria sepultura, obedecerás?

E ao meemo tempo saíram dos olhos do conde dois raios de sombrio fulgor.

A condessa solteu espantoso grito, e caiu no chão quasi sem alento.

—Oh! o conde! exclamou com o cabello hirto, e olhar desvairado... Pois, com effeito tu és o morto... tu o verdadeiro conde de Sotojove.

—Eu mesmo, respondeu este avançando um passo.

—Perdão!

—Silencio vibora.

A condessa occultou o rosto entre as mãos. Quando levantou a cabeça, o conde estava sentado com lenta frieza e indifferença, como se nada houvesse succedido.

A situação, porém, havia mudado completamente.

A condessa era a victima que se arrasta, o criminoso que não pode fugir, o malvado que treme ante o juiz.

—Atemos novamente o fio á nossa conversação, condessa disse Malvar, sem revelar em sua voz a mais ligeira alteração. Creio que recusou o convite, que lhe fiz para as nupcias de sua filha, oppondo-me razões politicas que eu destrui facilmente. Saibamos com que devemos contar. Vai a Asturias?

—Sim... irei, balbuciou a condessa.

—Prometto-lhe uma viagem summamente divertida. Faremos jornada em uma mesma carruagem: seus objectos irão adiante de nós: assistirá ao consorcio de Mathilde, e depois presenciará um celebre julgamento, que ali ha de verificar-se.

—Um julgamento!

—Sim. Lembrar-se-ha que a segunda incumbencia que lhe fiz foi, de me procurar certos papeis, que me encarregára de buscar um amigo, morto aleivosamente em escura encruzilhada.

—Oh!

—Pois bem: esses papeis appareceram.

—Appareceram! exclamou a condessa, quasi fóra de si.

—Existem, por fortuna, em meu poder.

—E revelam toda a historia?

—Toda.

—Piedade, homem ou demonio! bradou a condessa, arastando-se pelo chão.

—Porque tem medo? é acaso culpada?

—Oh! Em nome do ceo...

—O ceo! repetiu o conde com amargura. Não pronuncie essa palavra.

—Porque?

—Porque o ceo treme ás vezes, quando a monstruosidade humana o invoca.

—Bem; calar-me-hei.

O conde tornou a adoptar seu tom indifferente.

—Ha n'esses documentos cousas peregrinas, proseguiu, sorrindo-se. Quer saber-as?

—Não... não.

—Serei complacente, condessa. Vejo-a tão perturbada, sem duvida por causa da sensibilidade exquisita do seu character, que não posso consentir que se demore n'essa postura. Levante-se.

A condessa obedeceu em silencio.

—Agora que está sabedora de todos os pormenores de nossa expedição, proseguiu Malvar, bom é que prepare tudo quanto é preciso para a jornada.

—Mas, quando partiremos? perguntou a condessa timidamente, ainda esperançada em burlar o seu perseguidor.

—Esta mesma noite.

—Conceda-me então algum tempo. Necessito estar só.

—Eis ahi uma petição, que não posso satisfazer.

—E' dizer, que não se separa de mim.

—Justamente.

—Por acaso receia?

—Pode olvidar-se da conversação que acabamos de ter.

A condessa cruzou as mãos sobre o peito.

—Portanto, é bem verdade que intenta vingar-se. Sejam ingenuos, exclamou ella, dominada por um transporte de furor. O senhor, homem, espirito, ou o que seja, encontrou o crime, e quer castigal-o.

—Arrebata-se, condessa, replicou Malvar. Conduzo-a a Asturias, para assistir ao casamento de sua filha: podia temer, se fosse a unica convidada... Porém vão muitas mais pessoas.

—Quando?

—Dentro em uma hora, quando muito.

—E quem são?

—Antigos conhecidos seus sem duvida.

—Oh! seus nomes!

E a condessa tremia dos pés até á cabeça.

—Em primeiro lugar, vae meu digno amigo o barão de San Yuste.

—Mr. Bignon?

—O mesmo, se assim o quer.

—Isto é horrivel.

—Tambem assistirá sua estimavel esposa. Helena de Noilan.

—Ella!

—Sua filha Gabriela formará parte da comitiva. Já me esquecia dizer-lhe que tambem se casa no mesmo dia. Não sabe com quem?

—Não.

—Nada menos que com o filho unico de D. Carlos de Montalban. Já vê, todos são patricios e conhecidos. Passaremos alguns dias em doces passatempos, recordando os venturosos tempos, em que nós entravamos as portas da primavera da vida. Um sabio disse, que mais se gosa com as recordações, do que com a realidade; por tanto, não gastemos o tempo inutilmente. Nossos amigos esperam-nos nas respectivas carruagens. A minha está prompta para a condessa e digo minha, porque, apezar de humilde religioso, tenho bulla de Sua Santidade para usal-a. Heure-me, pois, em aceitar meu braço, e partâmos.

E offereceu-o ao mesmo tempo com uma galanteria tal, que houvera honrado o mais apurado tافل da época.

A condessa caiu de novo.

—Mate-me antes, exclamou.

—Pois que, resiste?

E lançou-lhe tão fulminante olhar, que a dama ficou petrificada.

—Prefiro a morte.

—Então, terei de ordenar-lhe de outro modo. Catharina Goya, acompanhe o conde de Sotojove.

O monge, com um gesto magestoso e soberano, tornou a olhar para ella de tal modo, que a condessa não se atreveu a replicar.

Pallida como uma estatua, olhou com olhos desvairados para o homem, que lhe encadeava a propria vontade.

Este offereceu-lhe o braço, e ambos saíram do salão, á maneira de duas mudas figuras, que sobresaem de antigo tapete.

Um coche os esperava á porta do palacio: subiram para elle, e desapareceram nas tenebrosas ruas de Madrid.

CAPITULO XXV

VIVA LA PEPA

A todo o escape se dirigiu o coche para a rua de Santa Thereza, onde se elevava o palacio de Penafiel.

Ainda que a condessa ignorava o ponto, aonde se encaminhavam, todavia, mais por intuição de seu espirito, que pela topographia do terreno, comprehendeu, que se acercavam ao edificio, em que havia encontrado Mathilde.

Com effeito, poucos minutos depois, a carruagem parava á porta.

Offereceu de novo Malvar seu braço á condessa, e com o mesmo silencio e gravidade, que em principio, penetraram no palacio.

Uma numerosa criadagem inclinava-se ante o conde, e dois pagens os precediam com luzes.

Chegaram a um salão quadrado, adornado splendidamente de sumptuosos moveis.

O conde indigitou um assento á senhora de Segalvo, di-

zendo-lhe ao mesmo tempo n'aquelle tom imperioso que sabia usar, e n'esta occasião tão conveniente:

—Espere aqui, senhora.

A condessa deixou-se cair em uma poltrona, como se fôra um corpo inerte.

Malvar saiu em seguida, e dirigiu-se ao centro do edificio, acompanhado de seu mordomo.

Entraram em magnifica sala, coberta de espelhos, de quadros e de armações.

Esplendido lustre de crystal esparzia torrentes de luz, e apresentava em todo o seu magico brilho os dourados moveis d'aquella estancia quasi regia.

O mordomo collocou junto de uma mesa formosa poltrona forrada de velludo carmesim, em cujo espaldar se viam bordadas a ouro as armas do conde.

Este sentou-se, e ainda que formava um raro contraste seu modesto habito com a riqueza que o rodeava, nem por isso deixava de dar-lhe maior prestigio, e attractivos mais poderosos.

—Olhou tristemente o conde para o seu mordomo, e perguntou-lhe:

—Não chegaram ainda?

—Não senhor, respondeu o mordomo, inclinando-se.

Está bem: fica encarregado de os introduzir n'esta sala, logo que estejam todos reunidos. Aqui espero.

—Cumprirei fielmente os desejos de Vossa Excellencia.

O mordomo saiu, e o conde ficou encostado á mesa.

Quando se viu só, este homem vigoroso e infatigavel pareceu render-se ás dôres de seu coração: sua fronte cobriu-se de profunda tristeza; depoz o gesto ameaçador e sombrio, e ficou luctando comsigo mesmo, como se sua alma procurasse um momento de repouso.

Lançava talvez n'aquelle instante um olhar retrospectivo

sobre todos os acontecimentos de sua vida, ou dava o ultimo adeus a sua existencia agitada e tormentosa.

Depois de longo periodo de meditação, exclamou, como se um pensamento mais potente que sua vontade arrancasse de seu espirito as impressões que o agitavam:

—Regressei! Deos tem protegido meus passos; voltei á minha patria, pela qual hei suspirado dois annos successivos! A torre de Onessant, tumba que nos haviam destinado para expiar uma acção heroica, não foi sufficiente para encerrarnos. Quebrámos seus ferrolhos, abrimos suas portas, illudimos nossos carcereiros, e arrojámo-nos ao Oceano, unica meio de salvação... Regressei! Depois, a lucta da intelligencia teve de ceder o passo á lucta da materia... Não havia outra maneira de praticar. A condessa de Segalvo... a impostora, a terrivel filha do crime, está em meu poder. Volverá a virtude a conquistar seu imperio, e a justiça a recuperar seus vulnerados direitos. Tudo está concluido. Terminei minha obra... Logo que a razão e a humanidade se achem satisfeitas, volverei ao solitario mosteiro, d'onde me obrigaram a sair as tormentas que bramiam sobre esta pobre Hespanha, sobre este generoso paiz, tão mal comprehendido e tão mal governado. Minha missão tem sido procurar a paz dos vivos; buscarei para mim agora a paz dos mortos. Approxima-se o momento... Meus amigos não devem tardar, e á meia noite devemos partir para Asturias. Modéra a impaciencia, meu coração: pouco te falta para chegares ao descanso que ambicionas.

Ficou o conde com uma das mãos encostada á face, suffocando talvez no fundo de seu coração as encontradas emoções que o agitavam, quando se abriram de par em par as portas do salão.

Eram os que esperava.

O barão de San Yuste e sua esposa, Carlos e Gabriela. Genaro e Mathilde.

A pobre Tula vinha detraz de todos.

Ginés não se atreveu a dar um passo no salão. Ficou á porta, immovel, e em tremor.

Roberto de Malvar resolvera reunil-os em seu palacio antes de partir. Para isto conseguir, não poupára esforços, a fim de que nada faltasse aos que mais soffriam.

Seus desejos haviam sido comprehendidos e satisfeitos com uma exactidão prodigiosa. Aquellas pessoas tão queridas estavam em torno d'elle.

As numerosas peripecias que se haviam agglomerado n'aquella noite, mal permittiram a todos os que ali estavam um momento de descanso e de reflexão.

Ninguem sabia, portanto, o pensamento do conde. Preocupado cada qual com sua felicidade, sonhava um porvir ditoso e tranquillo.

O que parecia mais satisfeito era o barão de San Yuste.

—Felicito-o, meu querido amigo, disse Malvar, pelo feliz resultado das operações d'esta noite. Deus está sempre pelo lado da justiça.

—Deus jámais abandona os que o amam, respondeu o barão, em extremo satisfeito.

—Por certo, senhora, proseguiu o conde, dirigindo-se á baroneza, tem soffrido terriveis provações.

—Espantosas, senhor, disse Helena de Noilan; mas já sou feliz. Estou no seio de minha familia.

—E nada lhe falta?

—Desejo tão sómente não separar-me d'ella.

A baroneza, ainda aturdida pelas rapidas crises porque havia passado, não se lembrava do infeliz, que soffria tanto n'aquelle momento: de Anselmo.

—Esse desejo, amiga minha, vae completar-se, replicou o conde. Cessou de perseguir-nos o fatal destino que nos separava, e desde hoje renasce a esperança em nosso porvir.

Todos temos experimentado essa duradoura inquietação, que se apodera do coração humano, quando somos victimas da desgraça. O mundo, esse embate incessante da sociedade, onde luctam e se agitam os germens da vida; esta maré tempestuosa, que nos leva a um ponto mais longinquo que o limite de nossos desejos; este labyrintho, onde o genio do mal destroe ordinariamente as nobres aspirações, os sentimentos generosos de alguns espiritos bemfazejos; não são para os que hão regado com lagrimas a arida senda das dôres humanas: é preciso uma tregua, um instante de repouso. Sabe onde elle se pode encontrar?

—Não; disse a baroneza.

—Eu lhe digo: em Asturias.

Em todos os semblantes reluziu a mais viva alegria.

—Em Asturias!

—Sim; continuou Malvar. Existe lá um castello, situado no fundo de um valle delicioso, entre a terra e o mar, á maneira de um velho solitario, que busca a sua segurança entre estes dois poderosos elementos. Vulnerado pelo tempo e pelo ferro dos conquistadores, reúne circumstancias, que incitam o coração humano a lêr em suas vetustas paredes um pouco do passado, para lhe recordar, qual lição severa, mais depressa as amarguras que os gosos da vida. Isolado por natureza. é ali a estancia do porvir; é a salvaguarda de perigos futuros; é o latibulo dos que buscam o repouso, a choça que o pobre marinheiro encontra, quando arrojado á praia sobre uma taboa do destrojado baixel. Seu horisonte, limitado de um lado pelas agudas pontas das rochas, parece demonstrar achar-se interceptada a communicação de seus habitadores com o resto do mundo, em quanto pelo lado do mar se ostenta magestosa a immensidade, para que n'ella se contemplem as maravilhas do Creador.

—Falla do castello de San Yuste! exclamou Gabriela.

—Sim, filha minha. Ali está a paz.

—Oh! e quando havemos de partir?

—Esta noite.

—Esta noite!

—As doze em ponto.

—Transpareceu o mais vivo contentamento nos semblantes de toda a familia do barão, á excepção de Tula.

O conde proseguiu:

—Antevendo eu que esse era o seu mais ardente desejo mandei preparar tudo: carruagens e criados. A atmospherá que aqui se respira está envenenada. Fugamos d'aquí.

—Vem também, Malvar? exclamou o barão.

—Partimos todos juntos. Chamam-me áquella terra querida imperiosissimos deveres.

—Oh!

—Creio que as esperanças de sua filha e de D. Carlos de Montalban não devem ser defraudadas.

O formoso semblante de Gabriela coloriu-se de vivo carmin, e nos olhos de seu amante brilhou a mais intensa alegria.

—Quem pôde duvidar de minhas intenções a tal respeito? replicou o barão.

—Portanto, ao tempo de sua filha e o senhor de Montalban caminharem para o altar, quero eu que para elle se dirija também este silencioso par que vê a seu lado.

E indigitou Genaro e Mathilde.

Desde este momento me constituo padrinho de ambas as nupcias. Compreendam agora, meus amigos, se me chamam deveres sagrados a Asturias.

—Tem razão.

—Ainda ha um motivo mais exigente, accrescentou o conde com semblante meio triste e meio risonho.

—Outro motivo! exclamaram alguns

—Sim; já sabem que possuo immensos bens em nossa provincia, e quero deixal-os, antes de minha morte, a meu filho adoptivo Genaro. Sobre tudo, ha um assumpto de extraordinario interesse para os que estamos aqui reunidos, e é urgente concluil-o com brevidade. D'elle depende a estabilidade, a fortuna e o porvir de todos nós.

Havia no que dizia Malvar um tanto de lugubre, que infundia uma surda inquietação em todos os corações. Mas era tal a satisfação de cada um dos que ali se achavam, que em breve se dissipou aquella leve impressão.

—Ah! exclamou o barão: eis que finalmente nos sorri a felicidade.

—Sim; respondeu o conde.

—Será preciso que não nos separemos mais.

—E' impossivel!

—Porque?

—Porque tão depressa se achem concluidos meus desiguios, logo que se achem unidos esses entes que se amam, terá terminado minha missão.

—Que quer dizer?

—Que voltarei a meu antigo mosteiro, a esquecer os desprazeres da vida. Lá, no fundo de minha cella, vivireis feliz, sabendo que me idolatram.

E por vez primeira duas lagrimas brilbaram nos olhos do generoso ancião.

Descrever o interesse com que foi rodeado por aquellas pessoas queridas, é impossivel. Bastará dizer, que durante muito tempo o conde foi apertado nos braços dos seus amigos.

—Basta de effusões inuteis, proseguiu, depois de algum tempo. Estamos gastando tempo em transportes lisongeiros, sem nos lembrarmos da meia noite, d'essa hora bemdita, em

que renasce nossa felicidade. Partamos, creio que entre nós não ha coração algum triste, ser algum desgraçado.

—Sim, ha, senhor, exclamou Tula, caindo banhada em pranto aos pés do conde.

Helena de Noilan recordou n'este momento a situação de Anselmo, e soltou um grito de dôr.

Todos ficaram suspensos.

—Que acontece, pois? perguntou Malvar.

A baroneza dirigiu-se a elle:

—Imploro a sua protecção n'este instante. Oh! ainda não é possível nossa felicidade: opprime-nos uma desgraça horrivel.

—Porque?

—Lembra-se de Anselmo?

Este nome e sua ausencia diziam tudo:

Mathilde correu tambem para o lado do conde, derramando lagrimas.

Oh! sim, disse ella; é necessario salvá-o. Ameaça-o um perigo imminente.

Ficaram todos mudos de assombro e em extremo magoados. Anselmo era a personificação da lealdade, do valor e da gratidão.

—Tenha a bondade, filha minha, respondeu o conde, pallido de emoção, de contar-nos o que succede. Nossas proprias desgraças, e as poucas horas que teem decorrido desde nossa chegada a Madrid, não nos hão permittido lembrar-nos d'esse valente mancebo, que tão dignamente nos serviu, quando emprehendemos libertar o rei.

—O que acontece é assustador, replicou Mathilde.

—Bem, falle.

—Anselmo deu entrada no oratorio.

—Um grito doloroso resou na sala, simultaneo e geral.

- No oratorio! exclamou o conde.
- Amanhã deve ser fusilado.
- Isso é horrivel. Porém reflexionemos. Ainda que os minutos são preciosos, devemos meditar sobre este assumpto. Onde está Anselmo?
- Mui perto d'aqui, no quartel de San Matheo.
- Será preciso ir lá.
- O conde só!
- Eu só. Sem embargo, occorre-me um pensamento.
- Diga replicou Mathilde.
- Os francezes estão n'este momento desoccupando Madrid.
- Assim succede.
- Vão começar a sua marcha, e é provavel que a esta hora estejam formados á porta de Atocha.
- Sim, é provavel.
- N'esse caso, já sei o que devo fazer, exclamou aquelle homem infatigavel. Espera-me aqui... Um coche me levará ao centro do exercito francez.
- Permitti que o acompanhe, disse Genaro.
- Para que? Eu tenho o privilegio da immuidade. Não percamos um tempo precioso. Córro a salvar Anselmo.
- Obrigado, senhor conde; Anselmo já está salvo, disse uma voz alegre e sonora, á porta da sala.
- Era o mesmo Anselmo, que n'aquelle instante se achava cingido pelos braços de Tula.

A surpresa, a alegria, a estranheza d'aquella scena, produziu por algum tempo um alvoroço, em que ninguem se entendia.

Anselmo, o valente Anselmo, estava ali, como se houvera caído do ceo, ou a terra o vomitára de seu seio. Notava-se em seu expressivo semblante o contraste de sensações que experimentára.

Surpreendido a seu turno, com a inesperada presença do barão e de toda a sua familia, poude alfim exclamar, quando a egoista Tula lhe permittiu respirar:

Pelos ossos de el-rei D. Pelayo! Qualquer diria que estou sonhando, e comtudo, encontro-me em meio das pessoas que mais amo na terra. Que é isto? senhores. O barão, a baroneza, dom Carlos, a senhora Gabriela, Tula, minha protectora, o conde, seu sobrinho... todos em torno de mim... todos olhando-me com o sorriso nos labios e as lagrimas nos olhos... Diabo! sou um poltrão... Não tenho vontade de chorar, quando devêra bailar de alegria? E dizem esses malditos francezes, que não ha anjos no ceo! Vamos, Tula, deixe-me ao menos dar um passo para os meus senhores. Esta pobre rapariga parece ter perdido o juizo.

E Anselmo estendia seus braços para os entes queridos que o rodeavam.

—Deixe-o fallar, disse o conde a Tula. Todos estamos agradavelmente maravilhados, e vivamente interessados por esta aventura.

Mas a joven era surda a estas palavras.

Era uma embriaguez de felicidade, uma loucura de alegria, que se apossára de suas faculdades.

—Sim, sim, exclamou Anselmo; deixa-me um instante, ainda que depois me tenhas abraçado toda a noite. Não temas nada. Já não estou preso. Estou livre... livre como o ar. Já não vejo aquellas sentinellas, que me cercavam por todos os lados, já não estou no meu calabouço, nem tambem no oratorio. Saibam, senhores, que amanhã iam dar-me quatro tiros, como se eu fôra um lobo dos que se criam lá por Asturias.

—Os pormenores d'essa triste historia é o que desejamos saber, disse o barão.

—E' uma historia mui singella. Imagine, que viviamos n'aquella solitaria casa de campo, em que deixámos sua fami-

lia, quando partimos para França. Que desastres ! Antes d'isto tinha eu estado em Niort, esperando o desenlace da evasão do rei... Como não appareceu, occupava o tempo bebendo vinho de Hespanha em uma inferior taverna. Ali encontrei um dia um periodico, onde li que tinha caido em poder dos francezes, e que todo aquelle magnifico plano tinha vindo a terra. Pés, para que vos quero ? disse eu então comigo mesmo; e em poucos dias estava ao lado de sua familia.

—Generoso mancebo !

—Não é isto o peor, proseguiu: um dia offereceu-se, não sei que circumstancia, pela qual tive de vir á corte. N'esse tempo, como agora, o povo tinha uma fome de chupar nos dedos. Succedeu, querer um sargento tirar-me o cavallo em que montava: eu resisti: elle puxou pelo sabre, e eu achei-me armado de um pãu. Corpo de Christo ! Em cinco minutos tinha aberto a cabeça a cinco francezes.

—E esse é o teu delicto ?

—E' este. Fui preso, formou-se-me conselho de guerra, e fui sentenciado á morte. Sentenciado á morte ! Por um triz ! Pouco faltou para não estar aqui o filho de meu pae !

—Continúa :

—Eu vou, continuou o mancebo, olhando com profunda gratidão para a baroneza e para Mathilde. A's vezes afigura-se-me que esta multidão de prodigiosas aventuras é uma prolongada serie de mentiras. Uma vez sentenciado, só faltava a execução. Estava só: não conhecia ninguem: ignorava onde se achava a sua familia: pensava que jámais voltariam de França; porém o ceo, que envia o mal, manda tambem o medicamento.

—Que succedeu ?

—Encontrei um anjo.

—Um anjo !

Todos cuidaram que a razão de Anselmo se achava um

pouco desvairada, com as sensações que em curto espaço o haviam impressionado.

—Nem mais nem menos, replicou o joven. Querem conhecê-lo? Eil-o aqui.

E apontou para Mathilde.

—Mathilde!

—Sim, senhor. Da grade do meu calabouço descobrem-se as janellas d'este palacio.

—Com effeito, disse Malvar.

—Eu tinha visto esta senhora: escrevi-lhe communicando-lhe minha ultima vontade, confiado na benevolencia, que seu rosto me revelára. Depois, pensei unicamente em morrer como hespanhol e como christão.

—E que fez Mathilde?

—Tratou de cumprir minha vontade, senhor conde.

—Cada vez nos interessa mais a sua narração, disse Malvar enternecido. Prosiga.

—Vou concluir em breve. Hontem notificaram-me a sentença, e esta manhã fui introduzido no oratorio. O anjo correu a meu lado, e a baroneza tambem. Depois separaram-se de mim. Fiquei só com um sacerdote. Por certo que, á medida que passavam as horas, eu tinha frio, mêdo, e faltava-me o valor. Morrer no mais florescente da vida, era uma coisa bastante horrivel! Trouxe á memoria então as acções de guerra, onde podia ter morrido mais heroicamente: lembrei-me de minha querida Asturias, do valle de Pendueles, do *Bufon* de San Yuste: de meus amos, minha familia... meu amor... Mas o sacerdote fazia-me rezar, e não havia remedio senão obedecer-lhe. De repente senti um grande ruido no quartel. Officiaes que iam e vinham; soldados que subiam e desciam: tambores e trombetas que soavam. Era tudo uma confusão. O sacerdote viu-se obrigado a suspender suas exhortações: por minha parte pensava que me haviam abreviado os momeentos de xis-

tencia. Esta maldita ideia fez-me suar. Porém decorreu uma hora, e ninguem entrou no oratorio: sómente no fim d'este tempo appareceu um carcereiro.—Vamos, me disse elle. Levante-se, e siga-me. Eu estava algemado, e por isso não podia mover-me. Tiraram-me os ferros, e tratei de acompanhar o carcereiro, que me encerrou de novo no meu calabouço. Assim chegou a noite. Confesso que estava aturdido. O estrepito continuava. O pateo do quartel estava cheio de carros e de bagagens.—Pois, senhor, está visto, disse eu comigo; os francezes levam-me á Russia, para me fusilarem lá. Algum tempo depois, appareceu de novo o carcereiro, munido de uma luz. D'esta vez não me fallou. Fez-me signal de o seguir. Escusado é dizer que obedeci como um cão. D'este modo descemos ao pateo: os francezes, formados em columna, saiam do quartel: a escuridão da noite era grande: um sargento apoderou-se de mim, e atou-me rapidamente a uma corda, á qual se achavam já atados uns quarenta presos. Em seguida, metteram-nos entre duas fileiras de soldados, e levaram-nos para o Prado. Occorreu-me então o feliz pensamento de evadir-me. Eu achava-me ligado a uma das extremidades da corda. A desordem dos francezes era grande: a noite favorecia minha tentativa, e ninguem podia observar-me. Dito e feito: não podendo servir-me das mãos, agarrei a corda com os dentes, e em poucos momentos a fiz em pedaços. Estava solto. Colocado junto d'uma arvore, fui deslizando-me em torno de seu tronco, até que, por este meio, me achei fóra do alcance dos soldados, que nos guardavam. Que fazer, pois? Lembrei-me do meu anjo protector, de Mathilde. Havia conservado em memoria o caminho que seguira desde o quartel: uns hespanhoes deram-me as indicações que necessitava; tiraram-me as cordas que me apertavam os braços, e em dois saltos cheguei aqui, onde me encontro com os que mais amo n'este mundo.

A interessante narração de Anselmo causou uma alegria geral. O ceo coroava seus desejos.

O conde disse então:

—Deus, sem duvida, dirigiu com seus altos e supremos juizos estes acontecimentos, para que lhe tributemos a mais humilde homenagem. Nossa dita é completa: nem a mais ligeira nuvem escurece o horisonte de nosso porvir. Anselmo, desde este momento renasce para si tambem a mais suprema ventura. Ama esta joven?

E indicou Tula.

—De todo o meu coração.

—Então ella será sua esposa. Deseja volver ao seu paiz?

—E' o meu mais ardente desejo.

—Pois, disponha-se a acompanhar-nos. E' meia noite...

Os coches esperam-nos. Partamos para Asturias.

—Partamos, repetiu o barão. Lá mora o descanso, a paz e a felicidade.

FIM DA SEGUNDA PARTE

TERCEIRA PARTE

A VINGANÇA DE UM CADAVER

CAPITULO I

A ATALAIA MALDITA

Seguir circumstanciadamente os factos, que tiveram logar depois das scenas descriptas, seria improbo e longo trabalho.

Contentar-nos-hemos, pois, de resumir, visto irmos perto de tocar a meta de nosso labor.

Desde a noite em que os francezes abandonaram Madrid, onsequencia immediata da gloriosa batalha de Arapiles, po de-se dizer que a guerra estava terminada, e a aguia imperia vencida.

O restante é um magnifico epilogo, que vae encadeando-se harmoniosamente, até retumbar o ultimo tiro de canhão em territorio hespanhol.

Comtudo, fieis ao nosso proposito, esboçaremos instantaneamente os mais notaveis successos d'esta moderna Iliada.

Depois da retirada dos francezes, Madrid é occupada pelo exercito anglo-hespanhol.

Os francezes abandonam as aguas de Cadiz, não lhe send

possível conquistar aquella filha do Oceano, aquella vigorosa Naiade, que resiste a todo o poder marítimo da França. Desoccupam a Andaluzia e Estremadura, e reconcentram suas fraccionadas divisões, com o fim de organizar um corpo formidável, que destrua os alliados, e vingue a affronta de Arapiles.

Avança para Madrid aquella Titan potente, a cuja frente vae José Bonaparte. Ainda parece que a fortuna vae devolver-lhe a corôa, que o destino lhe arrebatára.

Wellington retrocede e entrincheira-se nas fronteiras de Portugal, esperando o imponente desenlace dos successos da Europa.

Entretanto os hespanhoes continuam batendo-se contra os pequenos destacamentos.

Em maio e em junho de 1813 tomam os alliados a offensiva. Os francezes vêem-se constrangidos a fugir para o Ebro.

Em 21 de junho do mesmo anno, na batalha de Vitoria, são derrotadas as já abatidas columnas do exercito francez.

José I tem de fugir a todo o escape, para não ficar prisioneiro.

Sua equipagem, suas riquezas, e muitas preciosidades artisticas, que nos haviam sido subtraidas, reconquistam-se n'aquella celebre jornada.

Dois mezes depois, San Sebastião, esse colosso do mar cantabrico, é conquistado por nossas bayonetas.

Dá-se a batalha de San Marçal, onde os hespanhoes só por si dispersam os batalhões de Soutl.

No mez seguinte rende-se Pamplona.

E no primeiro de novembro nossos soldados entram no imperio francez, e chegam até Tolouse, onde os corôa a ultima victoria.

Seis annos de lueta prevaram ao mundo, que o general

Foy se equivocára no triste juizo, que havia formado de nosso exercito.

Tal é o quadro politico, que termina com o tratado de Valencey e entrada de Fernando VII em Hespanha.

Agora, que cremos haver concluido nossa missão de historiadores, vamos consagrar-nos exclusivamente ao desenlace de nossa obra.

Para isto, temos necessidade de trasladar nossos leitores a Asturias.

Se algum curioso lançar a vista pelo pacifico valle de Pendueles, notará que por ali passou o sopro da devastação.

O povo de San Acisclo está ennegrecido pelo fumo do incendio: seus campos, tão florescentes outr'ora, foram abandonados: o segure dos conquistadores destruiu parte d'aquellas frondosas alamedas, que se erguiam nas margens dos ribeiros: a ponte do *Campo*, meio derribada, mal offerece segurança aos passageiros; e mais distante o castello de San Yuste apresenta em ruinas suas ameias e parte de seus velhos torreões.

Se alongar a vista sobre um circulo mais extenso, observará em maior escala a transformação, que seis annos de guerra imprimiram no paiz.

Só as montanhas conservam o sello da criação, sem que sobre ellas se reconheça o passo do homem.

Unicamente o mar permanece immutavel como a eternidade.

Todavia, o espirito humano começa de contemplar aquelle quadro interessante, e o infatigavel agricultor volve a collocar suas mãos reparadoras sobre esses campos.

Parece que um genio bemfazejo cicatriza as feridas, e guarece os maiores males.

Nós, que abandonámos aquelle tranquillo paiz, ha já bas-

tante tempo, não podemos deixar de sentir a impressão dolorosa, que em nós gera a mudança que temos descripto.

Em meio da geral assolação, um unico objecto tem permanecido intacto.

E' uma torre isolada, sombria, situada cerca do mar. O bosque, que por um lado a circumda, foi respeitado. Aquella torre é a *Atalaia Maldita*.

Que poder invisivel terá preservado aquella mansão?

E' um problema do tempo.

A *Atalaia* existe em pé, como uma recordação, qual padrão de desgraças.

O vulgo encontrava, n'aquella especie de prodigiosa sobrevivencia, novos motivos de terror ante aquelle colosso de pedra.

Sem embargo, nós, que carecemos de tal pavor, vamos introduzir n'ella nossos leitores.

A tarde tocava o seu fim. O sol banhava com seu derra-deiro esplendor as negras pedras, que coroavam o cimo da torre, ministrando-lhe uma côr de cobre e avermelhada. O mar debatia-se surdamente na deserta praia.

Do bosque immediato saiam tristes murmurios, que iam perder-se no espaço, em quanto as copas das arvores apenas deixavam filtrar frouxa claridade mesclada de sombras.

Espessos montões de nuvens, que em parte encobriam o horisonte, davam á natureza uma côr indeterminada, mas lugubre e sinistra.

De tempo em tempo algum relampago fendia o espaço com chispas ardentes, e traçava sobre o plumbeo Oceano uma orla de luz.

A praia, o campo, o bosque, tudo estava deserto.

Não se ouviam, como em outro tempo, os alegres cantos do pastor, nem as enternecidas coplas dos marinheiros.

Erguia-se lá para o norte a gigantesca mole do *Buffon*

de *San Yuste*, cujos bramidos resoavam, como os do leão no fundo da selva.

Estes bramidos annunciavam a tempestade.

A porta da *Atalaia* estava aberta.

A' maneira de serpente enroscada em columna de mármore, apresentava-se a negra escada em espiral. Subindo esta, chegava-se, como o leitor sabe, á funebre rotunda, onde em outro tempo tomámos conhecimento com a condessa de Segalvo.

A porta, vestida de negro cortinado, não permittia distinguir o interior. Todavia, atravez d'este véo, transparecia uma viva claridade, que produzia quatro pallidos brandões, collocados symetricamente nos angulos de uma espaçosa mesa, situada em meio d'aquella sala.

Sobre a mesa via-se um ataúde.

A sala estava forrada de negro.

O unico objecto, que resaltava sobre o fundo uniforme e lugubre, era o retrato de que fizemos menção em outro tempo, e que representava um cavalheiro, trajando o uniforme de Guardas Walonas, com uma corôa de conde sobre a moldura.

Do ataúde ao solo caia em undosas dobras um longo manto, adornado de uma cruz branca.

Nos angulos viam-se alguns escudos com insignias heraldicas.

O personagem do retrato parecia contemplar o lutuoso ataúde com severidade lugubre e ameaçadora.

Alguns pagens e lacaios, immoveis nas extremidades da sala, sostinham brandões amarellos.

Silencio solemne reinava n'aquella estancia.

Que havia succedido ali?

Quem era o morto?

Ouçamos a singella narração de alguns camponezes curiosos, que haviam tido valor de introduzir-se na *Atalaia*.

—A muito illustre senhora Francisca Hipolita Neira de Yusa tinha chegado, havia tres dias, á comarca, com o fim, sem duvida, de percorrer seus senhorios. Fiel a seu antigo costume, fora de novo occupar a torre, que em outras épocas lhe servira de morada, pois era esta a mansão senhorial do condado de Segalvo: e quando se preparava, talvez, para visitar suas possessões, fora accommetida de um accidente repentino. Procuraram-se medicos; mas, quando estes chegaram, a condessa havia expirado.

Tal era em poucas palavras, o que vogava entre o povo.

Esta morte, rapida como um raio, impressionára o vulgo de extraordinaria maneira. Cria-se na punição de crimes, occultos na obscuridade do tempo.

D'este modo chegou a noite, e com ella se desencadearam os ventos e a tempestade.

Reboava o trovão nas longinquas cavidades das rochas, e o relampago introduzia no interior da *Atalaia* seus descórados fulgores.

O mar revolvía-se, como um monstro, soltando tristes mugidos.

A agua principiou a cair em torrentes.

A's nove horas retiraram-se os lacaios, e ficou só o ataúde.

Pouco depois, abriu-se uma das cortinas, que cobriam a sala, e appareceu o *monge negro*, ou o conde de Malvar.

Estava horrivelmente pallido: fulguravam-lhe os olhos de um modo terrivel, e seus labios pareciam agitados por tremor nervoso.

Caminhou em silencio até ao ataúde, e como se o animasse um pensamento occulto, levantou-lhe a tampa.

No fundo via-se a condessa de Segalvo, rigida, livida, envolta em uma mortalha. Cingia-lhe a fronte um diadema. Em suas mãos cruzadas, sostinha uma cruz de branco marfim.

Seus olhos cerrados, pareciam oppressos por uma força mais potente que a sua vontade.

Aquelle espectáculo mudo, pavoroso, aterrorador, gelava o coração de espanto.

Ficou o conde contemplando o cadaver, até que, desprendendo duvidoso sorriso, exclamou;

—Eis o orgulho algemado, e vencida a resistencia d'esta mulher. Parece estar morta, e todavia, só está subjugada pela acção de um narcotico. Está gelada! Em seu rosto contempla-se a lividez dos cadaveres!... mas depressa volverá a si. E' preciso que abra os olhos, como atravez dos imperios da morte, para que conheça os desacertos da vida, E' necessario que, encerrada n'este ataúde, ouça sua historia, para que comprehenda que a soberba é sempre aniquilada, quando não conhece freios que a contenham. Demais, é preciso fazer justiça, já que não satisfazem vinganças. Esta mulher é o laço que nos une a todos: vamos encontrar em sua historia lisonjeiras verdades. Approxima-se a hora: esperemos.

Retirou-se o monge; e pouco depois tornou a apparecer acompanhado pelo barão e baroneza de San Yuste, Gabriela e dom Carlos de Montalban, Genaro e Mathilde.

Estes seis personagens estavam pallidos e commovidos. Comprehendiam que entre aquelle cadaver e todos elles existiam fios mysteriosos; que os punham em contacto, e adivinhavam que lhe assistia o direito de presenciar o formidavel juizo, que ia ter lugar.

Apezar de ignorarem, talvez, o pensamento do conde de Malvar, liam-lhe na frente uma ideia grande e magestosa.

Tremiam em silencio, como se presentissem a scena que ia verificar-se.

Não obstante, confiando no homem que havia disposto

aquelle tremendo espectáculo, esperavam o desenlace com ansiedade.

Depois que os seis espectadores circularam o ataúde, o conde exclamou com voz triste, porém forte e clara:

—E' chegado o momento, meus amigos, de se lhe revelarem os segredos do passado. Direito lhes assiste para estarem aqui, e Deus, sem duvida, é quem os conduziu a este logar, para presenciarem o acto solemne que vae celebrar-se. A humanidade, por longo tempo ultrajada, pedia uma reparação. Sem embargo, nós aqui não somos os cegos instrumentos de uma vingança, inspirada por vis sentimentos: somos os representantes de direitos vulnerados-por essas mãos cadavericas, que vamos reclamar o que a cada um de nós pertence, deixando o mais á justiça divina. Ao collocarem-se diante d'esta mulher, cuja physionomia muitos dos senhores a terão gravada no coração, foi meu animo apresental-a prostrada pelo somno da morte, para que, quando volte a si, não a allucinem a soberba e a ira, essas serpentes do coração humano; e sim reconheça seus erros, com a contricção que nos inspira o umbral do sepulchro. Conservem pois em memoria quanto vão ouvir, e sejam juizes entre o accusador e o criminoso. E' uma longa historia, tremenda e espantosa, na qual cada um que aqui se acha presente está interessado; portanto, escutem! Esta é a noite da reparação suprema; amanhã será o primeiro dia de felicidade perennal; hoje a expiação, amanhã felizes nupcias.

Deixou de fallar o conde de Malvar, e ao mesmo tempo um trovão, que se prolongou nos espaços, veiu cobrir com seu estrondo o echo de suas ultimas palavras.

Em acto continuo; acercando-se ao ataúde, onde permanecia immovel a condessa, proseguiu, estendendo a mão sobre sua cabeça:

—Catharina Goya, em nome de Deus, ergue-te d'esse atadúe.

Estremeceu ligeiramente o cadaver, como se o sopro do vento lhe houvera agitado a mortalha.

Aquella voz havia penetrado até ao fundo de seu coração.

Pouco tempo depois, abriu os espavoridos olhos, moveu as mãos com lenta agitação, levando-as á frente, e tornou por alguns momentos a permanecer insensivel.

O cadaver resuscitava.

Depois deu um grito, grito de espanto, de terror, de agonia. Os olhos giraram-lhe nas orbitas; fez um esforço supremo, ao sacudir as ferreas prisões da fatal somnolencia, que a dominava, e olhando em redor, exclamou cobrindo, o rosto com as mãos:

—Morta... morta! Oh meu Deus!

Talvez pela vez primeira em sua vida invocava Deus com tão verdadeira contricção.

Em seguida, quiz fugir; porém só teve forças, para erguer-se no atadúe. A primeira pessoa que viu diante de si foi o *monge negro*, o implacavel fantasma que sempre a perseguira.

Depois contemplou a severa physionomia do barão de San Yuste; sua esposa, salva do punhal de Ginés; sua filha, a quem julgava em poder de um official inimigo francez; Mathilde, que tentara infamar, entregando sua virgindade ao frenetico amor de José Bonaparte; Carlos de Montalban, e Genaro, o instrumento que em outro tempo quizera escolher para seus infames projectos.

Diante d'ella estavam todos os seus mais terriveis inimigos, devorando-a com olhares, que lhe pareceram de vingança. N'aquelle grupo de pessoas contemplava o formidavel compendio de sua vida tempestuosa, de sua consciencia culpavel, de sua historia manchada de sangue.

Sem duvida, Deus collocára ali as eternas testemunhas de de suas maldades.

Por certo, ella, no momento de abrir os olhos, depois d'aquelle somno da morte, julgou encontrar-se na horrenda mansão dos condemnados.

Estava castigada; sua alma, se não seu corpo, sentia angustias pavorosas.

Aquelles juizes severos estavam ali para pedir-lhe stricta conta dos actos de sua existencia de horrores.

Mas como tornar perceptivel á [sua intelligencia aquella visão, a não haver despertado do outro lado do sepulchro, no outro umbral da vida?

Ella sentia: não era a morte que gelava seu corpo de um pavor desconhecido; os objectos que a rodeavam ainda que lugubres e horrorosos, eram sensiveis e materiaes.

Não podia duvidar que tinha voltado á vida; mas a uma vida mais cruel, mais dolorosa, que a mesma morte.

Depois de haver calculado a immensa profundidade d'aquelle abysmo, sem haver-lhe encontrado o limite, exclamou:

—Oh! Onde estou eu?

—Na *Atalaia Maldita*, respondeu o monge negro.

Esta resposta ligava por assim dizer, os mysteriosos fios que paralyzavam a acção de suas faculdades.

—Na *Atalaia Maldita*?

—Sim.

—Acaso morri n'ella?

—N'ella morrestes para o mundo.

—Então, para que me persegue ainda?

—Para julgar Catharina Goya.

A condessa deu um grito.

—Oh! o meu nome!

—Não, replicou o *monge negro*, em tom severo. Esse nome é o de uma criminosa. Vae ouvir sua historia. Em nome de Deus, responda aos factos, que vou narrar-lhe.

E indicando o ceo, onde fuzilava o raio, pareceu de-ter-se um momento, como implorando o auxilio do Omnipotente.

CAPITULO II

A CRUZ DE SANGUE

O monge negro, a condessa e os espectadores d'aquella scena, olharam-se uns aos outros, como se presentsisem as mais espantosas revelações.

O primeiro, fitando seu olhar de fogo na anciã, que se conservava no atáude, disse:

—«Ha muito tempo que a *Atalaia*, onde nos achamos, está marcada por stigma fatal.

«Antigamente chamava-se a *Torre de Segalvo*.

«Vivia n'ella uma nobre familia, que prestára assignalados serviços ao rei e á patria. Quando as guerras reclamavam a coadjuvação dos grandes, o primeiro que se apresentava no acampamento era o conde de Segalvo, á frente de um regimento. Quando terminava a campanha, volvia a seu solar o nobre cavalleiro, coberto de feridas e tismado da polvora.

«Nos tempos de paz, consagrava-se aos exercicios da

caça, em fazer numerosos beneficios a seus vassallos, e em fomentar a agricultura.

«Tal havia sido esta raça distincta, por espaço de muitas gerações.

«O ultimo conde, de Segalvo, fiel ás usanças de sua familia, servira Carlos III e Carlos IV, até que a idade e as muitas enfermidades que soffria, não lhe permittiram mais sair d'esta mansão.

«Vira crescer a seu lado seu filho Henrique, nobre mancebo de brillhantes esperanças, e sua linda filha Francisca Hippolita, formosa donzella de uma virtude immarcessivel e de um coração magnanimo.

«Encerrados no triste recinto d'esta mansão, tendo o mar de um lado, e elevados bosques pelo outro, talvez presentindo em vago pensar outros mundos e outras esperanças, aquelles dois irmãos amaram-se como se amam dois corações puros, em meio da soledade, e sob o olhar de Deus.

«Os desejos da meninice, os jogos infantis e os sonhos da juventude correram eguaes para aquelles dois seres, que tanto se queriam. Eguaes eram seus pensamentos... seus recreios; idênticas suas aspirações.

«Assim foi, que os annos da infancia foram para elles uma suave cadeia de bellissimas flores.

«D'este modo os surpreendeu o albor da juventude.

«Henrique tinha um anno mais que Francisca.

«Seu pae, viuvo havia muito tempo, não tinha outra felicidade que seus filhos.

«Deus parecia ter abençoado aquella familia.

«Um dia os dois irmãos notaram certa inquietação extraordinaria no rosto de seu pae: parecia luctar elle comsigo mesmo, e occultar a seus filhos uma mysteriosa dôr.

«Aquella primeira nuvem, que apparecia no limpido ho-

risonte de sua felicidade, infundiu-lhes nos corações uma tristura inexplicavel.

«A inquietação paterna, á medida que decorria o tempo, era cada vez mais visivel.

«Seus filhos estudavam-lhe os movimentos e as palavras.

«Henrique surprehêra alguns suspiros, que do peito he escapavam, e Francisca, algumas lagrimas, que procurára occultar no mesmo instante.

«Uma tarde, em que o conde passeava diante de uma grande chaminé, repleta de grossos troncos de carvalho, chamou elle seu filho.

«En suas palavras, havia um tanto de solemne, cousa estranha n'aquelle pae carinhoso. Seu semblante estava mais serio que de costume, e parecia praticar um acto de extraordinaria violencia, na conferencia que provocára.

«Henrique ficou queto e immovel diante de seu pae.

«Este interrompeu o seu passeio, voltando as costas para a chaminé.

—«Meu filho, disse elle com voz firme, depressa vaes completar dezoito annos. Chegas, pois, ao mais florescente da vida. Deixas de ser menino, e começas a ser homem; portanto, é dever de teu pae tratar de buscar-te um futuro.

«Henrique tremia, ouvindo este preambulo.

—«Podes escolher a carreira que mais te agradar, proseguio o conde, pois n'esse ponto não quero oppor-me á tua vontade. Em outro tempo os condes de Segalvo seguiam a carreira das armas, não tanto por affeição, como por dever. Em uma das quartellas do nosso escudo ha uma cruz. Significa essa cruz o juramento, que um de teus antepassados prestou ao rei, de ser sempre o primeiro a apresentar-se nos campos da batalha. Esta promessa foi depois um voto de toda a tua familia. Como, porém, os tempos teem mudado, podes filho meu, dedicar-te ao estudo das sciencias, ao sôro, ou a ou-

tras honrosas profissões. Espero, portanto, me digas o teu desejo.

—«Consente-me a escolha?

—«Sim, meu filho.

—«Então, não serei eu quem quebrante o voto de minha família. Serei militar.

«Um raio de alegria brilhou no pallido rosto do conde.

—«Antevia essa resposta, disse: não posso deixar de applaudir a tua determinação. Dir-te-hei mais: tinha contado com ella.

—«Sim?

—«Portanto, devo dizer-te, que hei sollicitado para ti uma dragona.

—«E alcanço-a?

—«Immediatamente. E's alferes do regimento de Cantabria.

«Henrique ficou perplexo ante a mudança de seu destino.

«O conde proseguiu:

—«Dentro em quinze dias, tens de partir a unir-te ao corpo. Não sabes onde se acha?

—«Não.

—«Na America.

«O joven descórou: lembrou-se de sua irmã.

—«Oh!

—«Vaes, pois, marchar para o Novo Mundo. E' a terra das aspirações. Ali ha guerras, e d'este modo cumprirás os deveres de tua família, e honrarás o nome que herdastes.

«Depois de um momento continuou:

—«Quando o Oceano nos separar, eu creio que jámais esquecerás teus paes. Suas sombras te acompanharão ás florestas virgens da Nova Hespanha, e persuado-me que tuas acções corresponderão dignamente ao teu nome. Todavia, como primogenito da casa, devo, meu filho, informar-te de cousas

interessantes. Teu pae, crivado de feridas, pôde morrer durante tua ausencia, e então terás de vir recolher a herança que te pertence. As grandes casas teem suas predestinações. A da nossa é bem singular por certo.

«O conde dirigiu-se a um antigo armario de nogueira, que havia na sala, e que estava cheio de papeis, escripturas, e titulos de propriedade e de executoria.

«Abriu um segredo, cujo mechanismo ensinou a seu filho, e tirou d'elle uma bolsa de velludo encarnado.

—«Toma, lhe disse, entregando-lhe a bolsa: ha aqui documentos singulares, que nos teem sido transmittidos de paes a filhos, como um legado precioso. E' uma predicção fatal... um horóscopo de mau agouro ácerca de nossa familia.

«Henrique tomou a bolsa.

—«Escuta-me, pois, proseguiu o conde, lançando ao tremulo joven olhar profundo. Vaes ouvir o que meu pae me disse, quando me entregou este deposito sagrado, o que meu avô disse a meu pae em identicas circumstancias, e o que por uma successão de cinco gerações, teem ido transmittindo paes a filhos.—*Esta bolsa de velludo contem veneraveis documentos, que attestarão a pureza de nossa linhagem, de modo tal, que não admitta duvida. Um sabio judeu assim o certificou aos nossos avós. Os condes e os descendentes da casa de Segalvo distinguir-se hão por uma pequena cruz de cõr de sangue, que naturalmente existirá gravada no braço direito de todos elles. Quando esta cruz natural desapparecer em nossa familia, é porque n'ella terá havido um grande crime ou uma grande maldade. Até agora, a cruz de sangue tem sido o distinctivo mais peculiar de nossos ascendentes. Todos hão confirmado a veracidade do antigo horóscopo, e todos possuiram o signal prodigioso, que nos caracteriza. Eu herdei este signal, e tambem t'o transmitti e a tua irmã. E' elle, por assim dizer, o glorioso titulo de nobreza da familia.*

«Esta explicação não causou a Henrique assombro algum, por quanto já a sabia, se não com tal minuciosidade, ao menos tanto quanto era preciso, para estar ao facto d'este phenomeno da natureza.

«O conde proseguiu:

—«Em nosso brazão ha uma cruz, em razão d'este facto. Não temo que possa occorrer essa desgraça, que nos foi prognosticada em outro tempo: porém tem sido costume dos teus avós, levar comsigo a bolsa de velludo, sempre que tiveram de ausentar-se d'esta torre; e eu não quero desprezar tão respeitavel usança. Toma-a, pois, meu filho, e ella seja um talisman, que te livre das desgraças que te ameaçam.

«O conde abraçou seu filho, e inundando-o com suas lagrimas, o despediu de seu lado.

«Quinze dias depois, Henrique de Segalvo embarcava em Santander a bordo do navio *San Pablo*, recebendo a benção de seu pae e os ultimos abraços de sua querida irmã.

«O nobre alferes partiu para a America.

CAPITULO III

CATHARINA GOYA

«A torre de Segalvo, mais taciturna e sombria desde a partida do herdeiro do condado, ficou, por assim dizer muda e sem alma.

«O nobre mancebo alegrava tudo com sua presença; dava certa animação aos objectos; communicava luz aos escuros salões, queimados pelo fogo e ennegrecidos pelos vapores do mar; e atraia, a si uma numerosa concorrência de colonos, que nunca se apartavam d'elle sem haver recebido numerosos beneficios.

«Desde o instante em que o conde e Francisca viram desaparecer por entre a nevoa do mar as brancas velas do *San Pablo*, voltaram a esta morada cheios de melancolia.

«Principiava o inverno:

«O ceo, constantemente envolto em nuvens: o mar, cujo eterno murmuro se transformava em prolongados rugidos, quando as ondas se quebravam nos penhascos da praia: o

o vento norte, que se debatia nas cornijas do solitario edificio; e os grasnidos das aves maritimas, que sacudiam as azas em torno das janellas: tudo isto, a que se juntava a vaga sombra que parecia descer constantemente dos tectos, o movimento fantastico das tapeçarias e a oscillação continua da flamma do lar, aũgmentavam a tristeza e a soledade d'aquelle pae ancião e d'aquelle filha joven, que haviam perdido o robusto arrimo de um filho e de um irmão.

«Os dias eram uma serie de tristes recordações, e de longinquas esperanças.

«Aquelle ancião, que caminhava lentamente ao sepulchro, tranquillo já pelo destino de sua descendencia, consagrou-se a empregar o resto de seus dias em obsequio de sua filha.

«Francisca crescia em idade e formosura. A seus natu-raes encantos reunia a belleza d'alma. Era um anjo de vir-tude. Seu pae inculia-lhe no coração os pensamentos mais sãos, as ideias mais uteis e prudentes. Estas lições da experi-encia produziam abundantes fructos.

«O viver d'esta familia, que durante a permanencia de Henrique fôra tão agradável, degenerou, quando se habitua-ram á sua ausencia, em uma especie de monotonia nunca in-terrompida.

«O inverno aũgmentava esta injocunda situação.

«Ás vezes, quando a tempestade desprenhia seus furo-res sobre a torre de Segalvo, o pae e a filha corriam a soc-correr o necessitado. Gozavam em reedificar a choupana do pastor destruida pela tormenta, em offertar uma nova lan-cha ao marinheiro, a quem o temporal arrebatára a sua, ou em offerecer franca hospitalidade ao viajante extraviado.

«De dia, na occasião em que estas occupações humani-tarias terminavam, o pae saía a passear encostado ao braço de sua filha, ora pelo immediato bosque, ora pela arenosa praia. Durante o passeio, fallava-se da America, de Henri-

que, dos perigos da viagem, concluindo sempre a conversação por calcular os dias em que deviam receber noticias d'elle.

«De noite, sentava-se o conde perto do lume, e em quanto o tufão bramia lá fóra, e a chuva açoutava as paredes da velha torre, Francisca lia algum trecho de nossos classicos ou um episodio biblico.

«Era assim aquella vida solitaria.

«A meio do inverno, o conde sentiu-se mais doente. Suas antigas feridas haviam-se renovado, e uma ligeira febre principiára a mortifical-o.

«Este novo incidente veio augmentar a tristura d'esta casa.

«Francisca, dedicada a cuidar exclusivamente de seu pae, começou de presentir o que jamais lhe lembrara. Vêr-se no mundo só e orphã.

«É bem verdade, que o conde tinha parentes, sendo o mais proximo de todos D. Carlos de Montalban, visinho de Rivadesella; mas, ante a ideia funebre que a dominava, não cabia em seu espirito o pensamento de olvidar o estado de seu pae, por esta consideração, que a ella só dizia respeito. Comtudo os medicos tranquillisaram-na o sufficiente para não temer uma desgraça.

«Assim decorreram alguns dias, luctando entre a esperança e a receio.

«Um acontecimento, de longo tempo esperado, veio finalmente dar alegria áquelles corações sem esperança.

«Era uma carta de Henrique.

«Seu conteudo não era mais que uma relação minuciosa da sua viagem, e um protesto de affecto e carinho.

«A viagem fora felicissima: tinha desembarcado em Puerto-Rico; porem dentro em pouco tempo embarcaria de novo para dirigir-se a Panamá: encontrára excellentes amigos, en-

tre os quaes um joven cavalheiro asturiano, com o titulo de barão de San Yuste, que pertencia ao seu mesmo regimento. Fazia d'elle os mais pomposos elogios, e concluia por dizer que escreveria logo que chegasse ao isthmo.

«Esta carta causou uma alegria geral na familia.

«O conde sentiu-se mais alliviado, e esperou-se a carta promettida.

«Não tardou ella em chegar. Era outra narração de viagens, accrescentando, que seu bom amigo o barão era cada dia mais digno da sua estima. Concluia declarando que marchavam para Carthagená, d'onde novamente escreveria.

«Esta segunda carta deu thema para conversação durante quinze dias.

«O conde nem peorava nem melhorava. Continuava soffrendo mais ou menos, conforme as alterações atmosphericas apresentavam um aspecto mais lugubre ou bonançoso.

«Uma noite occorreu um d'esses acontecimentos tão communs nas proximidades do mar, e ao qual já estavam habituados o pae e a filha.

«Estalou furiosa borrasca.

«As ondas quebravam-se nas rochas com uma força espantosa: o ventó, convertido em furacão, cobria o Oceano de tão espesso negrume, que não era possivel distinguir os objectos, estando perto d'elles; e o ceu, carregado de vapores, envolvia-se em veu funebre que augmentava a escuridão.

«O conde e sua filha, impellidos pelos bondosos dons de seu coração, mandaram accender fogueiras dos pontos menos perigosos da praia, para que, em caso de um naufragio inevitavel, os navios antes encalhassem, conduzidos por aquelles signaes hospitaes, do que se despedaçassem contra os penhascos da costa.

«As fogueiras, porem, eram extinctas pelo tufão e pela chuva.

«A' meia noite ouviram alguns tiros de canhão em signal de pedir soccorro, o que denotava que um navio estava proximo a submergir-se.

«A este signal de alarma, não podendo o conde e sua filha ser meros espectadores, dirigiram-se á praia.

«Tudo era inefficaz. Os tiros soavam na direcção do *Bu-fon de San Yuste*, e bem depressa o navio que os disparava se despedaçaria contra uma rocha perigosa.

«Só restava orar pelos desgraçados.

«D'ali a meia hora cessaram os tiros, e novamente voltou a tempestade a levantar sua voz solitaria.

«Na manhã seguinte o mar tinha acalmado suas ondas; todas ellas vinham cheias de pranchas, de enxarcias, de caixões que constituam a carregação do navio, e de outros mil objectos, restos do naufragio.

«A maré ia depositando na areia estes destroços.

«O conde não se havia retirado em toda a noite.

«De repente, soaram algumas vozes pedindo soccorro.

—«Um naufrago! um naufrago!

«A este grito o ancião e sua filha dirigiram-se para o ponto assignalado pelos seus criados.

«Com effeito, abraçada a uma taboa, via-se uma mulher á mercê das ondas.

«Aquella mulher vinha vestida de branco, e estava tão fortemente collada á taboa que, apesar de haver desmaiado, nem por isso seus nervos tinham perdido a rigidez, com que haviam apertado aquelle resto do navio.

«O conde e sua filha determinaram immediatamente que se deitasse uma lancha ao mar.

«Graças a este expediente, em breve recolheram a mulher e a transportaram á praia.

«O conde e sua filha deram graças ao ceo, por haverem salvado aquella desgraçada creatura, e ordenaram que a le-

vassem á torre, e lhe prestassem toda a classe de soccorros.

«Oxalá que o mar houvesse devorado a victima que lhe pertencia! Mas Deus não o quiz assim.

«O navio, que era uma fragata, tinha sido feito em pedaços, e só aquella mulher tinha escapado.

«Voltando á torre, o primeiro dever do conde e de sua filha foi correr á habitação, onde estava a infeliz.

«Achava-se deitada em um leito antigo.

«Ao primeiro lançar de olhos conheceram que era joven e formosa. Parecia dormir.

«Por um extravagante capricho da natureza, a forasteira parecia-se prodigiosamente com Francisca. A mesma formosura, a mesma côr, a mesma idade, e as mesmas feições.

«O pae e a filha ficaram assombrados com tal similhança.

«Esta circumstaancia augmentou o interesse, que por ella sentiam, e ainda com mais carinho lhe prodigalisaram quantos auxilios carecia sua critica situação.

«Logo que tornou a si, olhou para todas as partes, estranhando o sitio onde se achava.

—«Oh meu Deus! onde estou eu! exclamou a joven, deramando copiosas lagrimas e contemplando o conde e sua filha.

—«Está salva, replicou o ancião.

—«Não... é impossível.

—«Duvida?

—«Duvido ainda de minha existencia... Quem sois?

—«Somos os seus salvadores.

—«Pois é certo!

«E um relampago de alegria brillou em seu formoso semblante.

«O conde relatou-lhe tudo quanto se passára, depois do que a viajante ficou mais tranquilla.

—«Perdeu-se a fragata? perguntou anciosa.

—«Sim.

—«Não se salvou mais ninguem da tripulação?

—«Mais ninguem, que saibamos.

«Uma torrente de lagrimas brotou dos olhos da joven.

—«Oh! que será de mim! Tudo perdi, paes, nome, porvir!

«A dôr d'aquella desgraçada era verdadeira.

«Depois de haverem diligenciado minorar-lhe a magoa, o conde disse:

—«Sou sensível á vossa infelicidade, senhora; mas deve dar graças ao ceo, por haver lançado a tormenta n'estas costas hospitaleiras. Se tudo perdeu encontrou ao menos amigos que lhe darão o carinho e a estimação que lhe falta. Está em sua casa: será a amiga de minha filha, e gozará aqui quanto desejar, em quanto a fortuna não lhe restituir sua familia.

—«Obrigada, senhor, respondeu a infeliz.

—«E' hespanhola?

—«Sim.

—«Manifesta nas suas palavras uma inflexão particular, e por isso fiz esta pergunta.

—«E' porque me criei na America.

—«E vem do Novo Mundo?

—«Sim, senhor.

—«De que parte?

—«De Buenos-Aires.

«O bom pae pensava encontrar talvez quem lhe dêsse noticias de seu filho.

«Que rumo seguia? perguntou de novo.

—«Vinhámos á Hespanha.

—«Desculpe-me o ser importuno, mas o vivo interesse, que me inspira, a isto me obriga.

—«Tem o direito de interrogar-me.

— «Acaso alguns motivos de interesse a moveram a vir a este paiz ?

— «Vinhámos receber uma herança.

— «Então não tem tudo perdido.

— «Como ?

— «Poderá reclamar.

— «Isso seria bom, se eu tivesse os documentos.

— «E não os tem ?

— «Meus paes traziam-os comsigo.

— «Ah! é duplicada desgraça. Sem embargo, faremos activar diligencias em seu favor, se desgraçadamente não apparecerem os papeis.

— «De que maneira ?

— «Dando-me quantos esclarecimentos possa dar-me ácerca d'essa herança.

— «Eu só sei que um irmão de minha mãe é quem nos deixa os seus bens.

— «O seu nome ?

— «Ignoro-o.

— «E o seu ?

— «Catharina Goya.

«O conde prometteu fazer em obsequio d'aquella infeliz quanto pudesse, se bem que não deixou de conhecer que era materia mui difficil, se não impossivel, dar com um tio, cujo nome e residencia ignorava a joven. Depois, deixou-a entregue aos cuidados de sua filha.

CAPITULO IV

DOIS AMORES

«Com o decorrer dos dias foi tornando-se menos acerba a dôr de Catharina Goya; porque o tempo, se não cura, cicatriza ao menos todas as dôres.

«A joven e formosa americana perdeu a pallidez de suas faces; adquiriu o suave avelludado que dá a saude; brilhou em seus olhos a flamma ardente de um coração transbordando em fogosas paixões, e seus labios tingiram-se de encantadora purpura.

«Entre Francisca e Catharina tinha nascido uma amizade sem limites, uma correspondencia de sentimentos iguaes: tinham os mesmos desejos, uniformes aspirações, identicos pensamentos. A primeira considerava-se tão feliz, como quando se achava ao lado de seu irmão: aquella joven, que a Providencia havia collocado sob sua protecção, e que tanto se parecia com ella, chegou a ser sua verdadeira irmã.

«Catharina, por sua parte, correspondia dignamente a

tanto carinho. Desenvolvia um talento brilhante, uma conversação escolhida, uns recursos de imaginação que encantavam o bom do velho conde de Segalvo.

«Este por sua parte, trabalhava em favor de sua protegida, dilligenciando encontrar a herança que seus paes haviam vindo reclamar; porém todos os seus trabalhos, eram inefficazes.

«Assim o declarou a Catharina ao fim de algum tempo, accrescentando, que não devia sentir esta nova desgraça, pois elle se constituia seu segundo pae.

«Catharina agradeceu de todo o coração tão sinceros e generosos offerecimentos, e, como não tinha outro arrimo senão o que lhe offertava aquella generosa familia accitou-o com gratidão.

«Procurava, comtudo, estabelecer uma linha de inferioridade entre ella e Francisca, apesar de esta lhe prodigalisar as considerações mais affectuosas.

«Se era convidada para passear, sempre saia com o rosto coberto por um veo, pois não queria entenebracer com sua dor a alegria da natureza. Se algum parente ou consanguineo do conde vinha á torre de Segalvo, Catharina escusava-se modestamente de assistir a visita. Isto deu logar a que fosse conhecida de mui poucas pessoas.

«Por aquelle tempo principiam a escassear as cartas de Henrique.

«O conde passava as noites ao lado de Catharina, dirigindo-lhe perguntas ácerca da America, de sua população, de seus perigos e de suas guerras. Catharina respondia a tudo com tanta prolixidade, que assim corriam insensivelmente as horas d'aquelles serões entretidos.

«Esta doce consolação, que fortificava o coração do ancião, durou por oito ou dez mezes.

«A' entrada do inverno proximo, sentiu mais aggravadas suas molestias.

«Durante aquelle tempo, não tinha recebido noticias de seu filho.

«A inquietação tornou a apparecer em seus olhos e nos de Francisca. Em vão procurava Catharina minorar por meio de observações, que pareciam prudentes os justos receios de seus amigos.

«O resultado de tudo isto foi, que o conde peorou de tal modo, que bem depressa se viu prostrado por ardentes febres.

«Os medicos da casa correram á cabeceira do enfermo, e no fim de algum tempo declararam, não haver remedios possiveis para combater o mal.

«Dois dias depois expirava o nobre ancião nos braços de sua filha.

«Por muitos dias durou a dor e a desesperação da pobre Francisca.

«Ficava orphã, joven, senhora de uma elevada fortuna; porém sem pae e sem irmão.

«Que teria sido d'este ultimo?

«Aquella desventurada menina, não encontrou a seu lado senão Catharina. Chorára com ella, consolára-a, soubera mitigar-lhe as penas do coração, inspirára-lhe esperanza no obscuro porvir; finalmente, sacrificára seu repouso e seu bem-estar em obsequio de Francisca.

«Se alguma felicidade esta encontrava, que 'lhe fizesse não odiar a vida, era o carinho da joven americana.

«Logo que o balsamo do conforto desceu sobre aquelle coração, ferido pela desgraça; quando as duas irmãs, pois tanto se pareciam uma com outra, puderam pensar nas cousas da existencia, consagraram-se a uma vida silenciosa e isolada.

«Não se communicavam com pessoa alguma, e quasi não saiam da torre.

«Uma esperava o regresso de seu irmão.

«A outra... quem pôde saber o que se passava no imo de seu peito?

«D'este modo decorreu meio anno.

«Uma noite, em que ambas se occupavam a trabalhar á luz de uma lampada, sentiram o som do sino da torre.

«Era signal de algum viandante a pedir hospitalidade.

«Pouco depois appareceu um homem, annunciando um official do exercito do rei.

«Esta noticia causou um alvoroço desusado em Francisca e Catharina.

— «Que pertende? perguntou a primeira.

— «Deseja ser apresentado á senhora de Segalvo.

«Não era possivel negar-se a este pedido, e Francisca deu ordem para que fosse introduzido.

«Quando o viu, deu um grito: cuidou que era seu irmão. Mas não era elle.

«Era um galhardo militar, de formosa e doce physionomia, fronte espaçosa, se bem que pelo sol crestada, e de elegante corpo.

«Era o barão de San Yuste, o digno amigo de Henrique.

«Este morrêra na solidão dos bosques americanos, e no momento de espirar fizera jurar a seu amigo que se dirigiria á Hespanha, que casaria com sua irmã, e que no dia do matrimonio lhe entregaria a bolsa de velludo em outro tempo recebida de seu pae.

«Fiel a seu juramento, o nobre cavalheiro abandonára o serviço, e apresentava-se para cumprir a ultima vontade do seu amigo.

«Francisca ouviu esta triste narração, banhada em lagrimas.

—«Agora, lhe disse o cavalheiro, já soffreu a perda de um irmão, mas tem outro aqui, que sacrificará seu nome, sua fortuna e seu porvir, para provar-lhe o alto apreço com que a distingue. Não me atrevo a usar de phrases mais ternas, porque nossa dôr nasce da mesma origem. Só lhe supplico que pense nos desejos de seu irmão. Virei vê-la todos os dias.

«O barão do San Yuste retirou-se, deixando as duas jovens assombradas da aventura, e agradavelmente impressionadas com a presença d'este mancebo.

«Que foi que succedeu n'aquelles corações juvenis, encerrados no fundo de uma torre, sem outra esperança mais que vêr passar os dias com a languida frieza da indifferença?

«Francisca amou finalmente o barão. Era o desejo de seu irmão, e mais ainda, era um sentimento de seu coração.

«Catharina, desde aquelle dia, começou a estar triste e sombria.

«Algumas vezes lhe perguntára sua amiga a causa d'esta tristeza.

«A americana havia respondido com melancolia e sorriso:

—«Tu, minha amiga, estás proxima de ser feliz, se felicidade é unir-se a um homem a quem se ama. Muitas vezes medito em minha sorte, e eu mesmo me espanto. Que será de mim? Não tenho paes: careço de uma posição social, que possa abrir-me a senda do porvir: estou isolada em meio do mundo: tua amizade pôde esfriar com o novo sentimento que no coração abrigas, e então que será de mim?

«Francisca respondia a estas expressões, prodigalizando-

lhe todas as caricias, e assegurando-lhe que, mais que sua amiga, seria sua irmã.

«Mas, apesar de tudo isto, a tristeza de Catharina era cada dia mais notavel.

«Uma tarde appareceu o barão na torre.

«Francisca idolatrava o amigo de seu irmão: este estava apaixonadissimo pela formosa condessa.

«Depois de longa conversação, durante a qual Catharina se retirára para não ser importuna, disse o barão de San Yuste.

—«Muito bem, Francisca, minha irmã, para quando fixa a época do nosso enlace? Esta noite passada sonhei com seu irmão, e elle que me dissera que cumprisse o meu juramento.

—«Ainda não passou o tempo do luto, respondeu a joven tremendo.

—«Adverti que medeiam entre nós circumstancias, que nos dispensam de ser tão rigorosos na observancia dos usos estabelecidos.

—«Tambem assim o comprehendo.

—«Então, fixemos de uma vez a época de nossas nupcias.

—«É preciso que eu o faça?

—«Sim.

—«Eu conformo-me com a sua ventade.

—«N'esse cazo seja no prazo de um mez.

—«Seja; respondeu ella, tremula de emoção.

«O dialogo dos dois amantes prolongou-se até á noite. Foi um antevêr da felicidade que os esperava, dos votos que nasciam de seus corações, da doçura que manava dos seus juramentos.

«A' hora do costume retirou-se o barão.

A noite estava suave e tranquilla. Brilhava a lua no ceo

o mar estava em calma: o bosque murmurava brandamente.

«Quando o barão saiu da torre, encontrou Catharina sentada defronte do mar.

«Esta levantou-se e approximou-se do cavalheiro: Estava pallida como o marmore.

—«Barão, lhe disse com acento breve, necessito fallar-lhe.

—«Aqui me tem á sua disposição, Catharina, respondeu o mancebo sorrindo-se.

—«Visto isso; irei comsigo um pouco mais longe.

«Catharina começou a caminhar, e o barão viu-se obrigado a segui-la.

«Quando se acharam separados da torre por uma grande distancia, ella parou, olhou fixamente para o cavalheiro, e perguntou-lhe de repente:

—«E' certo que vae casar-se.

—«Dentro de um mez, respondeu o barão.

—«Catharina soltou sorriso funebre.

—«Cavalheiro, disse ella, esteve na America, deve saber uma cousa.

—«Dirá.

—«Em que se distingue a mulher branca da mulher creoula?

—«Na côr das unhas.

—«Então, aqui tem esse signal.

«E mostrando ao barão suas bonitas mãos, lhe fez vêr umas unhas, que pareciam de purpura entre a alvura de seus dedos.

«O barão não comprehendia o que estava presenciando.

—«E' creoula? exclamou.

—«Bem o vê. Não sabe o que quer dizer esta palavra?»

—«Não.

—«Eu lh'o digo, proseguiu Catharina com certa arrogancia imponente. Creoula quer dizer, fogo, paixão, loucura. Uma crioula é a mulher que ama, que publica o seu amor, que não reconhece remoras sociaes que a conttenham, que corre allucinada para o objecto que deseja. Uma crioula não consente rivaes: pôde ser um anjo ou um demonio: transforma-se como a serpente, adora como o pelicano, e mata como o leopardo.

«O barão retrocedeu espantado.

—«Não a entendo, Catharina, exclamou elle.

—«Não! Pois é bem facil. Compreender-me-ha agora. Pergunto-lhe por segunda vez: vae casar-se ?

—«Sim.

—«Pois bem; eu não quero que se case.

—«Porque ?

—«Porque sou crioula.

—«Catharina!

—«Porque a crioula o ama com mais fogo, com mais energia do que podem amal-o todas as mulheres de pura raça branca. Nós, as que nascemos sob o tropico e em uma terra quasi selvagem ainda, somos assim. Mandamos como rainhas e obedecemos como escravas. Desprezamos a civilisação, quando ella se não subordina a nossos caprichos. Por segunda vez lhe digo: não quero que se case.

—«Catharina suspeito que não está em seu juizo.

—«Engana-se. Mas não diveguemos. Sempre se casa ?

—«Sim.

—«Não amará a mulher que o adora ?

—«É impossivel.

«Catharina desprendeou sorriso ironico.

— «E não teme o meu enfado?

— «Não posso temel-o.

— «Muito bem, cavalheiro. Um dia chegará em que reconheça se o devia temer, e então se arrependerá. Meu amor perseguil-o-ha por toda a parte.

«Esta ameaça foi proferida com tal energia, que o barão ficou assombrado.

«Respondeu, para dissimular esta sensação, com uma gargalhada, e retirou-se.

«Catharina ficou immovel no meio do caminho, como uma panthera ferida. Pouco depois, deu a seu rosto uma expressão diversa.

«Estava tranquilla, como se não houvera devorado o amargor do desprezo, e ao voltar para a torre, encaminhou-se para a borda do mar.

«Ao fundo descobria-se uma choupana: chegou á porta, e bateu.

«Pouco depois abriu-se esta, e appareceu um homem alto e de sinistro aspecto, vestido de marinheiro.

— «Ginés, exclamou Catharina, observando-o attentamente necessito do teu auxilio.

— «Pode contar com elle, senhora, respondeu o marinheiro.

«Quem era Ginés?

«Um contramestre da fragata que naufragára, o qual tivera a felicidade de se salvar providencialmente.

«Catharina e elle, eram os unicos que haviam sobrevivido áquella catastrophe. Mas como se explica a separação d'estas duas pessoas, e aquella correspondencia secreta que entre os dois parecia existir?

«Vamos vel-o.

«Catharina entrou na choupana, e sentou-se em um banco miseravel.

—«Escuta, lhe disse ella: estamos sós no mundo. Uma tempestade desfez n'estas costas a fragata de meu pae. Com ella perdeu-se tudo.

—«Terrível desgraça? respondeu Ginés. Seu pae era o mais valente flibusteiro da ilha de Tortuga; porém decidiu-se a vir á Hespanha recrutar bons marinheiros cantabros, e tudo acabou n'estas malditas costas. Que será agora de nós!

«E o flibusteiro ficou immovel a um canto da choupana.

—«Eu mesma o não sei.

—«Ao menos, a sr.^a encontrou uma familia que a protege e auxilia; mas eu, mettido n'este esconderijo, como um carangueijo debaixo de um penhasco, tenho de manter-me da pesca, e não muitas vezes dá o mar o sufficiente para livrar-me da fome.

—«Isso é cruel. Comtudo, na occasião de entrar, disse-te uma palavra que devêra haver-te animado.

—«Ah! é verdade. Veremos para que necessita de mim.

—«Antes d'isso perguntar-te-hei uma cousa.

—«Diga.

—«Desejarias voltar a exercer tua antiga profissão?... Ser o rei dos mares, de um bergantim pirata?

—«Oh! com alma e vida.

—«Então eu posso fazer um milagre, se me ajudas.

—«A que?

«Nos olhos de Catarina brilhou uma luz sombria.

—«Talvez a commetter um crime.

—«E isso que é? respondeu Ginés com o sorriso da ambição nos labios.

—«Estavas prompto?

—«Estaria, por certo.

«Aquelle singular dialogo echoava no fundo da choupana, á maneira de horrivel conciliabulo de demonios.

—«Catharina, a creoula, observou Ginés por algum tempo.

—«Conheço te, disse ella, e confio em tuas palavras. Por isso vim aqui procurar-te. Quem sabe a sorte que nos aguarda! Filha de um pirata, conservo em minha alma o instincto da ambição e das riquezas. Aqui, estou suffocada sob a sombra d'esse torre maldita. Quero amor e porvir.

—«E poderá tel-o?

—«Assim o espero.

—«Oh!

—«Então volveremos á ilha de Tortuga, e fretaremos um navio por nossa conta: cruzaremos de novo o Atlantico, se não nos convier seguir o destino da nova existencia que se nos offerece.

—«Onde está elle? perguntou Ginés, abrindo os olhos desmesuradamente.

—«Em nossas mãos.

—«Por que maneira?

—«Não me interrogues Ginés. Aceitas o porvir que te offereço?

—«Aceito.

—«Vendes-me os teus serviços.

—«Vendo.

—«Então, escuta-me. Abandona esta choupana.

—«Para onde hei de ir?

—«Para Santander.

—«E lá que deverei fazer?

—«Esperar.

—«Nada mais?

—«Não. Comprarás uma lancha.

—«Com que dinheiro?

—«Com este.

«Catharina arrojou ao solo uma bolsa cheia de ouro.

«Ginás apanhou-a.

—«Comprarei a lancha, disse, guardando a bolsa.

—«Depois, comprarás um punhal e uma corda.

—«Está bem.

—«O mais, o tempo o dirá. Conto, pois, contigo?»

—«Em tudo.

Adeus, Ginés.

—«Adeus.

«E os dois malvados separaram-se.

CAPITULO V

UM CRIME NO MEIO DO MAR

O que se passára n'aquella noite ficou envolto no mais profundo mysterio.

Catharina voltou para o lado de Francisca, e esta recebeu-a como uma irmã.

A formosa condessa era feliz. N'aquella noite fixara-se a sua sorte futura, e já não seria a orphã abandonada, a solitaria donzella que via emmurcheçar seus encantos virginaes na soledade e entre dolorosas recordações.

Seu coração, como todos os corações innocentes, necessitava de expansão, e por isso referiu a Catharina seus recentes projectos e doces esperanças.

A creoula não desmentiu seu caracter por um só momento. Applaudiu com fingida alegria a determinação das nupcias; manifestou que era o mais conveniente nas circumstancias em que se achavam, e animou sua amiga a não demorar tão desejada união.

A serpente fascinava a victima com sua linguagem.

—Ao menos, exclamou Francisca, não se realizarão em mim certos vaticínios, que pesam sobre minha familia.

Catharina, ouvindo estas palavras, fitou n'ella ardente olhar.

Que vaticínios são esses? perguntou com seu mais seductor sorriso.

Francisca contou a singular historia da cruz de sangue.

—E tendes essa cruz? perguntou Catharina com curiosidade.

—Eil-a aqui.

A formosa joven descobrira o braço direito até ao hombro, e com effeito sobre a branca e lisa cutis via-se aquelle prodigioso distinctivo de raça, aquella cruz sanguinea, collocada ali pelo dedo da natureza.

Catharina deixou escapar olhar sombrio.

—E' summamente original semelhante capricho da natureza. E crêdes que, quando desapareça a cruz, terá sido perpetrado um grande crime?

—Assim o affirmam os documentos que possuímos ácerca d'este assumpto.

—E onde estão esses documentos?

—Meu pae entregou-os a meu irmão na occasião de partir para a America.

—Perderam-se, talvez?

E um relampago de alegria brilhou nos olhos da creoula.

—Não.

—Onde estão?

—Meu irmão, ao tempo de morrer, entregou-os ao barão de San Yuste, dentro de uma bolsa de velludo encarnado. Este entregar-m'os-ha em a noite de nosso noivado.

Catharina não respondeu.

Depois mudaram de assumpto.

Passados alguns dias, tanto na torre de Segalvo, como no proximo castello de San Yuste, começaram a fazer-se os preparativos necessarios para a união d'aquelles dois jovens que tanto se amavam.

Para evitar a presença de Catharina, e ao mesmo tempo guardar as conveniencias sociaes, o barão absteve-se de frequentar a torre de Segalvo com a assiduidade que anteriormente usára. Todavia, umas vezes incitado pelo amor que sentia, outras, por motivos que diziam respeito á projectada união via-se na precisão de faltar ao preceito que a si proprio impozera, e corria aos pés de Francisca.

Durante aquellas entrevistas acabaram os dois amantes de regular todos os assumptos matrimoniaes.

Tratou-se de dar parte a D. Carlos de Montalban, como parente mais proximo, afim de que representasse a familia de Segalvo, e adoptaram-se aquellas providencias que demandavam o dever e o decoro do dois contrahentes.

Quando se retirava para o seu castello, o barão encontrava Catharina. Esta então fallava-lhe de seus sentimentos; porém o barão concluía por acrescentar o veneno que corroía aquelle coração.

Na ultima entrevista, Catharina ameaçou, e o barão ameaçou tambem.

A joven não tornou, por consequente, a apparecer-lhe.

D'este modo passaram os dias, até unicamente faltarem oito para a celebração do casamento.

Catharina mostrava não estar desgostosa. Sempre ao lado de sua amiga, prodigalisava-lhe as mais ternas attenções e as mais carinhosas palavras.

Uma d'aquellas noites, depois de retirar-se o barão, disse ella:

—Francisca, minha amiga, vou ferir teu coração com uma noticia triste.

—Que noticia? exclamou a nobre condessa assustada.

—Vou deixar-te.

—Tu deixas-me!

—Sim. Recebi hoje uma carta, na qual se me participa que um irmão de minha mãe, que acaba de desembarcar em Santander, me chama para receber a herança que meus paes me deixaram em Buenos-Aires. Este accidente, que vem perturbar os tranquillos dias, que hei passado a teu lado, me compunge e enche de dor.

—Não, não, contestou Francisca: é impossivel separar-nos. Eu não poderei viver sem ti.

E abraçando-se com sua amiga, a inundou de lagrimas.

—Oh! que queres que eu faça? Minha sorte chama-me a outra parte. Comprehede quanto necessito receber a herança paterna.

—E' verdade.

—Por tanto, não teremos mais remedio que separar-nos.

—Porém quando?

—Mui dspressa.

—Antes do meu casamento?

—Sim.

—Isso é cruel.

—Então, quando intentas partir?

—A' manhã.

—Visto isso, acompanhar-te-hei.

E as duas amigas abraçaram-se chorando.

Catharina occultou com suas fingidas lagrimas e contentamento que lhe causavam as ultimas palavras de Francisca.

Acceitou com profundo reconhecimento esta prova de amisade, e preparou-se para a viagem.

No dia seguinte partiram para Santander, não sem a condessa haver participado ao barão de San Yuste, que ia despedir-se de sua amiga, ou antes de sua querida irmã.

Um coche transportava as duas jovens, e dois ou tres criados de confiança as acompanhavam.

A jornada era curta e pittoresca. Á direita da estrada ostentavam-se longas cadeias de montanhas; e á esquerda, o mar azulado e brilhante.

Ainda que em um dia se podia chegar a Santander, preferiram as duas amigas demorar-se em S. Vicente de Liano, lindo povosinho situado á borda do mar.

D'este modo prolongavam o tempo que lhe restava de viver juntas.

Hospedaram-se em uma pousada, para passar aquella noite.

O movimento da carroagem indispozera a condessa, que se deitou immediatamente. Catharina, depois de lhe haver prodigalizado os mais assíduos disvelos, fôra sentar-se em um mirante, d'onde se avistava o Oceano.

A noite estava clara e diaphana. Erguia-se a lua do meio das ondas, como um formoso baixel côr de ouromate; respirava-se a viração da primavera, e reinava perfeito socego em a natureza.

Aquelle espirito tenebroso ia ali reconcentrar seus pensamentos, e dar força a seu coração para consummar o horrendo crime que meditava; encontrou, porém, um inconveniente.

Era um passageiro, que tinha ido, sem duvida porque a Providencia assim dispozera, procurar um momento de repouso áquelle solitario mirante.

Naturalmente o passageiro e Catharina encontraram-se defronte um do outro.

Elle era joven. Entrava as portas da vida com o coração cheio de esperanças. Sua figura podia passar por um dos mais rígidos modelos de belleza classica: possuía a grandeza do nascimento e das riquezas, e a irreflexão propria de sua idade juvenil e ardente.

Catharina era formosa: como Astarte, o demonio dos prazeres, seductora como Circe, pensativa como Medea, podia passar por uma figura grandiosa, cujos perfis tragicos houvessem inspirado o Dante ou Shakspeare.

Que houve entre aquelles dois entes, que Deus havia reunido pela vez primeira em uma obscura pousada das montanhas de Santander?

—Catharina, tu, que do fundo d'esse ataúde estás ouvindo tua historia, e que, algemada por teus crimes, estremecees ao recordal-os, lembrás-te d'aquella noite?

—Sim... aquella noite foi o principio de uma historia, cujo desfecho tocamos n'este momento. Não é para estranhar que a soledade, a juventude, os attractivos da natureza, tudo se conjurasse, para que entre o desconhecido passageiro e tu se pronunciasse a palavra amor, e se libasse depois a longos tragos a taça dos deleites.

O passageiro vira-te e amára-te.

Esse passageiro era eu.

Porém deixemos isto... Hei aberto uma pagina d'esse livro da vida, onde não devemos ler senão nas occasiões solemnes.

Passemos ávante.

No dia seguinte, a condessa de Segalvo e Catharina Goya proseguiram sua viagem. A mysteriosa aventura ficou occulta para todo o mundo, e á tarde chegaram a Santander.

Porém Catharina não observára que o passageiro da pousada de San Vicente a tinha seguido, ansioso de conhecê-la.

E seus passos eram espiados providencialmente.

Ginés apresentou-se na hospedaria, e instruído de antemão por Catharina, fez o papel de um tio em extremo carinhoso.

Ella desempenhou com a maior perfeição o papel de extremosa sobrinha, e Francisca acompanhou-os em suas demonstrações de alegria.

Mas bem depressa esta satisfação se transformou em pranto.

Ginés declarou que n'aquella mesma noite deviam embarcar e partir.

A dôr das duas amigas foi terrível. Faltavam tão somente algumas horas, e estas decorreram em intimas confidências, e em juramentos de uma amizade eterna.

Finalmente appareceu Ginés, declarando que tudo estava prompto, e que era necessario partir para bordo.

Já era noite, e não podia haver delonga.

As duas amigas estavam inconsolaveis.

Francisca manifestou desejos de não separar-se de sua amiga, em quanto a não deixasse em o navio que devia conduzi-la á America, áquelle paiz onde tinha expirado seu irmão.

Ginés e Catharina olharam-se horrivelmente.

A victima era a propria que se entregava.

Em consequencia d'esta resolução, dirigiram-se para o porto.

O ceo, em vez de sereno e limpido como em a noite anterior, estava agora coberto de nuvens de chumbo.

A lua fazia esforços para romper aquella espessa cerra-

ção; mas só conseguia banbar timidamente com um clarão pallido a recortada orla d'aquelles vapores.

Não havia vento, e o mar estava entumecido e ameaçador.

Rugia surdamente, á maneira de um leão que desperta.

Densas sombras estendiam-se pela negra superficie do Oceano.

Catharina levava pela propria mão Francisca, e parecia soffrer extraordinariamente. A formosa condessa chorava em silencio.

D'este modo chegaram á borda do mar.

No sitio mais affastado do molhe havia uma lancha amarrada; e Ginés conduziu-as para ella.

—Onde está o navio que deve conduzir-vos? perguntou Francisca em anciosa curiosidade.

Ginés contentou-se com dizer, que estava fóra da bahia, para aproveitar o vento da noite.

Esta resposta satisfez a condessa, e d'este modo não vacillou embarcar ao lado da que considerava sua melhor amiga.

A lancha era governada por Ginés, e bem depressa se affastou da terra.

A joven Francisca tremia.

Desde o instante em que o flibusteiro principiou a remar as lagrimas desapareceram dos olhos de Catharina.

Uma côr, semelhante á do ebano, cingiu, por dizel-o assim, as fontes da creoula.

D'este modo se internaram insensivelmente mar dentro. Francisca dirigia mil expressões carinhosas á sua amiga, ás quaes ella não respondia.

De repente Ginés cessou de remar.

A escuridão era profunda.

Catharina levantou-se.

—Chegámos? perguntou a condessa.

—Sim, respondeu Catharina.

—Mas onde está o barco? Eu não o vejo.

—O barco! Pois cuidavas que eu ia embarcar?

—Oh! então que quer dizer isto?

—Isto quer dizer que vaes morrer, disse Catharina, soltando hedionda gargalhada.

A condessa deu um grito horroroso ao ouvir esta palavra.

Nos olhos de sua falsa amiga brilhava a sentença de sua morte. Por detrás d'ella estava Ginés com um punhal e uma corda.

Quiz fugir; mas cercava-a o mar por todos os lados.

A desgraçada victima, não podendo comprehender aquelle attentado, cuidou sonhar.

Estava em poder de dois demonios.

—Soccorro!... Soccorro! bradou, elevando suas mãos ao ceo.

Mas Ginés não lhe dera tempo de concluir esta supplica sém esperança.

A um signal de Catharina, apoderou-se da victima.

—O punhal, ou a corda? perguntou o bandido.

—A corda, respondeu a implacavel creoula.

Francisca tentou fazer um pequeno esforço, para livrar-se das garras do verdugo, porém, esta resistencia só serviu de acerbar seus ultimos instantes.

Ginés agarrou a debil condessa pela cabeça, e lançando-lhe a corda ao redor do pescoço, deu rapidamente um nó corredio, que apertou a garganta da victima.

A creoula espreitava o olhar agonisante da infeliz com um sorriso feroz.

Pouco a pouco a laçada foi estreitando cada vez mais.

Francisca estendeu suas mãos, para procurar um apoio; porém, só conseguiu bracejar inutilmente.

Seu pallido rosto injectou-se de sangue; os olhos saíram-lhe das orbitas, e finalmente caiu aos pés do verdugo, sem vida, e em convulsivo e espantoso tremor.

Consummado o crime, Catharina atou á extremidade contraria da corda uma pedra, collocada de antemão no fundo da lancha, e, olhando para Ginés, disse-lhe:

—Ao mar.

Tomou este em seus braços o cadaver da desditosa condessa de Segalvo; suspendeu a pedra sobre as ondas, e emregando um violento impulso, arrojou-a ao abysmo.

Surdo ruido retumbou no mar ao cair do corpo: fluctuou por um momento um vestido branco, e por fim, abrindo-se um largo redemoinho, a victima desapareceu para sempre.

—Ganhámos a partida, exclamou Catharina, olhando Ginés. De hoje em diante sou a condessa de Segalvo. Entre Francisca e eu ha uma semelhança perfeita: ninguem me conhece: os que me hão visto, poderão comprar-se á força de ouro.

—E o barão de San Yuste? perguntou Ginés.

—O barão! Depois veremos.

Catharina não teve n'aquelle momento valor para contestar categoricamente.

Ginés voltou a lancha, e dirigiram-se á terra.

CAPITULO VI

METAMORPHOSE

Além de um assassinato, a creoula intentava commetter um roubo.

Em virtude da similhaça que havia entre ella e sua victima, era possível investir-se do titulo de condessa de Segalvo.

Depois, amava a seu modo o barão de San Yuste, e abrigava talvez a esperanza de que elle acceitasse sua mão, tão depressa a visse de posse da pingue herança do condado. Era-lhe preciso mudar de nome, e imitar prodigiosamente a desgraçada Francisca.

Os malvados possuem a arte de contrafazer os adamaes e ainda as formas d'aquelles, a quem intentam imitar.

Catharina era outra mulher, quando poz pé em terra.

Como nada tinha que fazer em Santander, subiu de novo para o coche que as havia conduzido ali, e dirigiu-se á torre de Segalvo.

Os criados olharam com certa estranheza para a condessa, suppondo notar-lhe um semblante um pouco differente; seus escrúpulos, porém, desapareceram em breve, ao receber generosos regalos.

Como era possível suspeitar o horrível drama, que se realisára em meio do mar?

Assim foi, que logrou Catharina a victoria em seu primeiro ensaio.

O primeiro dia de jornada foi feliz, chegando a San Vicente do Liano quasi a igual hora á do dia anterior.

Porém Catharina não observára, que detraz de seu coche caminhava o passageiro, que na passada noite pernoltára sob o mesmo tecto.

Por este motivo, quando a creoula se dirigiu ao mirante, encontrou-se de novo com o joven desconhecido, que parecia aguarda'-a.

—O senhor aqui! exclamou ella, retrocedendo um passo.

—A seu lado, senhora; respondeu o cavalleiro, approximando-se d'ella.

Estavam sós, e a noite ministrava novas doçuras áquelles dois corações, que o acaso approximára no decorrer da vida.

—Eu cuidava, replicou Catharina, que não nos veriamos mais.

—Porque razão?

—Não me obrigue a fazer confissões dolorosas.

E por aquella vez quiz transparecer o pudôr nas faces da joven.

—Senhora, exclamou o desconhecido, ha successos extraordinarios, que, se na apparencia teem uma significação vulgar, merecem, todavia, uma analyse mais profunda. Nós, impellidos um para o outro por incompreensivel destino, encontrámo-nos n'esta obscura habitação, talvez para que in-

dossollivel laço nos ligue a sorte. Allucinados por nossa juventude, commetemos um erro, que em outras circumstancias deploraria. Por segunda vez nos reunimos. Quem sabe o que isto significa?

—Mas senhor... que intenta?

—Quero dizer-lhe que a amo, senhora: quero explicar-lhe o que é para mim uma aventura do genero da nossa.

—Pois bem falle.

—Vou dizer o que sinto. Podéra abusar da vantagem que tenho sobre a senhora; mas o meu caracter não me permite faltar ao respeito que se deve a uma senhora. Foi minha, em reparação offereço-lhe meu nome e minha fortuna.

Catharina não comprehendia a linguagem da honra. Ficou assombrada. Comtudo disse:

—Oh! possui elevados sentimentos, pelo que vejo.

—Sou cavalheiro.

—E poderei eu confiar na sua palavra?

—Ainda ninguem ousou duvidar d'ella.

—Conhece-me talvez?

—Nunca a vi.

—Então vou responder-lhe com a mesma lealdade, com que me tem fallado.

—Lisonjear-me-ha sobre maneira.

Contemplaram-se os dois jovens por algum tempo, e finalmente Catharina proseguiu:

—Antes de tudo vou dizer-lhe meu nome... a si que soube deslumbrar-me inexperiente, e conduzir-me insonte a um abysmo coberto de flores. Eu chamo-me Francisca Hipolita Neira de Yusa, e sou condessa de Segalvo.

—E meu nome é Roberto Mauricio, conde de Sotojove. Portanto, eguaes em nascimento, podemos ir ao altar ao lado um do outro, sem nos envergonharmos.

—Logo, propõe-me formalmente um casamento

—Sim.

—Aceito mas com uma condição.

—Queira dizer.

—Anteriores compromissos ligam a outro homem minha palavra, mas não meu coração.

O conde de Sotojove empallideceu.

Amava de coração, e apressou-se a perguntar:

—E esse homem tem direitos eguaes aos meus?

—Não.

—Então que pensa fazer?

—Ganhar tempo, para conservar a elevação, de que nunca deve descer uma dama.

—Muito bem. Que tempo necessita?

—Quando muito, um mez.

—E depois?

—Pôde procurar-me.

—Em que logar?

—Na torre de Segalvo.

—E poderei então aspirar á sua mão?

—Então tem de succeder uma de duas cousas.

—Explique-se.

—Encontrar-me-ha casada, para o que terei sacrificado meus sentimentos a meu dever, ou, no caso contrario satisfarei os seus desejos.

—Jura-me que assim praticará.

Catharina jurou.

Tinha em suas redes um conde e um barão, o que por certo lhe augurava ditoso porvir.

O restante da noite passaram-n'o entregues a um amor delirante.

A aurora surpreendeu-os nos braços um do outro, e finalmente chegou o momento de se apartarem.

—Não olvide as promessas, lhe disse o conde de Sotomayor, na occasião de despedir-se.

—Jamais, disse ella.

—Dentro de um mez tornaremos a vêr-nos.

—Dentro de um mez seremos felizes.

Para alma pervertida e criminosa de Catharina, este successo tinha o atractivo de satisfazer um desejo, e ao mesmo tempo dava-lhe a esperanza de envolver um coração nobre em seus laços perigosos.

Esta ideia extasiou-a durante o segundo dia de jornada. Todavia, não deixou de meditar se seria ou não conhecida pelos criados.

Esperou que anoitecesse, para dar entrada na torre; e com esta precaução conseguiu não chamar sobre si a attenção dos domesticos.

No dia seguinte mudou todo o serviço, e introduziu na torre Ginés na qualidade de mordomo.

Senhora absoluta d'aquella casa, registou o archivo, inspeccionou os rendimentos do condado, Ginés tomou contas ao mordomo que deixava de funcionar, e verificou a existencia seiscentos a oitocentos mil reales.

D'este modo Catharina pagava com o dinheiro da victima áquelle que a estrangulára,

Ninguem se tinha apercebido do atrevido e quasi inconcebivel cambio de pessoas.

A creoula cria certa sua victoria, e esperava a chegada do barão de San Yuste, a quem amava com loucura, talvez por haver sido por elle desprezada.

Com effeito, no dia immediato ao cair da tarde, ouviu o galope do cavallo em que montava o barão. Chegava o momento mais critico.

Catharina sentou-se na poltrona que occupava sempre a infeliz Francisca.

Poucos momentos depois appareceu o barão, e illudido, ao primeiro lançar d'olhos, com a similhaça prodigiosa das duas, chegou-se á impostora e beijou-lhe a mão com respeito.

—Já de volta, minha querida amiga.

E dizendo isto cravou apaixonados olhos no rosto da que cuidava sua amante.

—Já estou a seu lado, respondeu Catharina.

O barão levantou-se rapidamente.

—Perdoe senhora, exclamou no auge da surpresa. Pensava que era a condessa, Não tinha ultimamente?

Outra mulher houvera morrido de susto ouvindo estas palavras. Catharina considerou, que o mais leve gesto a mais insignificante palavra, o mais ligeiro ademan a perdia para sempre.

Desenhou-se-lhe no semblante o mais encantador sorriso exclamando ao mesmo tempo:

—Por quem me toma, senhor barão?

—Por Catharina! Pois ignora que essa boa amiga embarcou antes de hontem a bordo de um bergantim?

—Foi tal o sangue-frio com que a creoula proferiu estas palavras, que o barão não soube que responder.

—Cruzou os braços, e observou por algum tempo o sereno rosto de Catharina.

—Senhora, disse elle por ultimo, não comprehendendo o que significa esta farça. Sois Catharina Goya.

—Eu sou a condessa de Segalvo.

A imaginação do barão começou a engolpar-se em um labyrintho de terriveis ideias.

—Basta já, exclamou; permitti-me que não possa tolerar por mais tempo os ultrajes, que está fazendo á que a salvou, pobre naufragra em meio da tempestade.

—Que diz?

—A verdade.

Um sorriso mais doce e um olhar mais tranquillo se manifestaram no rosto da atrevida joven.

—Vejo, meu amigo, disse ella, que está sendo victima do um erro lamentavel. Sem duvida, o semblante de Catharina achava-se impresso em seu coração com bastante fixidade, para encontrar em mim suas feições. Verdade seja, que era bem difficil distinguir-nos, se se attendesse á similitude de nossos rostos; porém, um amante, como o barão, não pôde equivocar-se como está equivocando-se n'este momento.

—Isso demonstra, senhora, proseguiu o barão, que n'este trama ha alguma cousa horrivel e espantosa.

—Está delirando.

—Já lh'o disse; não pôde enganar-me.

—Barão!

—Oh! por Deus! Onde está Francisca! exclamou aquelle amante, flagellado por crueis suspeitas.

—Parece, senhor, que esse papel que está representando tem por fim achar um pretexto, para desfazer nosso casamento.

—Onde está a condessa? gritou o barão, cada vez mais exaltado, e disposto a confundir Catharina.

—Está diante d'elle, cavalheiro.

—Isto é horrivel impostura. Não pense que seja facil enganar-me. Sem duvida existe uma troca de pessoas, visto defender com tanto descaramento direito, que lhe não pertencem. Ah! se assim é, necessito que n'este momento me diga onde se acha sua amiga, ou, então...

E o nobre mancebo levou o mão aos copos da espada.

Esta ameaça não poude fazer perder sua serenidade á creoula.

—Cavalheiro ou está louco, ou esquece de que se acha na presença de uma senhora.

O barão tremia de colera.

—Se está louco, proseguiu ella, farei que o clausurem; se esqueceu os seus deveres, chamarei meus criados, para o expulsarem de minha presença.

O barão conheceu que nada adiantaria deixando se arrebatar de um transporte de ira; e por isso, dominando suas emoções, ficou tranquillo na apparencia, diante d'aquelle demonio.

—Essas ultimas palavras, que proferiu, obrigam-me a mudar de conducta, disse, lançando-lhe um d'esses olhares implacaveis, que aterram o espirito mais forte. Partimos de uma enorme differença. Pretende fazerme crer um impossivel! Appellarei a quem compete averiguar este successo.

—A quem?

—Aos tribunaes.

Pela vez primeira o rosto da creoula mudou de côr.

—E que intenta provar?

—Um grande crime, por certo.

—De que modo?

—Senhora, ha quatro dias recebi uma carta da condessa de Segalvo, na qual me participava ir a Santander, acompanhar sua amiga Catharina Goya, que embarcava para a America.

—Essa é a minha carta.

—Não tratarei de oppor-me á sua opinião. A carta está em meu poder, e passará esta mesma noite para o do senhor de Montalban, unico representante da casa de Segalvo.

—Está bem. E não tem mais provas?

—Sim: indicarei a mudança que fez na gente de seu serviço.

—Oh! E é essa a prova que tem?

—Sim: porque quando tenha de comparecer diante dos antigos criados, por muito que se pareça com a desgraçada condessa, da qual só Deus e a senhora sabem não faltará quem a reconheça per uma impostora.

—Senhor, vae dar um escandalo.

—Ainda é tempo de o evitar, cessando essa comedia, que revela uma grande maldade e um grande crime.

—Presiste incredulidade?

—Sempre affirmarei que a condessa de Segalvo está substituida por Catharina.

—Cavalheiro, torna-se-me impossivel tolerar por mais tempo semelhante duvida. Saia, pois, d'esta casa. Compreendo que busca tão baixos pretextos, com o fim de destruir a alliança, que devia unir-nos, cumprindo de tal sorte os juramentos que fez a meu irmão na America. Basta já. Supplicolhe unicamente uma cousa.

—Diga.

—Ao tempo de expirar o conde Henrique de Segalvo, entregou-lhe uma bolsa de velludo encarnado, com documentos que me pertencem. Espero terá a poudade de a collocar á minha disposição.

—Isso é impossivel.

—Porque?

—Porque esses documentos serão a prova mais convincente da falsidade da sua trama.

Catharina sorriu sinistramente, dizendo ao mesmo tempo com voz surda:

—Muito bem. Quer dizer, que me declara uma guerra de morte?

—Guerra sem tregua nem descanso, senhora.

—A'vante cavalheiro: acceito a luva que me lança. Ai de si, se de novo se colloca em meu caminho.

E a creoula voltou lhe as costas.

O barão mais horrorisado ainda com esta scena, do que com a incerteza que o dominava acerca do destino da verdadeira condessa, saiu da torre.

Em acto continuo montou a cavallo, e partiu a galope para Rivadesella.

D. Carlos de Montalban, parente proximo dos condes de Segalvo, era o que mais direito tinha aos bens do condado, em caso de fallecer a verdadeira possuidora; e portanto n'aquella mesma noite foi sabedor de quanto occorria.

Os dois cavalheiros permaneceram juntos até á madrugada, conferenciando sobre este acontecimento, que, sob ser-to ponto de vista, parecia impossível. Mas o barão era pessoa de muito credito, e por isso o chefe da familia de Segalvo não duvidou que alguma cousa extraordinaria tivera lugar.

Sem embargo antes de recorrer aos tribunaes, resolveu-se que o barão se dirigisse a Santander, e ali tratasse de alcançar alguma noticia, que illustrasse tão estranho successo; em quanto D. Carlos de Montalban procurara outras provas mais claras do crime commettido,

O barão apenas soube, que haviam pernoitado em San Vicente de Liano, e que, depois de chegarem a Santander, se tinham alojado em uma hospedaria.

Ignorando o nome do bergantim, mal podia colher informações nos registos do porto. Comtudo, em a noite em que se suppunha o embarque haviam saído varios navios para a America, levando passageiros a bordo.

Portanto, o barão regressou ao cabo de oito dias. mais confuso ainda com as noticias recebidas.

D. Carlos nada adiantára. Decidira-se a escrever á supposta sobrinha, sobre seu proximo enlace, e esta, com uma ingenuidade que parecia não ter [posteriores consequencias,

confessava sinceramente seu rompimento com o barão, por causa de um *ridicule e deploravel erro*, que explicava a seu tio com todos os pormenores.

Tamanha audacia espantou o barão, e fez vacillar D. Carlos. Confrontou-se em seguida a letra d'esta carta, e resultou ser completamente igual ás que haviam sido escriptas pela condessa.

Em tal extremo, resolveu D. Carlos ir visitar sua sobrinha.

Esta visita verificou-se no dia immediato.

O resultado d'ella foi, o senhor de Montalban sair muito convencido de que Catharina era sua verdadeira sobrinha, e que o barão se achava dominado pela ridicula e deploravel illusão por ella mencionada.

Na entrevista, que os dois cavalheiros tiveram novamente, manifestou o tio claramente sua opinião.

—Cavalheiro, disse elle, estaes allucinado, negando a existencia de minha sobrinha. Eu não posso duvidar d'ella depois de havel-a visto.

—Não lhe mereço credito? perguntou o barão.

—Sim, porém, sem duvida o barão está illudido.

—Quer dizer, que renuncia o direito que lhe assiste, como representante da familia, de litigar a culpada.

—Seria dar um escandalo.

—Dal-o-hei eu pois.

—O senhor?

—Sim; amanhã mesmo me apresento á auctoridade judicial.

—Mas que provas tem?

—Tenho uma, senhor D. Carlos.

—Qual?

—Já ouvi dizer, que os descendentes da familia de Segalvo possuem um signal no braço direito?

—Sim, uma cruz de sangue.

—Eu sou possuidor dos documentos que o affirmam. Dizem elles, que logo que desapareça esse signal, terá sido commettido um grande crime.

—Assim é.

—Está persuadida de que sua sobrinha possuía a cruz de sangue?

—Estou: mil vezes a hei visto.

—Então, nada mais facil: eis aqui a prova.

D. Carlos decidiu-se, antes de lançar mão do extremo recurso de dirigir-se aos tribunaes, a visitar novamente sua sobrinha; explicar-lhe seus receios, e exigir que lhe mostrasse a cruz como uma identificação de sua pessoa.

Não se sabe o que se passou n'esta entrevista; mas é certo que o senhor de Montalban partiu no dia seguinte para Oviedo, e requereu demanda contra a condessa de Segalvo.

A condessa não tinha o signal de familia.

Entretanto, esta, por meio de Ginés, subornára os criados antigos, e preparava-se para sustentar seus direitos.

Seguiu se, pois, um d'aquelles pleitos longos e complicados, em que muitas vezes o poder do ouro retarda ou adianta os processos.

Como não havia chegado o tempo da apresentação das provas, a condessa ia tranquillamente disfructando os pingues rendimentos, esperançada talvez de lograr um triumpho completo.

Decorreu d'este modo muito tempo, em cujo periodo San Yuste, intimamente convencido do assassinato da verdadeira condessa de Segalvo, desposára uma nobre dama, e tivera a ventura de ser pae.

Approximava-se o momento, em que as partes deviam apresentar suas provas.

A condessa, que era já verdadeiramente condessa, só temia os documentos da bolsa de velludo, que estavam em poder do barão de San Yuste.

Sem embargo, o que não podia conseguir pela legalidade, lograva-o por meio de sobornos, de que Ginés era o encarregado.

Cada parte esperava o momento opportuno.

Que teria succedido, em quanto decorria todo este tempo ao conde de Sotojove, segundo amante de Catharina Goya?

Vou dizel-o, ao mesmo tempo que vos refiro estes espantosos acontecimentos.

CAPITULO VII

UM NOVO AMOR

Fiel o conde de Sotojove á promessa que fizera na pousada de San Vicente de Liano, apresentara-se na torre de Segalvo, exatamente um mez depois d'aquellas duas noites de amor e delirio,

A condessa recebeu-o com apparente tristeza.

—Seja bem vindo, cavalheiro, disse ella: é fiel a seus juramentos.

—Nunca faltei a elles: e a senhora é constante aos votos que fez ao conde de Sotojove?

—Sim.

—Então, posso esperar a felicidade?

—Ainda não.

—Porque?

—Cavalheiro, se casasse comigo, mancharia o seu nome.

—Que diz?

—O que lealmente me dita o coração.

—Não a comprehendo.

—Quer comprehender-me?

—Muito o desejo.

A condessa sorriu com aquella melancolia, que desde o principio chamara a attenção do cavalheiro.

—Senhor, se hoje casasse com a condessa de Segalvo, unir-se-hia a uma criminosa.

—Como! exclamou o conde surpreso.

—Sou accusada.

—Onde?

—Perante os tribunaes.

O conde empallideceu.

—Senhora, a sua franqueza aterra-me.

—Não quero que ignore as circumstancias em que me acho.

—Mas a sua linguagem diz-me que é innocente.

—Não pensam assim os meus inimigos.

—Logo tem inimigos?

—Sim; tenho.

—E de que delicto a accusam?

De impostura.

—Será possível!

—Dizem que não sou a condessa de Segalvo. O ceo, que me ouve, sabe a justiça de minha causa.

Havia tanta paixão, tão magoado sentir, tão apparente lealdade n'estas expressões, que o conde só viu n'esta mulher uma victima sacrificada á avareza de seus parentes; e cada vez descobria n'ella mais nobres sentimentos, á medida que o infortunio parecia opprimil-a.

As serpentes sabem fascinar, e o conde de Sotojove ficou fascinado.

—Nada tema em quanto eu estiver a seu lado, exclamou.

mou' elle cheio de amorosa exaltação: se tem inimigos, eu irei ao seu encontro. Para mim não é mais que o ser adorado, que meu coração sonhára, a esperança de meu porvir, a luz de minha existencia. Pouco me importa que esteja envolvida na' mais negra intriga. Eu saberei salvar-a de todos os escolhos. Dê-me o seu amor, e em mim encontrará o amigo leal, o amante generoso.

—Oh! respondeu a astuciosa creoula, derramando fingidas lagrimas, o unico ente que me tem comprehendido. Sou sua para sempre.

E caindo nos braços de seu amante, ambos se confundiram em um mesmo extasis.

Assim corria o tempo.

Apezar de instar o conde sua amante pela realisação de seu casamento, esta, que havia tomado suas medidas, não consentira nunca em verificar o consorcio, em quanto não terminasse o pleito, que sustentava contra D. Carlos de Montalban.

Entretanto a vida era um prazer continuo. Os dois amantes idolatravam-se cada vez mais.

A condessa havia pedido ao conde de Sotojove o seu retrato, e o mandara collocar na fachada principal d'esta sala.

—Ali o tendes ainda, com o uniforme de capitão de Guardas Walons, no sitio onde o amor d'aquella serpente o collocou, como uma recordação suprema d'aquelles dias de insano prazer.

O vulgo acreditou que este retrato era o do esposo da condessa.

Continuou aquelle periodo de felicidade.

Sotojove havia desejado saber quem era o esposo, que tinham destinado á condessa, antes que elle a amasse; po-

rêm esta, com uma delicadesa exquisita, escusara-se sempre de fazer semelhante revelação.

Não podia imaginar o conde, ter sido o seu melhor amigo; porque entre o barão de San Yuste e Sotojove reinava uma amisade de irmão.

Muitas vezes se haviam reunido ambos no castello de San Yuste, e jamais tinham fallado na condessa de Segalvo.

Esta reserva durou muito tempo.

Sotojove, cada vez mais apaixonado, só pensava n'aquella mulher.

Achava-se ella em estado de gravidez. Ia ser pae e anhelava aquelle momento.

Uma noite aconteceu ter de hospedar-se no castello de San Yuste. O barão recebeu-o com seu costumado affecto; porém, com certa tristeza, que não deixou de desgostar Sotojove.

Sentaram-se á mesa. Era o mez de fevereiro. Zumbia o vento lá fóra. Uma espaçosa chaminé derramava suave calor e uma pallida claridade no amplo salão em que se achavam.

Depois da ceia, mandou o barão buscar umas garrafas de vinho do Porto, e deixou retirar sua familia.

Então, fitando os olhos em seu amigo, lhe disse:

—Desejava que tivéssemos uma conferencia, e aproveito esta occasião, visto estarmos sós.

—Estou prompto para quanto de mim exija respondeu Sotojove.

O barão encheu dois copos, e depois de haver bebido, perguntou.

—É certo, meu amigo, estar proximo de casar-se?

—Quem lh'o disse.

—É um boato que chegou aos meus ouvidos.

—N'esse caso, não negarei que estou tratando d'este assumpto particular.

Sorriu o barão, e continuou:

—É verdade que escolheu para sua esposa a condessa de Segalvo?

—Não posso deixar de ser verdadeiro: é ella mesmo.

—Ama muito essa senhora?

—Com todas as forças da minha alma.

Tornou a sorrir-se o barão.

—Infeliz amigo! exclamou.

—Que diz!

—Está enganado.

—Eu enganado!

E retratou-se-lhe no semblante sombria pallidez.

—Vejo, proseguiu o barão, que minhas palavras operam em si um effeito contrario. Isto demonstra-me que está muito apaixonado pela condessa. Não quero perturbar a sua felicidade, porque talvez fosse capaz de desafiar-me. Só direi uma palavra.

—Qual é?

—Lastimo-o.

O conde, ao ouvir esta phrase, estremeceu.

Não podia duvidar da lealdade de seu amigo; e sem embargo, duvidava de tudo, menos de seu amante.

—Cravou-me agudo punhal no coração, disse o conde depois de longo espaço. Exijo uma resposta franca, dictada la sua amisade. Que interesse tem em fallar-me d'esse do?

—O interesse que me incita é unicamente o apreço em que o tenho.

—Conhece a condessa?

—Sim.

—Não é um anjo?

—Ao contrario, é um demonio.

—Cavalheiro!

—Tranquillise-se, meu amigo; vou deixar as cousas em seu primitivo lugar. Não ouviu ainda dizer a sua amante, que esteve em vespéras de casar com um cavalheiro da comarca?

—Sim.

—Pois esse cavalheiro era eu.

—O senhor?

—Eu, que fugi de seu lado como de uma vibora. Porém bastante tenho já dito... Está cego, e por isso não vê. Depois talvez comprehenda a verdade. Só lhe rogo uma cousa. Não me guarde rancor, por lhe ter dito o que sinto.

—Barão, é horrivel ferir-me tanto. Como sair d'este abismo de duvidas, que surgiu repentinamente no imo de meu coração.

—De um modo mui simples.

—Como?

—Vá depois de amanhã a Oviedo. N'esse dia tem lugar o processo de um pleito ruidoso, que corre entre D. Carlos e a condessa de Segalvo. Lá encontrará as provas de que carece.

—Irei, por certo: eu o prometto.

—Então, até depois de amanhã.

E os dois amigos separaram-se.

CAPITULO VIII

OUTRO CRIME EM MEIO DE UM BOSQUE

Na verdade, d'ali a dois dias verificava-se a audiencia do famoso litigio, que com um ardor sem igual havia sido promovido por ambas as partes.

A indole d'este pleito chamara a attenção publica, e era um acontecimento esperado com anciedade geral.

Os autos estavam concluidos; e os melhores jurisconsultos achavam-se encarregados das defezas dos litigantes.

As provas eram em favor da condessa. A unanime declaração dos criados antigos da casa, a extraordinaria pareença de Catharina, ponto d'onde partia a questão; a viagem d'esta, ratificada pelos estalajadeiros de San Vicente de Liano e de Santander; o certificado da capitania do porto, do qual constava que n'aquella noite alguns navios se haviam feito á vela para a America, tudo isto affastava a presumpção

crime que se suppunha, e dava a Catharina direitos indisputaveis sobre seus contrarios.

Unicamente uma cousa a fazia tremer: era a prova que o barão de San Yuste podia apresentar em ultimo recurso, a qual se achava contida na bolsa de velludo, que o conde Henrique de Segalvo lhe entregara na America.

A cruz de sangue, distinctivo de familia, era a que podia destruir o edificio que levantára.

Para evitar este contratempo, que viria aniquilar todo o seu plano, entregando-a ao poder judicial, era preciso apoderar-se d'aquella funesta bolsa, d'aquella prova infernal que a aterrava.

—Mas de que maneira?

A condessa meditou longo tempo. O funebre resultado de suas meditações devia ser um segundo crime.

Chamou Ginés, e fallou com elle em segredo.

O barão saira com elle para Oviedo no dia seguinte: era necessario que elle morresse, para que ella salvasse sua vida e sua honra.

Meditado o crime, Ginés, cego instrumento d'aquelle demonio, encarregou-se de dar-lhe execução

—Cavalheiro, proseguiu o *monge negro*, dirigindo-se ao pallido barão de San Yuste, que tremia ouvindo aquella narração: como morreu seu pae?

—Assassinado, respondeu este.

—Eis aqui, proseguiu, indigitando a mulher que se achava no ataúde, quem o privou da vida.

Era a noite de 27 de fevereiro. Vou contar-lhe esse espantoso successo, já que até este momento havia ignorado as circumstancias de tal crime.

O barão de San Yuste, ignorando a traição que se lhe armava, saiu só de seu castello, com tenção de ir pernoitar a

casa de D. Carlos de Montalban, e partirem juntos para Oviedo no dia seguinte.

Tinha dois caminhos a seguir: um mesmo á beira-mar; outro por meio de bosques.

Temeroso talvez de uma cilada, encarregara um criado de toda a confiança, de levar escondida no peito a bolsa de velludo com os preciosos documentos que continha, e ordenára-lhe que partisse na seguinte manhã.

Tranquillo a este respeito, montou a cavallo, e, como n'aquella occasião era a hora da maré cheia, não poude tomar o caminho da praia, mas dirigiu-se pelo bosque.

O trajecto era curto, e por isso não quiz que o acompanhasse nenhum criado.

Tinha de passar perto da torre de Segalvo; porém pouco lhe importava isto, em razão de o proteger a escuridade da noite.

Desgraçadamente, Ginés estava de embuscada, e seguiu-lhe os passos cautelosamente.

Silvaya o vento nos ramos seccos das arvores; e o coo, envolto em negras nuvens, despedia ligeiros flocos de neve, que caiam silenciosamente sobre as aridas algas, pelo mar arrojados, e que o vento arrastara até ali.

A estrada estava solitaria. O barão caminhava affouto, confiado em suas forças naturaes, e na ligeireza de seu cavallo.

Ginés ia-se approximando cada vez mais. As pisadas do cavallo encobriam o ruido de seus passos.

D'este modo podia caminhar a tres varas de distancia, seguro de não ser presentido nem visto.

Ginés era leve como um pirata, e possuia a destreza e o sangue frio dos *guanchos* americanos.

Já de antemão tinha escolhido o sitio do crime. Era um

barranco erizado de penhascos, onde murmurava modesto ar-roio.

Altos abetos davam dupla sombra a este logar.

Á medida que o barão se foi approximando a este sitio, foi tambem afrouxando o passo á sua cavalgadura.

Ginés acercava-se cada vez mais.

Por uma evolução, rapida como o pensamento, o assassino saltou de uma pedra, e escondeu-se debaixo do ventre do cavallo.

Era este o momento opportuno:

Instantaneamente cravou o punhal nos peitos do animal, e este caiu no chão, sem que o barão podesse aperceber-se do perigo que o ameaçava.

O desgraçado caiu tambem, e antes de poder desembaraçar-se dos estribos, o assassino dirigira-lhe ao peito a aguda ponta do punhal, que cravou até ao punho.

O barão deu um grito: quiz defender-se; mas caiu de costas perdendo os sentidos e lançando jorros de sangue.

Em vão o assassino buscou a bolsa de velludo. Conhecendo, finalmente, a inefficacia de seu crime, corrêra a dar parte do occorrido á condessa.

Na manhã seguinte, o fiel criado que levava comsigo o precioso deposito, que tanto desejava possuir Catharina Goya, encontrou seu amo n'aquelle estado.

Não tinha ainda expirado:

Escreveu elle então com seu proprio sangue ao conde de Sotojove a carta que se vae ouvir.

Suspendeu o *monge negro* a sua narração, e tirando do peito um fragmento de papel coberto de manchas negras, pois, o sangue tomára esta cor com o tempo, proseguiu:

—Relatei-lhe, senhora, o conteúdo d'esta carta no palacio de Alcanhices, n'aquelle dia em que pela primeira vez lhe appareceu o conde de Malvar. Ouça-a.

«Morro assassinado... a mulher que amas quem mata, e não é quem tu cuidas. Essa morreu como eu: esta usurpou seus titulos e seu nome... A bolsa de velludo encarnado que te remetto, aclarar-te-ha o mysterio... Foge da criminosa...»

A morte surpreendeu-o n'este instante, e não pode escrever mais.

—Eis aqui o sangue de seu pae, proseguiu o terrivel *monge negro*, dirigindo-se ao barão de Sau Yuste, que escutava aquelles espantosos pormenores, derramando sentidas lagrimas. Pode beijal-o. São reliquias de um martyr.

Houve prolongado silencio n'aquelle funebre recinto, em quanto o barão osculava o sangue de seu pae. Todos tremiam e Catharina, immovel no ataude, parecia aniquilada pela colera divina.

Depois de algum tempo, o *monge negro* proseguiu sua narração.

—O criado foi fiel ás ultimas ordens de seu amor: a carta e a bolsa de velludo foram ao poder de Sotojove.

Fizeram-se averiguações ácerca d'aquelle assassinato; mas todas foram inuteis.

A unica luz que podia dissipar estas trevas era a carta do moribundo; porém Sotojove reservava-a para sua vingança.

Porque motivo não se apresentára elle aos tribunaes denunciando os culpaveis?

Porque, obrando assim, entregava á justiça a mãe de seu fiho.

Eis o mysterio.

Quasi no mesmo momento, em que Sotojove recebia o sangrento escripto de seu amigo, chegava um mensageiro de Catharina Goya, e entregava-lhe outra carta.

Achava-se escripta nos seguintes termos:

«Vou ser mãe: corre a meus braços.»

A colera, a dor, todos os sentimentos que mais imperam nas almas nobres, quando hão alimentado um amor criminoso despertaram violentamente no coração de Sotojove.

Tomou uma resolução irrevogavel, e, montando a cavallo, partiu a galope para a torre de Segalvo.

Catharina estava no leito.

Fôsse em razão da crise por que passára, ou fosse o primeiro symptoma de febre que abrazava suas faces, o certo é que aquella mulher estava encantadora.

Sotojove teve de lembrar-se que estava ao pé de um demonio, para não succumbir a tanto attractivo.

Approximou-se com lentidão e com uma pallidez espantosa gravada no semblante.

Aquella mãe apresentou-lhe seu filho.

Tomou-o Sotojove em seus braços, depositou um beijo na fronte do recém-nascido, e disse:

—Senhora despeça-se para sempre do fructo do nosso amor: pertence-me, e levo-o comigo.

—Que diz! gritou aquella mulher, dando a sua physionomia uma expressão horrivel.

—Creio que me tem entendido. N'este mesmo instante ha um homem assassinado no fundo de um precipicio... era o meu melhor amigo. Eu sei que lhe tem dirigido o golpe de morte. Portanto é impossivel que o conde de Sotojove seja seu amante ou seu esposo.

—Perjuro!

—Senhora, um moribundo não mente. Demais tenho provas que me hão feito comprehender quanto eu fôra cego até este momento. Onde está Francisca Hipolita Neira de Yusa, condessa de Segalvo?

—Tambem o senhor?!

—Tambem eu senhora. Podera entregal-a aos tribunaes,

como um monstro da raça humana; mas a mãe de meu filho, é o titulo que a escuda de ir talvez a um patibulo. Temos coucluido: desde hoje ha entre nós um abysmo. Todavia te-
nha entendido que serei a sua sombra: reunirei com infatiga-
vel afan as provas mais evidentes para dominal-a: e se, por
desgraça, nos encontrarmos alguma vez no decurso da vida,
tem esse encontro, que lhe póde servir de eterno marty-
rio.

A condessa soltou um rugido.

—Então, declara-me guerra? exclamou.

—Declaro-lh'a para sempre. Deus é testemunha d'esta
ameaça.

E abraçando seu filho, affastou-se d'aquella estancia mal-
dita.

CAPITULO IX

HORA DA VINGANÇA

«Vantajoso para Catharina Goya foi o resultado de todos estes acontecimentos.

Não se apresentando no dia da audiencia do pleito prova alguma nova por parte de D. Carlos de Montalban, a sentença recaiu em favor da impostôra.

Ficou ella, pois, na plena posse dos titulos e bens da casa de Segalvo, apesar da solemne appellação, interposta por parte dos legitimos herdeiros.

Protegida pela lei, desde aquelle dia a condessa só pensou em vingar-se conforme costumava—assassinando.

Principiou, por tanto, a premeditar sua vingança.

Tinha dois inimigos implacaveis. O conde de Sotojove e D. Carlos de Montalban. O primeiro era mais terrivel: havia-lhe tirado seu filho; e possuia os segredos de sua vida. A morte o faria emmudecer.

Por consequencia, era necessario apoderar-se da nova victima.

Na impossibilidade de o esperar em embuscada, como se praticára com o barão de San Yuste, estendeu-se-lhe um laço tanto mais seguro, por quanto era dirigido aos sentimentos do conde.

Um dia recebeu elle uma carta.

Era de sua antiga amante.

N'ella, com uma astucia diabolica, lhe fallava de seu filho, appellava a seus generosos sentimentos, evocava as mais sagradas recordações de mãe e de amante, afim de que cessasse aquella hostilidade perpetua, aquella deploravel animosidade; jurando que, se para justificar-se era necessario fazer uma confissão de sua vida, ella estava decidida a tudo, com tanto que lhe restituíssem seu querido filho. Depois, pedia uma entrevista conveniente aos dois, e terminava invocando a honra do conde, para não ser illudida em suas esperanças.

Estava redigida a carta com tanta mestria, que o conde de Sotojove não poudo negar-se a assistir á entrevista que lhe pedia a condessa.

Respondeu, pois, que no outro dia pela noite iria á torre de Segalvo.

Com effeito, fiel á sua palavra, o conde no dia seguinte penetrava n'esta mansão; mas sem trazer seu filho.

Catharina estava n'este mesmo salão onde nos achamos agora.

Vestia singelamente, para fazer realçar sua prodigiosa formosura.

Sentada á meza, onde se viam exquisitos manjares, fazia brilhar sobre sua fronte a luz das velas, coroando-se de uma aureola fantastica, que a tornava mais encantadora.

As janellas abertas deixavam contemplar o mar em profunda calma.

Nos labios da sereia pousava melancolico sorriso. O conde tremia. Ainda idolatrava aquella mulher.

—E o meu filho! perguntou Catharina.

—Primeiro a sua confissão! replicou o conde.

Guardaram em seguida profundo silencio.

—Sente-se senhor, ainda não é tempo.

O conde cedeu ao prestigio d'aquella serpente, e sentou-se.

A noite, a soledade, aquelle aparato, a pallida formosura de Catharina, que parecia emmurhecida pela violencia da dor e da justiça, começaram a fascinar o espirito de Sotojove.

Não principiára ainda a conversação, e já estava quasi vencido.

Pouco a pouco ia eclipsando-se em sua mente a mulher criminosa, manchada de sangue e coberta de execrações, e apparecia a mulher pura, formosa e deslumbrante de outros tempos.

—Cavalheiro, disse a condessa, antes de nossa conversação, faça-me a honra de acceitar o brinde da paz e da amizade.

E encheu dois copos de garrafas distinctas.

—Accito respondeu o conde, se uma e outras são sinceras.

Em acto continuo bebeu o licor, offertado pela branca mão da condessa.

Isto é bebeu a morte n'aquelle licor fatal.

Quer ouvir o que succedeu então?

O conde de Sotojove foi perdendo lentamente a memoria, olvidou a intenção que ali o conduzira, abandonou-o a força, a energia a vontade e a razão.

Todos os objectos se foram affastando de sua vista, e diminuindo suas proporções, como se fossem contemplados atra-

vez de um cristal convexo, até que sinistra escuridão o envolveu em noite profunda.

Estava narcotizado.

A condessa chamou então Ginés... o assassino.

Passou-se-lhe escrupuloso exame.

Despiram-no, cobrindo-o em seguida com o habito negro de um religioso collocaram-no em seu ataude, de antemão preparado; e finalmente cravou-se-lhe um punhal no peito.

Ficou a arma na ferida com o fim de não derramar sangue.

A condessa e Ginés observaram a ultima convulção do desgraçado.

Depois quando já se não movia, quando a morte appareceu em seu semblante, cerraram o ataude; foram introduzidos quatro homens, e conduziram-no á capella da torre.

Em meio da capella ha uma lousa branca, que dá entrada para uma abobada sepulchral.

Foi levantada a lousa, e o féretro collocado no fundo.

Estavam cobertas todas as apparencias. Fechou-se a abobada, e os criminosos voltaram a gosar de sua vingança e de sua victoria.

Catharina Goya principiou a ser feliz. Já não tinha testemunhas de seus crimes.

Ginés era seu cumplice, e por isso nada podia temer d'elle.

Assim decorreu um anno.

Era a noite do anniversario do crime. Catharina estava sentada em um salão da torre: meditava talvez no provir, quando de repente soltou espantoso grito.

Qual era a causa de seu terror?

Cuidou avistar uma figura horrivel... a sombra do conde

de Sotojove envolto no habito negro, com que o tinha amortalhado.

Atravessou esta sombra uma galeria, e foi gelar de susto Ginés, que se embriagava n'aquelle mesmo instante.

Tornou, pois, a inquietação a flagellar aquelles corações criminosos.

Communicaram reciprocamente e com espanto a visão que haviam tido; examinaram o castello; Ginés desceu á abobada; abriu o ataude, mas o cadaver não estava lá.

Desde então a appareição do *monge negro* tornou-se extensiva aos criados, que se achavam mais ou menos cúmplices nos crimes d'esta mansão.

O fantasma apparecia em diversas épocas á maneira de tremenda recordação, que destruia os projectos temerarios d'estes dois malvados.

Em breve se vulgarizou a noticia, e a torre de Segalvo foi olhada com geral horror.

Tomou então o nome de *Atalaia maldita*.

Aterrados os criados, abandonaram o serviço da condessa.

Não havia um momento de tranquillidade.

O *monge negro* apparecia sempre.

Catharina e seu cúmplice, vencidos talvez por vez primeira em sua vida, tremeram ante a ideia de uma eterna meação, e trataram de abandonar a torre.

Todavia, antes de partir, Catharina queria deixar assignaladu sua vingança sobre todos aquelles que haviam ousado empecer-lhe o caminho de sua sonhada felicidade.

Vingára-se do barão de San Yuste.

Vingára-se do conde de Sotojove.

Restava-lhe vingar-se de dom Carlos de Montalban.

Para este cavalheiro não podia por em pratica o assassinato visto, que tinha de ir procural-o a sua propria casa.

Mas bem depressa encontrou um expediente em sua ima-

ginação tão fértil em criminosos projectos.

Dom Carlos era pae de uma linda menina, nascida de poucos dias.

Illudiu-se a ama, e a menina foi roubada por Ginés a 13 de agosto de 1790.

O animo de Catharina fôra matal-a; porém d'esta vez sentiu alguma compaixão para com aquella creança abandonada.

Que conseguia com a sua morte? Não tinha ella ferido o coração de seu pae com um golpe mais pungente que o golpe de seu punhal?

Ficou, pois, com a pobre creatura, como em penhor de segurança no porvir; e fugiu da *Atalaia maldita*.

De então até hoje hão decorrido bastantes annos, proseguiu o *monge negro*.

A implacavel Catharina, sempre respirando vingança, tem vivido uma vida tormentosa. Por toda a parte procurando a paz e a tranquillidade, sem jamais alcançar tão appetecidos bens, tem percorrido muitos paizes, com o fim de olvidar sua negra historia; mas essa historia ha caminhado diante d'ella como um demonio familiar.

Depois; quando em principio da guerra da Independencia se tornou agente do poder francez, e buscou este campo á sua ambição e vingança, tentou aniquilar a descendencia d'aquellas familias, que em outro tempo haviam sido seu mortal pesadelo. A providencia, porém, é reparadora; era impossivel que a punição do ceo não caisse sobre a culpada.

Soou, por tanto, a hora da expiação.

Aqui tens Catharina Goya, ouvindo do fundo do fêretro, que para tantas pessoas desejou, pagina por pagina a historia da tua vida.

Agora, continuou o terrivel conde de Matvar, contemplan-

do a criminosa; Deus collocou diante de ti todos os que teem direito de exigir-te alguma cousa.

Ouve:

Teu antigo amante, o conde de Sotojove, dirige-te a palavra.

O pae de teu filho vive ainda. Contempla, proseguiu abrindo o habito, a ferida do punhal: esta é a mortalha com que me cobriste. Deus vela sobre o crime, e permite que os mortos se levantem de suas sepulturas, para confundir os malvados.

Quando terminou a acção do narcotico que me subministraste, volvi a mim. Não estava morto: fiz um esforço, e saí do ataúde, que ficara aberto.

Não sabia onde me achava; mas senti um ruido surdo e continuo: era o mar. Compreendi que me achava sepultado vivo.

Vendei minha ferida em meio da escuridão, e, com o punhal que havia permanecido dentro d'ella, comecei a golpear a parede, d'onde partia aquelle rumor.

A Providencia favoreceu meus esforços: caiu um pedaço de muro, e deparei com um conducto subterraneo.

Este conducto dava saída para os foços da torre: era um respiradouro.

Uma vez nos foços, saí para o campo, e encontrei a minha salvação.

Desde então, tenho-te perseguido com tenacidade constante, tenho sido a tua sombra; e, ainda que busquei na solidão de um claustro a tranquillidade e a paz de espirito; Deus conduziu-me sempre para ti, como fiel executor de sua vingança e de sua vontade.

Eis a historia do *mou negro*.

—Hei cumprido minha missão. Agora resta-me revelar-te um mysterio.

—Um mysterio! respondeu Catharina com o olhar desvairado.

O conde de Malvar, em vez de replicar, approximou-se de Genaro, que ouvira aquella historia com visivel agitação, e tomando-o pela mão, o situou defronte da criminosa.

—Vês este joven? proseguiu Malvar.

—Vejo.

—Nada te diz teu coração?

Catharina fez um movimento, como se tentara sair do fêretro.

—Ceos! exclamou ella.

—Não te assustes. Em tua presença está o filho de teu filho. Nosso nêto.

—Deus meu!

—Eis aqui symbolisado nosso amor. Nosso filho morreu. Aqui tens a nossa descendencia.

E ao mesmo tempo abraçou Genaro, em quanto este o banhava com suas lagrimas.

—Até hoje, meu filho, proseguiu o conde, tens sido meu educando, meu protegido: um orphão que não conhecia seus paes. Agora já sabes tua origem. De hoje em diante chamar-te-has Genaro de Malvar, duque de Penafiel e de Almanzano, conde de Sotojove e de Malvar, marquez de Tiobre e de Belmonte, barão de Tesar e de Beloy. Todos os meus titulos te pertencem.

E voltando-se para Catharina, proseguiu:

—Como disse na mesma noite do nossa saída de Madrid, vamos todos se não assistir ao seu enlace, ao menos saudar sua promettida esposa.

O conde dirigia-se a Mathilde, e levou-a para junto do ataúde.

—Aqui a tem, continuou; esta é outra victima sua, Senhor D. Carlos de Montalban, venha abraçar vossa irmã.

—Minha irmã! exclamou o nobre mancebo no auge da alegria.

—Sim; é esta a menina roubada pela fingida condessa de Segalvo. É chegado o momento da reparação. Não é verdade, senhora, ser Mathilde a irmã do senhor de Montalban?

—Sim... sim... pronunciou Catharina com voz moribunda.

D. Carlos e Mathilde abraçaram-se com verdadeira effusão.

—Ainda devo, senhora, proseguir o conde, perguntar-lhe uma cousa. É certo haver assassinado Francisca Hipolita Neira de Yusa, condessa de Segalvo?

—Sim.

—Diga, pois, a quem pertencem os seus bens
Catharina não respondeu.

—Ainda o orgulho e ambição luctam em seu peito, continuou Malvar, porém attenda. Tenho em meu poder o pleito que ficou pendente por motivo de appellação do pae do senhor de Montalban: conservo, como sabe, a carta de barão de San Yuste, escripta no momento de morrer; aquella que me dirigiu com o intento de assassinar-me; a bolsa de velludo, onde se encerram documentos que demonstram qual o distinctivo especial da nobre familia de Segalvo, distinctivo que a senhora não possuiu que é a cruz de sangue; e sobre tudo ha uma testemunha que deporá contra si revelando toda a verdade perante um juiz. Essa testemunha é Ginés. É bastante a mais simples declaração, para que seja privada dos seus falsos direitos, e expie em um patibulo todos os cri-

mes. Não haverá meio de salvação. Nossas leis determinam o direito de successão *ab intestato*; por tanto, o condado de Segalvo passará á familia do senhor de Montalban. Não quero pois, senão que renuncie simplesmente os titulos que usurpou. De tal sorte, cumprirá com um preceito do evangelho, e os seus segredos ficarão entre nós. Renuncia?

—Renuncio.

—Temos concluido, senhora. Só me resta marcar-lhe seu futuro destino. Vae levantar-se d'esse ataúde, regenerada pelas lagrimas do arrependimento. Morreu para o mundo: mas vae recussitar para Deus. Obti e destino-lhe uma cella em um convento de Arrependidas: lá encontrará a paz do espirito e o perdão de suas culpas. A condessa de Segalvo já não existe. Catharina Goya é quem vae agora qual Magdalena, até o ceo lhe abrir suas portas. Aceita?

—Aceito. Meu Deus! exclamou Catharina derramando, pela vez primeira em sua vida uma torrente de lagrimas: quero a paz, o perdão e o olvido.

—Sendo assim, disse Malvar com voz solemne; eu lhe perdôo os ultrages que me tem feito.

—E eu, em nome de meu pae assassinado, disse o barão de San Yuste; em nome de minha esposa, por ti conduzida á beira da sepultura; em nome de minha filha; te perdôo tambem.

D. Carlos approximou-se por sua vez:

—Em nome da condessa de Segalvo, a quem tiraste barbaramente a vida; em nome de minha irmã, á qual roubaste sua familia; em nome de meu pae, a quem amarguraste a existencia, e por ultimo fizeste perecer; rogo a Deus te perdoe, como te perdoa meu coração.

Catharina viu passar aquellas pessoas por diante de seu

féretro, como se fossem os fantasmas do remorso, e os anjos de sua salvação.

Finalmente, não tendo valor para resistir a tantas sensações, exclamou:

—Meu Deus!... Meu Deus! Tende piedade de mim. Estou castigada... perdão!

E caiu sem sentidos dentro do ataúde.

CONCLUSÃO

Depois d'aquella noite terrivel, temos de lançar um vèu sobre os acontecimentos secundarios, que nada importa ao desenlace de nossa obra.

Possuimos um vicio fatal.

E é, custar-nos muito a despedir-nos de nossos personagens mais queridos, na occasião em que os vemos desaparecer de nosso lado.

Para todo o mundo, foi tida por certa a morte da con-Segalvo.dedessa

Seus bens passaram á casa de Montalban.

Todavia, Catharina Goya foi conduzida a um convento de Arrependedoras, e Ginés embarcou para a America resolvido a ir procurar em alguma soledade a placidez que lhe faltava ao coração.

Com respeito aos demais heroes de nossa obra, pouco palavras temos de acrescentar.

D. Carlos de Montalban casou com Gabriela; Genaro, com Mathilde; Anselmo, com Tula.

A noite do triplice enlace foi uma noite de felicidade.

O padre Roberto Mauricio de Malvar foi padrinho dos desposorios, e offertou aos noivos esplendidos presentes.

Todos viveram por espaço de dois annos sob as protectoras sombras do castello de San Yuste.

Por este tempo realisou-se a entrada de Fernando VII em Hespanha,

Seu primeiro cuidado foi chamar á sua presença o conde de Malvar e o barão de San Yuste, com o intuito de os recompensar.

Quando se apresentaram ao rei estes dois valentes cavalleiros, que tanto haviam trabalhado e tantos perigos haviam corrido pela sua liberdade, disse lhes elle:

—E' chegada a occasião de remunerar-lhe os assignalados serviços; que em outro tempo por mim praticou. Que deseja?

—Voltar para o meu convento; respondeu Malvar, beijando as mãos ao rei.

—Regressar ao meu castello, replicou o barão.

—Eis aqui uns corações leaes, dignos de todo o elogio, respondeu Fernando enternecido.

Finalmente, não podendo conseguir que acceitassem os favores que lhes offerecia, despediu-se d'elles, cada vez mais admirado de seu generoso desprendimento.

O barão e Malvar volveram a Asturias.

Algum tempo depois, este ultimo encerrou-se em seu antigo mosteiro de Beneditos.

Todos aquelles entes, tão combatidos pela desgraça, foram felizes.

Hoje, o viajante que, saindo do lindo povo de Rivadesella, dirige seus passos, ao longo da agreste costa, até ao

valle de Pendueles, avista uma torre abandonada, que unicamente serve de abrigo ás aves maritimas.

Ennegrecida pelo raio e pela tempestade, parece um gigante petrificado pela natureza.

Essa torre é a *Atalaia maldita*.

Mais longe apparece o *Bufon de San Yuste*, e o viandante ouve seus eternos murmurios.

A' direita ergue-se o castello , transformado em mansão do amor.

Muitas noites afnda se avistam em suas ameias alguns grupos de pessoas que recordam a historia que temós narrado a nossos leitores, aspirando a fresca brisa das montanhas, e alongando a vista pelas tranquillias ondas do Oceano.

FIM DO 2.º E ULTIMO VOLUME

... a respeito da vida e da obra de ...
 ... a respeito da vida e da obra de ...
 ... a respeito da vida e da obra de ...
 ... a respeito da vida e da obra de ...
 ... a respeito da vida e da obra de ...
 ... a respeito da vida e da obra de ...
 ... a respeito da vida e da obra de ...
 ... a respeito da vida e da obra de ...
 ... a respeito da vida e da obra de ...
 ... a respeito da vida e da obra de ...

ALGUMAS NOTAS DE A. DE ALMEIDA

INDICE

SEGUNDA PARTE

FOME DE MADRID

Capitulo		Paginas
I	— O leão e a aguia	5
« II	— A granja	10
« III	— Respeito aos editos d'Elrei.	23
« IV	— Muitas vezes é um abismo o coração humano.	33
« V	— Desafogo de um prisioneiro	45
« VI	— Fogo sobre fogo	56
« VII	— Como a aranha principia a fabricar sua teia	65
« VIII	— Silvos da serpente	75
« IX	— Um Rei enamorado	86
« X	— O julgamento	100
« XI	— Sentenciado à morte	112
« XII	— Fome!	123
« XIII	— Ultima vontade do que vae morrer	134
« XIV	— El-Rei exaspera-se	144
« XV	— Preludios de uma tormenta	156
« XVI	— O povo tem fome	163
« XX	— Abjecção e grandeza	175
« XXI	— A ancora de Esperança	185
« XXII	— A loja dos Franc-Maçons	198
« XXIII	— O punhal	211
« XXIV	— Tristissima noite	220
« XVV	— Viva la Pepa	302
« XVII	— Em nome de Deus socorro aos necessitados	253
« XVIII	— Batalha de Arapiles	253
« XIX	— A appareição	269

TERCEIRA PARTE

A VINGANÇA DE UM CADAVER

Capitulo	I — A Atalaia maldita	«	283
«	II — A cruz de sangue	«	294
«	III — Catharina Goya	«	300
«	IV — Dois amores	«	308
«	V — Um crime em meio do mar	«	320
«	VI — Metarmophose	«	330
«	VII — Um novo amor	«	343
«	VIII — Outro crime em meio de um bosque	«	349
«	IX — Hora da vingança	«	356
Conclusão		«	367

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS

Estampa	1. ^a —Este quadro é uma dolorosa epopeia. Esta epopeia é uma verdade.	pag.	9
»	2. ^a —Este grito soltara-o Mathilde	»	74
»	3. ^a —Se amaes o rei, serei regi- cida e assassino.	»	98
»	4. ^a —Hespanha tem seus reis le- gitimos	»	116
»	5. ^a —Atrás, assassino.	»	224
»	6. ^a —Meu Deus! Tende piedade de mim.	»	366



